ORGANIZADORES
Aluiza Alves de Araújo
Rakel Beserra de Macêdo Viana
Fábio Fernandes Torres
Maria Lidiane de Sousa Pereira

O FALAR CULTO DE FORTALEZA EM FOCO

volume 2

pimenta cultural

ORGANIZADORES
Aluiza Alves de Araújo
Rakel Beserra de Macêdo Viana
Fábio Fernandes Torres
Maria Lidiane de Sousa Pereira

O FALAR CULTO DE FORTALEZA EM FOCO

volume 2

| São Paulo | 2025 | pimenta cultural

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F177

O falar culto de Fortaleza em foco / Organização Aluiza Alves de Araújo... [et al.]. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Demais organizadores: Rakel Beserra de Macêdo Viana, Fábio Fernandes Torres, Maria Lidiane de Sousa Pereira.

Volume 2

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-325-7
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-325-7

1. Sociolinguística Variacionista. 2. PORCUFORT. 3. Fortaleza-CE. 4. Tempo Real. 5. Tempo Aparente. I. Araújo, Aluiza Alves de (Org.). II. Viana, Rakel Beserra de Macêdo (Org.). III. Torres, Fábio Fernandes (Org.). IV. Pereira, Maria Lidiane de Sousa (Org.). V. Título

CDD 306.44

Índice para catálogo sistemático:
I. Sociolinguística
II. Variação Linguística
Simone Sales • Bibliotecária • CRB ES-000814/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<https://creativecommons.org/licenses/>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiárias em editoração	Raquel de Paula Miranda Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	marcelinosmota por pixabay
Tipografias	Acumin, Gobold High
Revisão	Letícia Freitas Alves Fábio Fernandes Torres Sávio André de Souza Cavalcante
Organizadores	Aluiza Alves de Araújo Rakel Beserra de Macêdo Viana Fábio Fernandes Torres Maria Lidiane de Sousa Pereira

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

2025

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoras

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosangela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadétte Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrícia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leyltton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Bieging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Apresentação **11**

PARTE **1**

ESTUDOS EM TEMPO APARENTE 15

CAPÍTULO **1**

Fábio Fernandes Torres
Lorena da Silva Rodrigues
Maylle Lima Freitas
Thales Geovane Rodrigues Silva

Variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa no falar culto de Fortaleza **16**

CAPÍTULO **2**

Cassio Murilio Alves de Lavor
Aluiza Alves de Araújo

Os verbos *botar* e *colocar* no falar culto de Fortaleza/CE em situações de baixo monitoramento estilístico sob a ótica variacionista.....**44**

CAPÍTULO **3**

Francisco de Assis Pereira da Silva
Sara Alexandre Ferreira
Aluiza Alves de Araújo

Os pronomes possessivos de 3ª pessoa seu/sua {-s} dele/a {-s}: uma fotografia variacionista do falar culto de Fortaleza..... **72**

CAPÍTULO **4**

Thais Abreu de Oliveira
Maylle Lima Freitas
Aluiza Alves de Araújo
O abaixamento das vogais médias pretônicas na fala culta de Fortaleza - CE em situações de baixo monitoramento estilístico **105**

PARTE **2**

ESTUDOS EM TEMPO REAL 122

CAPÍTULO **5**

Jéssica Barreto Damasceno
Aluiza Alves de Araújo
Leticia Freitas Alves
Dayane Bezerra de Souza
A variação entre *eu* e *anáfora zero* como sujeitos de orações infinitivas introduzidas por para:
um estudo em tempo real na norma culta fortalezense **123**

CAPÍTULO **6**

Brenda Kathellen Melo de Almeida
Aluiza Alves de Araújo
A variação do artigo definido diante de antropônimos na fala culta de Fortaleza-CE:
um estudo em tempo real **144**

CAPÍTULO **7**

Marden Alyson Matos de Araújo
Hebe Macedo de Carvalho
Tendências de uso da concordância verbal no falar culto de Fortaleza **168**

PARTE **3**

ESTUDOS SOBRE ATITUDES LINGUÍSTICAS 194

CAPÍTULO **8**

Rakel Beserra de Macêdo Viana
Maria Lidiane de Sousa Pereira

Nuvem de palavras na sociolinguística:
os verbos existenciais *ter*, *haver* e *existir* em amostra do falar culto fortalezense a partir de teste de atitudes **195**

CAPÍTULO **9**

Ana Germana Pontes Rodrigues
Brenda Kathellen Melo de Almeida
Aluiza Alves de Araújo

Atitudes linguísticas na realização da fricativa alveolar vozeada /z/ no falar de Fortaleza-CE **231**

Sobre os organizadores **265**

Sobre os autores **267**

Índice remissivo **272**

APRESENTAÇÃO

No ano de 2021, simultaneamente, um fruto foi colhido e uma nova semente foi plantada. Estamos nos referindo à publicação do volume 1 da obra **O falar culto de Fortaleza em foco**, pela Editora Pimenta Cultural. Organizado pelas pesquisadoras Aluiza Alves de Araújo (UECE), Rakel Beserra de Macêdo Viana (SEDUC/CE) e Lorena da Silva Rodrigues (SEDUC/CE), o livro reuniu trabalhos produzidos por pesquisadores e pesquisadoras em Sociolinguística Variacionista que se dedicam ao estudo dos mais diversos fenômenos variáveis em amostras do falar culto fortalezense.

Ambas publicações, volume 1 e, agora, volume 2, pertencem a uma árvore gerada pelo **Laboratório de pesquisas sociolinguísticas do Ceará - LAPESCE**, sediado na Universidade Estadual do Ceará - UECE e pelo Grupo de Pesquisa do CNPq **Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas de Fortaleza-CE - SOCIOFOR**. Assim, esse laboratório e esse grupo de pesquisa abrangem pesquisadores e pesquisadoras de diversas instituições com o objetivo de compartilhar dados e montar um grande quadro da variação linguística cearense.

Entendemos que o volume 1 de *O falar culto de Fortaleza em foco* compreende um fruto, pois nele foram reunidos recortes de sementes plantadas por mestres e doutores que dedicam boa parte de suas vidas à compreensão de fenômenos de variação linguística que marcam o falar culto da capital cearense através do LAPESCE e do SOCIOFOR. Na ocasião, foram publicados trabalhos que lidam exclusivamente com amostras da Fase I do **Projeto Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT**. Entendemos que, também naquele momento, uma semente nova foi plantada. Afinal, a publicação do volume 1 de *O falar culto de Fortaleza em foco* marcou o semear do desejo de dar continuidade ao projeto.

Assim como fazemos ao semear uma árvore, regamos, cuidamos e nutrimos esse propósito. E, tal como ocorre em todo e qualquer ciclo de vida, que não por acaso se assemelha ao ato de pesquisar, é chegada a hora de colher frutos. É justamente como um novo fruto da semente plantada em 2021 que enxergamos **o volume 2 de O falar culto de Fortaleza em foco**. Aqui, as pesquisadoras Aluiza Alves de Araújo e Rakel Beserra de Macêdo Viana continuam à frente do projeto ao qual outros dois pesquisadores foram somados: Fábio Fernandes Torres (UNILAB) e Maria Lidiane de Sousa Pereira (URCA).

Composto por 9 (nove) capítulos, o volume 2 de *O falar culto de Fortaleza em foco* apresenta trabalhos realizados por diferentes pesquisadores e pesquisadoras oriundos(as) de diferentes universidades brasileiras sobre fenômenos linguísticos variáveis com base em amostras de fala culta de Fortaleza, a exemplo do volume 1. Todavia, ao contrário do que ocorre no volume precedente, nesta obra, reunimos estudos, também e principalmente, realizados com base em dados coletados no PORCUFORT fase II. Além desse diferencial em relação ao livro *O falar culto de Fortaleza em foco*, volume 1, aqui, os estudos reunidos se dividem em três grandes eixos da Sociolinguística: estudos em *tempo aparente*, pesquisas em *tempo real* e trabalhos sobre *atitudes linguísticas*.

O eixo *tempo aparente* comporta cinco capítulos. O primeiro é intitulado **Variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa no falar culto de fortaleza**. Produzido por Fábio Fernandes Torres, Lorena da Silva Rodrigues, Maylle Lima Freitas e Thales Geovane Rodrigues Silva, o capítulo aborda o objeto direto anafórico de terceira pessoa. No segundo capítulo, **A variação entre *eu* e *anáfora zero* como sujeitos de orações infinitivas introduzidas por *para*: um estudo em tempo real na norma culta fortalezense**, as pesquisadoras Jéssica Barreto Damasceno, Aluiza Alves de Araújo, Leticia Freitas Alves e Dayane Bezerra de Souza investigam a variação entre as estruturas *eu* e *anáfora zero* como sujeitos de orações infinitivas iniciadas por *para*.

O segundo capítulo, por sua vez, é intitulado **Os verbos *botar* e *colocar* no falar culto de Fortaleza/CE em situações de baixo monitoramento estilístico sob a ótica variacionista**. Nele, Cassio Murilio Alves de Lavor e Aluiza Alves de Araújo analisam a variação entre as formas verbais *botar* e *colocar*. Como terceiro capítulo, temos o estudo intitulado **Os pronomes possessivos de 3ª pessoa seu/sua {-s} dele/a {-s}: uma análise variacionista com amostras do falar culto de Fortaleza**. Produzido pelo estudioso Francisco de Assis Pereira da Silva e pelas pesquisadoras Sara Alexandre Ferreira e Aluiza Alves de Araújo, o referido capítulo analisa o uso variável dos pronomes possessivos de terceira pessoa *seu/sua {-s}* e *dele/a {-s}*. Fechamos o primeiro eixo da obra com o capítulo **O abaixamento das vogais médias pretônicas na fala culta de Fortaleza - CE em situações de baixo monitoramento estilístico**. Aqui, as autoras Thais Abreu de Oliveira, Maylle Lima Freitas e Aluiza Alves de Araújo abordam o uso variável das vogais médias pretônicas no falar culto fortalezense.

Por sua vez, o segundo eixo de *O falar culto de Fortaleza em foco*, volume 2, reúne estudos em *tempo real* e conta com três capítulos. No primeiro capítulo, **A variação entre eu e anáfora zero como sujeitos de orações infinitivas introduzidas por *para*: um estudo em tempo real na norma culta fortalezense**, as pesquisadoras Jéssica Barreto Damasceno, Aluiza Alves de Araújo, Leticia Freitas Alves e Dayane Bezerra de Souza investigam a variação entre as estruturas eu e anáfora zero como sujeitos de orações infinitivas iniciadas por *para*. O segundo intitula-se **A variação do artigo definido diante de antropônimos na fala culta de Fortaleza-CE: um estudo em tempo real**, das pesquisadoras Brenda Kathellen Melo de Almeida e Aluiza Alves de Araújo. Em termos simples, as autoras investigam o fenômeno variável do emprego do artigo definido diante de antropônimos. No terceiro capítulo do eixo dois, **Tendências de uso da concordância verbal no falar culto de Fortaleza**, o pesquisador Marden Alyson Matos de Araújo e a pesquisadora Hebe Macedo de Carvalho analisam e descrevem os padrões de concordância verbal com os pronomes *nós* e *a gente* no falar culto de Fortaleza.

Assim como o anterior, o terceiro e último eixo temático deste livro, trabalhos sobre *atitudes linguísticas*, é constituído por dois capítulos. O primeiro foi produzido pelas pesquisadoras Rakel Beserra de Macêdo Viana e Maria Lidiane de Sousa Pereira. Intitulado **Nuvem de palavras na sociolinguística: os verbos existenciais *ter*, *haver* e *existir* em amostra do falar culto fortalezense a partir de teste de atitudes**, o capítulo aborda o comportamento variável dos verbos existenciais *ter*, *haver* e *existir.* Além da análise quantitativa dos dados, as autoras investigam o fenômeno variável em tela com base em testes de atitude linguística, a fim de verificar como os informantes compreendem e tendem a fazer uso desses verbos na amostra coletada. Por fim, no capítulo **Atitudes linguísticas na realização da fricativa alveolar vozeada /z/ no falar de Fortaleza-CE**, Ana Germana Pontes Rodrigues, Brenda Kathellen Melo de Almeida e Aluiza Alves de Araújo analisam as atitudes linguísticas de falantes do Português do Brasil sobre a produção aspirada da consoante fricativa labiodental vozeada /z/, em coda silábica, como em "mesmo" ~ "me[h]mo".

É, pois, preenchidos e preenchidas pelo sentimento de propósito cumprido que celebramos o florescer deste livro. Estamos certos e certas de que a cada linha escrita, a cada parágrafo lido dos capítulos que constituem o volume 2 de *O falar culto de Fortaleza em foco* suas raízes se fortalecem, se expandem, a fim de que outros tantos frutos sejam futuramente colhidos. A todos e todas, ótimas leituras.

Maria Lidiane de Sousa Pereira

Rakel Beserra de Macêdo Viana

Parte 1

ESTUDOS EM TEMPO APARENTE

1

Fábio Fernandes Torres
Lorena da Silva Rodrigues
Maylle Lima Freitas
Thales Geovane Rodrigues Silva

VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE TERCEIRA PESSOA NO FALAR CULTO DE FORTALEZA

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-325-7.1

INTRODUÇÃO

A realização do objeto direto anafórico de terceira pessoa ocorre variavelmente no português brasileiro, em que temos o clítico padrão acusativo *o* (*a/os/as*) competindo com o pronome lexical *ele* (*ela/eles/elas*), com o objeto nulo e com a repetição do sintagma nominal. Estudos variacionistas que se dedicaram ao fenômeno, como Duarte (1989), Ilari *et al.* (1996), Freire (2005) e Castilho e Elias (2012), entre outros, atestam que o objeto nulo é a forma mais frequente em dados de fala culta espontânea no Brasil. Nesse contexto, este estudo tem por objetivo observar esse fenômeno no falar culto da cidade de Fortaleza-CE, considerando as quatro variantes supracitadas, exemplificadas a seguir, respectivamente:

(1) e em vez de/a de confronta conFRONTA-**los** eu TENto é CONTOrnar isso TENtando... desperTAR algum tipo de reflexão (inq. 14)

(2) ele... saiu da emPREsa a emPREsa botou **ele** pra fora ali::ÁS ele já era tinha cinQUENta e TRÊs anos de i-DA-de (inq. 13)

(3) num balan::ço se é:: no crédito se é no débito como é que ele vai lançar Ø pra num demonstrativo financeiro da empresa (inq. 03)

(4) as vezes levam até objetos cortantes levam facas né aGRIDE *o professor* desestimula **o professor** totalmente a dar uma aula de qualidade (inq.03).

Por se tratar de um fenômeno variável, a investigação pauta-se na Teoria da Variação e da Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 1978, 1994, 2001, 2008 e 2010), uma vez que a variável morfossintática quaternária em tela será analisada a partir de fatores sociais (sexo e faixa etária) e linguísticos (traço semântico do referente, tipo da forma verbal e presença/ausência do sujeito).

Pautando-se em estudos em diversas variedades do português brasileiro - PB, partiu-se da hipótese de que o objeto nulo é a variante mais produtiva para a codificação do objeto direto anafórico no falar culto da cidade de Fortaleza na sincronia analisada, a saber, as duas décadas dos anos 2000. Freire (2000) elenca o traço [+ letramento] para justificar a mudança linguística no PB em direção ao OD anafórico. O autor justifica:

> Na verdade, no que diz respeito à realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa, pode-se dizer que o conhecimento do letrado brasileiro manifesta dois fenômenos bem peculiares: (a) uma incidência maior das variantes consideradas padrão somente sob condições de ordem estrutural, como o clítico acusativo em contextos com infinitivo e o clítico dativo em contextos com verbos bitransitivos dandi; (b) a plena infiltração de variantes alternativas aos clíticos não discriminadas pela escola, como o uso irrestrito do objeto nulo na função acusativa e o emprego avassalador do SP anafórico na função dativa: ambas as variantes com ocorrência muito marginal na escrita portuguesa. (Freire, 2000 *apud* Freire, 2005, p. 186).

No que se refere à variedade cearense, Lima (2016) estudou o emprego do objeto direto anafórico de terceira pessoa na língua falada em Fortaleza, usando dados do *corpus* NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza). Diferentemente da autora, esta pesquisa analisa dados de norma culta. Para isso, utilizamos uma amostra de 18 entrevistas do *corpus* Projeto Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT (Fase II), a fim de contribuir para descrição dessa variável e reproduzir fotografias sociolinguísticas desse recorte temporal.

Metodologicamente, para o tratamento estatístico dos dados, foi utilizada a linguagem de programação R, por meio do *software* RStudio - R Core Team (2024), para análise descritiva, frequências e proporções, como também para análise de estatística inferencial, através de testes estatísticos de *qui-quadrado* e modelos de regressão logística.

Do ponto de vista retórico, este artigo está organizado em cinco seções, além desta introdução. A próxima seção aborda o estado da arte do fenômeno variável em análise; a seção seguinte apresenta os pressupostos teóricos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística; em seguida, a seção da metodologia detalha os procedimentos metodológicos desta pesquisa, e, na quinta seção, são discutidos e analisados os dados. Por fim, nas considerações finais, são apresentadas a síntese e as reflexões do presente estudo.

O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE TERCEIRA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ao revisitar a historiografia linguística, nota-se que os estudos variacionistas, desenvolvidos por Labov (1978, 1994, 2001, 2008 e 2010) em solo americano, concentraram-se principalmente no nível *fonético-fonológico* da língua inglesa. Já no Brasil, na década de 70, é possível observar um massivo interesse de pesquisadores direcionados à interface *morfossintática*, preocupados com a variação e mudança nesse nível, como é o caso da variação do objeto anafórico de 3ª pessoa na função acusativa no português brasileiro. Nos dias atuais, mapear e controlar as variantes ainda se trata de uma tarefa desafiadora, visto que, a depender da modalidade, seja falada ou escrita, o fenômeno tende a manifestar-se de maneiras distintas, considerando-se o entrelaçamento das variáveis sociais e linguísticas nas análises.

Com foco na língua falada, Omena (1978) analisa o objeto direto anafórico em função acusativa, baseando-se, como *corpus*, em gravações realizadas com quatro informantes não escolarizados:

dois homens, duas mulheres, na condição de alunos do MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), pertencentes à área do Rio de Janeiro e à mesma classe social. À época, o estudo apontou que havia uma completa ausência intrigante do clítico acusativo, quando comparado às demais variantes, tendo em vista que os falantes priorizaram o uso do objeto nulo (76%) e, em certas construções linguísticas, o pronome lexical (24%), apenas. Considerando o falar popular fortalezense, Lima (2016) investigou as quatro variantes anafóricas clássicas que disputam a variável de ODA, a partir do banco de dados NORPOFOR, dando especial atenção ao emprego do pronome lexical. Sua pesquisa vai ao encontro dos achados empíricos de Omena (1978), pois revelou também que, de fato, o clítico vem caindo em desuso, perdendo espaço para o pronome lexical, sobretudo, e para o objeto nulo, variantes salientes na amostra trabalhada.

Duarte (1989) explorou a influência dos condicionamentos linguístico, social e estilístico no objeto direto anafórico no vernáculo paulista culto. A amostra foi composta de 50 informantes, estratificados por idade e escolaridade. Resultou, então, que a forma menos usada fora o clítico acusativo (4,9%), seguindo-se, por outro lado, nesta ordem percentual crescente, das outras variantes: pronome lexical (15,4%), SNs e pronomes demonstrativos (17,1%) e objeto nulo (62,6%). Nessa direção, Neiva (2007) averiguou o objeto direto anafórico no português culto, tomando por base os dados de fala extraídos do NURC-Salvador, cujos informantes foram estratificados por sexo e idade. Diante disso, o objeto nulo liderou em termos percentuais, com 59%. Em segundo, o sintagma nominal, com 34,4%. O clítico, em terceiro, com 4,2% de ocorrências e, em último, o pronome lexical, atingindo 2,4%. De igual modo, esse resultado corrobora com a hipótese do desaparecimento do clítico acusativo, sustentada, como exposto, pela literatura.

Embora o clítico acusativo esteja em 'crise' no sistema pronominal do português devido ao apagamento progressivo observado por Duarte (1989), tal variante pode encontrar, digamos, barreiras na modalidade falada. Entretanto, na escrita, o uso frequente pelos falantes ainda prevalece, como mostram os resultados de Soledade (2011), ao constatar, a partir de um *corpus* de 18 cartas redigidas no fim do século XIX, a preferência dos redatores pelo clítico, representado e expresso por 48% dos dados colhidos.

Silva e Torres (2024) também se dedicaram à análise da variação do objeto direto anafórico em jornais cearenses, provenientes de um *corpus* composto por 60 textos, estratificados por nível de formalidade e gênero do(a) redator(a). Como previsto, em decorrência da resistência da modalidade escrita a variantes estigmatizadas (Tarallo, 1997), nesse estudo, o pronome lexical não foi computado. De 78 dados, foram contabilizadas 44 ocorrências de clíticos, 25 de sintagmas nominais e 9 de objetos nulos. Apesar de o sintagma nominal alternar com o clítico padrão, não houve sobreposição daquele em relação a este. Sendo a forma menos usual na amostra, o objeto nulo, timidamente, manifestou-se, o que demonstrou não sofrer estigma, dada a natureza conservadora da esfera jornalística. Logo, os autores comprovaram que o clítico acusativo ainda mantém seu *status* hegemônico, mediante a sua alta recorrência de uso pelos(as) redatores(as).

Esse pequeno compêndio de pesquisas que trataram sobre o objeto direto anafórico no português brasileiro, ora exibido, não esgota e tampouco busca dar conta da ampla discussão científica empreendida, mas explicita a importância do debate acerca da heterogeneidade linguística. Assim, uma vez que língua e sociedade estão intrinsecamente relacionadas, passamos, a seguir, aos postulados da Teoria da Variação e Mudança Linguística.

TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Como se sabe, o século XX experimentou profundas e significativas mudanças no curso das ciências humanas. No campo da linguagem, a publicação póstuma do Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, em 1916, é considerada um marco nos estudos linguísticos, uma vez que, ao delimitar o método e objeto de estudos, elevou a Linguística à condição de ciência – *a língua deveria ser estudada em si mesmo e por ela mesma* (Saussure, 2006). Desse modo, na primeira metade do século passado, os estudos da linguagem ancoram-se no que Lucchesi (2004) chama de "axioma da homogeneidade", sob a égide do Estruturalismo.

A primazia da homogeneidade do sistema linguístico ganhou respaldo na Gramática Gerativa ou Gerativismo, proposta por Chomsky (1957, 1965). Essa perspectiva se ocupa da descrição do conjunto de capacidades e habilidades mentais que fazem um indivíduo produzir e compreender um número potencialmente infinito de expressões linguísticas em sua língua – não se trata de um sujeito real, mas de um falante-ouvinte ideal, que conhece perfeitamente esse sistema abstrato de regras e é perfeito representante da comunidade de falantes dessa língua, igualmente abstrata. A noção de sistematicidade do sistema linguístico, organizado, necessariamente pressupunha a homogeneidade.

O cerne dessas concepções, principalmente as de Saussure, estava em liberar os estudos da língua dos estudos diacrônicos e comparativos, que prevaleceram no século XIX. Isso resultou em estudos efetivamente sincrônicos, em que se delegou à mudança linguística uma preocupação secundária. A alternância entre duas ou mais formas, por exemplo, era considerada variação livre, sem consequências para o sistema linguístico, para o Estruturalismo linguístico.

Na segunda metade do século XX, a noção de sistematicidade desvincula-se da concepção de homogeneidade, graças à publicação dos *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística* por Weinreich, Labov e Herzog, em 1968, e ao trabalho pioneiro de William Labov, que se preocuparam em explicar as causas da mudança. Nesse clássico ensaio, Weinreich, Labov e Herzog (2006) superam as lacunas deixadas pelo Estruturalismo para explicar como ocorrem as mudanças nas línguas naturais e concebem o sistema linguístico como heterogêneo e sistemático. A noção de heterogeneidade sistemática, proposta pelos autores, pressupõe que a língua se mantém organizada e funcional, enquanto varia e muda, uma vez que a variação e a mudança são reguladas por fatores linguísticos (internos ao sistema) e fatores extralinguísticos ou sociais (externos ao sistema), desassociando a imbricação entre sistema e homogeneidade, pressuposta pelo Estruturalismo e Formalismo. Portanto, a variação e a mudança ocorrem sem comprometer a sistematicidade e a funcionalidade do sistema linguístico, visto que lhe é inerente.

A explicação da mudança e de suas causas nas línguas naturais não se restringem a delimitar a substituição de uma forma por outra; não se trata de uma sucessão de sincronias, mas de um fenômeno complexo, cuja dificuldade de explicação está justamente em descrever o processo em curso. Para enfrentar o problema, Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 125-126) propuseram alguns princípios gerais para o estudo da mudança linguística, os quais passaremos a examinar.

A mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente na fala – a mudança resulta de processo de variação, frequentemente atestado na fala, mas não é decorrente de variação livre, deficiência linguística ou descuido do falante, visto que as escolhas feitas pelos falantes entre as opções variáveis disponíveis no sistema são reguladas por outros fatores, tais como escolaridade, profissão, grau de formalidade da situação comunicativa etc.

A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão – a variação e a mudança são processos intrínsecos às línguas naturais, que refletem as mudanças ocorridas na sociedade. Não há estágios de maior ou menor sistematicidade (estrutura) na língua, quando esses processos estão ocorrendo, porque são regulados por elementos do sistema e por elementos da estrutura social, e faz parte da competência linguística do falante a habilidade de lidar com a heterogeneidade.

Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade – esse princípio afirma que toda mudança decorre de algum processo de variação que lhe é anterior, embora nem toda variação resulte em mudança.

A generalização da mudança linguística não é uniforme nem instantânea, ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo – a mudança é um processo longo, gradual e contínuo, que envolve gerações de falantes e rearranjo do sistema linguístico para que continue organizado e funcional.

As gramáticas em que ocorrem as mudanças linguísticas são gramáticas da comunidade de fala – a mudança não ocorre no indivíduo nem se submete à sua vontade singular, uma vez que o sistema linguístico funciona em razão do corpo social, a língua pertence à comunidade de fala.

A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo, não está confinada a etapas discretas dentro da família – assim como a mudança não está restrita ao falante, também não está restrita ao seio familiar ou a um grupo específico, mas atinge a comunidade de fala como um todo.

Fatores linguísticos e sociais estão inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística – a mudança não resulta de uma única causa, mas da inter-relação de fatores linguísticos e sociais e, geralmente, está associada a outros processos de mudança no sistema linguístico.

Esses princípios criam as condições para se analisar a variação e a mudança linguísticas sincronicamente, isto é, no momento que esses fenômenos estão ocorrendo, uma vez que o sistema é, ao mesmo tempo, heterogêneo e estruturado, enquanto varia e muda. Seguindo esses princípios, analisaremos a realização variável do objeto direto anafórico em dados de fala de falantes cultos de Fortaleza, coletados nas duas primeiras décadas do corrente século, para diagnosticar seus condicionamentos de uso e o percurso da eventual mudança.

METODOLOGIA

A amostra analisada foi recortada a partir do banco de dados PORCUFORT fase II. O *corpus* consta de entrevistas de falantes fortalezenses, filhos de pais cearenses e escolarizados com Ensino Superior, coletados no final da primeira década e início da segunda década dos 2000 (Rodrigues; Santos; Viana, 2021). Para esta pesquisa, foram considerados os inquéritos da modalidade de registro DID (Diálogo entre Informante e Documentador), estratificados por faixa etária e sexo/gênero. Almejando-se a ortogonalidade da amostra, foram selecionados 3 informantes por célula, o que resultou na seguinte distribuição:

Quadro 1 — Distribuição dos informantes na amostra recortada do PORCUFORT II

	SEXO/GÊNERO	
FAIXA ETÁRIA	**Masculino**	**Feminino**
I (22-35 anos)	3	3
II (36-55 anos)	3	3
III (56+ anos)	3	3
Total	9	9
	18	

Fonte: elaborado pelos autores, a partir de Rodrigues, Santos e Viana (2021).

Após a seleção das entrevistas, as ocorrências de objeto direto foram localizadas por meio da leitura e marcação com símbolos para, em seguida, serem extraídos por meio da busca por expressões regulares pelo pacote *dmsocio* (Oushiro, 2018), sendo as variáveis sociais automaticamente codificadas. Os fatores linguísticos foram os seguintes: presença ou ausência do sujeito na oração, forma verbal simples ou composta e traço semântico do antecedente – inanimado ou animado. Tais grupos linguísticos foram selecionados a partir de pesquisas anteriores (Duarte, 1989; Freire, 2005; Lima, 2016; Rodrigues, 2018), nas quais foram fatores condicionantes para o uso do objeto direto anafórico.

Para o grupo *presença e ausência do sujeito*, foi considerada a hipótese de que, ao passo que o sujeito é preenchido, o objeto direto é apagado. Dessa forma, são exemplos dessa variável independente:

(5) o trabalho do contador ele é muito específico que ele/ele analisa balancete ele asSIna Ø (inq. 03) — *Presença do sujeito*

(6) ah to com to com mil reais pra investir Ø aí eu não vou lançar do numa aplicação só eu vou variar (inq. 03) — *Ausência do sujeito*

No que se refere ao grupo *traço semântico do antecedente*, nossa hipótese é que o pronome lexical seria condicionado pelo traço [+ animado], enquanto o traço [- animado] favoreceria o objeto nulo, conforme os exemplos a seguir:

(7) outra é duas contadoras e uma economista... e elas sem::pre:: e a gente via sempre **elas** MUI:to eu sempre via **elas** MUIto bem... viaJAN::do DAN::do presente tendo dinheiro aPARtamento e isso (inq. 04) — *Traço semântico [+ animado]*

(8) mulher porque ela sabe fazer isso mas o D. e o R. tem capacidade de aprender Ø (inq. 04) — *Traço semântico [- animado]*

A *natureza morfológica do verbo*, a partir da tipologia adotada por Duarte (1989) e Rodrigues (2018), diferencia formas simples - como em (9) — de formas compostas - como em (10) — no condicionamento das variantes. Nossa hipótese é que as perífrases verbais, por serem construções menos gramaticalizadas, são mais propícias ao uso de variantes inovadoras, como é o caso do objeto nulo.

(9) só veio éh amenizar mais com a questão do tratamento que ela começou a fazer Ø (inq. 12)

(10) me casei não foi PENsando que ele vai mudar... eu me casei pelo meu coração porque **o** amava e **o** amo até hoje (inq. 25)

ANÁLISE ESTATÍSTICA

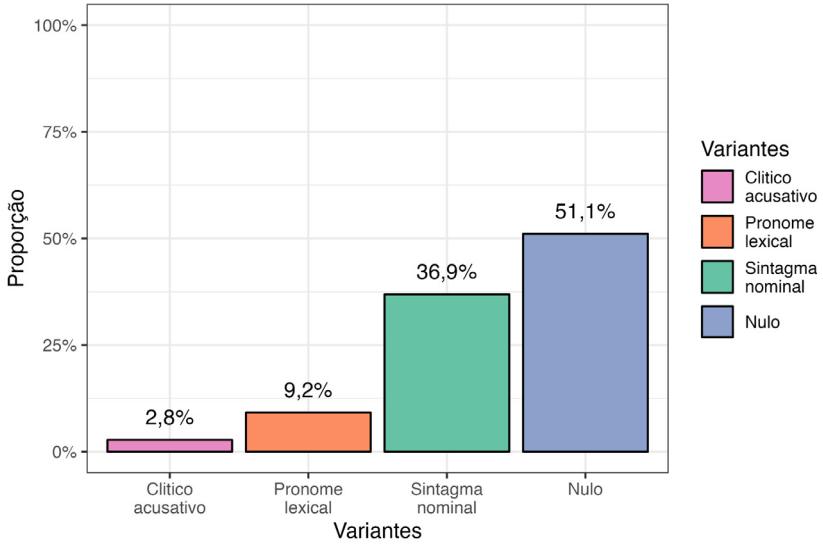
O tratamento e análise estatística dos dados foram realizados por meio da linguagem de programação R (Core Team, 2024). Considerando a natureza categórica das variáveis, foram elaboradas tabelas de frequência (contagem das ocorrências) e proporção (razão de uma parte sobre o todo) para a análise descritiva da amostra. A análise inferencial foi utilizada para realizar projeções para população a partir da amostra e, para tanto, foram realizados testes de hipótese *qui-quadrado* e ajustado um modelo de regressão logística binomial com efeitos mistos. Esta análise combina efeitos fixos, variáveis que independem da amostra, e efeitos aleatórios, variáveis específicas da amostra estudada. Desse modo, as variáveis *animacidade, presença do sujeito, forma verbal, sexo* e *faixa etária* são efeitos fixos, e adicionou-se o *informante*, a pessoa que produziu a ocorrência, como variável de efeito aleatório. A adição do *informante* como efeito aleatório tem o objetivo de aprimorar o ajuste do modelo (Lima Júnior; Garcia, 2021), reduzindo estimações equivocadas por causa de idiossincrasias. No ajuste do modelo, a variável *forma verbal* foi retirada, pois não apresentou efeito estatisticamente significativo. O valor de significância adotado foi $p<0,05$ para as análises inferenciais. Feitas essas considerações, passamos à análise dos resultados.

ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, descrevemos e analisamos os dados referentes à codificação do objeto direto anafórico de terceira pessoa na fala culta da capital cearense nas primeiras décadas dos anos 2000. A análise será dividida em duas partes, em que a primeira apresenta tabelas e gráficos de proporção e de frequência, que atestam o uso de cada uma das variantes na amostra. Na segunda, foram elaborados modelos de regressão logística, tendo como variável de referência o objeto nulo. Essa escolha deve-se à hipótese de que a variante inovadora é a principal estratégia de codificação do fenômeno variável estudado.

Nos diversos estudos sociolinguísticos, o objeto nulo apresenta maior proporção de uso, a esse exemplo, em Omena (1978), a amostra com dados do Rio de Janeiro apresentou 76% de apagamento do OD. Comportamento semelhante aos dados de Duarte (1989) com 62, 6% e Castilho e Elias (2012) com 70% de realizações do objeto nulo. Castilho e Elias (2012), por trabalharem com dados do NURC, afirmam que o português brasileiro do Nordeste seria característico pelo uso do pronome lexical na função acusativa, enquanto o do Sul teria preferência pela omissão dessa função. Todavia, esse comportamento não foi confirmado em nossa amostra, uma vez que, como podemos observar na Tabela 1, o objeto nulo ocorreu em 51,1% dos dados (N=345), seguido pelo sintagma nominal com 36, 9% das ocorrências (N = 249), pelo pronome lexical com 9,2% (N= 62) e pelo clítico com 2,8% (N=19).

Gráfico 1 — Proporção de variantes na amostra (N = 675)



Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

Coadunando com a literatura acerca do fenômeno, observamos que a norma culta fortalezense do século XXI tem preferência pelo apagamento do objeto direto de terceira pessoa. Essa escolha pode ser explicada pelo fato de essa variante não ser estigmatizada socialmente (Silva e Torres, 2024), diferente do uso do pronome lexical, amplamente condenado na escolarização do brasileiro. A preferência pela elisão do OD apresenta-se como uma mudança linguística implementada, segundo Nunes (1996), uma vez que, diferentemente do português europeu, a cliticização fonológica da esquerda para a direita não sustenta o uso dos pronomes átonos e, por essa razão, a língua falada pelo brasileiro adquiriu uma gramática sem clíticos acusativos de terceira pessoa desde o início do século XIX.

A seguir, observamos o resultado da análise estatística dos fatores que condicionam o uso do objeto direto anafórico. As tabelas de frequência e proporção constam com o teste de qui-quadrado

para investigar se a distribuição das variantes segue uma distribuição aleatória ou sofre influência da variável previsora. Nesse teste, as variáveis sociais foram significativas e, para as linguísticas, apenas o traço semântico do antecedente foi significativo. Contudo, os resultados desses testes devem ser vistos com cuidado e de caráter exploratório, pois o modelo de regressão com efeitos mistos tem um maior poder explicativo e utilizou do tratamento multivariado, ao contrário do teste *qui-quadrado*, que é univariado e não permite efeitos aleatórios.

VARIÁVEIS SOCIAIS

Nos estudos sociolinguísticos, ao falar-se de mudança linguística em progresso, parte-se das hipóteses que mulheres lideram a mudança quando a variante goza de prestígio social, assim como os falantes mais jovens empregam a variante inovadora com maior frequência. Com base nisso, os valores de frequência e de proporção para os grupos *sexo/gênero do informante* e *faixa etária do informante* são apresentados, respectivamente nas Tabelas 1 e 2.

Sobre a variável sexo/gênero do informante, na Tabela 1, apresentamos a distribuição das variantes objeto direto anafórico de 3ª pessoa na amostra. Os valores de *qui-quadrado* e de *p* referentes a essas distribuições refletem a não aleatoriedade da amostra. As frequências e proporções apresentadas mostram uma mudança linguística implementada, pois ambos os sexos utilizam a variante inovadora com maior frequência. Pelo fato da não aleatoriedade dessa variável, ela foi mantida no nosso modelo de regressão logística.

Tabela 1 — Frequência e proporção das variantes da expressão do acusativo por sexo/gênero do informante (N = 675)

Variante / Sexo/Gênero	Feminino	Masculino
Nulo	n = 210 (55,6%)	n = 135 (45,5%)
Sintagma nominal	n = 121 (32%)	n = 128 (43,1%)
Pronome lexical	n = 35 (9,3%)	n = 27 (9,1%)
Clítico acusativo	n = 12 (3,2%)	n = 7 (2,4%)
Qui-quadrado= 9,2626, df = 3, $p < 0,05$*		

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

Na Tabela 2, os valores de *qui-quadrado* e de *p* apontam a não aleatoriedade da variável faixa etária do informante na codificação do objeto direto anafórico. A partir da análise das frequências e das proporções, confirmamos mais uma vez a afirmação de Nunes (1996) sobre a preferência pela variante inovadora configurar-se como uma mudança implementada já que as três faixas etárias adotam o objeto nulo com alta frequência em suas falas. Além disso, a faixa etária mais jovem usa o objeto nulo em mais da metade de suas ocorrências, fato característico da mudança linguística.

Tabela 2 — Frequência e proporção das variantes da expressão do acusativo por faixa etária do informante (N = 675)

Variante / Faixa etária	Faixa I (22-35 anos)	Faixa II (36-55 anos)	Faixa III (56+ anos)
Nulo	n = 163 (62,5%)	n = 88 (43,3%)	n = 94 (44,5%)
Sintagma nominal	n = 82 (31,4%)	n = 91 (44,8%)	n = 76 (36,0%)
Pronome lexical	n = 12 (4,6%)	n = 10 (4,9%)	n = 40 (19%)
Clítico acusativo	n = 4 (1,5%)	n = 14 (6,9%)	n = 1 (0,5%)
Qui-quadrado= 65,941, df = 6, $p < 0,001$***			

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

Cabe observar, no entanto, que, na geração intermediária, a frequência de uso do objeto nulo e do sintagma nominal é, praticamente, a mesma, o que caracteriza uma variação estável entre essas variantes. Nos dados de norma popular da comunidade de fala fortalezense (Lima, 2016), foi observado comportamento semelhante, uma vez que a amostra analisada apresenta 39,6% de sintagmas nominais e 33,5% de objeto nulo na segunda geração. Contudo, na pesquisa analisada, diferente da nossa, a geração mais jovem também prefere usar o pronome lexical (43,9%) em relação às demais variantes. Apesar desse comportamento peculiar em relação às demais pesquisas sobre o fenômeno no PB, a pesquisa de Lima (2016) aponta a maior frequência de uma variante inovadora. Desse modo, nossa pesquisa e a da autora mostram uma importante característica do português falado em Fortaleza, a alta frequência e uma variação estável entre duas variantes inovadoras.

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Estudos germinais em variação linguística, em se tratando das variáveis linguísticas, têm demonstrado a relevância do traço semântico para descrever a relação entre os pronomes de 3ª pessoa e um referente previamente mencionado dentro da sentença oracional. Não à toa, esta variável foi considerada significativa estatisticamente pelo programa, já que o *valor-p*, registrado na Tabela 3 a seguir, encontra-se abaixo de 0,05. Nossa hipótese é de que o pronome lexical seria favorecido pelo traço [+ animado], enquanto o traço [- animado], em contrapartida, favoreceria o objeto nulo.

Tabela 3 — Frequência e proporção das variantes da expressão do acusativo por traço semântico do antecedente (N = 675)

Variante/ Animacidade	[+ animado]	[- animado]
Nulo	n = 64 (33,5%)	n = 281 (58,1%)
Sintagma nominal	n = 59 (30,9%)	n = 190 (39,3%)
Pronome lexical	n = 55 (28,8%)	n = 7 (1,4%)
Clítico acusativo	n = 13 (6,8%)	n = 6 (1,2%)
Qui-quadrado= 145,35, df = 3, $p < 0{,}001$***		

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

Do total de ocorrências, notem que o traço [- animado] (58,1%) condiciona o emprego do objeto nulo, conforme previsto. Embora não tenhamos dados mais robustos, ainda assim, pode-se inferir que o traço [+ animado] condiciona o uso do pronome lexical, representado em termos percentuais por (28,8%). Aqui, o comportamento da animacidade em relação às variantes remete a trabalhos, como de Duarte (1989), Neiva (2007) e Lima (2016), pela similaridade entre os resultados, sobretudo os dois últimos, pois analisaram o falar nordestino culto e popular. Isso nos permite chegar à confirmação da hipótese elencada nesta pesquisa.

Nas Tabelas 4 e 5, observamos variáveis linguísticas que, na amostra analisada, apresentam um *valor-p* maior que 0,05, indicando a limitação da amostra e a necessidade de levantar mais dados para se obter uma distribuição plenamente confiável. Desse modo, nessa amostra, os grupos *presença/ausência do sujeito* e *forma verbal* não foram significativos no condicionamento do fenômeno variável.

Ao testarmos a variável presença ou ausência do sujeito, hipotetizamos que, pelo princípio da iconicidade (Givón, 1995), ao apagar o objeto direto, haveria uma expectativa de realização do sujeito, em prol da informatividade. Em outras palavras, a iconicidade envolve

duas categorias: a informatividade e a economia; quando há economia elevada na linguagem, há baixa informatividade, levando-se à redução de contextos da informação e a uma maior complexidade de processamento (Neves, 2012). Contudo, conforme observado na Tabela 4, nossa hipótese não foi favorecida nesta amostra no contexto de variação linguística. Apesar disso, mantivemos a variável em nossas análises, uma vez que ela foi selecionada nos modelos de regressão logística com efeitos mistos.

Tabela 4 — Frequência e proporção das variantes da expressão do acusativo por presença ou ausência do sujeito (N = 675)

Variante/Presença do sujeito	Presente	Ausente
Nulo	n = 239 (54,3%)	n = 106 (45,1%)
Sintagma nominal	n = 151 (34,3%)	n = 98 (41,7%)
Pronome lexical	n = 40 (9,1%)	n = 22 (9,4%)
Clítico acusativo	n = 10 (2,3%)	n = 9 (3,8%)
Qui-quadrado = 6,139 df = 3, *p* = 0,1'		

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

A estrutura morfológica da forma verbal, com *valor p* = 0,9, não se mostrou significativa para os nossos dados. Assim, a hipótese de que construções menos gramaticalizadas, como as perífrases verbais, formariam um paradigma mais favorável ao uso de novas variantes, enquanto formas verbais simples comporiam um paradigma mais fechado à mudança linguística, pois tornaram o uso de variantes inovadoras mais marcado nos enunciados, não se mostrou válida nessa amostra.

Tabela 5 — Frequência e proporção das variantes da expressão do acusativo por forma verbal (N = 675)

Variante/Forma verbal	Simples	Composta
Nulo	n = 225 (52%)	n = 120 (49,6%)
Sintagma nominal	n = 158 (36,5%)	n = 91 (37,6%)
Pronome lexical	n = 39 (9%)	n = 23 (9,5%)
Clítico acusativo	n = 11 (2,5%)	n = 8 (3,3%)
Qui-quadrado= 0,5885 df = 6, *p* = 0,9		

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

A partir desses resultados, testamos modelos de regressão logística com efeitos mistos, partindo como variável de referência o objeto nulo em detrimento das demais variantes. A análise dos resultados será discutida a seguir.

REGRESSÃO LOGÍSTICA COM EFEITOS MISTOS

O modelo de regressão logística apontou a relevância estatística de todas as variáveis selecionadas para este estudo, com exceção do *tipo da forma verbal*. A análise teve como referência para o modelo a forma variante objeto nulo. Para as variáveis linguísticas e extralinguísticas, os valores de referência para o modelo de regressão, registrados como intercepto, foram *(1) sexo feminino, (2) faixa etária 1, (3) presença do sujeito* e *(4) traço semântico [- animado]*, conforme pode ser observado na Tabela 6.

Tabela 6 — Resultado da regressão logística com efeitos mistos do uso do pronome nulo em detrimento do clítico acusativo, pronome lexical e SN (N = 675)

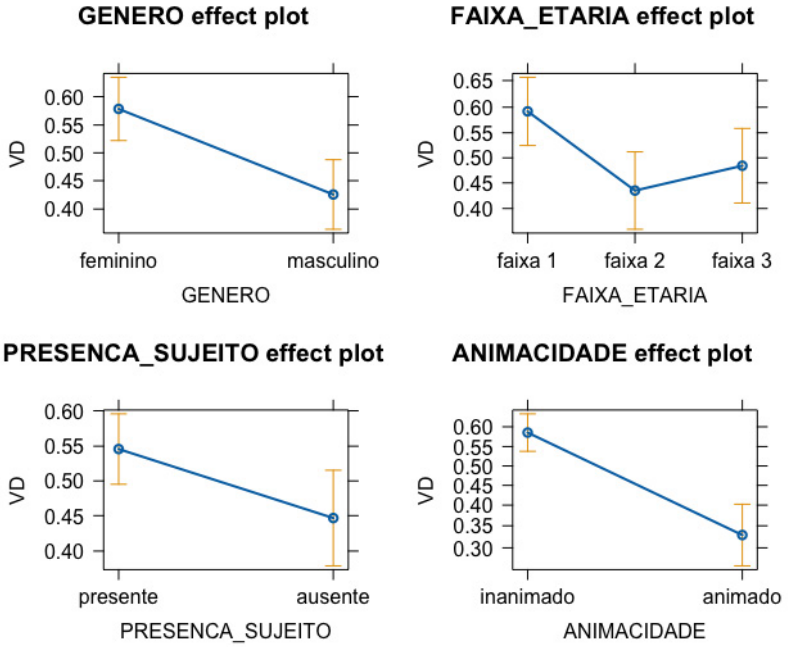
Preditores	*Estimativas*	*Erro padrão*	*Valor-Z*	*Valor-p*
(Intercepto)	1,083	0,176	6,150	**<0,001*** **
Sexo/gênero (ref. feminino)				
Masculino	-0,618	0,176	-0,503	**<0,001*** **
Faixa etária (ref. faixa 1)				
Faixa 2	-0,634	0,215	-2,956	**<0,01** **
Faixa 3	-0,435	0,209	-2,082	**0,04***
Presença do sujeito (ref. presente)				
Sujeito ausente	-0,399	0,173	-2,306	**0,02***
Animacidade (ref. inanimado)				
Animado	-1,060	0,190	-5,567	**<0,001*** **
Efeitos aleatórios				
σ^2		3,29		
$\tau_{00\ INFORMANTE}$		0,01		
$N_{INFORMANTE}$		18		
Observações		675		
AUC		0,68		

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

Os efeitos aleatórios do modelo de regressão indicam uma variância residual (σ^2) de 3,29 sugerindo uma variabilidade considerável que não foi acessada pelo modelo. O $\tau 00$ representa a variância dos interceptos aleatórios ($\tau 00$), com valor de 0,01, que é considerado baixo e indica pouca diferença entre os informantes. O índice AUC trata do poder descritivo dos dados, e o valor de 0,68 aponta um poder descritivo aceitável do modelo. As estimativas do modelo estão em escala de *logodds*, em que o ponto neutro é zero, os valores negativos indicam desfavorecimento e os positivos indicam favorecimento da variante. O intercepto indica as chances logarítmicas de

ocorrência da variante nula contextualizada nos níveis de referência, por sua vez, os betas, coeficientes abaixo, indicam os *logodds* em relação a cada nível de referência por variável.

Gráfico 2 — Efeitos das variáveis previsoras do modelo de regressão logística com efeitos mistos em escala de probabilidade (N = 675)



Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

Os gráficos de efeito geram escalas de probabilidade. Esses resultados indicam a probabilidade da variante da pesquisa (neste caso, o objeto nulo) ocorrer em cada nível da variável na escala de 0-1 (0-100%). É importante salientar que as proporções restantes não devem ser vistas como a probabilidade de as outras variantes ocorrerem, pois cada probabilidade apresentada já é calculada em detrimento aos outros níveis da variável resposta. A probabilidade da variante nula é de 57,9% para o gênero feminino e de 42,5% para o

gênero masculino, indicando a preferência das mulheres pela forma inovadora. Para faixa etária, a probabilidade do uso da variante é de 59,2% para os mais jovens da amostra. A segunda e terceira faixa desfavorecem o uso da variante nula, com 43,5% de probabilidade para a segunda faixa etária e 48,4% para a terceira. Notamos que os mais velhos da amostra têm uma probabilidade maior de utilizar a variante que os da faixa intermediária, apesar de a sobreposição de intervalos de confiança pedir um cuidado na interpretação desse efeito.

Conforme afirmamos, de acordo com a teoria laboviana, mulheres liderando a mudança em direção à variante inovadora e uma curva ascendente em direção aos mais jovens são provas de que o fenômeno analisado reflete um paradigma de mudança linguística. Enquanto o padrão escrito culto continua favorecendo o pronome clítico acusativo de terceira pessoa, como apontam Freire (2005), Rodrigues (2018) e Silva e Torres (2024), o português oral culto apresenta um sistema gramatical que tem como principal estratégia de codificação do objeto direto anafórico de terceira pessoa o pronome nulo. Com base nos dados analisados, constatamos que o falar culto da capital cearense segue na mesma direção das demais comunidades de fala em que a variação do objeto direto anafórico já foi descrita e analisada.

No que concerne às variáveis linguísticas, o sujeito explícito favorece a ocorrência do objeto nulo com 54,6% de probabilidade, enquanto a ausência desfavorece, com 44,6% de probabilidade. Por fim, a variável animacidade foi a que apresentou o maior tamanho de efeito, com 58,5% de probabilidade de ocorrência da variante para o traço inanimado e 32,8% para o traço animado. Esses dados refletem a adaptação do sistema linguístico do português brasileiro para reestruturar-se de acordo com um novo paradigma pronominal no que se refere à marcação do caso acusativo. Assim, uma vez que a variante inovadora é o objeto nulo, faz-se necessária, em prol da informatividade, a realização do sujeito. Além disso, pelo fato de a terceira pessoa ser uma não pessoa do discurso, o traço semântico

das variantes estaria ligado à referenciação. Pela nossa hipótese, o objeto nulo teria alargado o seu domínio nos sistemas em que varia com clítico, por seu caráter referencial estar ligado ao traço [+ animado], enquanto a anáfora, por não ser um item referencial, teria influência do traço [- animado] para seu uso.

Esses resultados justificam nossa opção de descrição e análise dos dados a partir do objeto direto nulo, pois, como discutido em trabalhos anteriores em outras comunidades de fala, essa variante inovadora tem alta frequência entre os falantes cultos por ser uma forma não estigmatizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se dedicou à investigação da expressão variável do objeto direto anafórico no português oral culto de Fortaleza em dados de fala de registro do tipo DID do PORCUFORT fase II, coletados nas duas primeiras décadas do corrente século, estratificados por gênero e faixa etária, para se verificar a atuação desses fatores sociais e de fatores linguísticos (*presença e ausência do sujeito, traço semântico do antecedente, natureza morfológica do verbo)* na alternância de uso entre as variantes: o clítico acusativo, o sintagma nominal, o pronome lexical e objeto nulo.

Do ponto de vista teórico e metodológico, fomos guiados pelos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 1978, 1994, 2001, 2008, 2010). Como ferramenta estatística, utilizamos a linguagem de programação R (Core Team, 2024), que nos permitiu descrever a atuação dos grupos de fatores a partir do modelo de regressão logística binomial com efeitos mistos - que combina efeitos fixos, variáveis que independem da amostra, e efeitos aleatórios, variáveis específicas da amostra estudada

– e modelo de regressão logística de efeitos aleatórios, que tem o objetivo de aprimorar o ajuste do modelo e reduzir estimações equivocadas em razão de idiossincrasias. Para isso, analisamos a variável informante. A significância estatística das variáveis independentes foi mensurada pelo teste do *qui-quadrado* e pelo *valor p*, que considera como significativo o valor menor que $p<0,05$.

Os resultados indicam que o objeto nulo é a variante mais frequente no Português oral culto de Fortaleza, seguida das variantes sintagma nominal, pronome lexical e clítico acusativo, com frequências de uso de 51,1%, 36,9%, 9,2% e 2,8%, respectivamente. A variante inovadora, o objeto nulo, tem preferência de uso entre os mais jovens, faixas etárias I e II, e entre as mulheres, o que nos permite afirmar que a variante não sofre estigma e está em avançado processo de encaixamento na estrutura social, o que pode resultar em mudança. Dentre as variáveis linguísticas controladas nesta pesquisa, o objeto nulo é condicionado pelo traço semântico [- animado] do antecedente, uma vez que o antecedente [+ animado] tende a favorecer o pronome lexical e o sintagma nominal. A regressão logística com efeitos mistos apontou que objeto nulo é favorecido pelo sujeito explícito com 54,6% de probabilidade; pelo traço semântico [- animado] do antecedente em relação às outras variantes, o que indica uma reestruturação da realização do objeto direto anafórico.

Alinhando-se aos resultados de outras pesquisas com diferentes amostras do português brasileiro oral culto, como Duarte (1989), Ilari *et al.* (1996), Freire (2005) e Castilho e Elias (2012), pode-se afirmar que os falantes cultos de Fortaleza têm preferência, na modalidade oral, pelo objeto nulo, dentre as possibilidades de realização do objeto direto anafórico, e que a forma se encontra encaixada socialmente via faixas etárias e sexo do falante, com preferência de uso para as faixas etárias mais jovens e falantes do sexo feminino, com fortes indícios de mudança.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, A. de; ELIAS, V. M. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Sintax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. *In:* TARALLO, F. (org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Pontes/Unicamp, 1989.

FREIRE, G. C. **Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana.** 2000. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

FREIRE, G. C. **A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana**. 2005. 215 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) — Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: https://buscaintegrada.ufrj.br/Record/aleph-UFR01-000660872. Acesso em: 12 jul. 2024.

GIVÓN, T. **Funcionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

ILARI, R. *et al.* Os pronomes do português falado: roteiro para análise. *In:* CASTILHO, A. de; BASÍLIO, M. (orgs.) **Gramática do português falado**: estudos descritivos. Volume IV. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp/FAPESP, 1996.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. **Where does the linguistic variable stop?** A response to Beatriz Lavandera. Working papers in sociolinguistics, Austin, v. 44, p. 1–17, 1978.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: internal factors. Cambrigde, MA: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LIMA JR, R. M.; GARCIA, G. D. Diferentes análises estatísticas podem levar a conclusões categoricamente distintas. **Revista da ABRALIN**, *[s. l.]*, v. 20, n. 1, p. 1–19, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i1.1790. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1790. Acesso em: 10 jul. 2024.

LIMA, T. M. de. **O emprego do objeto direto anafórico de terceira pessoa na língua falada de Fortaleza**. 2016. 157 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis) — Programa de Pós-graduação em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (UNILAB), Redenção, 2016. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/736. Acesso em: 25 jun. 2024.

LUCCHESI, D. **Sistema, Mudança e Linguagem**: um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola, 2004.

NEIVA, N. C. **Objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala culta em Salvador**: o clítico em desuso. 2007. 135 f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

NEVES, M. H. de M. **A gramática passada a limpo**: conceitos, análises e parâmetros. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NUNES, J. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. *In:* KATO, M. A.; ROBERTS, I. (orgs.) **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 207-220.

OMENA, N. P. de. **Pronome Pessoal de Terceira Pessoa:** Suas Formas Variantes em Função Acusativa. 1978. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras —Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1978.

R CORE TEAM. **The R Project for Statistical Computing**. Página Web. Disponível em: https://www.r-project.org. Acesso em: 26 jun. 2024.

RODRIGUES, L. da S. **O caso acusativo nos pronomes pessoais de terceira pessoa do português brasileiro e europeu**. 2018. 166 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/33428. Acesso em: 12 jul. 2024.

RODRIGUES, L. da S.; SANTOS, H. L. G. dos; VIANA, R. B. de M. O banco de dados do Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza- CE. *In:* ARAUJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; RODRIGUES, L. da S. (org.). **O falar culto de Fortaleza em foco**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, T. G. R.; TORRES, F. F. Análise da variação do objeto direto anafórico em jornais do Ceará. **Revista Mandinga**, Redenção, v. 8, n. 1, p. 33-53, 30 jul. 2024. Disponível em: https://revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/1636. Acesso em: 24 jul. 2024.

SOLEDADE, C. de L. V. Realizações do objeto direto anafórico de terceira pessoa em cartas de ilustres do século XIX. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 434-444, 04 abr. 2011. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1407. Acesso em: 24 jul. 2024.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

2

Cassio Murilio Alves de Lavor
Aluiza Alves de Araújo

OS VERBOS *BOTAR* E *COLOCAR* NO FALAR CULTO DE FORTALEZA/CE EM SITUAÇÕES DE BAIXO MONITORAMENTO ESTILÍSTICO SOB A ÓTICA VARIACIONISTA

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-325-7.2

INTRODUÇÃO

A concorrência entre os verbos *botar* e *colocar,* no Português do Brasil, doravante PB, representa mais um dos incontáveis fenômenos variacionistas presentes na fala de diferentes comunidades brasileiras. Todavia, esse fenômeno não é observado no Português de Portugal, doravante PE, onde, em conformidade com os pesquisadores Batoréo e Casadinho (2009), esses verbos não se comportam como variantes[1] de uma mesma variável linguística, haja vista esses verbos possuírem sentidos semânticos já bem estabelecidos e consolidados na comunidade lusitana.

Além da concorrência registrada entre *botar* e *colocar*, ainda se percebe que existe uma atribuição de valor ao verbo *botar*, considerado como popular ou errado, logo, de menor valor social, em comparação com seu concorrente *colocar*, considerada a forma correta, de maior valor social, logo, a forma mais prestigiada, principalmente na escrita. No entanto, esse valor atribuído ao verbo *botar* não possui respaldo nas gramáticas pesquisadas, como a de Bechara (2015), a de Ferreira (2003) e a de Rocha Lima (1992), e nem nos dicionários, como o do Bechara (2011), o do Luft (2005) e o do Ximenes (2000), o que se pode inferir que essa valoração está ancorada no senso comum, como defende a pesquisa de Lavor, Araújo e Viana (2023).

Assim, para esta pesquisa, considera-se que o verbo *colocar* é a forma incentivada pelas escolas, que a tratam como a forma culta[2], enquanto o verbo *botar* é aqui considerado como a forma inovadora, logo, corrigida, nas escolas como desvio, isso nos textos escritos, principalmente em cursos preparatórios para concursos e ENEM.

1 O termo variante é usado para referir as diferentes maneiras de dizer a mesma coisa do ponto de vista da língua (Labov, 2008).

2 O termo fala culta, ou português culto, adotado nesta pesquisa está em consonância com o entendimento de Lucchesi (2004) que esse reflete o conjunto de formas "[...] efetivamente depreendidas da fala dos segmentos plenamente escolarizados, ou seja, dos falantes com curso superior completo" (Lucchesi, 2004, p. 65).

Em uma pesquisa bibliográfica sobre o fenômeno variacionista entre os verbos em pauta, foi possível identificar alguns trabalhos no PB e PE, em diferentes comunidades e bancos de dados, a saber: Aguillera e Yida (2008); Batóreo e Casadinho (2009); Araújo (2010); Batoréo (2010); Batoréo e Casadinho (2010); Barreto, Oliveira e Lacerda (2012); Chaves (2014); Carmo e Araújo (2015); Lavor (2018); Lavor, Araújo e Viana (2018); Lavor e Araújo (2019); Lavor, Viana e Araújo (2019); Lavor, Vieira e Araújo (2019); Lavor, Araújo e Viana (2020); Araújo, Lavor e Pereira (2020); Lavor, Araújo e Pereira (2020); Lavor, Lima e Bazenga (2021); e Lavor, Araújo e Viana (2023).

Ademais, observou-se que, em todos os trabalhos variacionistas, que adotam os pressupostos teóricos e metodológicos desenvolvidos por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (2008), os resultados apontam, em média, o verbo *botar* como o mais frequente nas amostras analisadas com 64,13%, contrapondo-se a uma minoria de 35,87%, que usa o verbo *colocar*. Assim, a ciência e a metodologia passaram a ser usados como filtro na definição das pesquisas que serviram como norteadoras deste trabalho, direcionando a construção das hipóteses iniciais e a escolha das variáveis linguísticas controladas, já que as variáveis sociais são provenientes da estratificação do banco de dados.

Dito isso, esta pesquisa é delineada a partir de um questionamento: como se comportam os verbos *botar* e *colocar* na fala culta cearense em situações de baixo monitoramento estilístico, como é o D2? A partir deste questionamento, definiu-se como objetivo central analisar a concorrência entre os verbos *botar* e *colocar* no tipo de registro D2 do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) Fase II.

Já como objetivos específicos definiram-se: i) verificar, à luz da teoria da variação e mudança linguística, qual verbo sob análise é mais produtivo na amostra analisada; ii) verificar quais variáveis linguísticas (*traço semântico e animacidade do objeto*, (*in*)*determinação*

do sujeito, *papel do falante*, *tópico discursivo*, *segmento tópico ou assunto*, *natureza do tópico discursivo*, *relação do locutor com o tópico discursivo*, *tempo verbal e formas verbais*, e *sentido traduzido pelo verbo*) e extralinguísticos (*sexo*, *faixa etária* e *localidade*) condicionam o uso do verbo *botar* nas amostras de fala pesquisadas; iii) conferir se o fenômeno representa um caso de variação estável ou de mudança em progresso na fala culta fortalezense no D2.

Esta pesquisa se justifica inicialmente por contribuir com uma fotografia sociolinguística sobre o fenômeno variacionista entre os verbos *botar* e *colocar*. Além disso, ela atende sugestões de outras pesquisas variacionistas, realizadas na fala culta, a partir de uma ampliação das variáveis linguísticas controladas. As hipóteses iniciais, construídas a partir das pesquisas norteadoras de Carmo e Araújo (2015) e Lavor, Lima e Bazenga (2021), estão expostas na seção da metodologia desta pesquisa.

Diante do exposto, esta pesquisa está estruturada na seguinte forma: nesta parte introdutória, apresentam-se a problemática em estudo, as questões da pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos, além da justificativa; a segunda traz uma resenha sobre os trabalhos norteadores deste estudo, a revisão bibliográfica; a terceira apresenta uma seção com os pressupostos teóricos que possibilitam este estudo; a quarta seção traz a metodologia utilizada na construção desta; a quinta seção apresenta os resultados estatísticos e a discussão desses; a sexta seção expõe as conclusões alcançadas ou considerações finais; e, por fim, as referências utilizadas neste texto.

Na próxima seção, destaca-se a revisão bibliográfica dos trabalhos selecionados como norteadores desta pesquisa.

BOTAR E COLOCAR NO BANCO DE DADOS PORCUFORT

Como já registrado, em uma busca por trabalhos a respeito dos verbos *botar* e *colocar* foram localizados um total de dezoito pesquisas: Aguilera e Yeda (2008); Batóreo e Casadinho (2009); Batóreo e Casadinho (2010); Batoréo (2010); Araújo (2010); Barreto; Oliveira e Lacerda (2012); Chaves (2014); Carmo e Araújo (2015); Lavor (2018); Lavor, Araújo e Viana (2018); Lavor e Araújo (2019); Lavor, Viana e Araújo (2019); Lavor, Vieira e Araújo (2019); Lavor, Araújo e Viana (2020); Araújo, Lavor e Pereira (2020); Lavor, Araújo e Pereira (2020); Lavor, Lima e Bazenga (2021); e Lavor, Araújo e Viana (2023).

No entanto, os trabalhos elencados foram realizados a partir de um recorte de diferentes bancos de dados e distintas localidades, além de alguns desses não trabalharem com os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Assim, optou-se por fazer um recorte e apresentar aqui apenas dois trabalhos, Carmo e Araújo (2015) e Lavor, Lima e Bazenga (2021), que trabalham com o mesmo banco de dados desta pesquisa e usam a metodologia e os pressupostos concernentes à Sociolinguística Variacionista.

O trabalho de Carmo e Araújo (2015), "Os verbos botar e colocar no falar culto de Fortaleza; uma fotografia sociolinguística", analisa os verbos *botar* e *colocar*, controlando fatores linguísticos e extralinguísticos, sob a perspectiva Variacionista, a partir de dados provenientes do *corpus* do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza, PORCUFORT Fase I - período de 1993 e 1995.

Assim, foi usada uma amostra contendo 35 informantes estratificados em *sexo* (masculino e feminino), *faixa etária* (I - 22 a 35 anos, II - 36 a 50 anos e III - a partir dos 50 anos de idade) e *tipo de registro* (D2 e DID). Ademais, controlaram também as variáveis linguísticas: *papel do falante*, *sentido do verbo*, *indeterminação do sujeito do verbo*, *locução verbal*, *tipo de sequência* e *tempo verbal*.

Após retirados os nocautes apresentados em uma primeira rodada binária, nos grupos de fatores *tempo verbal*, no fator *futuro do presente do subjuntivo*, *imperativo afirmativo* e *futuro do pretérito do indicativo*, o programa computacional GoldVarb X selecionou um total de 296 ocorrências, em que 167 (56,40%) foram para a variante *botar* e 129 (43,60%) para a variante *colocar*. Além disso, os grupos de fatores *sexo*, *sentido do verbo* e *tempo verbal*, nessa ordem, foram selecionados como relevantes para a aplicação da regra variável, usando o verbo *botar* como valor de aplicação. Todavia, os demais grupos de fatores controlados não foram selecionados como relevantes para a aplicação do verbo *botar*.

No tocante às variáveis selecionadas como favorecedoras do verbo *botar*, o grupo de fatores *tempo verbal* apresentou como maior aliado do verbo *botar* os fatores: *presente do subjuntivo* (0,706), *pretérito imperfeito do indicativo* (0,644), *pretérito perfeito do indicativo* (0,592) e o *presente do indicativo* (0,549). Além disso, as autoras controlaram as *formas nominais* (*infinitivo*, *gerúndio* e *particípio*) junto com os *tempos verbais* e concluíram que o *gerúndio* (0,512) age de forma praticamente neutra, enquanto o *particípio* (0,071) e o *infinitivo* (0,489) atuam como inibidores da regra variável.

O grupo de fatores *sentido do verbo* foi selecionado como o segundo maior aliado do verbo *botar*, apontando o *traço + concreto* (0,567) como o único favorecedor do verbo *botar*, enquanto o *traço + abstrato* (0,425) atua como inibidor da regra. A variável *sexo* foi apontada como a última favorecedora da regra variável, destacando o *sexo masculino* (0,558), de forma pouco expressiva, como aliado do verbo *botar* e o *sexo feminino* (0,435), como inibidor da regra.

Em suas conclusões finais, as autoras destacaram que há muito para se pesquisar sobre a variação dos verbos *botar* e *colocar* e reconheceram que se poderia ter ampliado os limites de sua pesquisa, estabelecendo comparações com outros *corpora*, como o NORPOFOR e acrescentando mais grupos de fatores, além de recomendarem que trabalhos futuros sigam nessa direção, sugestão essa que esta pesquisa acolheu.

A segunda pesquisa é a de Lavor, Lima e Bazenga (2020), "A variação dos verbos *botar* e *colocar* no falar culto fortalezense: um estudo em tempo real", que traz uma análise em tempo real da variação dos verbos *botar* e *colocar* no falar culto do fortalezense a partir de amostras de fala de dois *corpora*, PORCUFORT Fase I e Fase II, no tipo de registro DID.

Para essa pesquisa os autores controlaram as seguintes variáveis linguísticas: *traço semântico e animacidade do objeto*, *determinação do sujeito*, *papel do falante*, *sentido traduzido pelo verbo*, *tópico ou assunto no momento da ocorrência do fenômeno* e *natureza do tópico discursivo*. Além dessas variáveis, controlaram também as varáveis extralinguísticas: *sexo*, *faixa etária* e *banco de dados*, nas duas amostras do PORCUFORT.

Os resultados dessa pesquisa são apresentados separados por banco de dados, ou seja, resultados provenientes do PORCUFORT Fase I e em seguida do PORCUFORT Fase II. Assim, para os resultados com dados do PORCUFORT Fase I, os autores selecionaram um total de 180 ocorrências, 94 (52,20%) para *botar* e 86 (47,80%) para *colocar*, além de o programa computacional apresentar a variável *faixa etária*, *assunto no momento da ocorrência*, *sexo* e *traço semântico* e *animacidade do objeto*, nessa ordem de importância, como aliadas da regra variável, isso após a retirada dos nocautes.

Na primeira variável selecionada, *faixa etária*, foi destacado o fator *faixa III*, a partir de 56 anos, com 78,20% e PR 0,858, como o maior favorecedor do verbo *botar*, seguida da *faixa II*, 51,85% e PR 0,759, como o segundo fator favorecedor do verbo *botar*. Já o fator *faixa I*, 22 a 35 anos, se comportou como inibidor da regra variável.

Na segunda variável selecionada, *assunto no momento da ocorrência do fenômeno*, destacou-se o fator e*mpresa/prestadora de serviços*, com 73,10% e PR 0,890, como o maior favorecedor do verbo *botar*, seguido do fator l*azer*, 35,70% e PR 0,886, como o segundo maior favorecedor da regra variável, enquanto o fator *problemas de saúde*, 50,00% e PR 0,487, comportou-se como inibidor da regra variável.

Na terceira variável selecionada como aliada do verbo *botar*, *sexo*, destacou-se o *sexo masculino*, 62,10% e PR 0,765, como único favorecedor do verbo *botar*, enquanto o *sexo feminino*, 43,0% e PR 0,249, comportou-se como inibidor da regra variável. Já na quarta e última variável selecionada como relevante para o uso do *botar*, a varável *traço semântico e animacidade do objeto*, destacou o fator + *animado e + humano*, com 63,80% e PR 0,689, como favorecedor do verbo *botar*, enquanto o fator *traço – animado e + concreto*, 57,50% e PR 0,515, inibe o uso do verbo *botar*.

O GoldVarb X, nos resultados para o PORCUFORT fase II, após a retirada dos nocautes, apresentou 186 ocorrências totais, 111 (59,70%) para o verbo *botar* e 75 (40,30%) para o verbo *colocar*. Além disso, no melhor nível de análise, o programa selecionou os grupos de fatores *natureza do tópico discursivo*, *papel do falante*, *sexo* e (*in*)*determinação do sujeito*, nessa ordem de importância, como aliados da regra variável. Assim, na variável *natureza do tópico discursivo,* destacou-se o fator e*sfera pessoal*, 72,60% e PR 0,670, como favorecedor do verbo *botar*, enquanto o fator *esfera social*, com 25,50% e PR 0,133, revelou-se como inibidor do verbo *botar*.

Na segunda variável selecionada, p*apel do falante*, destacou-se o fator *experienciador*, com 64% e PR 0,627, como o grande favorecedor do verbo *botar*, enquanto o fator *agente*, com 55,60% e PR 0,289, o fator *beneficiário*, com 33,30% e PR 0,185, e o fator *paciente*, com 38,50% e PR 0,176, comportaram-se como inibidores do verbo *botar*.

Na terceira variável selecionada, *sexo*, destacou-se o fator *feminino*, com 69,50% e PR 0,614, como o único a favorecer o verbo *botar*, enquanto o fator *masculino*, com 49,50% e PR 0,381, comportou-se como inibidor da regra variável, ou seja, no PORCUFORT fase II, as mulheres usam mais o verbo *botar* em comparação com o verbo *colocar*.

Já na quarta e última variável selecionada, (*in*)*determinação do sujeito*, destaca-se o fator *determinado pelo contexto*, com 64,80% e PR 0,538, como único favorecedor da regra variável, enquanto o fator *genérico*, com 25,0% e PR 0,276, comportou-se como inibidor da regra variável.

Os autores, em suas considerações finais, entenderam que, com frequência de 52,20% e 59,70% para o verbo *botar*, no PORCUFORT fase I e PORCUFORT fase II, respectivamente, há uma tendência de uso da forma estigmatizada *botar*, em detrimento da sua concorrente *colocar*, considerada de maior prestígio social.

Entendemos que usar o termo estigmatizado requer uma pesquisa de crenças e atitudes, não realizada ainda, portanto os autores pediram emprestado um termo advindo dos estudos de Labov (2008), sem, no entanto, possuírem dados que comprovem a estigmatização do verbo *botar*.

Os resultados aqui apresentados, considerando sua importância, levaram ao entendimento de que as variáveis controladas nas pesquisas de Carmo e Araújo (2015) e Lavor, Lima e Bazenga (2021) deverão ser também controladas em pesquisas futuras, além desses resultados nortearem a construção das hipóteses iniciais, pois essas variáveis comportaram-se como condicionadoras do verbo botar nos dois trabalhos.

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Estudar um determinado fenômeno linguístico requer, primeiramente, um entendimento de que todas as línguas mudam o tempo todo e que elas não estão paralisadas enquanto a humanidade se

desenvolve e agrega novas tecnologias, juntamente com múltiplas experiências em seu entorno. Isso partindo de um entendimento sociolinguístico, que percebe a língua a partir de uma perspectiva de que ela é um conjunto estruturado de normas sociais e que "é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros" (Labov, 2008, p. 215).

Assim, para a sociolinguística, a língua, em toda sua magnitude e complexidade, é intrinsecamente resultante da interação social praticada pelos indivíduos, logo, sujeita às peculiaridades que definem os grupos sociais e suas histórias de ser e pensar o mundo. Infere-se, então, que a língua é tão heterogênea como os grupos que dela fazem uso, portanto, ela muda, ela se reconstrói e se adapta em função de contextos sociais e históricos.

Esse entendimento a respeito da língua nasce a partir dos estudos de Labov (2008) e Weinreich, Labov e Herzog (2006), na década de sessenta, que, contrapondo-se a um modelo de língua homogênea defendido por Saussure, o estruturalismo, e Chomsky, o gerativismo, acompanha uma discussão a respeito de uma língua estruturada no seio social defendida por estudiosos como Meillet (1866-1936), Marr (1865-1934) e Bakhtin (1895-1975), consoante Coelho *et al.* (2015).

Dessa forma, Labov (2008) desponta como o precursor da Sociolinguística Variacionista no cenário mundial, ao desenvolver uma metodologia própria capaz de mensurar a variação que a fala apresenta em seus diferentes contextos comunicativos, a partir de sua pesquisa em *Martha's Vineyard*, *Massachusetts* (1963), sobre "A história social de uma mudança sonora dos ditongos /ay/ e /aw/, no contexto da comunidade em que ela ocorre", sua dissertação de mestrado, e em seguida, sobre "A estratificação social do inglês na cidade de Nova Iorque (1966)", sua tese de doutorado.

Logo, se anteriormente às teorias de William Labov, a linguística desconsiderava as regras variáveis, entendendo que as variantes linguísticas não possuíam "valor ou não cumpriam funções no processo comunicativo, o que poderia refletir uma espécie de caos", conforme Camacho (2006), após seus estudos, a língua passa a ser apresentada a partir de uma perspectiva que enxerga a língua como sendo heterogênea, a Sociolinguística.

Dessa forma, considera-se hoje, consoante as fundamentações teóricas de Weinreich; Labov; Herzog (2006), haver dois princípios básicos para se estudar a língua: 1) deixar de identificar estrutura linguística com homogeneidade e conceber como opção racional a possibilidade de descrever ordenadamente a diferenciação numa língua que serve à comunidade; 2) entender que as gramáticas nas quais uma mudança linguística ocorre representam gramáticas de comunidade de fala. Entende-se, ainda, que tais princípios estão concatenados à heterogeneidade sistemática da língua.

Dito isso, concluímos afirmando que esta pesquisa parte desse entendimento defendido por William Labov, ou seja, que todas as línguas mudam, que a variação é inerente a todas elas e que ela é contemplada como instrumento de comunicação usado por falantes de uma comunidade de fala, num sistema de associações comumente aceito entre formas arbitrárias e seus significados.

Logo, esta pesquisa analisa a regularidade da variação em termos de frequência das variantes *botar* e *colocar*, descrevendo os ambientes extralinguísticos ou sociais que se apresentam como mais significativos para a atuação do fenômeno l inguístico estudado.

A seguir, apresenta-se o percurso metodológico desta pesquisa.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008; Weinreich; Labov; Herzog, 2006) e trata de analisar a variação dos verbos *botar* e *colocar* no falar culto fortalezense, usando um recorte do banco de dados PORCUFORT II, no tipo de registro D2.

Assim, para sua realização, fez-se necessária a audição dos inquéritos selecionados do banco de dados, o registro das ocorrências e a codificação dessas, consoante o envelope de variação. Concluída essa etapa, as ocorrências codificadas foram tratadas no programa computacional GoldVarb X, que ofereceu resultados estatísticos de frequência[3] e Pesos Relativos (PR)[4], com os quais foi possível inferir se a ocorrência da variante usada como valor de aplicação[5] da regra variável, nesse caso a variante *botar*, está condicionada aos fatores controlados, linguísticos e extralinguísticos.

Dessarte, entende-se que esta pesquisa possui um caráter descritivo e quantitativo. Ela é descritiva, pois "visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis" (Prodanov; Freitas, 2013, p. 52). Já o caráter quantitativo é defendido em razão de poder considerar-se o que "pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las" (Prodanov; Freitas, 2013, p. 69).

3 A frequência é definida pela proporção de ocorrência da variante usada como aplicação da regra em contraste com sua concorrente, "é uma razão cujo numerador está contido no denominador, como, por exemplo, a/(a+b)". (Guy; Zilles, 2007, p. 81).

4 O Peso Relativo das variáveis, em que PR<0,5, PR=0,5 e PR>0,5, indicam, respectivamente, desfavorecimento, neutralidade e favorecimento de uma variável independente em relação à variante escolhida como aplicação da regra.

5 Em uma análise feita pelo programa Varbrul, "o pesquisador deve escolher qual das variantes será tratada como aplicação da regra e, ao realizar a rodada dos dados, deve informar ao programa o respectivo código dessa variante" (Guy; Zilles, 2007, p. 229).

Esta pesquisa é parte de um estudo maior, uma Tese de Doutorado, realizada a partir de amostras de fala de dois corpora, o PORCUFORT Fase I e o PORCUFORT Fase II, em dois tipos de registros, DID e D2, com um total de 72 informantes, estratificados em: *sexo* feminino (36 informantes) e masculino (36 informantes); *faixa etária I* (24 informantes), *faixa etária II* (24 informantes), *faixa etária III* (24 informantes), 36 do tipo de registro DID e 36 do tipo de registro D2. Todavia, esta pesquisa trabalha unicamente com o banco de dados PORCUFORT II e o tipo de registro D2, pois os resultados adquiridos com esse recorte se destacaram, pela sua importância, para o estudo sobre a variação entre os verbos *botar* e *colocar*.

A partir dos trabalhos que norteiam esta pesquisa, algumas hipóteses iniciais foram levantadas, a saber:

1) *botar* é mais produtivo em amostras de fala do PORCUFORT Fase II;

2) os homens favorecem o verbo *botar*, ao contrário das mulheres, que o inibem;

3) os mais velhos favorecem o verbo *botar*, em detrimento dos mais jovens que inibem esse verbo;

4) os adultos, faixa etária II, favorecem o verbo *botar* na amostra analisada;

5) o sujeito *determinado pelo contexto* favorece o verbo *botar* na amostra analisada;

6) sentença em que o sintagma nominal é +*animado* e +*humano* beneficia o *botar*;

7) na atuação da variável *papel do falante*, quando o locutor for *agente* da ação verbal, a aplicação da regra é favorecida; já, quando o locutor for *paciente*, *experienciador* ou quando não se pode identificar o papel do falante, o verbo *botar* é inibido;

8) dentre os *tópicos discursivos*, os fatores *empresa*[6], *trabalho*[7] e *religião*[8] inibem o verbo *botar,* ao contrário dos fatores *lazer, relacionamentos e discussões* que beneficiam o uso desse verbo;

9) a relação do locutor com o *tópico discursivo* é favorecida quando há relação de *envolvimento* entre o locutor e o assunto discutido no momento da ocorrência do fenômeno; é inibida quando a relação for de *distanciamento* entre locutor e o *tópico discursivo* e quando não der para se definir o envolvimento do locutor com o tópico discursivo no momento da ocorrência do fenômeno, ou for uma relação de *neutralidade*;

12) o verbo *botar* é favorecido quando o segmento tópico ou assunto for *lazer*[9], *vestuário*[10], e *política*[11], no entanto, o verbo *botar* é inibido quando o assunto for *religião*[12], *trabalho*[13] e *escola*[14];

6 Este fator é formado pelo amálgama de tópicos relacionados a lugar físico ou virtual no qual as pessoas se encontram para exercer atividades remuneradas, como empresas, repartição, instituição, fábricas, ferramentas digitais, prestadora de serviços, órgãos públicos, redes sociais.

7 Este fator é formado pelo amálgama de tópicos relacionados a trabalho, profissão, ocupação, emprego e ofício.

8 Este fator é formado pelo amálgama de tópicos relacionados à religião, legislação, ideologia, filosofia, história em toda sua complexidade, mas não se trata de recordações ou lembranças pessoais. Aqui é inserido um assunto ou um questionamento amplo.

9 Fator formado pelo amálgama de segmentos tópicos/assuntos referentes a lazer, viagens, comemorações, passeios, eventos, filmes e festas.

10 Fator formado pelo amálgama de segmentos tópicos/assuntos referentes a vestuário em geral, roupas, a ação de vestir-se, calçar-se, usar joias em geral, falar de moda, arrumar-se e ornamentar o cabelo.

11 Fator formado pelo amálgama de segmentos tópicos/assuntos referentes à política (nacional, estadual, regional e local). os informantes discutem questões sobre eleições, mandatos do executivo, legislativo e judiciário.

12 Fator formado pelo amálgama de segmentos tópicos/assuntos referentes à religião, legislação, ideologia, filosofia, história em toda sua complexidade, mas não se trata de recordações ou lembranças pessoais. Aqui é inserido um assunto ou um questionamento amplo.

13 Fator formado pelo amálgama de segmentos tópicos/assuntos referentes a trabalho, profissão, ocupação, ofício.

14 Fator formado pelo amálgama de segmentos tópicos/assuntos referentes à vida escolar, acadêmica, faculdade, estudos em geral, ensinar, aprender.

13) dentre os sentidos materializados pelo verbo, o que mais favorece (juntamente com *outras formas lexicais* no mesmo campo semântico amalgamados) o uso do verbo *botar* é o *expelir* (N)[15], o *Introduzir* (A)[16], o *Fixar* (I)[17], o *salpicar* (W)[18], o *vestir* (P)[19]; já os sentidos que inibem o uso do verbo *botar* são: *Matricular* (J)[20], *contratar* (L)[21] e *adiar* (Z)[22];

14) as regionais SEFOR I, SEFOR II, SEFOR III, SEFOR V e SEFOR VI favorecem o verbo *botar*;

15) o tempo verbal no *presente* e no *passado* favorece o verbo *botar*, juntamente com a forma nominal no *infinitivo*, já os demais fatores inibem o uso do verbo *botar*;

16) a alternância entre os verbos *botar e colocar* representa um caso de variação estável na amostra analisada.

Na próxima seção, apresenta-se os resultados da pesquisa juntamente com as discussões pertinentes.

15 Fator formado pelo amálgama dos verbos *botar* e *colocar* com força semântica de expelir, vomitar, lançar fora, demitir, expulsar, parir, empurrar, derrubar, excluir, demitir, aposentar.

16 Fator formado pelo amálgama dos verbos *botar* e *colocar* com força semântica de introduzir objeto/pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar, engolir, comer, entrar em um lugar, plantar algo.

17 Fator formado pelo amálgama dos verbos *botar* e *colocar* com força semântica de fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar, costurar.

18 Fator formado pelo amálgama dos verbos *botar* e *colocar* com força semântica de salpicar, pôr de leve, temperar, espalhar, misturar, derramar sobre, incendiar ou colocar fogo em algo.

19 Fator formado pelo amálgama dos verbos *botar* e *colocar* com força semântica de vestir-se, calçar-se, usar joias, adereços, ornar o cabelo, trançar os cabelos, pendurar brincos.

20 Fator formado pelo amálgama dos verbos *botar* e *colocar* com força semântica de matricular, se inscrever, prender e internar.

21 Fator formado pelo amálgama dos verbos *botar* e *colocar* com força semântica de contratar pessoa ou serviço, empregar pessoa, escalar para algo, eleger alguém.

22 Fator formado pelo amálgama dos verbos *botar* e *colocar* com força semântica de adiar um evento ou encontro, transferir data, um evento, uma pessoa de lugar.

RESULTADOS ESTATÍSTICOS E DISCUSSÃO

Em uma rodada inicial, usando o verbo *botar* como valor de aplicação, com dados do PORCUFORT Fase II, com informantes selecionados do tipo de registro D2, o menos formal do banco utilizado, o programa computacional detectou 24 nocautes[23], a saber: 1 nocaute no grupo de fatores *Localidade* no fator *SEFOR V*, com apenas duas ocorrências totais para o verbo *colocar*; 6 nocautes no grupo de fatores *Tópico Discursivo*, 1 no fator *problemas*[24], com 100% das ocorrências (2) para o verbo *botar*, 1 no fator *trabalho*[25] com 100% das ocorrências (6) para o verbo *botar*, 1 no fator *preparar*[26] com apenas uma ocorrência para o verbo *botar*, 1 nocaute no fator *saúde*[27] com 100% das ocorrências (9) para o verbo *botar*, 1 nocaute no fator *Transporte*[28] com 100% das ocorrências (2) para o verbo *botar*, 1 nocaute no fator *Rotinas*[29] com apenas uma ocorrência para o verbo *botar*.

23 Nocaute ou *knockOut* é uma terminologia de análise do GoldVarb X usada em todos os programas da série Varbrul, "que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente" (Guy; Zilles, 2007, p. 158). Em outras palavras, os nocautes são as indicações de fatores ou grupos de fatores que se configuram como categóricos, ou seja, as variantes não competem com base nesses fatores ou grupos de fatores indicados.

24 Fator formado pelo amálgama dos tópicos discursivos relacionados a: problemas ou situações financeiras, negociações, compra, venda, contratação de serviço e pessoal.

25 Fator formado pelo amálgama dos tópicos discursivos relacionados a: trabalho, profissão, ocupação, ofício, bico, etc.

26 Fator formado pelo amálgama dos tópicos discursivos relacionados a: preparo de alimentos e bebidas, servir algo, preparar receitas em geral, organizar algo.

27 Fator formado pelo amálgama dos tópicos discursivos relacionados a: problemas de saúde, problemas psicológicos, TEA, TDAH, doenças, questões com gravidez, tratamentos e cirurgias em geral (não entram questões de saúde pública, ministério da saúde, órgãos políticos).

28 Fator formado pelo amálgama dos tópicos discursivos relacionados a: transportes em geral, trânsito, locomoção de um lugar para outro.

29 Fator formado pelo amálgama dos tópicos discursivos relacionados a: rotinas e trabalhos domésticos. É quando o informante está falando sobre suas tarefas dentro de casa.

Além desses, ocorreram mais 6 nocautes no grupo de fatores *Segmento, Tópico ou Assunto no momento da ocorrência do fenômeno*, com um 1 no fator *Trabalho*[30] com 100% das ocorrências (4) para *botar*, 1 no fator *Transporte*[31] com apenas uma ocorrência para *botar*, 1 no fator *Violência*[32] com 100% das ocorrências (9) para *botar*, 1 no fator *Religião*[33] com apenas uma ocorrência para *botar*, 1 no fator *Política*[34] com 100% das ocorrências (4) para *colocar*, 1 no fator *roupas*[35] com apenas uma ocorrência para *botar*.

E, ainda, ocorreu um nocaute no grupo de fatores *Tempo Verbal e Formas Nominais*, com 1 nocaute no fator *Gerúndio*, com 100% das ocorrências (4) para o verbo *botar* e 10 nocautes no grupo de fatores *Sentido Traduzido pelo Verbo*, sendo 1 no fator **W**[36] com 100% das ocorrências (4) para o verbo *botar*, 1 no fator **Z**[37] com 100% das ocorrências (2) para *botar*, 1 no fator **L**[38] com 100% das ocorrências (3) para *botar*, 1 no fator **N**[39] com 100% das ocorrências (3) para o *botar*,

30 Fator formado pelo amálgama dos assuntos relacionados a: trabalho, profissão, ocupação, ofício etc.

31 Fator formado pelo amálgama dos assuntos relacionados a: transportes em geral, estacionar, trânsito, dirigir, locomoção de um lugar para outro.

32 Fator formado pelo amálgama dos assuntos relacionados a: violência em geral, problemas, discussões, discórdias, questões com a justiça, envolvimento com a polícia, processos, julgamentos.

33 Fator formado pelo amálgama dos assuntos relacionados a: temas religião, legislação, ideologia, filosofia, história em toda sua complexidade, mas não se trata de recordações ou lembranças pessoais. Aqui é inserido um assunto ou um questionamento amplo.

34 Fator formado pelo amálgama dos assuntos relacionados a: política (nacional, estadual, regional e local). Os informantes discutem questões sobre eleições, mandatos do executivo, legislativo e judiciário.

35 Fator formado pelo amálgama dos assuntos relacionados a: roupas, vestir-se, calçar, usar joias em geral, falar de moda, arrumar-se, ornamentar o cabelo etc.

36 Fator formado pelo amálgama do uso do verbo *botar* e *colocar* com valor semântico de: salpicar, pôr de leve, temperar, espalhar, misturar, derramar sobre, incendiar ou colocar fogo em algo.

37 Fator formado pelo amálgama do uso do verbo *botar* e *colocar* com valor semântico de: adiar, transferir data, um evento, uma pessoa.

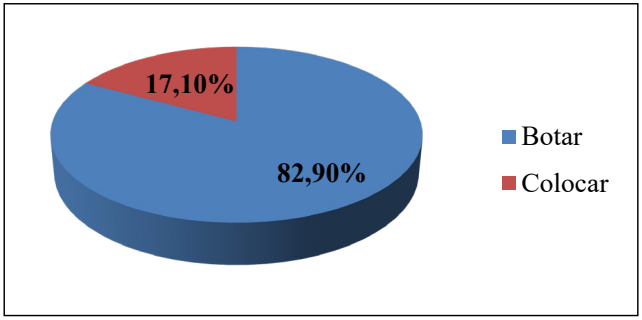
38 Fator formado pelo amálgama do uso do verbo *botar* e *colocar* com valor semântico de: contratar pessoa ou serviço, empregar pessoa, escalar para algo, eleger alguém.

39 Fator formado pelo amálgama do uso do verbo *botar* e *colocar* com valor semântico de: expelir, vomitar, lançar fora, demitir, expulsar, parir, empurrar, derrubar, excluir, demitir, aposentar.

1 no fator **T**[40] com apenas uma ocorrência para o verbo *botar*, 1 no fator **V**[41] com apenas uma ocorrência para *botar*, 1 no fator **G**[42] com 100% das ocorrências (5) para *botar*, 1 no fator **P**[43] com 100% (5) das ocorrências para *botar*, 1 no fator **M**[44] com apenas uma ocorrência para *botar*, 1 no fator **K**[45] com 100% das ocorrências (3) para *botar.*

Após a retirada dos nocautes, mas mantendo as ocorrências totais, o programa computacional apresentou um total de 140 ocorrências, 116 para o verbo *botar* e 24 para o verbo *colocar*. Logo, percebe-se que o verbo *botar* apresenta uma frequência muito superior ao verbo *colocar*, como demonstra o Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 — Frequência das variantes concorrentes no POTCUFORT II no registro D2



Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

40 Fator formado pelo amálgama do uso do verbo *botar* e *colocar* com valor semântico de: depositar dinheiro, confiar algo a alguém ou em alguém, guardar, investir, somar, pagar boletos ou contas.

41 Fator formado pelo amálgama do uso do verbo *botar* e *colocar* com valor semântico de: registrar, nomear, batizar.

42 Fator formado pelo amálgama do uso do verbo *botar* e *colocar* com valor semântico de: iniciar, incentivar a algo, acreditar em alguém, induzir, ensinar, recomendar, aprender, estudar.

43 Fator formado pelo amálgama do uso do verbo *botar* e *colocar* com valor semântico de: vestir-se, calçar-se, usar joias, adereços, ornar o cabelo, trançar os cabelos, pendurar brincos.

44 Fator formado pelo amálgama do uso do verbo *botar* e *colocar* com valor semântico de: atribuir algo a alguém, imputar, atribuir valor, submeter alguém a algo.

45 Fator formado pelo amálgama do uso do verbo *botar* e *colocar* com valor semântico de: trazer à consideração, exemplificar, comentar sobre, elogiar, advertir, denunciar, constranger, criar uma discussão, divergir, encerrar uma fala.

O Gráfico 1 não deixa dúvidas de que o verbo *botar* é o mais frequente na amostra analisada com 82,90%, enquanto o seu concorrente, o verbo *colocar*, apresenta apenas 17,10%. Esses resultados numéricos corroboram a hipótese inicial de que "*botar* é mais produtivo do que *colocar* em amostras de fala do D2 do PORCUFORT II", como demonstra o Gráfico 1. Além disso, o objetivo específico inicial de "verificar, à luz da teoria da variação e mudança linguística, qual verbo analisado é mais produtivo na amostra analisada" foi exitoso.

No melhor nível de análise, *input* 0,885 e *significance* 0,011, o GoldVarb X definiu a *Faixa Etária*, o *Tópico Discursivo* e a *Relação do Locutor com o Tópico Discursivo*, nessa ordem, como variáveis relevantes para a aplicação da regra variável. Já as demais variáveis, elencadas na seção da metodologia, não foram selecionadas.

Dessarte, o objetivo específico da pesquisa, verificar quais variáveis linguísticas e extralinguísticas condicionam o uso do verbo *botar* em situações de baixo monitoramento estilístico, também foi exitoso, já que os resultados estatísticos apresentam essas variáveis. Dito isso, vejamos como esses grupos de fatores selecionados se comportaram como condicionadores do verbo *botar*, a partir das tabelas que se seguem.

Tabela 1 — Atuação da variável Faixa Etária sobre o verbo botar no PORCUFORT II no D2

FATORES	APLICA/TOTAL[46]	%	PR
22 a 35 anos	29/39	74,40%	0,379
36 a 55 anos	49/50	98,00%	**0,775**
+ 56 anos	38/51	74,50%	0,303

Input 0,885 *significance* 0,011

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

46 O numerador *Aplica* refere-se ao número de ocorrências obtidas apenas para o fator de aplicação, o verbo *botar,* já o denominador *Total* engloba todas as ocorrências obtidas para ambos os verbos da rodada.

A variável *faixa etária*, ao longo das pesquisas sobre a variação entre o verbo *botar* e o verbo *colocar*, tem sido confirmada como de importância inquestionável, haja vista ela estar sempre presente no grupo das variáveis sociais relevantes para a aplicação do verbo *botar*. Assim, não houve surpresa em sua seleção como relevante para a aplicação da regra variável em dados de fala do tipo de registro D2.

No entanto, observou-se uma particularidade que deve ser observada, pois, nesta pesquisa, os resultados, no que concerne à faixa etária III, pessoas com 56 anos ou mais, divergem dos resultados apresentados pelas pesquisas de Carmo e Araújo (2015) e Lavor, Lima e Bazenga (2021), além dos resultados apresentados em todas as pesquisas sobre a variação dos verbos em pauta elencados na introdução deste trabalho. Essa divergência está no fato de esse fator ter se comportado aqui como inibidor do verbo *botar*, enquanto nas outras pesquisas ele se apresenta como favorecedor do verbo *botar*. Já os resultados para faixa etária I não apresentam surpresa, pois esse fator vem sendo confirmado como inibidor do verbo *botar* em todas as pesquisas realizadas.

A Tabela 1 demonstra que apenas a faixa etária II, 36 a 55 anos, favorece o uso do verbo *botar* com PR 0,775 e frequência 98,00% (49/50). Logo, a hipótese inicial é de que "os mais velhos favorecem o verbo *botar*, em detrimento dos mais jovens que inibem esse verbo" foi refutada no tocante à faixa etária III, haja vista essa não ter sido selecionada, mas foi confirmada no tocante à faixa etária I, pois os mais jovens inibem o uso do verbo *botar*.

Já a hipótese de que "os adultos, faixa etária II, favorecem o verbo *botar* nas amostras analisadas" foi totalmente confirmada. A variável social faixa etária foi controlada por todas as pesquisas que nortearam este trabalho e foi selecionada como relevante para a aplicação da regra variável em todas elas.

Além disso, esses resultados confirmam a hipótese inicial de que "a alternância entre os verbos *botar e colocar* representa um caso de variação estável na amostra analisada", pois consoante Labov (1990), em situações de variação estável, os jovens e os idosos apresentam o mesmo comportamento, contrastando com a população de meia idade, situação similar à apresentada aqui, pois os resultados demonstram que os jovens, faixa etária I (PR 0,379) e os idosos, faixa etária III (PR 0, 303) inibem o uso do verbo *botar*, contrapondo-se aos indivíduos de faixa etária II (PR 0,775), que favorecem o uso do verbo *botar*.

A Tabela 2 apresenta mais uma variável selecionada como relevante para a aplicação da regra, a *relação do locutor com o tópico discursivo*.

Tabela 2 — Atuação da variável *relação do locutor com o tópico discursivo* sobre o verbo *botar* no PORCUFORT II no D2

VARIÁVEL	APLICA/TOTAL	%	PR
Envolvimento	50/60	83,30%	0,460
Distanciamento	61/70	87,10%	**0,609**
Neutralidade	5/10	50,00%	0,107

Input 0,885 *significance* 0,011

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

Para essa variável, a hipótese inicial é de que "a relação do locutor com o *tópico discursivo* é favorecida quando há relação de *envolvimento* entre o locutor e o assunto discutido; a relação do locutor com o *tópico discursivo* é inibida quando a relação for de *distanciamento* entre locutor e o *tópico discursivo;* a *relação do locutor* com o *tópico discursivo* é inibida quando a relação for de *neutralidade* entre locutor e o *tópico discursivo*".

Os resultados estatísticos apresentados na Tabela 2 permitem inferir que a hipótese referente ao fator *distanciamento* do locutor com o tópico foi refutada, pois esse fator, com PR 0,609 e frequência de 87,10% (61/70), foi o único a favorecer o verbo *botar*. Já concernente ao fator *envolvimento*, que apresentou um PR 0,460 e frequência de 83,30 (50/60), pode-se considerar que a hipótese também foi refutada, pois esse fator não favorece o uso do verbo *botar*.

Esses resultados corroboram a hipótese inicial, quanto ao fator neutralidade, e refutam no que concerne ao fator envolvimento e distanciamento. Todavia, a hipótese referente ao fator *neutralidade* foi confirmada, pois, com PR 0,107 e frequência 50,00% (5/10), esse fator inibe o uso do verbo *botar*, como previa a hipótese inicial. Entre as pesquisas norteadoras deste trabalho, apenas Lavor, Lima e Bazenga (2021) controlaram essa variável, todavia essa não foi selecionada por essa pesquisa.

A tabela seguinte trata da variável *tópico discursivo* em amostras do tipo de registro D2 com dados do PORCUFORT II, selecionada como relevante para aplicação da regra.

Tabela 3 — Atuação da variável *tópico discursivo* sobre o verbo *botar* no PORCUFORT II no D2

VARIÁVEL	APLICA/TOTAL	%	PR
r[47]	41/51	80,40%	**0,501**
z[48]	6/7	85,70%	**0,603**
y[49]	25/26	96,20%	**0,723**
j[50]	6/7	85,70%	**0,657**

Input 0,885 *significance* 0,011

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

47 Fator formado pelo amálgama dos tópicos discursivos: recordações, lembranças, reflexões, opinião, considerações sobre. Obs.: o informante retoma um tempo passado.

48 Fator formado pelo amálgama dos tópicos discursivos: lazer, viagens, comemorações, eventos, filmes e festas.

49 Fator formado pelo amálgama dos tópicos discursivos: relacionamentos em geral, de amizade, de amor, materno, paterno, fraterno, profissional.

50 Fator formado pelo amálgama dos tópicos discursivos: violência, problemas, discórdias, discussões e questões com a justiça, envolve polícia, processos, julgamentos.

A hipótese inicial para esse grupo de fatores é de que "dentre os *tópicos discursivos*, o fator *empresa*, *trabalho* e *religião* inibem o verbo *botar,* ao contrário do fator *lazer, relacionamentos e discussões* que beneficia o uso desse verbo". Porém, dos dezoito fatores que compõem essa variável, apenas sete foram apresentados, haja vista o isolamento de alguns por nocautes, mas somente quatro se comportaram como favorecedores do verbo *botar*, a saber: o fato ***y***, que diz respeito a relações em geral, com PR 0,723 e frequência 96,20%; o fator **j**, englobando violência e discussões, com PR 0,657 e frequência 85,70% (6/7); fator **z**, relacionado a lazer, com PR 0,603 e frequência 85,70% (6/7); e o fator **r**, que diz respeito a recordações e reflexões, com PR 0,501 e frequência 80,40% (41/51).

Esses resultados estatísticos corroboram a hipótese inicial no que se refere às situações relacionadas à empresa, ao trabalho e à religião, pois, consoante a Tabela 3, esses fatores não foram selecionados, logo, entende-se que eles inibem o uso do verbo *botar*.

Já, no que se refere aos fatores relacionados a lazer, a relacionamentos em geral e a discussões, a hipótese foi confirmada, pois, como se pode observar na Tabela 3, esses fatores se comportam como favorecedores do verbo *botar*.

Entre os trabalhos que nortearam esta pesquisa, essa variável foi controlada por Lavor, Lima e Bazenga (2021); Araújo, Lavor e Pereira (2020); Lavor, Araújo e Viana (2020); Lavor e Araújo (2019); e Lavor (2018), sendo relevante para a aplicação da regra variável, o verbo *botar*, nos trabalhos de Lavor (2018); Lavor e Araújo (2019); Lavor, Araújo e Viana (2020); e Araújo, Lavor e Pereira (2020), todos esses com dados do NORPOFOR.

Esses resultados nos permitem inferir que as hipóteses iniciais referentes ao grupo de fatores *localidade*, ao *traço semântico* e à *animacidade do objeto*, à (*in*)*determinação do sujeito*, ao *papel do falante*, ao *segmento tópico* ou *assunto*, à *natureza do tópico discursivo*, ao *tempo verbal* e às *formas nominais* e ao *sentido traduzido*

pelo verbo, não foram refutadas e nem confirmadas, pois essas não foram selecionadas como relevantes para o uso do verbo *botar* na comunidade de fala analisada.

Apresentados os resultados estatísticos para essa rodada com dados do tipo de registro D2 do PORCUFORT Fase II, apresenta-se as considerações ou conclusões a respeito desta pesquisa variacionista sobre os verbos *botar* e colocar na fala culta fortalezense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados estatísticos apresentados pelo GoldVarb X com amostras do tipo de registro D2, retiradas do banco de dados PORCUFORT Fase II, foi possível confirmar a produtividade frequente do verbo *botar* em detrimento do verbo *colocar*, confirmando a literatura vigente que apresenta o verbo de menor prestígio social como o mais frequente em diferentes comunidades e bancos de dados, pois foram selecionadas 140 ocorrências, 116 (82,90%) para *botar* e 24 (17,10%) para *colocar*.

Além disso, esta pesquisa atendeu aos objetivos específicos e ao objetivo geral. Aqui foi possível reconhecer os grupos de fatores que condicionam o uso do verbo *botar*: a *faixa etária*, no fator *faixa etária* I (PR 0,775), a *relação do locutor com o tópico discursivo*, no fator *distanciamento* (PR 0,609), e o *tópico discursivo*, no fator *relacionamentos* (PR 0,723), *violência* e *discussões* (PR 0,657), *lazer* (PR 0,603) e *recordações* e *reflexões* (PR 0,501).

Foi possível, também, considerar que os demais grupos de fatores controlados não favorecem e nem inibem o uso do verbo *botar*, pois esses não foram selecionados como relevantes para a aplicação da regra variável. E também, foi possível inferir que a variação entre os verbos *botar* e *colocar* em amostras do D2 do PORCUFORT II é um caso de variação estável, consoante o entendimento do precursor dos estudos variacionistas, William Labov.

Em suma, os resultados aqui apresentados confirmam a literatura vigente sobre a variação entre os verbos *botar* e *colocar* em Fortaleza/CE, além de ratificar que alguns grupos de fatores que condicionam o uso desses verbos mantêm-se repetidamente em todas as amostras analisadas anteriormente a esta pesquisa. Logo, pode-se considerar que esses formam um retrato da variação entre esses verbos. Pode-se, ainda, aconselhar que futuras pesquisas apresentem rodadas específicas, usando a faixa etária como referência, haja vista essa variável ter se comportado como extremamente relevante para a variação entre os verbos pesquisados aqui.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. de.; YIDA, V. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não respostas de informantes das capitais. **Signum**: estudos linguísticos. Londrina, n. 11/2, p. 15-31, dez. 2008. Disponível em: www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/3040/2583. Acesso em: 17 jul. 2021.

ARAÚJO, J. G. G. **As construções com o verbo botar**: aspectos relativos à gramaticalização. 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8850/1/2010_dis_jggaraujo.pdf. Acesso em: 6 nov. 2017.

ARAÚJO, A. A. de; LAVOR, C. M. A. de; PEREIRA, M. L. de. S. Os verbos botar e colocar no falar de Fortaleza-CE. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, p. 65-83, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/31940. Acesso em: 20 fev. 2021.

BARRETO, K. H.; OLIVEIRA, N. F.; LACERDA, P. F. A. A variação dos verbos colocar e botar na modalidade oral. **Via Litterae**: Revista de Linguística e Teoria Literária, Anápolis, v. 4, n. 1, jan./jun., 2012. Disponível em: www.unucseh.ueg.br/vialitterae. Acesso em: 1 dez. 2013.

BATORÉO, H. J. Produtividade lexical, espaços mentais integrados e lexias compostas na Língua Portuguesa (PE e PB): o que a Linguística Cognitiva nos ensina sobre Língua e Cultura?. **Revista linguística**. *[S.l.]*, v. 6, n. 2, p. 1 – 15, Rio de Janeiro – RJ, dez., 2010. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4445/3217. Acesso em: 11 fev. 2023.

BATORÉO, H. J.; CASADINHO, M. Botar as mãos na massa? Estudo Cognitivo da produtividade lexical do verbo 'botar' no PE e PB". *In:* SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2., 2009, Évora. **Anais Eletrônicos** [...] Évora: Universidade de Évora, 2009. p. 37-55. Disponível em: http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg4/04.pdf. Acesso em: 1 dez. 2020.

BATORÉO, H. J.; CASADINHO, M. "«Botar ou não botar... eis a questão» Estudo contrastivo da produtividade lexical do verbo 'botar' no Português Europeu e no Português do Brasil na óptica da Linguística Cognitiva". *In:* ALMEIDA, M. L. L. *et al.* (org.). **Linguística Cognitiva em Foco**: Morfologia e Semântica. Rio de Janeiro: Edições Publi., 2009. p. 53-66.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BECHARA, E. **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras**: língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística parte II. *In:* MUSSULIM, F; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 49-75.

CARMO, D. L.; ARAÚJO, A. A. de**.** Os verbos *botar* e *colocar* no falar culto de Fortaleza: uma fotografia Sociolinguística. **Web-Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 6. n. 16, p. 282-297, jul. 2015. Disponível em: http://sociodialeto.com.br/edicoes/21/18112015102622.pdf. Acesso em: 19 fev. 2021.

CHAVES, M. de F. F. **Campo semântico e usos dos verbos colocar, botar e pôr no português do Brasil**: uma contribuição ao ensino de PL2E. 2014. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização de Formação de Professores de Português para Estrangeiros) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29145/29145.PDF. Acesso em: 29 jun. 2018.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

FERREIRA, M. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2003.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language Variation and Change**, v. 2, p. 205–254, Cambridge University Press, 1990. Disponível em: http://www.danielezrajohnson.com/labov_1990.pdf. Acesso em: 12 ago. 2024.

LAVOR, C. M. A. de. **Uma fotografia sociolinguística da variação dos verbos *botar* e *colocar* no falar de Fortaleza-CE**. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://www.uece.br/posla/dmdocuments/DISSERTA%C3%87%C3%83O_CASSIO%20MURILIO%20ALVES%20DE%20LAVOR.pdf. Acesso em: 14 maio 2020.

LAVOR, C. M. A. de; ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M. Uma fotografia sociolinguística dos verbos *botar*, *colocar* e *pôr* em Alagoas, Ceará e Piauí a partir de dados do ALiB. **Polifonia**, Cuiabá, v. 25, n. 37, p. 171-310, jan./abr. 2018. Disponível em: http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/viewFile/6111/pdf. Acesso em: 14 maio 2019.

LAVOR, C. M. A. de; ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M. A variação entre botar e colocar e o senso comum: uma pesquisa sobre atribuição de valores ao verbo botar. *In:* PEREIRA, M. L. de S. *et al.* (org.). **Análises críticas em linguística e Literatura**. Araraquara/SP: Letraria, 2023. Cap. 1, p. 22-44. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/374752981_Analises_criticas_em_Linguistica_e_Literatura. Acesso em: 20 jan. 2024.

LAVOR, C. M. A. de; ARAÚJO, A. A. de. Os verbos botar e colocar no falar de Fortaleza-CE na perspectiva variacionista. **Intersecções**, Jundiaí, v. 27, ano 12, n. 1, p. 320-336, maio. 2019. Disponível em: https:// revistas.anchieta.br/index.php/RevistaInterseccoes/article/view/1400. Acesso em: 20 fev. 2020.

LAVOR, C. M. A. de; VIANA, R. B. de M.; ARAÚJO, A. A. de. A variação dos verbos botar e colocar no Ceará em amostra do Atlas Linguístico do Brasil. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v. 26, n. 43, p. 272-295, jul./set., 2019. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/7999/pdf. Acesso em: 27 de fev. 2020.

LAVOR, C. M. A. de; VIEIRA; V. da S.; ARAÚJO, A. A. de. Os verbos botar e colocar em Salvador e Porto Alegre: um estudo variacionista nos dados do Atlas Linguístico do Brasil. **Miguilim**, Crato, v. 8, n. 3, p. 493-511, set./dez. 2019. Disponível em: http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/1996. Acesso em: 01 mar. 2020.

LAVOR, C. M. A. de; ARAÚJO, A. A. de; PEREIRA, M. L. de S. Os verbos botar e colocar no estado do Maranhão em dados do ALiB: uma pesquisa variacionista. **Leitura**, Maceió, v. 1, n. 66, p. 146-164, set./dez. 2020. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/10543. Acesso em: 20 dez. 2022.

LAVOR, C. M. A. de; ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M. BOTAR O FILHO PELA BOCA! OS VERBOS BOTAR E COLOCAR NO FALAR DE FORTALEZA-CE SOB O VIÉS VARIACIONISTA. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 44, p. 01-20, ago. 2020. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/intercambio/article/view/49111/0. Acesso em: 15 ago. 2020.

LAVOR, C. M. A. de; LIMA, F. dos S.; BAZENGA, A. M. P. F. A variação dos verbos botar e colocar no falar culto fortalezense: um estudo em tempo real. *In:* ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; RODRIGUES, L. da S. **O falar culto de Fortaleza em foco**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 105-138. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/357135622_O_falar_culto_de_Fortaleza_em_foco. Acesso em: 20 jan. 2023.

LAVOR, C. M. A. de; ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M. a variação entre botar e colocar e o senso comum: uma pesquisa sobre atribuição de valores ao verbo botar. *In:* PEREIRA, M. L. de S. *et al.* (org.). **Análises críticas em linguística e Literatura**. Araraquara: Letraria, 2023. cap. 1, p. 22-44. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/374752981_Analises_criticas_em_Linguistica_e_Literatura. Acesso em: 20 jan. 2024.

LUCCHESI, D. Norma Lingüística e Realidade Social. *In:* BAGNO, M. (ed.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 63–92.

LUFT, C. P. **Minidicionário Luft**. 21. ed. São Paulo: Ática, 2005.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

XIMENES, S. **Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa**, 2. ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2000.

3

Francisco de Assis Pereira da Silva
Sara Alexandre Ferreira
Aluiza Alves de Araújo

OS PRONOMES POSSESSIVOS DE 3ª PESSOA SEU/SUA {-S} DELE/A {-S}: UMA FOTOGRAFIA VARIACIONISTA DO FALAR CULTO DE FORTALEZA

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-325-7.3

INTRODUÇÃO

Com vistas a buscar elementos que contribuam para a construção de conhecimentos e discussões, bem como o entendimento acerca da variação dos pronomes possessivos de 3ªp *seu/sua {-s}* e *dele/a {-s}* em amostras do Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT FASE II, o objetivo deste texto consiste em analisar o uso variável dos pronomes possessivos de terceira pessoa *seu/sua {-s}* e *dele/a {-s}* no falar culto de Fortaleza.

Em decorrência dessa perspectiva, vale ressaltar que a Sociolinguística Variacionista, sob a égide do aporte teórico-metodológico de Labov (Labov, 2008), emerge e se desenvolve como uma ciência que abarca como objeto a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso, sendo que a variação e a mudança linguística constituem seu escopo principal. Assim, os estudos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (doravante TVML) envolvem situações reais de uso da língua, ou seja, fenômenos inseridos em um contexto social próprio.

À luz dessas perspectivas teóricas, faremos ainda neste estudo um diálogo com as pesquisas realizadas, envolvendo o fenômeno em questão a partir dos resultados obtidos, considerando que este trabalho irá somar-se às outras várias pesquisas que vêm sendo desenvolvidas dentro dos estudos na área da Sociolinguística Variacionista no Ceará, em especial, no Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE) e no Grupo de Pesquisa em Estudos Sociolinguísticos de Fortaleza (SOCIOFOR), sob a coordenação da Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo.

Nessa discussão, vale salientar que esta pesquisa nos proporcionará uma oportunidade importante para avançar o entendimento de como se procedem as ocorrências de variação que envolvem o fenômeno de posse de 3ªp *seu/sua {-s} e dele/a {-s}*, cujos resultados alcançados, a nosso ver, deverão contribuir de forma significativa

para o campo de estudos da Sociolinguística Variacionista, especialmente em nossa região, uma vez que o *corpus* de nossa pesquisa é composto por dados de fala culta da cidade de Fortaleza-CE.

Para uma melhor elucidação do fenômeno em estudo, o presente texto compõe-se desta introdução, na qual são apresentados o contexto e o objetivo do artigo; do referencial teórico, que apresenta debates relacionados aos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista; dos estudos sociolinguísticos sobre os pronomes possessivos; da metodologia utilizada; dos resultados apresentados e discutidos; e por fim, da conclusão com os achados da pesquisa.

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística é uma ciência autônoma e interdisciplinar que surgiu na década de 1960 com a publicação dos trabalhos apresentados por William Bright em um congresso da UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles), ocorrido em 1964, sendo que os trabalhos só foram publicados dois anos depois. O título dessa publicação recebeu o nome de *Sociolinguistics* e foi a primeira vez que o termo foi utilizado, estabelecendo ali um novo ramo de estudos (Coelho *et al.*, 2015).

Cumpre assinalar que os trabalhos que receberam a denominação de sociolinguísticos eram diversificados e deram origem a várias subdivisões da Sociolinguística, e dentre estas, destacamos a área que trata da Sociolinguística desenvolvida por William Labov denominada de Sociolinguística Variacionista.

William Labov iniciou seus estudos variacionistas do inglês falado em Martha's Vineyard, Massachusetts, em 1963, e do inglês vernacular falado em Nova York, Estados Unidos, em 1966. Esses dois estudos são considerados trabalhos pioneiros de Labov que impulsionaram, sobretudo, os estudos voltados à Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVML) (Labov, 2008).

O pressuposto básico dessa área é de que a língua é um sistema predominantemente heterogêneo, e essa heterogeneidade é organizada e não caótica, como acreditavam alguns estudiosos do passado. Outro pressuposto dessa ciência é de que variação e mudança estão relacionadas no sentido de que toda mudança pressupõe variação, mas nem toda variação acarreta mudança. Por isso, o foco deve ser explicar os fenômenos variáveis da língua, levando em consideração tanto condicionadores linguísticos quanto sociais. É por essa razão que esse ramo dos estudos linguísticos recebeu o nome de Sociolinguística Variacionista (Coelho *et al.,* 2015).

Para Trudgill (2000), um dos principais fatores que tem levado ao crescimento da pesquisa sociolinguística tem sido o reconhecimento da importância do fato de que a linguagem é um fenômeno muito variável, e que essa variabilidade pode ter tanto a ver com a sociedade quanto com a linguagem, ou seja, uma ciência que se preocupa com a linguagem como um fenômeno social e cultural. Nesse sentido, tanto a variabilidade quanto a heterogeneidade da língua são partes integrantes da economia linguística da comunidade, necessária para satisfazer as demandas linguísticas da vida cotidiana (Weinreich; Labov; Herzog, 2006). Logo, a ideia de que a variação é uma parte inerente da linguagem é a máxima fundamental da abordagem Sociolinguística Variacionista.

Sendo a língua uma forma de comportamento social, conforme assinala Labov (2008), ela é usada por seres humanos num contexto social e, em vista disso, percebemos a importância de estudá-la na sociedade, tendo em conta, nesse processo, que o uso da língua, de acordo com Sankoff (1988), é um reflexo da sociedade em que está inserido, e nesse contexto, a variação linguística, como vimos, surge constituindo-se como fenômeno universal, inerente à língua em uso, pressupondo, portanto, a existência de formas alternativas que, como já mencionado, são denominadas de variantes.

Assim sendo, a Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006) objetiva compreender a sistemática da variação a partir de seu encaixamento linguístico e social, juntamente a uma relação possível com a mudança linguística, que pode ser no âmbito fonético, fonológico, morfológico, sintático, além de suas interfaces.

ESTUDOS VARIACIONISTAS RELEVANTES

Discorremos, de forma breve, neste tópico sobre alguns trabalhos que foram realizados com base na TVML, a partir de dados retirados da linguagem em uso em várias localidades do país. Dentre eles, destacamos os estudos realizados por Soares (1999), Sbalqueiro (2005), Rocha (2009) e Silva (2016).

O trabalho de Soares (1999) utilizou amostras orais espontâneas do Projeto VARSUL. Obteve em valores percentuais 7,2% de ocorrências da forma *seu* e 92,8% da forma *dele*, e a pesquisa teve como relevantes os seguintes fatores: a variante *seu* foi favorecida em referência a elementos com traço [+genérico] e [-determinado], e a variante *dele* foi mais favorecida em Londrina do que nas demais cidades observadas.

Em relação à pesquisa de Sbalqueiro (2005), o estudo teve como *corpus* 204 redações de alunos de uma escola de Curitiba – PR. Seus achados foram de 90% de ocorrências da forma *seu* e 10% da forma *dele*. Os fatores selecionados como relevantes foram os seguintes: discurso reportado/não reportado, apontando *dele* como preferido no discurso reportado; escolaridade/idade com maior uso de *seu*, por influência da escola; gênero dos autores das redações com o gênero masculino utilizando mais a variante *dele*.

Sobre a pesquisa de Rocha (2009), que contou com a amostra de língua falada de informantes de Belo Horizonte, a partir de entrevistas do projeto Descrição sócio-histórica do Português de Belo Horizonte, os valores percentuais foram de 22% para a forma *seu* e 78% para a forma *dele*. O estudo obteve os seguintes fatores selecionados: a variante *seu* é desfavorecida no fator distância do referente possuidor – quanto mais distante, *seu* é desfavorecido. Já a variante *dele*, em especificidade do referente possuidor, é desfavorecida com o referente [+ genérico].

Por fim, o estudo de Silva (2016) utilizou, como *corpus,* amostras de uso oral e escrito da língua com dados de Natal-RN no âmbito do Projeto Discurso e Gramática (D&G). Sobre os valores percentuais, na forma escrita, ocorreram 93% da forma *seu* e 7% da forma *dele*, enquanto que, na fala, houve 14% da forma *seu* e 86% da forma *dele*. Os fatores selecionados foram os seguintes: a modalidade do texto escrita favorece *seu*, sendo que a oralidade elencou a variante *dele*. Já, em relação à tipologia textual, o fator textos narrativos favoreceu a variante *dele*, enquanto que textos injuntivos e descritivos favoreceram a variante *seu*.

A partir das considerações das pesquisas anteriormente apresentadas, entendemos que os seus resultados servirão de subsídio para realizarmos, posteriormente, comparações com nossos resultados. Além disso, acreditamos que os achados deste estudo serão somados aos demais que descrevem o fenômeno no Português Brasileiro, em especial, no Ceará. Posto isso, segue, no tópico seguinte, os procedimentos metodológicos da presente pesquisa.

METODOLOGIA

Esta seção se propõe a apresentar os procedimentos metodológicos desta pesquisa. Para tanto, trazemos ao leitor os seguintes pontos a serem apresentados: uma breve caracterização da pesquisa, a apresentação do *corpus,* bem como os procedimentos metodológicos de coleta e análise dos dados e, por fim, as variáveis linguísticas e sociais utilizadas no envelope de variação definido nesta pesquisa.

CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa proposta é do tipo quantitativa porque analisa uma grande quantidade de dados, valendo-se de um programa computacional especialmente desenvolvido para a análise estatística de fenômenos linguísticos variáveis: o Goldvarb X. Tal programa, do ponto de vista de Guy e Zilles (2007), é apropriado para desenvolver análises de dados quantitativos, tendo em vista que:

> Para desvelar tanto a estrutura linguística quanto a estrutura social, devemos, necessariamente, coletar grande quantidade de dados de muitos indivíduos; consequentemente, devemos enfrentar problemas ligados a controle de qualidade e confiabilidade, a manuseio e apresentação de dados, e a interpretação e inferência. Logo, parece justo dizer que toda pesquisa dialetal, seja ela geográfica ou social, é inerentemente quantitativa (Guy; Zilles, 2007, p. 19).

É salutar entender que esta pesquisa também não deixa de ser descritiva, pois, conforme afirma Gil (2002, p. 42), as pesquisas *descritivas* "têm como o objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis". No caso desse estudo, visamos descrever, com base em dados estatísticos, as variáveis que correspondem ao fenômeno analisado.

APRESENTAÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

Nossa amostra é composta pelos registros DID e D2, visto que almejamos encontrar, nesses tipos de registro, mais ocorrências do fenômeno em estudo, uma vez que, nas elocuções formais, depreende-se que o informante utilize um elevado grau de monitoramento da fala. Destacamos, ainda, que nossa amostra é composta por 48 informantes, estratificados conforme especificado no quadro abaixo:

Quadro 1 — Estratificação da nossa amostra

	SEXO/GÊNERO			
	Masculino		Feminino	
	Registro			
Faixa etária	DID	D2	DID	D2
I (22-35)	4	4	4	4
II (36-55)	4	4	4	4
III (56 em diante)	4	4	4	4
Total	12	12	12	12

Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

É pertinente destacar que a referida amostra está de acordo com o que é orientado pela metodologia da pesquisa em Sociolinguística Variacionista: como uma situação ideal. De acordo com Mollica e Braga (2019), a amostra corresponde a 5 informantes por célula social; todavia, vale esclarecer que o número mínimo de informantes por célula adotado pelos bancos de dados sociolinguísticos brasileiros, como por exemplo, o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL, Variação Linguística na Região Sul do Brasil – VARSUL e Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB é de 2 informantes, apenas, por célula.

O PORCUFORT Fase II possui certificação dada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), conforme CAAE nº 72141517.7.0000.5534 e parecer nº 6.092.188/2023.

VARIÁVEIS CONTROLADAS

Uma vez que as regras variáveis, de acordo com Sankoff (1988), são a modelagem probabilística e o tratamento estatístico de escolhas discretas e seu condicionamento, podemos entender com o autor que esse tipo de análise é ideal para os dados sociolinguísticos, no qual uma infinidade de fatores influencia a escolha de uma variante ou outra. A partir das características da análise quantitativa consideradas aqui, apresentamos, deste ponto em diante, as variáveis que foram controladas no presente estudo – critérios sobre os quais discorremos a seguir.

Variável dependente

A variável dependente é o fenômeno em variação investigado pelo pesquisador. Assim, na presente pesquisa, a variável dependente é a expressão de posse referente à terceira pessoa do discurso, e suas variantes são: o pronome *seu* e suas flexões de gênero e número (*seu, sua, seus, suas*), e a forma nominal *dele* e suas flexões de gênero e número (*dele, delas, deles, delas*), como seguem os exemplos:

(1) "TOdo trabalhador MErece *seu* momento de descanso" (DID-inq. 14)

(2) "é todo mundo trancado em *suas* casas" (DID-inq. 64)

(3) "aliás eu tinha essa preocupação COM ela... da vida *dela* futura" (D2-inq. 8)

(4) "se um filho *dele* tivesse tatuagem ele:: i::a arrancar o couro né" (DID-inq. 37)

Embasados nas pesquisas de Soares (1999), Sbalqueiro (2005), Rocha (2009) e Silva (2016), nossa hipótese é que o uso da variável *dele* e suas flexões seja favorecido na fala culta fortalezense.

Variáveis independentes

As variáveis *independentes* são aquelas que atuam diretamente sobre as variáveis *dependentes*, favorecendo ou não a variação linguística. Vale ressaltar que a Sociolinguística Variacionista, como vimos, é caracterizada pelo estudo das variáveis sociais (ou extralinguísticas) e sua direta correlação com as variáveis linguísticas (Tarallo, 1990).

Com base nessas premissas, apresentamos, a seguir, as variáveis independentes, tanto as linguísticas quanto as extralinguísticas testadas nesta pesquisa, e as hipóteses para cada uma destas variáveis.

VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS

Os grupos de fatores linguísticos presentes neste estudo foram escolhidos de acordo com os trabalhos de Silva (1991), Soares (1999), Neves (2002), Sbalqueiro (2005), Rocha (2009) e Silva (2016). A seguir, apresentamos cada uma das variáveis linguísticas que foram controladas nesta pesquisa.

GÊNERO DO POSSUIDOR

De acordo com Perini (1985, p. 5), o sistema atual de possessivos é curioso, não apenas por incluir formas sintéticas ("pronomes possessivos") ao lado de analíticas (de + N), mas também porque a concordância de gênero acaba sendo efetuada de duas maneiras diferentes. Os pronomes têm formas masculinas e femininas que concordam com o gênero do nome núcleo da construção: *seu carro*, *sua bicicleta*.

Por outro lado, as formas de + N concordam com o possuidor, e não com o núcleo da construção: *carro dele*, *carro dela*. Os fatores dessa variável são os gêneros feminino e masculino.

(5) "geralmente a noiti::nha eu ia na casa *dele* ficava conversando na calÇAda" (D2-inq. 77);

(6) "aí eu fui lá na casa dela rapidinho" (D2-inq. 65).

Em (5), "a casa" é posse de um possuidor masculino, amigo da informante. Já, em (6), quem possui a casa é uma mulher, cliente da informante. Sobre essa variável, a hipótese aventada por nós é que o gênero feminino influencia a escolha da forma canônica, visto que, para Labov (2001), as mulheres são mais propícias ao uso das variantes conservadoras.

GÊNERO DO POSSUÍDO

Baseado em Rocha (2009), essa variável possui, como fatores, os gêneros masculino e feminino. Nossa hipótese, para essa variável, é que o gênero feminino influencia a escolha da forma *seu.*

(7) "eu não volto mais na casa *dele* e pronto" (D2-inq. 65);

(8) "correndo atrás de terminar o *seu* curso" (D2-inq. 65).

Em (7), temos "a casa" como possuído com o gênero feminino, e, em (8), "o curso" elemento possuído gênero masculino.

POSIÇÃO DO PRONOME POSSESSIVO EM RELAÇÃO AO SUBSTANTIVO

Tendo por base os estudos de Rocha (2009), consideramos dois fatores para esta variável: os possessivos que vêm antepostos ao substantivo e os possessivos que vem pospostos.

(9) "olha essa medicação é para aliviar *sua* dor" (D2-inq. 52);

(10) "aí ele foi pra uma escola perto da casa *dele* e tal" (D2-inq. 02).

Em (9), o pronome possessivo aparece anterior ao substantivo ao qual tem relação de posse, ao passo que, em (10), o possessivo aparece posterior ao substantivo. Com base em Neves (2002), a hipótese levantada por nós é que o uso da forma canônica é favorecido em ocorrências antepostas ao substantivo, já que a forma possesiva *dele* é mais ocorrente posposta ao substantivo, especialmente em afirmações.[1] Entretanto, no *corpus* deste estudo, só foi encontrada uma ocorrência da forma *dele* anteposta[2] ao substantivo.

VALOR SEMÂNTICO DO POSSESSIVO

Esta variável também teve como referência o trabalho de Rocha (2009), e, com ela, buscamos entender como os possessivos de terceira pessoa se relacionam com os nomes aos quais esses elementos formam um sintagma nominal, assim como verificar o valor semântico dessa relação.

Neste fator, foi levado em consideração, a princípio, tudo que era concreto e que poderia pertencer a alguém ou a alguma coisa, e também foi incluído o que não é concreto, mas que, em algum momento, fez parte da vida de alguma pessoa: os conhecimentos, a saúde, a formação, etc. Sob esse viés, é considerado, nessa construção possessiva, tudo aquilo que alguém possuir (ou não) temporariamente, e com base nisso, foi denominado de **Posse Temporária**, conforme a sequência abaixo.

(11) "ele sempre foi ausente por causa da do trabalho *dele*" (DID-inq. 16)

A **Posse Inalienável**, por sua vez, compreende algo que independentemente da vontade do possuidor faz parte da sua vida, como é o caso das partes do corpo, da alma, etc.

1 É o caso da ocorrência "a casa dele".

2 É caso de ocorrência afirmativa "é dele essa casa".

(12) "só consegue abrir a boca *dele* para FAlar de coisas que ele não tem a menor ideia" (DID-inq. 26)

Em relação ao **Pertencimento**, este compreende às ocorrências em que, na construção possessiva, o tempo, a época ou o ambiente no qual alguém faz parte torna-se um dos referentes dessa relação.

(13) "ele lá quase não escreve na escola *dele*" (DID-inq. 12)

Já **Parentesco** se caracteriza aqui como qualquer relação possessiva que expresse um relacionamento familiar: um pai, um filho, um irmão...

(14) "essa *sua* filha é muito desrespeitosa" (DID-inq. 26)

Quanto às ocorrências que remetem a produções de alguém, de um grupo ou entidade, tais como trabalhos científicos, artísticos, etc., foi denominado de **Autoral**.

(15) "ele mostrou várias fotos no documentário *dele*" (DID-inq. 26)

Rocha (1999) faz uma ressalva sobre **Características psicológicas e físicas**. Segundo a autora, as referidas características poderiam estar inseridas na posse inalienável; contudo, foram encontradas diferenças sobre elas. A raiva ou o jeito de alguém caracterizam esse fator não serem nem posse temporária nem inalienável.

(16) "cada uma tem a *sua* personalidade diferente" (DID-inq. 38)

Por conseguinte, há também o valor de posse dos relacionamentos pessoais que não são considerados familiares, como a relação com o chefe, com o professor, com o vizinho, etc., denominado de **Relação.**

(17) "os *seus* vizinhos têm um poder aquisitivo excelente" (D2-inq. 56)

Por fim, a fala de algum político, uma oração de algum santo, qualquer coisa específica de alguém, denominado de **Atribuição**.

(18) "nã::o cumpriu o mandato *dele* de vereador" (DID-inq. 60)

A hipótese levantada por nós, baseada nos resultados de Rocha (1999), é que o uso da forma canônica é favorecido por posse inalienável.

APRESENTAÇÃO DE UM DETERMINANTE ANTES DO PRONOME POSSESSIVO

Baseado no estudo de Rocha (2009), controlamos essa variável tendo em mente verificar se a presença de um determinante condiciona o uso de uma das formas. Os fatores dessa variável são: com determinante e sem determinante, conforme observamos nos recortes abaixo.

(19) "TOdo trabalhador MErece *seu* momento de descanso" (DID-inq. 14);

(20) "agora o *seu* grande amor mesmo é a/ é a/ é a docência né" (D2-inq. 80).

Em (19), temos o possessivo sem acompanhamento do artigo; já, em (20), o artigo aparece acompanhando o possessivo. A hipótese sobre essa variável é que a presença de determinante é mais expressiva junto à forma *seu/sua{-s},* já que ela se apresenta de forma muito comum tanto anteposta como posposta ao substantivo.

PRESENÇA DE PRONOME PESSOAL

Essa variável tem como fatores a presença e ausência do pronome pessoal correspondente ao possessivo. Com base em Cegalla (2008), ao descrever que os pronomes pessoais desempenham papel de sujeito nas orações, nossa hipótese é que o pronome pessoal esteja mais presente com a ocorrência da forma *dele/a{-s},* visto que essa construção é a soma de uma preposição junto a um pronome pessoal.

(21) "e o marido *dela* é muito lindo viu" (D2-inq. 09)

(22) "tendo ela *suas* deficiências" (DID-inq. 23)

ANIMAÇÃO DO POSSUIDOR

Para essa variável, tivemos, como base, o trabalho de Silva (1991) e, como fatores, temos: humanos, inanimado, animais e conjunto inanimado com elementos humanos.

(23) "as mães sabiam que os filhos estavam BRINcando na calçada tendo *seu* momento de lazer" (DID-inq. 16)

(24) "a mesa *dela* com costura" (DID-inq. 75)

(25) "os passarinhos estão cantando... fazendo lá... brincadeirinhas *deles*" (DID-inq. 26)

(26) "... TO-do bairro tinha *seu* cine..." (DID-inq. 73)

Em (23), há correspondência a fatores humanos; em (24), a fatores inanimados; (25), animais; e (26), a conjunto inanimado com elementos humanos. Nossa hipótese é que a forma *dele* é favorecida por possuidores humanos, já que se espera que as ocorrências sejam mais expressivas no uso.

VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGUÍSTICAS

As variáveis sociais controladas neste estudo são as mesmas controladas no *corpus* PORCUFORT FASE II. Assim sendo, descrevemos as variáveis extralinguísticas *sexo/gênero*, *faixa etária* e *tipos de inquéritos*.

SEXO/GÊNERO

A variável sexo/gênero foi controlada no *corpus* por meio dos fatores masculino e feminino, sendo esse o entendimento para os sexos biológicos. Em relação à variável sexo, Meyerhoff (2006) postula que o campo da linguagem e do gênero se apresenta como um dos mais dinâmicos da sociolinguística, tendo em vista, nesta perspectiva, a discussão sobre os prós e os contras a respeito das diferenças linguísticas que se correlacionam com o sexo do falante, e estas diferenças muito têm a nos dizer sobre uma gama muito maior de dinâmicas sociais na comunidade. Para Serrano (2008), é o valor social que cada sexo tem na sociedade que causa essas diferenças.

Diversas pesquisas sobre processos variáveis da língua, segundo Paiva (2019) e Romaine (2000), apontam para uma maior consciência feminina de *status* social das formas linguísticas, haja vista que as mulheres tendem a usar variantes de *status* mais elevado e com mais frequência do que os homens.

Nesse sentido, Labov (2001) afirma que os homens tendem a ser menos conservadores e, portanto, fazem maior uso de formas linguísticas consideradas menos prestigiadas socialmente. Em contrapartida, o autor também acrescenta que as mulheres, por sua vez, aparentam ser mais propícias ao uso das variantes mais conservadoras. Porém, Labov (2001) destaca que, diante de processos de variação e mudança linguística, as mulheres podem também se mostrar mais inovadoras – desde que a nova forma variante seja bem avaliada socialmente. Do contrário, o autor pontua que elas tendem a optar pela forma mais padronizada que está há mais tempo na língua.

Partindo dessas premissas, nossa hipótese para a variável social *sexo/gênero* é a de que os homens favoreçam o uso da variante inovadora por ela não ter seu uso estigmatizado.

FAIXA ETÁRIA

A variável faixa etária foi controlada com a seguinte divisão: 22 a 35 anos, 36 a 55 anos e a partir de 56 anos. É válido esclarecer que a variável escolaridade não foi controlada pelo fato de que todos os informantes possuem ensino superior.

Com relação à variável *faixa etária,* vale salientar que tecer comparações sobre a variação linguística entre falantes de diferentes faixas etárias pressupõe a possibilidade de haver diferentes estágios linguísticos em um processo de mudança. No que tange à variável dependente em estudo, pretendemos observar, a partir deste grupo, se há correlação entre a variação da fala quanto às formas possessivas de 3ªp *seu/sua{-s}* e *dele/a{-s}* e a faixa etária do falante, e se esta variação se encontra estável ou apresenta indícios de mudança em progresso.

Nossa hipótese em relação a essa variável é que a forma *dele/a{-s}* seja mais utilizada por informantes da faixa etária I (22 a 25 anos), já que os mais novos são o grupo etário com mais tendência a usar as variantes inovadoras.

TIPO DE INQUÉRITO

Em relação ao tipo de inquérito, controlamos os tipos DID e D2. Para Araújo, Viana e Pereira (2022), esses tipos de inquéritos são caracterizados, basicamente, de acordo com o grau de formalidade e informalidade apresentados pelo informante no momento em que são feitas as entrevistas.

Quanto aos inquéritos do tipo DID, os informantes, na entrevista, são conduzidos por um entrevistador que é orientado a abordar temas que envolvam narrativas de experiências pessoais, deixando, assim, o entrevistado de prestar mais atenção à própria fala (Labov, 2008).

Nesse tipo de entrevista, o documentador é orientado a procurar temas de narrativas de experiências pessoais como acontecimentos da infância, da família, dentre outros, com o objetivo de deixar o falante confortável para que ele esqueça que está sendo gravado e não monitore a própria fala. Assim sendo, os inquéritos do tipo DID apresentam um grau intermediário de formalidade.

No que diz respeito aos diálogos do tipo D2, são entrevistas realizadas entre dois informantes que detém certo grau de intimidade, e isso permite um modelo de fala mais espontânea. Essas entrevistas apresentam temas livres de acordo com o diálogo realizado pelos dois informantes.

A hipótese aventada por nós para essa variável é que a forma *dele/a{-s}* terá uma maior quantidade de ocorrência nos inquéritos do tipo D2, tendo em vista que, nestes tipos de inquérito, existe um certo grau de intimidade entre os informantes, e a fala não é tão monitorada.

RESULTADOS

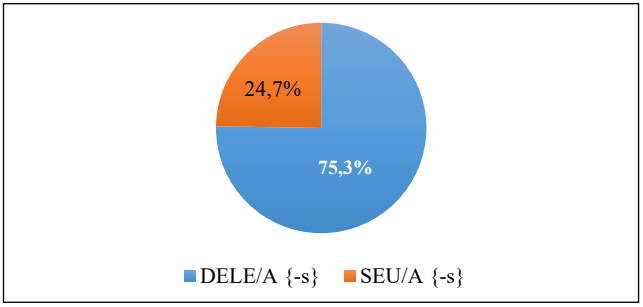
Nesta seção, apresentamos e discutimos os resultados obtidos neste estudo sobre os pronomes possessivos de 3ª pessoa – pesquisa esta realizada com dados do PORCUFORT – FASE II. A fim de avaliar o fenômeno em estudo na perspectiva da variante tida como inovadora, destacamos que utilizamos, como regra de aplicação para as análises, a variante inovadora *dele/a {-s}*. Nas seções que seguem, apresentamos uma sumarização dos principais resultados encontrados e, com base nessas observações, fazemos a confirmação ou refutação destes com as hipóteses levantadas.

RODADA INICIAL

Na rodada inicial, ocorreu apenas um nocaute na variável *animação do possuidor*, no fator animais, significando que não aconteceram ocorrências dos possessivos *seu/a {-s}* em que o possuidor fosse animal. Assim sendo, nessa análise, decidimos por desprezar os dados relacionados a esse fator.

Resolvido o nocaute, chegamos a um total de 595 ocorrências, sendo 448 ocorrências da variante inovadora *dele/a {-s}* – o que percentualmente equivale a 75,3%, e 147 ocorrências da variante padrão *seu/a {-s}* – equivalente a 24,7%. Esses dados vão ao encontro da hipótese de Silva (1991), ao assinalar que a variante *dele/a {-s}* é bastante produtiva na oralidade. O gráfico abaixo demonstra a frequência de uso das variantes de nossa amostra.

Gráfico 1 — Frequência de uso das variantes dele/a {-s} e seu/a {-s} em nossa amostra



Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

Diante do exposto, podemos perceber que os dados do gráfico 1 acompanham a tendência das pesquisas sociolinguísticas descritas anteriormente: a variante *dele/a {-s}* é muito produtiva na modalidade oral da língua. O que faremos aqui é uma comparação dos resultados, levando em consideração a composição e a época dos *corpora* para tornar esse paralelo aceitável pela sociolinguística laboviana, obedecendo aos pressupostos teóricos e metodológicos.

Os resultados obtidos pelo programa Goldvarb X, para nossa amostra, foram retirados da rodada 26 (*Run # 26)* com a *Convergence at Iteration 13*, que nos deu um *Input* de 0,868 com significância de 0,000 e *Log likelihood* de -64.667. O programa Goldvarb X selecionou como relevantes, nas construções dos possessivos do falar culto de Fortaleza, as seguintes variáveis: *posição do pronome possessivo em relação ao substantivo, tipo de inquérito* e *apresentação de um determinante antes do pronome possessivo,* respectivamente, nesta ordem de relevância.

Apresentamos a seguir, os resultados para cada variável selecionada como importante, respeitando a ordem de relevância dada pelo programa estatístico, iniciando com a variável *posição do pronome possessivo em relação ao substantivo.* A seguir, a Tabela 1 apresenta a atuação da variável *posição do pronome possessivo em relação ao substantivo* em nossos dados.

Tabela 1 — Atuação da variável *posição do pronome possessivo em relação ao substantivo* sobre a variante *dele*

FATORES	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Posposto	**447/464**	**96,3**	**0.884**
Anteposto	1/131	0,8	0.001

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

Como pode ser observado na Tabela 1, a variável *posição do pronome possessivo em relação ao substantivo* foi escolhida pelo programa como a primeira na ordem de relevância, com o fator *posposto*, que teve peso relativo bastante significativo: 0.884 – uma regra que se apresenta quase de forma categórica na nossa amostra, uma vez que teve apenas uma ocorrência da forma *dele* anteposta, embora sabendo que as ocorrências pospostas seriam mais produtivas, esperávamos que esse valor não fosse categórico, pelo fato de termos usados dados dos D2 e esperávamos por se tratar de diálogos aconteceriam mais ocorrências afirmativas.

Sobre a hipótese levantada por nós, de que o uso da forma canônica seria favorecido em ocorrências antepostas ao substantivo por ser bem mais comum esse uso, foi confirmada a partir de dados percentuais, com 99,2% das ocorrências para a variante *seu/a {-s}* anteposta ao substantivo, ao passo que a variante *dele/a {-s}* é mais frequente posposta ao substantivo, como vimos.

Ao controlarmos essa variável, inicialmente levamos em conta que a variante inovadora seria mais produtiva, em especial, em sequências afirmativas do tipo, é dele essa casa – o que não aconteceu.

Feitas tais considerações, vejamos, a seguir, a próxima variável selecionada pelo programa Goldvarb X. Pela ordem de relevância, a segunda variável selecionada foi o *tipo de inquérito*, conforme observado na Tabela 2.

Tabela 2 — Atuação da variável *tipo de inquérito* sobre a variante *dele*

FATORES	Aplicação/Total	%	Peso relativo
DID	**274/349**	**78,5**	**0.741**
D2	174/246	70,7	0.184

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

Como podemos observar na Tabela 2, o tipo de inquérito DID foi um forte favorecedor da variante inovadora *dele/a {-s}* com peso relativo 0.741, ao passo que o tipo de inquérito D2 foi bastante desfavorecedor do uso da variante inovadora.

Como hipótese para essa variável, tínhamos aventado que a variante *dele/a {-s}* teria maior quantidade de ocorrências nos inquéritos do tipo D2, tendo em vista que, neste tipo de registro, existe certo grau de intimidade entre os informantes e a fala não é tão monitorada – hipótese que foi refutada a partir dos dados expostos pelo programa.

Observando os dados da Tabela 2, é possível inferir que os documentadores foram bastante competentes e conseguiram registrar o vernáculo de forma bem real, sem monitoramento da fala feito pelos entrevistados. Vale ressaltar que, em se tratando de inquéritos do tipo DID, os informantes, na entrevista, são conduzidos por um entrevistador que é orientado a abordar temas que envolvam narrativas de experiências pessoais, dedicando, assim, pouca atenção à própria fala (Labov, 2008). Nesse sentido, os inquéritos do tipo DID apresentam um grau intermediário de formalidade.

Em relação aos diálogos do tipo D2, são entrevistas realizadas entre dois informantes que detêm um certo grau de intimidade, e isso permite um modelo de fala mais espontânea. Essas entrevistas apresentam temas livres de acordo com o diálogo realizado pelos dois informantes – o que nos levou a pensar que seriam nos inquéritos do tipo D2 onde obteríamos mais ocorrências da variante inovadora.

Por fim, a última variável selecionada pelo Goldvarb X foi a *apresentação de um determinante antes do pronome possessivo*, e é possível observar os resultados desta variável na Tabela 3.

Tabela 3 — Atuação da variável *apresentação de um determinante antes do pronome possessivo* sobre a variante *dele*

FATORES	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Sem determinante	**443/563**	**78,7**	**0.553**
Com determinante	5/32	15,6	0.022

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

A partir dos dados postos na Tabela 3, é possível inferir que o fator *sem determinante* possui um leve favorecimento da variante *dele/a {-s},* com peso relativo de 0.553. Por outro lado, o fator *com determinante* não se mostra aliado da variante inovadora, com peso relativo 0.022.

A hipótese sobre essa variável era a de que a presença do determinante fosse mais expressiva junto à forma *seu/a {-s}*. Podemos afirmar, com bases nestes resultados, que, de certa forma, essa hipótese foi confirmada, pois, embora o fator *sem determinante* tenha sido escolhido pelo programa como favorecedor da variante inovadora, a presença de determinante na variante padrão foi a que teve o maior percentual de ocorrências, com 84,4% das ocorrências com determinante.

Nas seções 4.3 e 4.4, realizamos rodadas com a criação de novas variáveis, como veremos a seguir.

RODADA CRIAÇÃO DE UMA NOVA VARIÁVEL *TIPO DE INQUÉRITO* X *SEXO/GÊNERO*

Decidimos realizar uma rodada com a criação de uma nova variável: *tipo de inquérito e sexo/gênero*, visto que a variável *tipo de inquérit*o foi escolhida pelo programa na primeira análise e se mostrou bastante produtiva em uma outra análise realizada apenas com dados do DID.

Destarte, para a realização dessa análise, criamos um novo grupo de fatores no arquivo de condições do programa – o décimo segundo grupo, cujos fatores são: a) DID, masculino; b) DID, feminino; c) D2, masculino, e por fim d) D2, feminino.

Não foi diferente da primeira análise, pois surgiu um nocaute na mesma variável: *animação do possuidor*, no fator animal, e, conforme fizemos na primeira rodada, decidimos não excluir os dados, mas sim, desprezá-los. Resolvido o problema, prosseguimos para a análise binomial.

Na análise binomial, retiramos nossos dados para análise da rodada 23 (*Run # 23),* com a *Convergence at Iteration 14*, que nos deu um *Input* de 0,879, com significância de 0,000 e *Log likelihood* de -62.883.

O programa Goldvarb X forneceu, por ordem de relevância, as seguintes variáveis: *posição do pronome possessivo em relação ao substantivo, tipo de inquérito x sexo/gênero* e *apresentação de um determinante antes do pronome possessivo.* Apresentamos a seguir as análises referentes a essas variáveis.

Resolvemos apresentar, então, de forma bem sucinta, as variáveis selecionadas (exceto a nova variável que foi criada), visto que os valores dos pesos relativos tiveram uma pequena alteração, como pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 4 — Atuação da variável *posição do pronome possessivo em relação ao substantivo* sobre a variante *dele*

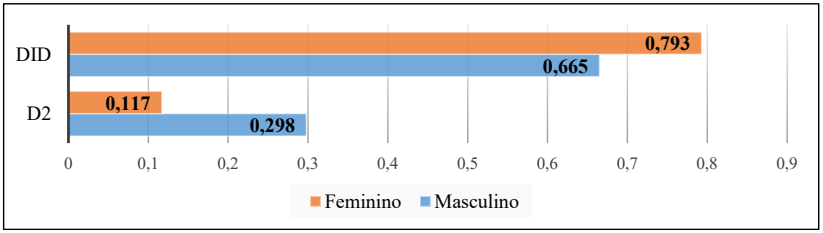
FATORES	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Posposto	**447/464**	**96,3**	**0.890**
Anteposto	1/131	0,8	0.001

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

Assim como na primeira rodada, o fator *posposto* mostrou-se aliado da variante *dele* com peso relativo 0.890, havendo um crescimento no valor do peso relativo que, anteriormente, foi de 0.884.

Por conseguinte, como segunda variável indicada pelo programa, tivemos a nova variável *tipo de inquérito x sexo/gênero*. No gráfico abaixo, são apresentados os pesos relativos para cada fator.

Gráfico 2 — Criação da nova variável tipo de inquérito x sexo/gênero



Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

Os resultados da análise correlacional das variáveis *tipo de inquérito versus sexo/gênero*, apontados no gráfico 2, indicam que a variante *dele/a {-s}* tem um significativo favorecimento pelas mulheres no tipo de inquérito DID. Embora a referida variante tenha sido a preferida de uso no meio feminino, conforme observado, não se pode descartar a possibilidade de que os homens também favoreceram o uso da variante inovadora no tipo de inquérito DID, apresentando peso relativo de 0.665.

Em contrapartida, no tipo de inquérito D2, houve um elevado desfavorecimento, tanto pelas mulheres, com peso relativo 0.117, quanto pelos homens, cujo peso relativo foi 0.298.

Em relação à hipótese aventada por nós sobre a variável *tipo de inquérito*, como já mencionado na primeira análise, foi refutada, pois, para esse grupo, pressupomos que a liderança de ocorrências aconteceria no tipo de inquérito D2 – o que não ocorreu.

Sobre a nossa hipótese relacionada ao grupo de fatores sexo/gênero, ainda que os homens também tenham favorecido o uso da variante inovadora, no entanto, foram as mulheres que lideraram esse uso de forma bastante produtiva.

Comparando nossos resultados aos achados na literatura, depreendemos que o comportamento linguístico referente à variação da expressão de posse de 3ªp na comunidade de fala culta de Fortaleza, com respeito às variáveis extralinguísticas *tipo de inquérito x sexo/gênero*, indicam-nos que as evidências fornecidas da criação dessa nova variável parecem ser consistentes com o que é apresentado na literatura, tendo em vista que a variante inovadora foi favorecida, em maior número, pelas mulheres – tendência essa que vai ao encontro de outras pesquisas.

No resultado de Soares (1999), por exemplo, para a variável sexo, foram as informantes do sexo feminino que usaram mais a forma *dele* e suas flexões (0.57), enquanto que os homens usaram mais a forma *seu* e suas flexões (0.60).

As pesquisas de Paiva (2019) e Romaine (2000) apontam para uma maior consciência feminina de *status* social das formas linguísticas, haja vista que as mulheres tendem a usar variantes de *status* mais elevado e com mais frequência do que os homens.

Sobre essa afirmativa, Labov (2001) assevera que os homens tendem a ser menos conservadores, e, portanto, fazem maior uso de formas linguísticas consideradas menos prestigiadas socialmente. Por outro lado, o autor também acrescenta que as mulheres, por sua vez, aparentam ser mais propícias ao uso das variantes mais conservadoras. Todavia, Labov (2001) destaca que, diante de processos de variação e mudança linguística, as mulheres podem, também, se mostrar mais inovadoras – desde que a nova forma variante seja bem avaliada socialmente. Do contrário, o autor pontua que elas tendem a optar pela forma mais padronizada que está há mais tempo na língua.

Como nossa variante não apresenta, em seu uso, um desprestígio social, esse fato justifica, em tese, serem as mulheres as que mais utilizam a variante inovadora na comunidade de fala culta de Fortaleza.

Dito isso, nessa rodada de criação da nova variável, assim como na primeira rodada, o programa selecionou, na ordem de relevância, como terceira variável, o grupo de fatores *apresentação de um determinante antes do pronome possessivo.* Segue a apresentação dos resultados na tabela a seguir.

Tabela 5 — Atuação da variável *apresentação de um determinante antes do pronome possessivo* sobre a variante *dele*

FATORES	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Sem determinante	**443/563**	**78,7**	**0.553**
Com determinante	5/32	15,6	0.023

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

Novamente, nessa rodada, o programa selecionou a variável *apresentação de um determinante antes do pronome possessivo.* Como apresentado, o fator selecionado como favorecedor foi o fator *sem determinante,* com peso relativo 0.553, ao passo que o fator *com determinante* se mostrou bastante desfavorecedor do uso da variante inovadora. É válido destacar que não houve mudanças significativas nos pesos relativos.

Na seção que segue, apresentamos a última rodada, sendo ela a criação de uma nova variável: *tipo de inquérito x faixa etária.*

RODADA CRIAÇÃO DA VARIÁVEL *TIPO DE INQUÉRITO* X *FAIXA ETÁRIA*

Para nossa última análise, decidimos realizar uma rodada com a criação de uma nova variável: *tipo de inquérito x faixa etária*, visto que a variável *tipo de inquérito* foi escolhida pelo programa na primeira análise e se mostrou bastante produtiva em uma análise apenas com dados desse tipo de registro, enquanto que a variável *faixa etária* foi selecionada pelo programa na análise apenas com os inquéritos do tipo DID.

Para a realização dessa análise, criamos no arquivo de condições do programa um novo grupo de fatores, o décimo segundo grupo, cujos fatores são: a) DID, faixa etária I (22 a 35 anos); b) DID, faixa etária II (36 a 56 anos); c) DID, faixa etária III (a partir de 56 anos); d) D2, faixa etária I (22 a 35 anos); e) D2, faixa etária II (36 a 56 anos); por fim, f) D2, faixa etária III (a partir de 56 anos).

Assim como na primeira rodada, localizamos um nocaute na mesma variável: *animação do possuidor*, no fator animal, e, assim como fizemos na primeira rodada, decidimos não excluir os dados, mas sim, desprezá-los. Resolvido o problema, prosseguimos para a análise binomial.

Na análise binomial, o Goldvarb X selecionou a rodada 25 (*Run # 25)* com a *Convergence at Iteration 13*, que nos deu um *Input* de 0,876, com significância de 0,001 e *Log likelihood* de -62.487. O programa Goldvarb X forneceu, por ordem de relevância, as seguintes variáveis: *posição do pronome possessivo em relação ao substantivo, apresentação de um determinante antes do pronome possessivo* e, por último, a variável *tipo de inquérito x faixa etária.* Seguem as análises sobre essas variáveis.

Por ordem de relevância, o programa selecionou, como primeira variável, a *posição do pronome possessivo em relação substantivo*, como mostra a Tabela 6. Novamente o programa selecionou o fator *posposto* como altamente favorecedor para o uso da variante inovadora, ao passo que o fator *anteposto* se comportou como altamente desfavorecedor. Como já apresentado na primeira análise, os números dos pesos relativos não tiveram significativa mudança; mesmo assim, por questões de organização, decidimos apresentar, novamente, essa variável.

Tabela 6 — Atuação da variável *posição do pronome possessivo em relação ao substantivo* sobre a variante *dele*

FATORES	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Posposto	**447/464**	**96,3**	**0.885**
Anteposto	1/131	0,8	0.001

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

Assim como ocorreu na primeira análise, o Goldvarb X selecionou, em segundo lugar, por ordem de relevância, a variável *apresentação de um determinante antes do pronome possessivo*. A seguir, na Tabela 7, são apresentados os pesos relativos que correspondem a essa variável, ressaltando que não houve significativa modificação nos pesos relativos, e o fator selecionado pelo programa como favorecedor do uso da variante inovadora novamente foi o fator *sem determinante*, assim como altamente desfavorecedor, o fator *com determinante.*

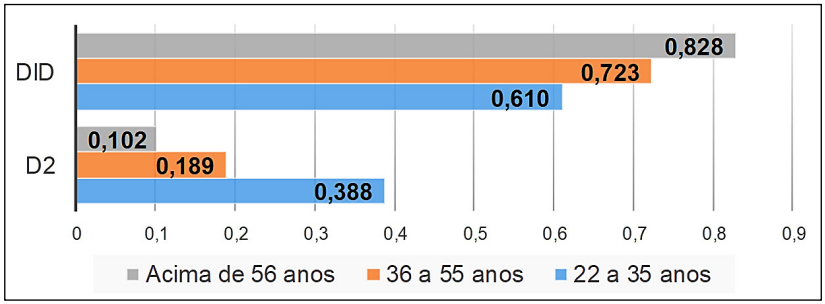
Tabela 7 — Atuação da variável *apresentação de um determinante antes do pronome possessivo* sobre a variante *dele*

FATORES	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Sem determinante	**443/563**	**78,7**	**0.552**
Com determinante	5/32	15,6	0.025

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

Tendo já exposto os achados sobre as variáveis, apresentamos, portanto, a última variável selecionada pelo programa – *o tipo de inquérito x faixa etária.* A seguir, o gráfico de criação desta nova variável com os respectivos pesos relativos.

Gráfico 3 — Criação da nova variável tipo de inquérito x faixa etária



Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

É evidente, a partir deste gráfico, qual grupo de fatores é favorecedor do uso da variante tida como inovadora, a saber, o DID, nas três faixas etárias: a) DID, faixa etária acima de 56 anos, com peso relativo de 0,828, haja vista que, partindo desses resultados, podemos claramente inferir que esse fator é altamente favorecedor da variante *dele/a(-s)*; b) DID, faixa etária de 36 a 55 anos, com peso relativo de 0,723; e c) DID, faixa etária de 22 a 35 anos, com peso relativo 0,610.

Sobre os tipos de inquéritos D2, de maneira oposta, a variação é inibida em todas as faixas etárias, pois é fazendo uma correlação com os números dos pesos relativos dos D2 que os resultados ocorrem de forma adversa aos tipos de inquérito DID.

É válido ressaltar que para a variável tipo de inquérito esperávamos que o uso da forma inovadora fosse favorecido nos inquéritos do tipo D2, tendo em vista que, nesses registros, o monitoramento da fala feito pelos informantes é bem menor, visto que eles têm, entre si, um elevado grau de intimidade, e não existe a presença de uma pessoa desconhecida, como é o caso dos DID, que possuem um documentador para fazer os registros e conduzir a entrevista.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, buscamos elementos que contribuam para o entendimento acerca da variação dos pronomes possessivos de 3ªp *seu/sua {-s}* e *dele/a {-s}* em amostras do Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT FASE II, buscando entender como se comporta tal fenômeno no *corpus* pesquisado.

Sobre as nossas principais hipóteses, elas foram apresentadas no decorrer das análises em conformidade com as variáveis selecionadas pelo programa, sendo elas confirmadas ou refutadas.

Sobre a variável *posição do pronome possessivo em relação ao substantivo*, a hipótese levantada por nós, de que o uso da forma canônica seria favorecido em ocorrências antepostas ao substantivo, foi confirmada a partir de dados percentuais com 99,2% das ocorrências para a variante *seu/a {-s}* anteposta ao substantivo, sendo que a variante *dele/a {-s}* foi mais ocorrente quando posposta ao substantivo, resultado esperado, porém, como dito anteriormente na análise dos resultados, esperávamos mais ocorrências da forma *dele/a {-s}* antepostas.

Em relação à hipótese para a variável *tipo de inquérito*, tínhamos aventado que a variante *dele/a {-s}* seria mais favorecida nos inquéritos tipo D2, tendo em vista que, nestes registros, há um certo grau de intimidade entre os informantes, e a fala não é tão monitorada. Essa hipótese foi refutada a partir dos dados expostos pelo programa, sendo os inquéritos do tipo DID favorecedores com um peso relativo 0.741.

A hipótese sobre a variável *apresentação de um determinante antes do pronome possessivo*, era a de que a presença de determinante fosse mais expressiva junto à forma *seu/a {-s}*. Podemos dizer que, de certa forma, essa hipótese foi confirmada, embora o fator *sem determinante* tenha sido escolhido pelo programa como favorecedor da variante inovadora. Em se tratando da presença de determinante, destacamos que este fator, embora timidamente, atua como aliado da variante padrão.

Apresentadas as hipóteses, podemos inferir, a partir dos dados gerais oriundos do banco de dados PORCUFORT FASE II, que há uma tendência de os falantes cultos de Fortaleza usarem, de forma bem produtiva na oralidade, a variante *dele/a {-s}*, e esse uso, em números percentuais, não se diferencia das pesquisas apresentadas e utilizadas por nós neste estudo, o que nos fornece fortes indícios de uma variação estável.

Sobre as lacunas deixadas por esse estudo, é possível, em outro trabalho, analisarmos o fenômeno em estudo na perspectiva de tempo real, visto que utilizamos o PORCUFORT FASE II e, futuramente, propomos novos estudos nos quais sejam utilizados os dados do PORCUFORT FASE I.

Em relação às contribuições para a pesquisa, acreditamos que este estudo nos proporcionará uma oportunidade importante para avançar no entendimento sobre o comportamento das ocorrências frente ao quadro de variação que envolve o fenômeno de posse de 3ªp *seu/sua {-s}* e *dele/a {-s}*. Além disso, os resultados alcançados, a nosso ver, contribuem, de forma significativa,

para o campo de estudos da Sociolinguística Variacionista, particularmente em nossa região, em especial, no Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE) e no Grupo de Pesquisa em Estudos Sociolinguísticos de Fortaleza (SOCIOFOR), uma vez que o *corpus* deste estudo é composto por dados de fala culta de informantes da cidade de Fortaleza-CE.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. O Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT: das origens aos dias atuais. **Web-Revista SOCIODIALETO**, *[s. l.]*, v. 8, n. 24, p. 174–198, 2018. Disponível em: http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/39. Acesso em: 28 mar. 2023.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COELHO I.L.; GORSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N; MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Principles of linguistic variation**: internal factors. Vol. 1. Malden, MA: Blackwell Publishers Ltd., 1994.

LABOV, W. **Principles of linguistic variation**: social factors. Vol. 2. Malden, MA: Blackwell Publishers Ltd., 2001.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

MEYERHOFF, M. **Introducing sociolinguistics**. London and NY: Routledge, 2006.

MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

NEVES, M. H. M. Possessivos. *In:* CASTILHO, A. T. (org.). **Gramática do Português Falado**. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 2002. v. 3. p. 149-211.

PAIVA, M da C. de. A variável sexo/gênero. *In:* MOLLICA, M. C.: BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 33-42.

PERINI, M. A. O surgimento do sistema possessivo do Português Coloquial: uma Interpretação funcional. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 1, n. 1 e 2, p. 1-16, 1985.

ROCHA, F. C. da F. **A alternância dos pronomes pessoais e possessivos do português de Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/Letras_RochaFC_1.pdf. Acesso em: 08 abr. 2024.

ROMAINE, S. **Language in Society**: an introduction to Sociolinguistics. 2. ed. Oxford University Press, 2000.

SANKOFF, D. Sociolinguistics and syntactic variation. *In:* NEWMEYER, F. J. (ed.). **Linguistics**: The Cambridge Survey. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 140-161.

SBALQUEIRO, A. **A variação dos pronomes possessivos de 2ª e de 3ª pessoas em redações de alunos de uma escola pública de Curitiba**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102637. Acesso em: 08 abr. 2024.

SERRANO, M. J. El rol de la variable sexo o género en sociolingüística:¿ diferencia, dominio o interacción?. **Boletín de filología**, Santiago, v. 43, p. 175-192, 2008.

SILVA, G. M. de O. e. Um caso de definitude. **Organon**. Porto Alegre, n. 18, p. 90-108, 1991.

SILVA, M. L. dos. S. **Variação dos Pronomes Possessivos de Terceira Pessoa do Singular SEU(A)(S)/DELE(A) em Natal - RN**: Aspectos Sociais e Estilísticos. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/22248. Acesso em: 08 abr. 2024.

SOARES, A. S. F. **Segunda e terceira pessoa**: o possessivo em questão – uma análise variacionista. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999. Disponível em: https://hdl.handle.net/1884/24401. Acesso em: 08 abr. 2024.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics**: an introduction to language and society. 4. ed. Penguin Books, 2000.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, I. M. **Fundamentos empíricos da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

4

Thais Abreu de Oliveira
Maylle Lima Freitas
Aluiza Alves de Araújo

O ABAIXAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA CULTA DE FORTALEZA - CE EM SITUAÇÕES DE BAIXO MONITORAMENTO ESTILÍSTICO

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-325-7.4

INTRODUÇÃO

A extensa variação linguística da Língua Portuguesa do Brasil nos fez revisitar estudos que foram feitos a partir das vogais médias pretônicas, visto que são bastante frequentes as variações nos falares de brasileiros de diversas regiões. O fenômeno que analisamos compreende três possibilidades: 1) médias abertas /ɛ/ e /ɔ/ que representam o abaixamento, como em "l[ɛ]gal" e "lab[ɔ]ratório"; 2) médias fechadas /e/ e /o/ que representam a manutenção, como em "n[e]gócio" e "elab[o]rar"[1]; 3) altas /i/ e /u/ que representam o alteamento, como em "m[i]nino" e "b[u]tei". Vários autores já pesquisaram esse fenômeno linguístico, como Bisol (1981), com o dialeto gaúcho, Silva (1989), com o falar baiano, Nina (1991), com os falantes de Belém (PA), Yacovenco (1993), com a fala carioca, Silva (2013), com o falar dos habitantes de Iporá (GO). Na cidade de Fortaleza, há o estudo de Araújo (2007) que descreve a variação das pretônicas médias no falar popular, utilizando dados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), representados por informantes com escolaridade de zero a onze anos de estudo. Além desse trabalho, há o estudo de Almeida (2017), em relação ao falar culto de Fortaleza, utilizando o banco de dados do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) fase I (década de 1990), representado por informantes de nível superior completo.

Sendo assim, a fim de continuar os estudos sobre esse fenômeno na comunidade fortalezense, analisamos quantitativamente o abaixamento das vogais médias pretônicas por meio do *corpus* PORCUFORT fase II, constituído entre 2018 e 2022. Em nossa pesquisa, fizemos um recorte e, portanto, o tipo de inquérito D2 (Diálogos entre Dois Informantes) foi o selecionado, visto que, dentre os três (D2, DID e EF), é o que tende a ter falas mais espontâneas, uma vez que os dois informantes se conhecem e vão dialogando sobre memórias passadas juntos.

1 As ilustrações das vogais médias abertas e fechadas foram retiradas do inquérito nº 2 – D2 do PORCUFORT – fase II.

Relatamos também que os estudiosos acima citados foram de extrema relevância para que pudéssemos elaborar nosso envelope de variação. Assim, investigamos quais as variáveis linguísticas (contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte e tipo de vogal tônica) e extralinguísticas (sexo/gênero e faixa etária) favoreceram o abaixamento de /e/ e /o/ pretônicas na fala culta dos fortalezenses.

Para a descrição e a análise do fenômeno em pauta, adotamos, como referencial teórico-metodológico, a Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008), que procura descrever a estrutura e a variação linguística, bem como estabelecer relação com fatores linguísticos e extralinguísticos, chegando à conclusão de que as transformações da língua dentro de uma comunidade de fala seguem um sistema de regras, e existe ordem na aparente aleatoriedade das mudanças linguísticas, assim, variações podem levar a mudanças na língua.

ESTUDOS SOBRE O ABAIXAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA CULTA BRASILEIRA

A princípio, tentamos mapear o fenômeno em pauta de acordo com as regiões brasileiras, porém havia pesquisadores que trabalhavam com fala culta e popular, ou não analisavam o abaixamento, ou até não trabalhavam com análises estatísticas. Logo, os pesquisadores que apresentamos aqui são apenas de fala culta e trazem dados estatísticos da regra de abaixamento das vogais médias pretônicas.

Na região Sudeste, Castro (1990) estudou sobre as pretônicas na variedade mineira de Juiz de Fora, mostrando que há alternância entre médias fechadas e abertas. Yacovenco (1993) realizou um estudo

sobre as vogais médias pretônicas no falar culto carioca, observando que a manutenção é mais frequente como uma tentativa de restauração do sistema linguístico, tornando pronúncia e grafia mais próximas. Celia (2004) pesquisou sobre as vogais pretônicas na fala culta de Nova Venécia (ES), percebendo que o abaixamento é tão frequente para os capixabas quanto o alteamento. Carmo (2009) estudou as vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta de pessoas do sexo feminino do interior paulista, no município de São José do Rio Preto, constatando que a maioria das pretônicas não são alçadas.

Na região Nordeste, Silva (1989) realizou uma pesquisa sobre as pretônicas no falar culto baiano, concluindo que o abaixamento é a principal regra que ocorre. Amorim (2009) analisou o comportamento das vogais /e/ e /o/ pretônicas da língua falada culta do Recife, apontando que os recifenses têm preferência pelas vogais médio-altas. E também, na região Nordeste, Almeida (2017) escreveu sobre as realizações das vogais médias pretônicas no falar culto de Fortaleza (CE) utilizando o banco de dados do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) fase I (década de 1990). Os fatores linguísticos elencados foram: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, atonicidade, tipo de vogal tônica, tipo de átona seguinte, distância da vogal tônica, estrutura da sílaba e classe do vocábulo. Os fatores extralinguísticos elencados foram: sexo, monitoramento estilístico e faixa etária. Das 30 horas de gravações, foram observadas 3206 vogais anteriores, com a manutenção ocorrendo em 49% do *corpus*, e 2654 vogais posteriores, com o abaixamento ocorrendo em 46% do *corpus*, sendo um fenômeno influenciado predominantemente por fatores de ordem linguística e estando em variação estável.

A partir dessas pesquisas dos séculos XX e XXI, sobre o fenômeno em análise, percebemos que, em uma mesma região, há resultados distintos, ora o abaixamento sendo a regra mais utilizada pelos falantes daquela determinada comunidade, ora a manutenção e ora o alteamento.

METODOLOGIA

Neste estudo, usamos uma amostra de fala composta por 12 informantes pertencentes ao inquérito D2, extraídos do projeto PORCUFORT – fase II, distribuídos da seguinte forma.

Tabela 1 — Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis extralinguísticas controladas em nossa amostra

	Sexo/Gênero	
Faixa etária	**Feminino**	**Masculino**
I - 22 a 35 anos	2	2
II - 36 a 55 anos	2	2
III - a partir de 56 anos	2	2

Fonte: elaborada pelas autoras com base em Araújo (2007) e Almeida (2017).

Podemos aqui inferir, de acordo com a Tabela 1, que analisamos os áudios de 12 informantes, sendo 6 de cada sexo/gênero e 4 de cada faixa etária, todos sendo do mesmo tipo de inquérito: D2. Destacamos aqui que, de cada um dos informantes, fizemos a audição, desconsiderando os primeiros 20 minutos. A transcrição fonética realizada abrange apenas os itens lexicais com as vogais pretônicas [ɛ], [e], [ɔ] e [o].

É importante destacarmos que essas vogais analisadas apresentam algumas semelhanças e também algumas diferenças com relação aos aspectos articulatórios. As quatro vogais são orais, visto que o véu palatino fecha a passagem de ar para a cavidade nasal, fazendo com que o ar saia somente pela cavidade bucal. Em relação ao movimento de altura da língua, todas são classificadas como vogais médias, pois o corpo da língua se encontra em uma posição entre as altas e as baixas, mas [ɛ] e [ɔ] são médias-baixas, por estarem mais próximas das vogais baixas, e [e] e [o] são médias-altas, por estarem mais próximas das vogais altas.

Em se tratando de diferenças entre as quatro vogais de nossa análise, podemos destacar o movimento de avanço (anterioridade) e recuo (posterioridade) da língua. As vogais [ɛ] e [e] se caracterizam como anteriores, pois o corpo da língua vai em direção aos alvéolos, ou seja, para a parte anterior do trato oral, fazendo com que a língua se eleve para frente. Já as vogais [ɔ] e [o] são as posteriores, uma vez que o corpo da língua vai em direção ao palato mole, isto é, para a parte posterior do trato vocal, assim, deixando a língua subir para trás. Outra diferença ocorre devido à protusão e ao estiramento dos lábios. As vogais [ɔ] e [o] são arredondadas, pois são produzidas com os lábios arredondados, em contrapartida, as vogais [ɛ] e [e] são produzidas com os lábios estirados.

Nesse sentido, sabendo as semelhanças e as diferenças entre as quatro vogais deste estudo, foram testadas três variáveis linguísticas, a saber: *contexto fonológico precedente* (bilabial, labiodental, alveolar, alveolopalatal, palatal, velar e glotal), *contexto fonológico seguinte* (idem ao anterior) e *tipo de vogal tônica* (vogal oral tônica baixa, vogal oral tônica média-baixa anterior, vogal oral tônica média-baixa posterior, vogal oral tônica média-alta anterior, vogal oral tônica média-alta posterior, vogal oral tônica alta anterior, vogal oral tônica alta posterior, vogal nasal baixa, vogal nasal média anterior, vogal nasal média posterior, vogal nasal alta anterior, vogal nasal alta posterior, ditongos orais e ditongos nasais). Também controlamos duas variáveis extralinguísticas, a saber: *sexo/gênero* (feminino e masculino) e *faixa etária* (faixa I – 22 a 35 anos, faixa II – 36 a 55 anos, faixa III – a partir de 56 anos).

Diante do exposto e com base na revisão de literatura, apresentamos as nossas hipóteses: para o contexto fonológico precedente, defendemos que as consoantes velares sejam as favorecedoras do abaixamento de /e/ e que as palatais sejam as de /o/; para o contexto fonológico seguinte, a expectativa era de que as consoantes glotais, as bilabiais e as labiodentais favorecessem ambas as vogais;

para o tipo de vogal tônica, imaginamos que a vogal oral média-baixa anterior, a vogal média-baixa posterior, a vogal nasal média anterior e a vogal nasal média posterior favoreçam a regra em estudo; para o sexo/gênero, a hipótese era de que os homens favorecessem o abaixamento de /e/ e /o/; para a faixa etária, espera-se que as faixas II e III favoreçam o fenômeno em análise.

ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada por meio da linguagem de programação R, esta ferramenta foi utilizada na construção e manipulação de nosso banco de dados. A variável resposta, devido ao caráter de codificação de oitiva das entrevistas sociolinguísticas, resultou em 4 variantes linguísticas categóricas de /e/ e /o/ pretônicas. Elaboramos tabelas de frequência (contagem) e proporção (em porcentagem) das ocorrências das variantes como análise descritiva da amostra, e realizamos testes de qui-quadrado ($\chi 2$) de Pearson para análise inferencial para realizar projeções à população.

O qui-quadrado é um teste de hipótese univariado indicado para variáveis categóricas, tanto a variável resposta quanto a previsora, que trata se há associação estatisticamente significativa entre elas. De maneira extremamente simplificada, parte-se de uma H0 (hipótese nula), que não existe associação entre as variáveis e essa pode ser rejeitada caso o teste aponte que as distribuições da tabela diferem significativamente das frequências esperadas. Em caso de rejeição da hipótese nula, aceita-se a H1 (hipótese alternativa), que prevê algum tipo de associação entre as variáveis. Para rejeitar a hipótese nula, adotamos o índice de significância $p < 0,05$, que representa uma probabilidade abaixo de 5% de essa distribuição ser observada em caso de a hipótese nula ser verdadeira.

Para as variáveis previsoras sociais (sexo e faixa etária), foi utilizada a versão tradicional do teste qui-quadrado. No caso das variáveis linguísticas, devido a células vazias ou com baixa frequência (< 5) de ocorrências, realizamos o teste com valor de *p* simulado com dez mil réplicas. Assim, não há o cálculo dos valores de liberdade (df) nesses casos, pois o valor de *p* estimado diretamente não é derivado da distribuição qui-quadrado, mas sim estimado diretamente a partir das distribuições geradas por meio de métodos de Monte Carlo (com o componente de aleatoriedade). O valor de *p* é calculado com base na proporção das distribuições que produzem um resultado tão extremo, valores raros ou atípicos, quanto o observado considerando que a hipótese nula seja verdadeira.

Destacamos que os testes realizados neste capítulo não preveem relações multivariadas, considerando duas variáveis ou mais simultaneamente, nem interação entre as variáveis da pesquisa, como também não indicam os níveis significativos das variáveis e a direção das associações (probabilidades positivas ou negativas, por exemplo). A análise das tabelas sob a ótica descritiva, assim como os resultados dos testes de qui-quadrado, servirá para entender melhor os nossos dados e prever hipóteses mais refinadas para a variação de /e, o/ pretônicos a serem testados em modelos de regressão logística com efeitos mistos em um texto subsequente.

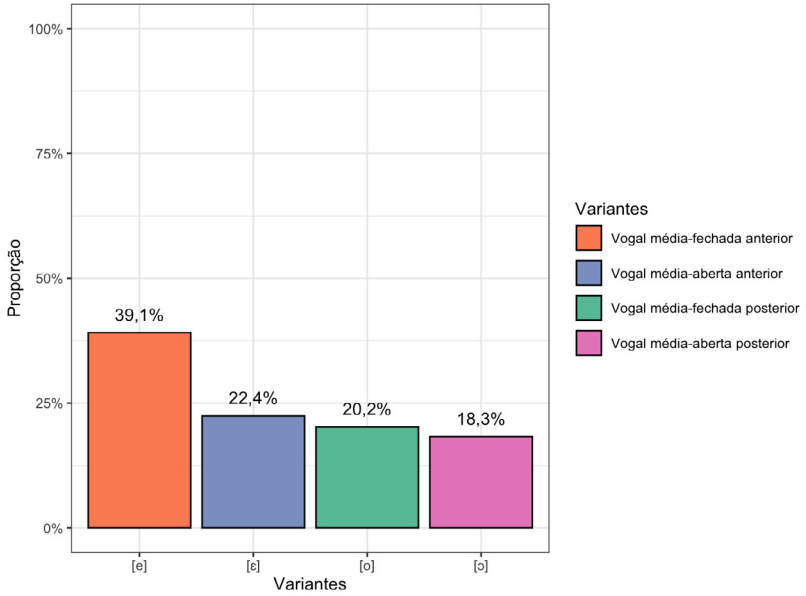
ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, faremos uma apresentação detalhada dos resultados que obtivemos após submetermos nossos dados ao programa de análise estatística. Iniciamos com a distribuição das variantes da pesquisa em nossa amostra.

Os resultados do gráfico 1 apontam a variante médio-fechada anterior [e] como a mais produtiva da amostra com 39,1% de ocorrências (N = 211), seguida pela média-aberta anterior [ɛ]. Para as

posteriores pretônicas, a variante fechada também foi a mais produtiva, tendo [o] 20,2% (N = 109) das ocorrências totais da amostra e a variante aberta [ɔ] figura com a menor proporção da amostra, 18,3% (N = 99). Considerando a oposição entre fechadas e abertas, soma-se 59,3% de vogais médias pretônicas fechadas [e, o] (N = 320) em detrimento de 40,7% de abertas [ɛ, ɔ] (N = 220), diferença considerada estatisticamente significativa ($\chi2$ = 6,1319, df = 1, p < 0,05*). Há também uma diferença estatisticamente relevante da ocorrência dos pares de vogais variantes anteriores [ɛ, e] e posteriores [ɔ, o] ($\chi2$ = 28,744, df = 1, p < 0,0001***), destaca-se que a média fechada [e] é quem possui maior frequência na amostra e uma maior margem de distância para seu par por zona de articulação.

Gráfico 1 — Distribuição das variantes fechadas e abertas de /e, o/ pretônicas (N = 540)



Fonte: elaborada pelas autoras, 2025.

Esses resultados mostram uma margem de avanço das variantes fechadas, assim como ocorreu na análise da amostra da Fase I.

Como as análises ocorreram com falantes do ensino superior, é possível que eles se utilizem bastante da variante conservadora por esse motivo, porém, as variantes inovadoras também aparecem muito, mostrando, assim, um traço do regionalismo. A seguir, na Tabela 2, poderemos visualizar uma gradação etária do uso das variantes abertas e fechadas.

Tabela 2 — Distribuição das variantes por faixa etária (N = 540)

Variante/ Faixa	Média-fechada anterior [e]	Média-aberta anterior [ɛ]	Média-fechada posterior [o]	Média-aberta posterior [ɔ]
Faixa 1	17 (39,5%)	9 (20,9%)	11 (25,6%)	6 (14%)
Faixa 2	146 (40%)	77 (21,1%)	83 (22,7%)	59 (16,2%)
Faixa 3	48 (36,4%)	35 (26,5%)	15 (11,4%)	34 (25,8%)
$\chi 2 = 13{,}891$, df = 6, $p = 0{,}03$ *				

Fonte: elaborada pelas autoras, 2025.

A variável faixa etária foi estatisticamente significativa para a descrição do fenômeno ($p < 0{,}05$*). Houve a predominância do uso das variantes fechadas pelos falantes da amostra, já o uso das variantes abertas ocorre em maior destaque pelos falantes mais velhos da amostra, sugerindo que os falantes mais novos preferem a variante inovadora, o que indica um processo de mudança em curso, enquanto os mais velhos que adquiriram a língua em um momento anterior preferem a variante conservadora. Do mesmo modo, os autores que serviram de base de nossa literatura obtiveram resultados bem semelhantes, exceto Silva (1989), Yacovenco (1993) e Carmo (2009), que não analisaram esta regra. Observemos, a seguir, a distribuição das variantes em análise por sexo/gênero.

Tabela 3 — Distribuição das variantes por sexo/gênero (N = 540)

Variante/ Sexo/Gênero	Média-fechada anterior [e]	Média-aberta anterior [ɛ]	Média-fechada posterior [o]	Média-aberta posterior [ɔ]
Masculino	121 (36,7%)	75 (22,7%)	77 (23,3%)	57 (17,3%)
Feminino	90 (42,9%)	46 (21,9%)	32 (15,2%)	42 (20%)
$\chi2 = 5{,}9845$, df = 3, $p = 0{,}11$				

Fonte: elaborada pelas autoras, 2025.

A distribuição das variantes por sexo/gênero está bastante próxima entre homens e mulheres, com a preferência de ambos pelas variantes fechadas. A única variante aberta que tem uma porcentagem maior que a sua concorrente fechada é a variante [ɔ] entre o sexo feminino, o que difere do estudo de Almeida (2017) e de nossa hipótese, que teve o sexo masculino selecionado para esse fator. No entanto, a diferença entre homens e mulheres no uso das variantes não foi estatisticamente significativa, o que coincidiu com a maior parte dos estudiosos de tal fenômeno. Passemos agora para a análise da atuação do contexto anterior sobre as vogais médias pretônicas.

Tabela 4 — Distribuição das variantes por contexto precedente (N = 540)

Variante/ Contexto anterior	Média-fechada anterior [e]	Média-aberta anterior [ɛ]	Média-fechada posterior [o]	Média-aberta posterior [ɔ]
Velar	10 (13%)	8 (10,4%)	28 (36,4%)	31 (40,3%)
Alveolar	102 (42,7%)	54 (22,6%)	51 (21,3%)	32 (13,4%)
Bilabial	48 (43,2%)	26 (23,4%)	20 (18%)	17 (15,3%)
Alveolopalatal	11 (64,7%)	2 (11,8%)	3 (17,6%)	1 (5,9%)
Glotal	27 (50,9%)	22 (41,5%)	-	4 (7,5%)
Labiodental	12 (28,6%)	9 (21,4%)	7 (16,7%)	14 (33,3%)
Palatal	1 (100%)	-	-	-
$\chi2 = 93{,}433$, df = NA, $p < 0{,}001$ ***				

Fonte: elaborada pelas autoras, 2025.

O contexto palatal só apresentou um caso, sendo o de vogal média-fechada anterior. Já no trabalho de Almeida (2017), ele foi bem relevante para a vogal média-aberta posterior. Outro contexto a ser comentado é o glotal, que não apresentou itens lexicais com a vogal média-fechada posterior, essa que aparece com frequência alta na pesquisa de Amorim (2009). Notamos, também, a partir da Tabela 4, que o contexto alveolopalatal é o de maior relevância para as pretônicas fechadas, e que o velar e o labiodental são os que têm maior porcentagem para as abertas posteriores. Assim, a nossa hipótese inicial não foi confirmada, pois as consoantes velares não foram aliadas do abaixamento de /e/, assim como as palatais, que só apareceram em um único item lexical, não se mostrando favorecedoras do abaixamento de /o/.

Tabela 5 — Distribuição das variantes por contexto seguinte (N = 540)

Variante/ Contexto seguinte	Média-fechada anterior [e]	Média-aberta anterior [ɛ]	Média-fechada posterior [o]	Média-aberta posterior [ɔ]
Alveolar	117 (40,2%)	73 (25,1%)	58 (19,9%)	43 (14,8%)
Glotal	22 (27,8%)	14 (17,7%)	15 (19%)	28 (35,4%)
Bilabial	11 (27,5%)	6 (15%)	16 (40%)	7 (17,5%)
Labiodental	16 (40%)	9 (22,5%)	6 (15%)	9 (22,5%)
Velar	27 (45,8%)	17 (28,8%)	9 (15,3%)	6 (10,2%)
Alveopalatal	14 (56%)	1 (4%)	4 (16%)	6 (24%)
Palatal	4 (66,7%)	1 (16,7%)	1 (16,7%)	-
$\chi^2 = 43{,}378$, df = NA, $p < 0{,}007$ ***				

Fonte: elaborada pelas autoras, 2025.

Constatamos que, para o contexto fonológico seguinte, há também um predomínio das vogais médias-altas, principalmente para as consoantes alveolares (assim como ocorre para Célia (2004)), velares (como ocorre para Castro (1990)) e alveolopalatais.

Essa última, quando analisadas as vogais posteriores, traz uma porcentagem maior para a vogal média-baixa. Outras consoantes que também apresentam, para o contexto posterior, a preferência para o abaixamento, são as glotais, assim como constatado por Almeida (2017), e as bilabiais, bem como os autores mencionados em nosso estado da arte, exceto Silva (1989), Yacovenco (1993) e Carmo (2009), que não analisaram esta regra. Já as palatais não apresentam nenhum item lexical com realização aberta, devido ao fato de ter sua articulação alta. Em síntese, podemos afirmar que nossa hipótese foi parcialmente confirmada, visto que as consoantes glotais e labiodentais favoreceram o abaixamento de /o/, porém essas e sequer as outras consoantes se mostraram aliadas do abaixamento de /e/.

Tabela 6 — Distribuição das variantes por tipo de vogal tônica (N = 540)

Variante/ Tipo de vogal tônica	Média-fechada anterior [e]	Média-aberta anterior [ɛ]	Média-fechada posterior [o]	Média-aberta posterior [ɔ]
Oral alta anterior [i]	41 (44,1%)	14 (15,1%)	22 (23,7%)	16 (17,2%)
Oral média-alta anterior [e]	20 (51,3%)	9 (23,1%)	8 (20,5%)	2 (5,1%)
Oral média-baixa anterior [ɛ]	2 (5,9%)	5 (14,7%)	12 (35,3%)	15 (44,1%)
Oral alta posterior [u]	2 (50%)	1 (25%)	-	1 (25%)
Oral média-alta posterior [o]	16 (55,2%)	7 (24,1%)	6 (20,7%)	-
Oral média-baixa posterior [ɔ]	6 (21,4%)	9 (32,1%)	1 (3,6%)	12 (42,9%)
Oral baixa [a]	51 (39,5%)	27 (20,9%)	27 (20,9%)	24 (18,6%)
Ditongo oral [aj, aw, ej, ew, oj, ow]	30 (55,6%)	11 (20,4%)	7 (13%)	6 (11,1%)
Ditongo nasal [ãj, ãw]	21 (33,9%)	11 (17,7%)	16 (25,8%)	14 (22,6%)
Nasal alta anterior [ĩ]	1 (50%)	1 (50%)	-	-
Nasal média anterior [ẽ]	13 (30,2%)	17 (39,5%)	6 (14%)	7 (16,3%)
Nasal alta posterior [ũ]	-	2 (100%)	-	-
Nasal média posterior [õ]	-	1 (50%)	-	1 (50%)
Nasal baixa [ã]	8 (42,1%)	6 (31,6%)	4 (21,1%)	1 (5,3%)
$\chi^2 = 90{,}999$, df = NA, $p < 0{,}001$ ***				

Fonte: elaborada pelas autoras, 2025.

A partir da leitura da Tabela 6, infere-se que a vogal nasal média anterior tem grande relevância para o abaixamento das pretônicas, assim como foi observado por Almeida (2017). A vogal oral média-baixa posterior também se apresenta como forte aliada para o abaixamento das vogais estudadas, do mesmo modo que ocorreu nas análises de Célia (2004) e Almeida (2017). O tipo de vogal tônica oral alta posterior apareceu pouco nas audições, no entanto, não houve nenhuma ocorrência de [o]. A nasal média posterior também ocorreu minimamente, todavia não foram encontradas ocorrências das vogais fechadas. A nasal alta posterior só aparece uma única vez, sendo para [ɛ]. Logo, percebemos que as nasais, exceto a nasal baixa, são mais propensas ao abaixamento das pretônicas. Em suma, nossas hipóteses foram confirmadas, já que as vogais médias-baixas e nasais médias favoreceram tanto /e/ quanto /o/ para a regra de abaixamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, pudemos investigar o abaixamento das vogais /e/ e /o/ pretônicas no falar culto de Fortaleza, a partir de dados do *corpus* PORCUFORT - fase II. Ademais, nosso objetivo era o de analisar o papel das variáveis linguísticas (contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte e tipo de vogal tônica) e o papel das variáveis extralinguísticas (sexo/gênero e faixa etária), a partir das audições do inquérito D2.

Ao todo, coletamos 332 ocorrências para a vogal média pretônica anterior (211 de [ɛ] e 121 de [e]) e 208 ocorrências para a vogal média pretônica posterior (109 de [ɔ] e 99 de [o]). Os dados foram codificados por via oitiva e resultaram em quatro variantes linguísticas categóricas que foram codificadas em relação a fatores extralinguísticos e linguísticos para posterior descrição da variável

resposta linguística, as vogais médias pretônicas, pelas variáveis previsoras em tabelas frequência (n) e proporção (em %), como também se realizou a análise inferencial por meio de testes de qui-quadrado.

Em suma, o resultado que esperávamos não condiz com o que ocorreu em nossa análise, pois acreditávamos que o tipo de inquérito considerado mais informal (D2) no banco de dados PORCUFORT - fase II trouxesse o abaixamento como regra principal tanto para /e/ quanto para /o/. Contudo, não foi o que ocorreu, mostrando-nos que as variantes abertas e fechadas concorrem na fala culta dos fortalezenses.

Quanto ao papel das variáveis linguísticas, podemos destacar que, para o contexto fonológico precedente, as consoantes velares foram as que tiveram relevância para o abaixamento da pretônica /o/; para o contexto fonológico seguinte, as consoantes glotais foram as maiores aliadas da regra; para o tipo de vogal tônica, as vogais orais médias-baixas e as vogais nasais médias são as que mais contribuíram tanto para /e/ quanto para /o/.

Já em relação às variáveis extralinguísticas, os resultados indicam significância da faixa etária sobre a variação das médias pretônicas, sem aparente influência do sexo/gênero do falante sobre o uso linguístico. A influência da faixa etária pode ser um sinal de mudança linguística em direção às variantes médias-baixas [e, o], devido a sua frequência de uso mais elevada na primeira faixa etária e queda desse uso na faixa etária mais velha. Para a faixa etária, os mais jovens têm uma frequência elevada das variantes fechadas [e, o] em detrimento dos mais velhos, e o uso das variantes abertas [ɛ, ɔ] é crescente em associação às faixas etárias mais velhas, sugerindo uma gradação etária das variantes e uma possível mudança em curso em favor das formas fechadas. No entanto, este trabalho é apenas um recorte de um estudo em andamento que envolve não só o inquérito D2, mas também os outros (DID e EF) do PORCUFORT - fase II, além de contar com mais variáveis linguísticas (atonicidade, tipo de átona seguinte, distância da vogal tônica, estrutura da sílaba e classe do vocábulo).

Em etapa posterior da pesquisa, deve-se trabalhar com modelos multivariados e com possíveis interações entre as variáveis para avaliar a influência e o tamanho do efeito dos níveis das variáveis sob a variação de /e/ e /o/, considerando os diferentes condicionadores para as vogais médias pretônicas anteriores e posteriores e hipóteses mais refinadas a partir dos resultados indicados neste capítulo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, B. K. M. de. **As realizações das vogais /E/ e /O/ pretônicas no falar culto de Fortaleza-CE sob a perspectiva variacionista**. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: https://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Dissertação-Brenda-K.-Melo-de-Almeida.pdf. Acesso em: 23 mar. 2018.

AMORIM, G. da S. **O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos:** um estudo variacionista de língua falada culta do Recife. Dissertação (Mestrado em Letras) — Centro de Artes e Comunicação, Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

ARAÚJO, A. A. de. **As vogais médias pretônicas no falar no falar popular de Fortaleza:** uma abordagem variacionista. 2007. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação de Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

BISOL, L. **Harmonização vocálica**: uma regra variável. Rio de Janeiro, 1981.

CARMO, M. C. do. **As vogais médias pretônicas dos verbos no dialeto do noroeste paulista**: análise sob a perspectiva da Teoria Autossegmental. Estudos Linguísticos, São Paulo, 2009.

CASTRO, E. C. de. **As pretônicas na variedade mineira de Juiz de Fora**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.

CELIA, G. F. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia-ES**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos em Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NINA, T. **Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

R CORE TEAM. **R:** A language and environment for statistical computing. The R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Disponível em: http://www.R-project.org/. Acesso em: 20 ago. 2024.

SILVA, M. B. da. **As pretônicas no falar baiano:** a variedade culta de Salvador. 1989. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

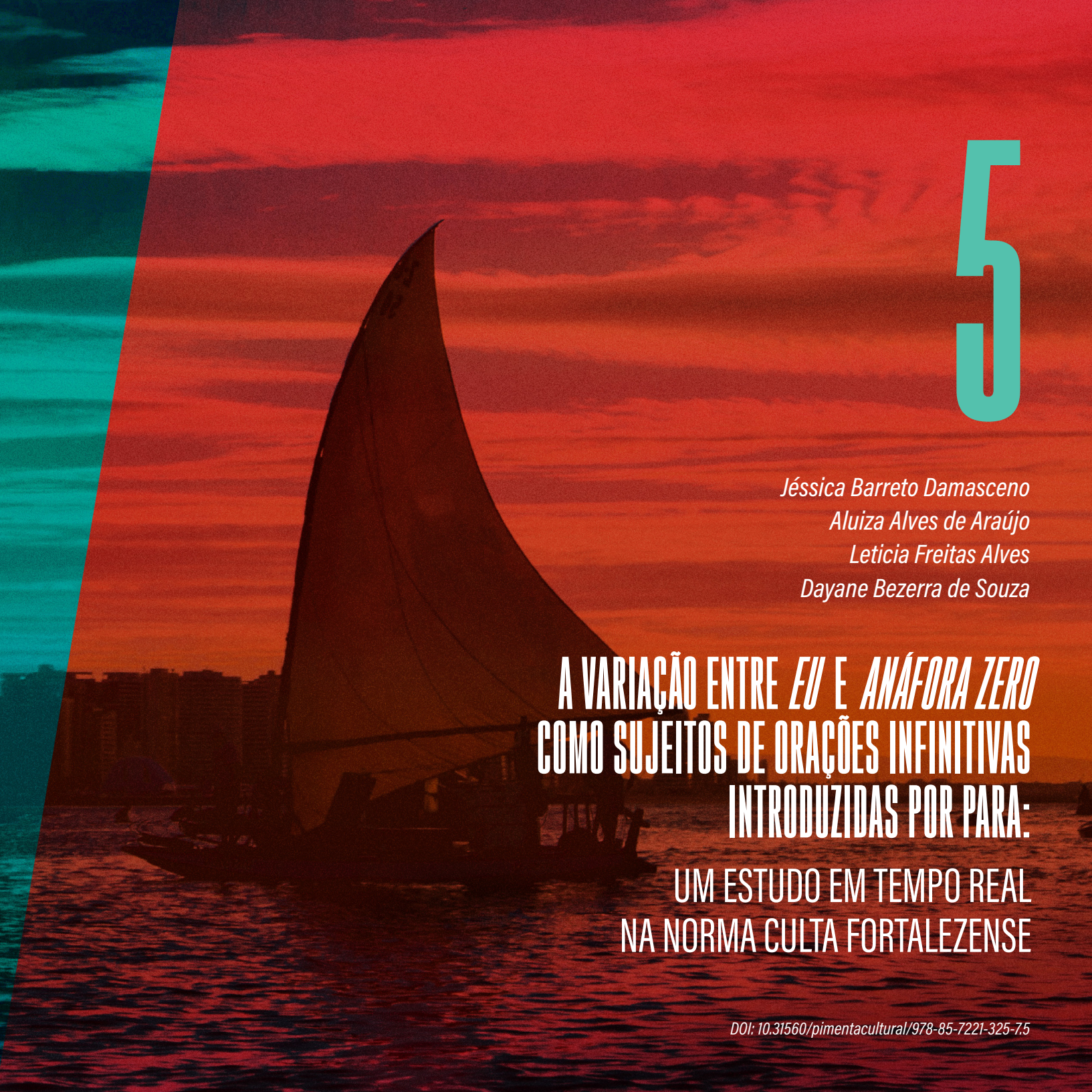
SILVA, W. K. L. da. **Caracterização linguística do oeste Goiano**: o uso variável das vogais médias pretônicas na fala de Iporá/GO. 2013. 197 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) — Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3621. Acesso em: 24 out. 2024.

WEINRICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. *In:* LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. **Directions for historical linguistics**. Austin. University of Texas Press, 1968.

YACOVENCO, L. C. **As vogais médias pretônicas no falar culto carioca**. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1993.

Parte 2

ESTUDOS EM TEMPO REAL



5

Jéssica Barreto Damasceno
Aluiza Alves de Araújo
Leticia Freitas Alves
Dayane Bezerra de Souza

A VARIAÇÃO ENTRE *EU* E *ANÁFORA ZERO* COMO SUJEITOS DE ORAÇÕES INFINITIVAS INTRODUZIDAS POR PARA:

UM ESTUDO EM TEMPO REAL NA NORMA CULTA FORTALEZENSE

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-325-7.5

INTRODUÇÃO

Na contramão das pesquisas estruturais que foram preponderantes no início do século XX, a Sociolinguística surge, na década de 60, propondo um novo viés para os estudos linguísticos. A teoria estruturalista, por exemplo, operou a escolha metodológica de trabalhar com a língua (*langue*) em detrimento da fala (*parole*), uma vez que se acreditava ser esta caótica, o que tornava seu estudo impossível. Outras noções também vinham sendo defendidas nesses estudos, como o fato de a língua ser um sistema homogêneo que deve ser estudado em caráter sincrônico e puramente linguístico.

Por mais que essas correntes tenham dado contributos inestimáveis que auxiliaram a alçar a Linguística ao *status* de ciência, algumas de suas perspectivas começaram a ser contestadas. Isso ocorreu sobretudo após a publicação de *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (Weinreich; Labov; Herzog, 2006). Nessa corrente de estudo, a importância dos fatores sociais foi reconhecida para as investigações sobre as línguas naturais. A reconciliação entre aspectos linguísticos e extralinguísticos possibilitou novos horizontes de pesquisa que permitiram analisar as línguas em uso, observando a variação e a mudança linguística, tanto em um recorte temporal, sincronicamente, ou em recortes temporais diferentes, diacronicamente. A compreensão de que os sistemas são variáveis, mutáveis, heterogêneos e sistemáticos abre várias possibilidades de estudo.

Assim, utilizando os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, neste artigo, propomo-nos a analisar a variação entre as estruturas *eu* e *anáfora zero* como sujeitos de orações infinitivas iniciadas pela preposição *para* no falar culto fortalezense. O fenômeno muito nos intriga, pois temos observado, por meio de outras pesquisas realizadas sobre o mesmo tema (Figueiredo, 2007; Gomes, 2019), como os resultados têm sido homogêneos quando vistos em diferentes comunidades de fala.

O nosso objeto está estruturado em três conceitos principais: o pronome pessoal reto *eu*, a função sintática de sujeito e as orações infinitivas iniciadas por *para*. Dessa forma, o primeiro tópico a ser apresentado são os pronomes pessoais. De acordo com a gramática normativa (Cunha; Cintra, 2007; Bechara, 2009; Rocha Lima, 2011), os pronomes pessoais são uma entre as seis categorias nas quais essa classe de palavras se divide. Contudo, nosso objetivo se centra, especificamente, no pronome pessoal reto *eu*, que designa a 1ª pessoa do singular como sujeito, majoritariamente.

Historicamente, é relevante ressaltar que a categoria dos pronomes pessoais é a que mais fielmente preserva traços da declinação latina (Coutinho, 1976, p. 253). Assim, o percurso trilhado por esse pronome até sua chegada no português foi: *eo* (nom.) > *ego* > eu. Essa forma deve ser utilizada em contextos nos quais exerça a função de sujeito. De fato, exercer a função de sujeito é uma característica de todos os pronomes pessoais retos. Quando há a necessidade de um pronome pessoal que exerça outras funções sintáticas, somos guiados à escolha dos pronomes oblíquos. No caso da 1ª pessoa do singular, recorremos à forma *mim.*

Isso posto, percebemos como o uso dos pronomes pessoais está intimamente ligado às funções sintáticas. Por consequência, chegamos ao segundo tópico para a compreensão de nosso objeto: o sujeito. Ao analisarmos a língua a partir do nível sintático, temos o sujeito como o termo essencial da oração, segundo Cunha e Cintra (2008, p. 136), "é o ser sobre o qual se faz uma declaração". Destacando o sujeito de 1ª pessoa do singular, temos a utilização do pronome pessoal reto *eu* para representá-lo. Outra possibilidade de representação é a retirada desse sujeito, aqui chamada de *anáfora zero*, deixando-o identificável por meio do contexto.

Em nosso terceiro tópico, temos as orações reduzidas de infinitivo. Ainda de acordo com Cunha e Cintra (2008, p. 623-624, grifos do autor), define-se reduzida "a oração dependente que não

se inicia por relativo nem por conjunção subordinativa e que tem o verbo em uma das *formas nominais* - o *infinitivo*, o *gerúndio* e o *particípio*". Nesta pesquisa, especificamente, analisamos as orações reduzidas de infinitivo iniciadas pela preposição *para*.

Assim, investigamos, em nosso estudo, a presença do *eu* ou da *anáfora zero* enquanto sujeitos das orações infinitivas introduzidas por *para*. Para isso, utilizamos o *corpus* Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), nas fases I e II, coletado nas décadas de 90 e 2010. Abaixo ilustramos o fenômeno estudado por nós:

1. "meu marido na época ele ganhava bem então dava **para eu ficar** em casa tudinho" (PORCUFORT II, DID, 43);

2. "porque eu chego chego me tranco porque o horário que eu tenho **para Ø fazer** alguma coisa pronto" (PORCUFORT II, DID, 29).

Nas orações acima, percebemos concretamente a realização do fenômeno em estudo. Na primeira ocorrência, temos a presença do *eu* como sujeito da oração infinitiva. Já na segunda ocorrência, temos a utilização da *anáfora zero* enquanto estratégia para representar o sujeito. Por mais que não haja uma desinência número-pessoal no verbo "fazer", percebe-se, pelo contexto, que se refere à primeira pessoa do singular. Na coleta de dados, foram retiradas todas as ocorrências em que a *anáfora zero* referenciava outras pessoas diferentes do *eu*, como *a gente* ou *ele*. Objetivamos, assim, responder, nesta pesquisa, às seguintes perguntas: a) qual variante prevalece na fala culta de Fortaleza?; b) quais variáveis linguísticas e extralinguísticas condicionam o uso de *eu* como sujeito de orações infinitivas iniciadas por *para*?

Acerca dessas perguntas, formulamos as seguintes hipóteses: a) o uso do pronome *eu*, no contexto em estudo, é menos frequente; b) a oração única favorece a utilização do pronome *eu*;

c) as orações infinitivas que ocorrem de forma única, sem que haja outra paralela no espaço de 12 linhas, aliam-se ao uso de *eu*; d) as experiências de vida privilegiam o aparecimento de *eu* enquanto sujeito; e) as orações com sujeitos diferentes da oração infinitiva favorecem a presença do *eu*; f) os verbos estáticos privilegiam a presença do pronome reto; g) os contextos em que o pronome sujeito tem papel ambíguo estão aliados ao uso do pronome *eu* enquanto sujeito; h) os contextos com material interveniente são favoráveis à realização do pronome pessoal de 1ª pessoa do singular; i) as mulheres privilegiam o uso de *eu*, diferentemente dos homens; j) a terceira faixa etária (50 anos em diante) favorece o pronome reto, contrariamente às faixas etárias mais jovens; k) a década de 2010 figura como privilegiadora da realização de *anáfora zero*.

Como mencionado, utilizamos o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista para realizar esse estudo. A seguir, apresentamos algumas pesquisas já desenvolvidas acerca desse fenômeno para podermos compreender melhor sua atuação em outras comunidades de fala. Na sequência, nos detemos na metodologia e na análise de dados. Por fim, expomos as conclusões retiradas a partir de nossas análises e apontamos lacunas a serem preenchidas em pesquisas futuras.

ESTUDOS SOBRE O FENÔMENO

A perspectiva que adotamos em nossa investigação foi a da Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa. As pesquisas realizadas por Weinreich, Labov e Herzog culminaram na publicação de obras como *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (2006) e de *Padrões Sociolinguísticos* (Labov, 2008), responsáveis por estruturar essa corrente de estudo. Labov é, até hoje, o nome

mais proeminente nessa área, que leva em consideração alguns pressupostos teóricos: a língua é um sistema heterogêneo, ordenado, variável e mutável (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008). Baseadas nessas ideias, objetivamos analisar a variação entre *eu* e *anáfora zero* enquanto sujeitos de 1ª pessoa do singular de orações infinitivas iniciadas por *para* na fala culta de Fortaleza.

Outras áreas dos estudos linguísticos já se debruçaram acerca da realização do sujeito de oração infinitiva, como o Gerativismo (Botelho Pereira; Roncaratti, 1993; Mioto; Silva; Lopes (2007) e o Sociocognitivismo (Torrent, 2005, 2008a, 2008b). Contudo, nos dedicamos apenas às análises que possuíam o suporte da Sociolinguística Variacionistas. Dessa forma, as pesquisas de Figueiredo (2007) e de Gomes (2019) foram essenciais no desenvolvimento de nossa investigação. A seguir, explanaremos as contribuições dadas por cada uma delas.

A pesquisa de Figueiredo (2007) selecionou para estudo a ocorrência de *mim* e *anáfora zero* enquanto sujeito de 1ª pessoa do singular em orações infinitivas iniciadas por *para* na fala carioca. Para isso, utilizou duas amostras do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua - PEUL/UFRJ, uma de 1980, a Amostra Censo, e outra de 2000, a Amostra Tendências. A amostra de 1980 formou-se com 622 dados: 119 (19%) são com a variante *mim*, 31 (4%) com a variante *eu* e 472 (75%) com a variante Ø (*anáfora zero*). Já a amostra dos anos 2000 apresentou 264 dados: 43 (16%) foram da variante *mim*, 11 (4%) da variante *eu* e 210 (79%) da variante Ø (*anáfora zero*).

Objetivou-se estudar, inicialmente, as três variantes, mas a baixa ocorrência de *eu* no *corpus* alterou o recorte estabelecido previamente. Dessa forma, o autor optou por restringir sua pesquisa às estruturas *mim* e *anáfora zero*, selecionando como fator de aplicação o preenchimento do contexto com o pronome oblíquo. As variáveis selecionadas pelo programa estatístico em 1980 também foram selecionadas em 2000, inclusive na mesma ordem, excetuando algumas que foram selecionadas apenas na primeira e não na segunda amostra.

Por ordem de relevância, temos as variáveis a seguir: *função sintática da oração infinitiva* (1980 e 2000), *paralelismo* (1980 e 2000), *tipo de texto* (exclusivamente 1980), *modalidade* (exclusivamente 1980) e *co-referência de sujeitos* (1980 e 2000).

A pesquisa mais recente, realizada por Gomes (2019), investigou a variação entre as estruturas *eu*, *mim* e *anáfora zero* como sujeitos de orações infinitivas iniciadas por *para*, no interior de São Paulo, fazendo uso, para isso, do banco de dados IBORUNA, que foi montado utilizando falantes das seguintes cidades: Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto. A pesquisadora utilizou a amostra de 118 informantes dos quais obteve 418 ocorrências das três variantes: *anáfora zero* (308), *mim* (82) e *eu* (28). Percentualmente, temos 73,7% de *anáfora zero*, 19,6% de *mim* e 6,7% de *eu*.

Exatamente como na pesquisa anterior, Gomes (2019) constatou a prevalência da *anáfora zero*, concluindo que temos, nessa comunidade, um estágio de mudança bem avançado, com a implementação dessa variante. As variáveis sociais testadas foram: *gênero*, *grau de escolaridade*, *faixa etária* e *renda*; já as variáveis linguísticas foram: *tipo de texto*, *função sintática da oração infinitiva*, *paralelismo sintático*, *correferência de sujeitos nas orações*, *natureza semântica do verbo da oração principal*, *papel semântico do pronome sujeito*, *tipo de construção* e *tempo verbal da oração matriz*.

A pesquisadora realizou diversas rodadas para analisar a interação entre as três variantes. Como nossa pesquisa se restringe a *eu* e a *anáfora zero*, enfatizamos aqui a rodada que levou em conta a concorrência entre essas variantes. Os dados foram rodados no programa Goldvarb X, que selecionou como relevantes três variáveis linguísticas: *papel semântico do pronome sujeito*, *correferência de sujeitos* e *função sintática da infinitiva*. É importante salientar que nenhum fator social foi selecionado nessa rodada. De acordo com os resultados da pesquisa, não há indícios de mudança estável, mas um indicativo de mudança em curso.

A revisão de literatura acerca do sujeito de 1ª pessoa do singular em orações infinitivas introduzidas por *para* nos auxiliou na escolha das variáveis analisadas nesta pesquisa. Na sequência, descrevemos a metodologia usada neste trabalho, na qual evidenciamos, mais detalhadamente, os caminhos investigativos, para a coleta de dados e a subsequente análise.

METODOLOGIA

Detalhamos, a seguir, os procedimentos metodológicos operados em nossa pesquisa. Primeiramente, apresentamos o *corpus* e a delimitação da nossa amostra, seguida das variáveis testadas, das etapas da coleta de dados e o programa estatístico responsável pela análise quantitativa. Por fim, passamos à efetiva avaliação dos dados, apresentando cada uma das variáveis selecionadas.

AMOSTRA

Como já apresentado no início deste livro, utilizamos como *corpus* o banco de dados *Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza - CE* (PORCUFORT), fases I e II, constituídas nos anos de 1990 e 2010, respectivamente. Desse modo, ao trabalhar com os dois recortes temporais, foi possível realizar uma análise em tempo real de curta duração, uma vez que agrupou inquéritos das duas fases.

Para a composição de nossa amostra, selecionamos 3 informantes por célula, 18 de cada fase, o que totalizou um recorte com 36 participantes. Optamos por trabalhar exclusivamente com o tipo de registro *Diálogo entre Informante e Documentador* - DID, conhecido também como entrevista sociolinguística. Nessa situação, como se busca flagrar o vernáculo, o entrevistador, na tentativa

de neutralizar a sua presença, costuma desempenhar o "papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades" (Tarallo, 2007, p. 21). Assim, o informante se sente à vontade, deixando de prestar atenção à sua fala.

Por conseguinte, valendo-se da divisão do próprio banco de dados, a nossa amostra encontra-se estratificada em *sexo* (feminino e masculino), *faixa etária* (I - de 22 a 35 anos, II - de 36 a 55 anos e III - de 56 anos em diante) e em *ano de registro* (1990 e 2010), como podemos visualizar a seguir:

Quadro 1 — Distribuição dos informantes do PORCUFORT na nossa amostra

	PORCUFORT fase I		PORCUFORT fase II	
	Sexo		Sexo	
Faixa etária	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
I (22 a 35 anos)	3	3	3	3
II (36 a 55 anos)	3	3	3	3
III (a partir de 56 anos acima)	3	3	3	3
Total	18		18	
Total geral	36			

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

É válido destacar que, após a análise dos dados coletados, apenas 2 mulheres da faixa etária III, na fase I, apresentaram ocorrência do nosso fenômeno. Como não havia possibilidade de substituição, pois o PORCUFORT fase I só apresenta 3 inquéritos nessa célula social, continuamos nosso trabalho com as ocorrências produzidas pelos dois informantes.

Finalizada a delimitação da amostra, na próxima seção, indicamos as variáveis controladas, expomos o passo a passo da coleta de dados, realizada a partir da leitura das transcrições do PORCUFORT.

Por fim, apresentamos o programa estatístico, GoldVarb X, que possibilita a análise multivariada de dados em variação.

VARIÁVEIS, COLETA DE DADOS E PROGRAMA ESTATÍSTICO

Nossa variável dependente é a realização do sujeito de 1ª pessoa do singular em orações infinitivas iniciadas pela preposição *para*. Sabemos que esse contexto abrange a utilização de três variantes: *eu*, *mim* e *anáfora zero*, contudo, neste capítulo, optamos em trabalhar o contraste entre a variante orientada pela gramática tradicional, *eu*, e a variante que demarca o apagamento e, consequentemente, a fuga da avaliação do prestígio social, *anáfora zero*. Quanto ao fator de aplicação, admitimos o preenchimento com o fator *eu*.

As pesquisas de Figueiredo (2007) e de Gomes (2019) apontaram a relevância de algumas variáveis independentes, o que, consequentemente, nos instigou a testá-las em nossa amostra. Assim, selecionamos, para compor o nosso envelope de variação, as seguintes variáveis extralinguísticas, já apresentadas na seção anterior: *sexo* (masculino e feminino), *faixa etária* (22-35 anos, 36-55 e de 56 em diante) e *década de registro* (1990 e 2010).

Já as variáveis linguísticas analisadas foram: *função sintática da infinitiva* (subjetiva, objetiva, final e completiva nominal), *paralelismo sintático* (oração única, oração inicial, oração paralela e oração não paralela), *tipo de texto* (experiência de vida, argumentativo, narrativa típica e relato habitual), *correferência do sujeito* (grau 1, grau 2 e grau 3), *natureza semântica do verbo* (existencial, transferencial, estativo, ação ou mudança de estado, elocutivo e avaliativo ou modal), *papel semântico do pronome sujeito* (agente, beneficiário e/ou experienciador e ambíguo) e *material interveniente* (com material e sem material).

Para a coleta de dados, realizamos os subsequentes procedimentos. Primeiramente, lemos a transcrição na íntegra dos inquéritos selecionados para fazerem parte da amostra, buscando as ocorrências que possuíssem o fenômeno. Catalogamo-las no Excel, para facilitar a codificação. Salientamos que, em nossa pesquisa, tivemos contato com os áudios dos inquéritos apenas para retirada de algumas dúvidas em relação ao entendimento do contexto comunicativo. É válido ressaltar que excluímos todas as ocorrências em que a *anáfora zero* referenciava outras pessoas diferentes do *eu*, como a gente ou ele. Também foram retiradas as ocorrências que geraram dúvidas quanto à referência do sujeito.

Na sequência, iniciamos a codificação dos dados, utilizando letras, números e símbolos para representar os fatores de cada uma das variáveis (Guy; Zilles, 2007). Concluída esta etapa, transferimos as codificações para o programa estatístico GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), uma versão atualizada do pacote de programas VARBRUL, no qual salvamos o arquivo no formato .tkn. A análise quantitativa dos dados foi feita através da utilização do já citado programa computacional. Sobre o Varbrul, Guy e Zilles (2007) nos explicam que:

> O Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística. A análise se chama 'multivariada' porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes (Guy; Zilles, 2007, p. 105).

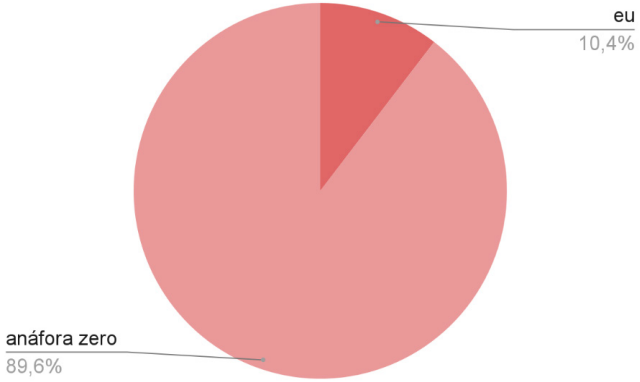
Assim, o GoldVarb X indicou as variáveis relevantes para a realização do fenômeno, apresentando frequências e pesos relativos. De posse dessas informações, foi possível discutir e interpretar os valores obtidos, chegando a conclusões sobre a realização do fenômeno.

Na próxima seção, apresentamos os valores obtidos pelo programa computacional e realizamos a análise para compreender, de forma mais minuciosa, o porquê da interferência das variáveis selecionadas.

ANÁLISE DE DADOS

Ao longo de nosso levantamento de dados acerca da variação entre as estruturas *eu* e *anáfora zero* como sujeitos de orações infinitivas iniciadas por *para* no português oral culto fortalezense, encontramos 450 ocorrências, das quais 47 (10,4%) realizaram o uso do pronome pessoal *eu* e 403 (89,6%) recorreram à *anáfora zero*. A partir da análise dos dados, é possível observar que a estratégia de apagamento do sujeito de 1ª pessoa do singular, a *anáfora zero*, é bem mais frequente nessa comunidade do que a variante *eu*. Isso já era esperado se compararmos aos resultados obtidos pelos estudos realizados anteriormente, que apontaram para a preponderância daquela variante em relação a esta (Figueiredo, 2007; Gomes, 2019). Vejamos o gráfico abaixo:

Gráfico 1 — Frequência de *eu* e *anáfora zero* como sujeitos de orações infinitivas iniciadas por para



Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Em nossa primeira rodada, o programa estatístico Goldvarb X indicou 1 nocaute para a variável *natureza semântica do verbo* no fator *avaliativo ou modal*. Resolvemos o nocaute desprezando as ocorrências para essa variável, mas utilizando-a nas demais. É importante ressaltar que os nocautes são excluídos por serem dados categóricos, ou seja, 100% de ocorrência para uma das variantes, neste caso, para a *anáfora zero*. Assim, como o *software* trabalha com dados em variação, é necessário retirar essas ocorrências para que ele atue de forma adequada.

Solucionado o nocaute, foi realizada uma nova rodada, na qual o programa selecionou o *run* 22 como o mais relevante. Essa rodada obteve *input* 0,070 e significância= 0,017. As variáveis selecionadas foram, em ordem de relevância: *década da amostra*, *paralelismo sintático* e *correferência do sujeito*. Já as variáveis desprezadas foram: *função sintática da oração infinitiva*, *tipo de texto*, *natureza semântica do verbo da oração principal*, *papel semântico do pronome sujeito*, *material interveniente*, *sexo* e *faixa etária*. A seguir, realizamos um estudo mais minucioso das variáveis apontadas como relevantes.

DÉCADA DA AMOSTRA

A variável década da amostra é dividida nas duas temporalidades que formam o banco de dados: 1990 e 2010. Paiva (2019) explica a necessidade da distância de uma geração entre as amostras para se conseguir desenvolver uma pesquisa em tempo real, o que nos foi possibilitado pela estrutura do PORCUFORT. Abaixo apresentamos a tabela acerca dessa variável:

Tabela 1 — Atuação da variável *década da amostra* sobre a utilização do pronome *eu* como sujeito de orações infinitivas iniciadas por *para*

Fatores	Nº de ocorrência	%	Peso relativo
2010	40/311	12,9%	0.577
1990	7/139	5%	0.333

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

De acordo com os resultados obtidos, vemos que a década mais recente, 2010, está favorecendo, levemente, a utilização de *eu* na realização do fenômeno (0,577), enquanto 1990 está desfavorecendo (0,333). Esse resultado não nos surpreendeu, uma vez que já acreditávamos que a década mais recente iria utilizar mais a variante estabelecida como padrão. A democratização da educação é um dos fatores que influencia esse resultado. A quantidade de falantes com o Superior Completo é mais abundante do que se pensarmos o Brasil de 1990, quando a educação era mais segregadora e menos acessível (Araújo; Viana; Pereira, 2022). A variante padrão *eu* torna-se, também, levando em consideração nosso fenômeno, um diferencial. Com um número maior de universidades disponíveis, logo, com uma maior quantidade de graduados, o uso de uma variante mais privilegiada contribui para a construção de uma melhor imagem do falante.

Contudo, nesta pesquisa, trabalhamos com duas variáveis aceitas pela gramática normativa, que não sofrem estigma social. Dessa maneira, o uso que o falante irá realizar é menos descomprometido de um possível julgamento social, o que o leva a operar uma escolha menos monitorada. Acreditamos que isso ocorre porque os falantes com maior escolaridade têm consciência de que esse fenômeno também pode ocorrer com uma terceira variante, a não padrão *mim*, que sofre uma má valoração social. Assim, para evitar julgamentos de qualquer natureza, ele recorre à variante mais neutra possível, neste caso, a *anáfora zero*, abstendo-se, desse jeito, do uso de *eu* e estando assegurado de não sofrer um julgamento em caso de realização de variantes desprestigiadas.

Em Figueiredo (2007), foi estudado um *corpus*, o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, PEUL, também com dois recortes temporais, 1980 e 2000, assim como nossa pesquisa. No entanto, não engloba falantes cultos, como em nossa amostra. Logo, podemos comparar os resultados, com uma ressalva em relação ao fator escolaridade. Na pesquisa de Figueiredo (2007), o fator ano de registro não foi um dos selecionados pelo programa, ao contrário da nossa pesquisa. Figueiredo (2007) também optou por estudar a variação do *mim* e da *anáfora zero*, por causa da mínima utilização do *eu*, outra diferença em relação à nossa pesquisa, que estudou o *eu* x *anáfora zero*. Porém, a decisão de uma pesquisa diacrônica, assim como a nossa, contribuiu para a escolha das nossas variáveis. Em relação ao estudo de Gomes (2019), não podemos fazer essa comparação, pois sua pesquisa foi sincrônica, com apenas um recorte temporal.

Por fim, com os resultados da variável *década da amostra*, assim como em Figueiredo (2007), não conseguimos atestar uma mudança, mas utilização das variáveis pelos perfis estudados. Esperávamos que os falantes de 2010 utilizassem mais a anáfora zero, o que foi refutado em nossos resultados, visto que o fator 2010 favoreceu o aparecimento do *eu.*

A seguir, analisamos a variável *paralelismo sintático*, também selecionada pelo programa.

PARALELISMO SINTÁTICO

A variável *paralelismo sintático* analisa a relação que as orações infinitivas podem manter entre si. Levamos em consideração, para definir a existência ou não de uma relação entre elas, um espaço textual escrito de, no máximo, 12 linhas entre as ocorrências, da mesma forma que foi estabelecido por Gomes (2019) em sua pesquisa.

A variável foi dividida nos seguintes fatores: *oração única*, quando ocorre apenas **uma ocorrência** de para + *eu*/*anáfora zero* + infinitiva, sem relação com outras; *oração inicial*, quando há a primeira ocorrência do fenômeno, que será seguida por outras; *oração paralela*, quando a segunda ou as ocorrências subsequentes, após a *inicial*, repete a variante utilizada na primeira; e *oração não paralela*, quando a segunda ou as ocorrências subsequentes utilizam uma variante diferente da *oração inicial*. Abaixo vemos os resultados dessa variável:

Tabela 2 — Atuação da variável *paralelismo sintático* sobre a utilização do pronome eu como sujeito de orações infinitivas iniciadas por *para*

Fatores	Nº de ocorrência	%	Peso relativo
Oração não paralela	11/46	23,9%	0.760
Oração inicial	13/102	12,7%	0.582
Oração única	15/171	8,8%	0.471
Oração paralela	8/131	6,1%	0.375

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Como visualizado acima, a *oração não paralela* favoreceu o aparecimento de *eu* (0.760), assim como a *inicial* (0.582). Podemos constatar que, quando o *eu* não aparece anteriormente (no caso da *não paralela*) e quando há apenas uma ocorrência do fenômeno, o falante tende a preencher o sujeito com a variante padrão, para deixar clara sua participação no discurso. No caso de *oração única* e *oração paralela*, temos um desfavorecimento de *eu*, com peso relativo de 0.471 e 0.375, respectivamente.

Em relação a essa variável, confirmamos a oração não paralela como principal favorecedora do *eu*, assim como em Gomes (2010), com PR 0.70. Em Figueiredo (2007), os fatores de aplicação foram *mim* e *anáfora zero*, logo não temos dados em relação à variante *eu*.

Mas, levando em consideração o estudo do preenchimento *versus* apagamento, em Figueiredo (2007), o fator *não paralela* não foi um favorecedor do *mim*, a variante de preenchimento, com PR de 0.20 e 0.16, na amostra de 1980 e 2000, respectivamente.

Para Figueiredo (2007, p. 108), presença leva à presença, e zero leva a zero. Assim, entendemos que preencher o sujeito como um recurso discursivo do falante para evidenciar a primeira pessoa, deixando claro seu protagonismo, informação que é corroborada com nossos resultados para o fator *não paralela*. A seguir, apresentamos a última variável selecionada pelo GoldVarb X.

Na próxima seção, temos a última variável selecionada em nossa pesquisa, *correferência do sujeito*.

CORREFERÊNCIA DO SUJEITO

A variável linguística *correferência do sujeito* diz respeito aos sujeitos da oração principal e da oração infinitiva. Baseamo-nos em Figueiredo (2007) para a construção dessa variável, mas a adaptamos para a realidade do nosso banco. Assim, houve a divisão em três fatores: mesmo sujeito da oração infinitiva (*grau 1*), oração impessoal entre a principal e a subordinada (*grau 2*) e sujeito diferente da oração infinitiva (*grau 3*). Vejamos a seguir:

Tabela 2 — Atuação da variável *correferência do sujeito* sobre a utilização do pronome eu como sujeito de orações infinitivas iniciadas por *para*

Fatores	Nº de ocorrência	%	Peso relativo
Grau 3	25/88	28.4%	0.825
Grau 2	1/9	11,1%	0.600
Grau 1	21/353	5,9%	0.402

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Na Tabela 2, observamos resultados muito interessantes. Quando o sujeito da oração principal não coincide com o sujeito da oração infinitiva, vemos que há um favorecimento para a inserção do pronome *eu* (0.825). Do mesmo modo, quando uma oração impessoal divide a principal da subordinada, também temos um favorecimento de *eu* (0.600). Contudo, se os sujeitos forem iguais, há o desfavorecimento do preenchimento por meio do pronome (0.402), preferindo, nesse contexto, a anáfora zero.

Os resultados de Gomes (2019) também confirmam nossa ideia. A autora não utilizou os mesmos fatores de Figueiredo (2007), estabelecendo apenas dois: não correferente e correferente. O sujeito não correferente favoreceu, como esperávamos, o aparecimento do *eu* com PR 0.90, confirmando a importância de preencher o sujeito, quando o contexto puder gerar ambiguidade.

Os resultados encontrados na pesquisa de Figueiredo (2007), com PR de 0.86 em 1980 e 0.81 em 2000 no fator *Grau 3*, para o preenchimento do sujeito, mesmo que com *mim*, também estão de acordo com nossas hipóteses, pois, quando os sujeitos diferem, o falante sente a necessidade de preencher o sujeito da oração infinitiva com o *eu*, em nossa pesquisa, e com *mim* na de Figueiredo (2007), para que não haja a possibilidade de um mal-entendido.

Dessa maneira, o uso de *eu* se torna uma estratégia discursiva para desfazer possíveis ambiguidades entre os interlocutores, evitando que o interlocutor preencha a lacuna da anáfora zero com um sujeito diferente.

Para finalizar, temos, a seguir, as considerações finais do nosso trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa objetivou analisar a variação entre as formas *eu* e *anáfora zero* enquanto possibilidades para a expressão do sujeito de 1ª pessoa do singular de orações infinitivas começadas pela preposição *para*.

Utilizamos os inquéritos de 36 informantes do banco de dados de língua falada PORCUFORT, fases I e II. Ao fim da coleta de dados, obtivemos um total de 450 ocorrências: 47 (10,4%) para a forma *eu* e 403 (89,6%) para a forma *anáfora zero*. Esse resultado já era esperado por dois motivos. Primeiro porque observações assistemáticas na comunidade de fala fortalezense já nos permitiam prever esse resultado. Segundo, pois a preponderância da *anáfora zero* é similar nas pesquisas realizadas em outras comunidades, como na carioca e no interior paulista.

Quanto às variáveis, foram selecionadas como relevantes pelo GoldVarb X: *década da amostra*, *paralelismo sintático* e *correferência do sujeito*. Exatamente como mostraram outros estudos a respeito do nível sintático, os fatores linguísticos tendem a exercer maior influência. Contudo, reforçamos que as variáveis sociais também são relevantes, mesmo que, geralmente, em um segundo plano. Já quanto ao fenômeno da mudança linguística, acreditamos que, diferente do que Gomes (2019) observou, estejamos diante de um caso de variação estável, e não de uma variação em curso, pois alguns contextos que incluem a variante *eu* são realizados como estratégia de desambiguar o sujeito da oração infinitiva iniciada pela preposição *para*.

Por último, o fato de as comunidades analisadas, até agora, no PB possuírem comportamentos linguísticos semelhantes favorece a generalização de afirmações acerca da realização do fenômeno. Por esse motivo, utilizamos variáveis já testadas por outros

pesquisadores, para que houvesse um alinhamento quanto à nossa investigação. Ressaltamos que pesquisas com outros enfoques, por exemplo, em outras comunidades de fala ou acerca das crenças e atitudes linguísticas dos falantes frente ao fenômeno em estudo podem enriquecer o panorama do PB.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. (org.). **PORCUFORT**: uma história em dois tempos. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOTELHO PEREIRA, M. A.; RONCARATI, C. N. O caso do sujeito em orações infinitivas introduzidas por 'para' no português do Rio. **D.E.L.T.A.**, v. 9, n. 1, p. 15-30. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45588. Acesso em: 03 abr. 2023.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

FIGUEIREDO, J. R. M. **Variação e mudança no uso do sujeito de primeira pessoa do singular em orações infinitivas iniciadas por "para" na fala carioca**. 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

GOMES, A. B. S. **Tinha só um dia pra mim fazer a inscrição**: Um estudo sociolinguístico da variação pronominal em orações infinitivas iniciadas por para. 2019. 145 f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2019.

GUY, G. R; ZILLES, A. **Sociolingüística quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Novo manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2007.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. *In:* MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2019. p. 179-190.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. University of Toronto, Department of Linguistics, 2005. *Software*.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

TORRENT, T. T. **O homem vai botar uma casa para mim morar** – uma abordagem sociocognitivista e diacrônica da construção de dativo com infinitivo. 2005. Dissertação (Metrado em Letras – Linguística) — Programa de Pós-graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005. Disponível em: https://www2.ufjf.br/ppglinguistica//files/2009/12/TORRENTTiago-Timponi-2005-Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf Acesso em: 13 ago. 2024.

TORRENT, T. T. A construção de dativo com infinitivo: uma abordagem sociocognitivista e diacrônica. **Veredas online**. v. 1, p. 95-111, 2008a. Disponível em: https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo71.pdf. Acesso em: 13 ago. 2024.

TORRENT, T. T. A hipótese da dupla origem para a construção de dativo com infinitivo: primeiras incursões pelo português medieval. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 2, p. 65-92, jul./dez. 2008b. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/991/917. Acesso em: 13 ago. 2024.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

6

Brenda Kathellen Melo de Almeida
Aluiza Alves de Araújo

A VARIAÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE ANTROPÔNIMOS NA FALA CULTA DE FORTALEZA-CE:

UM ESTUDO EM TEMPO REAL

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-325-7.6

INTRODUÇÃO

O emprego variável do artigo definido diante de antropônimos é uma regra que têm despertado o interesse de muitos pesquisadores sociolinguistas em todo o país. Como exemplo disto, temos os trabalhos de Amaral (2003, 2007), Mendes (2009), Braga (2012), Campus Júnior (2012), Faria (2012), Siqueira (2014), Carvalho (2017), Sedrins, Pereira e Silva (2017), Souza, Alves e Araújo (2020), Ié (2021).

O fenômeno em pauta caracteriza-se pela presença ou ausência de artigo definido diante de antropônimos, como ilustramos nos excertos retirados de nossa amostra a seguir:

– *Ausência do artigo definido diante de antropônimo*: "acho que Ø Collor e Ø Paulo César poderiam ter compensado economicamente financeiramente o irmão Pedro" (PORCUFORT, Fase I, DID 10).

– *Presença do artigo definido diante de antropônimo*: "quando **o** seu Edson Filho briga com **o** seu Tasso Jereissati" (PORCUFORT, Fase I, DID 10).

No entanto, os trabalhos mencionados anteriormente contemplam a investigação do fenômeno apenas em tempo aparente. Desta forma, com base no modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), decidimos investigar o fenômeno em pauta, considerando o tempo real, em um estudo de tendência, contemplando a comunidade de fala culta de Fortaleza-CE.

Para isso, construímos uma amostra de 36 informantes provenientes do banco de dados Projeto Português Oral Culto de Fortaleza-CE – PORCUFORT – Fase I e Fase II. A primeira fase conta com inquéritos dos anos de 1990 e a segunda fase com inquéritos de 2010. Desta forma, os objetivos da nossa investigação são:

- Descobrir qual é a variante mais utilizada na comunidade de fala culta de Fortaleza-CE;
- Qual o papel das variantes linguísticas em relação ao fenômeno em pauta;
- Qual o papel das variáveis extralinguísticas sobre o fenômeno;
- Como a variação do emprego do artigo definido representa um fenômeno em variação estável ou em mudança em progresso, em relação à presença ou ausência do artigo definido.

Além disso, a relevância desta investigação consiste em fornecer uma fotografia sociolinguística sobre o fenômeno em dois períodos distintos, contribuir com a descrição do português brasileiro, fornecer subsídios para pesquisas futuras sobre o tema e contribuir com a reflexão linguística do português como língua materna / língua estrangeira.

Por fim, este capítulo está organizado da seguinte forma: além desta *Introdução* em que apresentamos o nosso fenômeno e objetivos de pesquisa, temos a *Fundamentação Teórica,* em que apresentamos trabalhos de base variacionista sobre o fenômeno em pauta; a *Metodologia,* em que descrevemos os nossos procedimentos de coleta e tratamento dos dados; a *Análise dos Resultados,* em que apresentamos os resultados obtidos e as *Considerações Finais,* em que sintetizamos esta investigação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, serão apresentados os trabalhos sobre o fenômeno em pauta que embasaram a nossa pesquisa. Deste modo, serão resenhados brevemente os trabalhos de: Amaral (2003, 2007), Mendes (2009), Braga (2012), Faria (2012), Campos Júnior (2012), Carvalho (2017), Lima e Moraes (2019), Souza, Alves e Araújo (2020) e Ié (2021).

Amaral (2003) realizou uma pesquisa sobre a ausência ou a presença de artigo definido diante de antropônimos em três cidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu. A sua pesquisa contou com a participação de 23 informantes ao todo, desta forma, 07 participantes foram de Campanha, 08 de Minas Novas e 08 de Paracatu. Estes informantes foram estratificados em sexo (feminino e masculino), faixa etária (faixa I – 18 a 30 anos e faixa II acima de 50 anos), e escolaridade (nível I – analfabetos ou de escolaridade primária e nível II – formação secundária ou universitária). Foram controladas nesta pesquisa as seguintes variáveis: idade do informante, nível de escolaridade, grau de intimidade do informante com a pessoa mencionada, ausência/presença de título, posição do antropônimo no turno conversacional, presença de antropônimo em estrutura de genitivo e antropônimo como item de enumeração. Desta forma, os dados catalogados foram submetidos ao programa GoldVarb 2001.

Considerando os resultados obtidos, em Campanha foram encontradas 242 ocorrências de antropônimos, em 75% das ocorrências apresentavam o artigo definido, e 25% não apresentavam artigo. As variáveis que contribuíram para a presença do artigo foram posição do antropônimo no turno conversacional e intimidade. Deste modo, em relação ao primeiro fator, a presença do artigo prevalece quando o antropônimo não está no início do turno (,58). Já em relação ao segundo fator, a presença do artigo prevalece quando o informante fala de pessoas públicas da região (,59) e pessoas do seu convívio pessoal (,58). Em Minas Novas, foram catalogadas 233 ocorrências de antropônimos, deste todo, 39% contém a presença de artigo, e 61% não contém artigo. As variáveis em favor do artigo foram faixa etária e intimidade. A faixa etária aliada do artigo foi a faixa I (,61). Quanto à intimidade, os fatores pessoa pública da região, (,61) e pessoa famosa nacionalmente (,62) são aliadas do artigo. Em Paracatu, foram encontradas 164 ocorrências de antropônimo, destas, 47% apresentavam artigo e 52% não apresentavam. As variáveis importantes para a ocorrência do artigo foram faixa etária (faixa I (,62)), nível de escolaridade (nível II (,63)) e posição do antropônimo no turno conversacional (fora do início do turno (,57)).

Amaral (2007) observou que o fator intimidade teve um papel importante para o fenômeno da presença ou ausência do artigo definido diante de antropônimos. O autor utilizou os dados da sua pesquisa de mestrado de 2003 para realizar uma investigação aprofundada sobre o fator intimidade. Foram analisados os dados das cidades mineiras de Campanha e Minas Novas. Paracatu foi excluída desta análise, porque não apresentou o fator intimidade dentre os fatores relevantes para o fenômeno. De acordo com os resultados, em Campanha prevalece a presença do artigo (75%) e em Minas Novas prevalece a ausência do artigo (61%). Segundo o autor, os falantes apresentam uma tendência em utilizar a variante prevalente em sua região, seja a presença ou ausência, quando falam com pessoas com alto grau de intimidade. Contudo, estas pessoas utilizam as variantes não predominantes quando falam com pessoas com quem não possuem intimidade.

Mendes (2009) pesquisou o fenômeno em pauta nas localidades mineiras de Abre Campo e Matipó, a partir da fala de 08 informantes, sendo 04 de Abre Campo e 08 de Matipó. Estes informantes foram estratificados em sexo (feminino e masculino) e faixa etária (faixa I 18-30 anos e faixa II acima de 70 anos). Neste estudo, foram consideradas as seguintes variáveis: localidade, gênero, idade, tipo de antropônimo, grau de intimidade do informante em relação ao antropônimo a que se refere e, por fim, antropônimo em estrutura de genitivo. Foram encontradas 620 ocorrências de antropônimos que foram submetidas à análise estatística. Os resultados indicaram que, em Abre Campo, prevaleceu ligeiramente a presença de artigo (52%). As variáveis relevantes para a presença de artigo nesta localidade foram: o gênero (feminino, 56%), a idade (faixa I, 50%), o tipo de antropônimo (prenome, 46%, sobrenome, 46%) e o grau de intimidade (pessoa mais distante, 50%). Em Matipó, a presença do artigo foi expressiva (83%). Deste modo, as variáveis relevantes para o emprego do artigo foram: os antropônimos em estrutura de genitivo (presença, 91%), o gênero (masculino, 80%), a idade (faixa I, 90%) e o grau de intimidade do informante em relação ao referente (pessoa mais próxima, 89%).

Braga (2012) pesquisou o mesmo fenômeno nas cidades de Mariana e Uberaba, na região metropolitana de Minas Gerais e no Triângulo Mineiro respectivamente. O *corpus* desta pesquisa foi formado por 38 entrevistas orais, sendo 20 realizadas em Mariana e 18 em Uberaba. As variáveis investigadas foram: a informação sobre o antropônimo na sentença, a estrutura do sintagma nominal-SN, a função sintática do antropônimo, a forma como o antropônimo aparece na sentença, o antropônimo como item de enumeração, a região geográfica dos falantes e o grau de intimidade do falante com o referente. Foram encontradas 196 ocorrências de artigo definido diante de antropônimos na cidade de Mariana e 170 ocorrências em Uberaba. Estes dados foram submetidos à análise do programa Gold Varb X. Os resultados obtidos indicaram que, em Mariana, prevalece a ausência de artigo definido (63,3%), e que, em Uberaba, prevalece a presença de artigo definido (82,1%). As variáveis relevantes para o fenômeno, na cidade de Mariana foram: 'antropônimo como item de enumeração' (fator não é item de enumeração (,54)) e 'grau de intimidade do falante com o referente' (fator pessoa famosa e com prestígio na região (,67)). Já, em Uberaba, apenas uma variável foi selecionada, que foi a variável função sintática do antropônimo, tendo como aliados os fatores 'sujeito' (,65), 'objeto indireto' (,63) e 'predicativo' (,51).

Faria (2012) investigou o fenômeno em pauta na cidade de Ponte Nova-MG. A amostra foi construída por 16 informantes, sendo 08 mulheres e 08 homens, organizados em duas faixas etárias: jovens (18-25 anos) e adultos (acima de 60 anos). As variáveis observadas foram: antropônimo antecedido por preposição, circunstância em que o antropônimo é citado, antropônimo como item de enumeração, gênero, faixa etária, intimidade do falante com a pessoa mencionada e antropônimo, referindo-se à pessoa pública. Foram encontradas 933 ocorrências de antropônimo, que foram analisadas pelo Gold Varb X. Os resultados indicaram um percentual de 16% para a presença do artigo na amostra. As variáveis relevantes foram:

antropônimo antecedido por preposição, sendo o fator não-preposicionado (,53) aliado do artigo; faixa etária, tendo os adultos (,58) como favorecedores do emprego do artigo; e pessoa pública, como o fator pessoa não pública, como aliado do artigo.

Campos Júnior (2012) pesquisou a presença ou ausência do artigo definido diante de antropônimos na cidade de Vitória-ES. As 20 entrevistas da pesquisa são provenientes do Projeto PORTVIX (Português falado na cidade de Vitória/ES). Elas são estratificadas em sexo (feminino e masculino), faixa etária (07-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e 50 anos em diante) e escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino universitário). Foram então encontradas 300 ocorrências de antropônimos analisadas pelo Gold Varb X. Os resultados apontaram 39% de presença do artigo definido e as variáveis relevantes foram: gênero do antropônimo (feminino (,61)), traços suprassegmentais (sequência contínua (,61), alongamento (,78)), faixa etária (faixa 07-14 anos (,54) e a faixa 15-25 anos (,67)) e gênero do falante masculino (,62)).

Carvalho (2017) investigou o fenômeno em pauta na cidade de Barra Longa-MG. O estudo de redes sociais embasado na Sociolinguística Variacionista contemplou a fala de jovens. Sendo assim, a amostra foi construída com dois grupos diferentes. O primeiro contou com 16 indivíduos entre 18 e 30 anos, nascidos em Barra Longa, mas que se mudaram para Belo Horizonte após os 14 anos de idade. O segundo grupo foi construído por 04 indivíduos com a mesma faixa etária do primeiro grupo, mas que não se ausentaram de Barra Longa. Deste modo, o segundo grupo foi definido como o grupo de controle. A ferramenta utilizada na análise dos dados foi o Gold Varb X. As variáveis controladas foram: forma como aparece o antropônimo, circunstância em que o antropônimo é citado, estrutura do SN, item de uma enumeração, função sintática, grau de intimidade com o referente, gênero, convívio diário com pessoas de Barra Longa, grau de contato com a cidade de origem e tempo de residência em Barra Longa. No primeiro grupo,

foram catalogadas 1.163 ocorrências de antropônimos, sendo que 85% dos dados corresponde à ausência do artigo definido. No grupo II, foram catalogadas 340 ocorrências, sendo 95% correspondentes à ausência do artigo. Desta forma, a autora procurou descobrir quais variáveis influenciavam a presença do artigo no grupo I. Sendo assim, as variáveis consideradas relevantes foram: grau de contato com a cidade de origem (fator contato não frequente (,75)), grau de intimidade do entrevistado com o referente (fatores mais distante' (,52) e 'figura pública' (,87)), pertinência a redes ligadas a Barra Longa (fator não mora/não trabalha com pessoas de Barra Longa (,66)), função sintática (fatores objeto direto (,77), objeto indireto (,63) e aposto (,61)) e gênero (fator masculino (,57)).

Lima e Moraes (2019) pesquisaram o fenômeno em tela em 06 capitais do Norte do Brasil (excetuando Palmas). O *corpus* da pesquisa foi constituído pelas respostas de 48 informantes, sendo 08 de cada capital, aos questionários do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil). As variáveis controladas nesta pesquisa foram: antropônimo como item de enumeração, antropônimo como possessivo, antropônimo como título/qualitativo, antropônimo em estrutura de genitivo, circunstância em que o antropônimo é citado, estrutura do sintagma nominal, função sintática, gênero do antropônimo, tipo de antropônimo, sexo (feminino e masculino), faixa etária (faixa I 18 a 30 anos e faixa II 50 a 65 anos), escolaridade (ensino fundamental e ensino universitário), capital (Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho e Rio Branco), dimensão diafásica (respostas a questionários e discurso semidirigido), grau de intimidade do falante com a pessoa mencionada, e tempo de colonização/ fundação da capital (mais antiga e mais recente). Os dados foram analisados por meio do programa Gold Varb X. Foram encontradas 554 ocorrências, das quais 447 contavam com a presença do artigo e 147 não possuíam artigo. Foram selecionados como relevantes os seguintes fatores: antropônimo em estrutura de genitivo (presença de artigo (,96)); tipo de antropônimo (hipocorístico (,77) e sobrenome (,75)); função sintática do antropônimo (objeto direto (,66) objeto indireto (,62) e tópico (,59))

e antropônimo como item de enumeração (antropônimo não é item de enumeração (,54)), e grau de intimidade do falante com a pessoa mencionada (pessoa do meio social do falante (,53)).

Souza, Alves e Araújo (2020) pesquisaram o fenômeno em pauta diante de prenomes simples. O *corpus* utilizado nesta pesquisa foi o NORPOFOR (Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza-CE). Foram selecionados 24 inquéritos deste banco de dados. As variáveis observadas neste estudo foram: sexo, escolaridade, faixa etária, proximidade, tipo de preposição, *status* informacional, gênero do prenome, quantidade de palavras do sintagma nominal, citação e título. Os dados foram analisados com o auxílio do programa Gold Varb X. Ao todo, foram encontradas 536 ocorrências, das quais 302 (56,3%) são referentes à presença do artigo e 234 (43,7%) são referentes à sua ausência. As variáveis selecionadas como relevantes pelo programa foram: proximidade - próximo (,72), conhecido do informante (,62); título, com ocorrência (,78); tipo de preposição - 'em' (,94), 'de' (,94), 'com' (,92) e 'a' (,62); escolaridade - 9-11 anos de escolaridade (,64); quantidade de palavras do sintagma nominal - uma (,64); citação - sem citação (,61); *status* informacional - retomado (,55) e gênero do informante - feminino (,64).

Ié (2021) pesquisou o fenômeno em tela. Neste estudo, foi selecionada uma amostra de 18 informantes do PORCUFORT Fase I, sendo 08 mulheres e 08 homens. As variáveis observadas foram: número do artigo, número do sintagma nominal, presença de preposição, tipo de antropônimo, traços suprassegmentais, presença de designador, quantidade de palavras do antropônimo, status informacional, extensão silábica, faixa etária, sexo, tipo de registro, atitude do falante com relação ao antropônimo, proximidade com o falante e o número do sintagma nominal. Foram catalogadas 281 ocorrências, das quais 194 (69%) correspondem à presença do artigo e 87 (31%) correspondem à ausência. Sendo assim, os dados foram submetidos à análise do Gold Varb X, que selecionou como relevantes as seguintes variáveis: número do artigo definido - plural (,82);

presença de preposição - preposição 'em' (,93), 'a' (,86), 'para' (,82), 'de' (,60); presença de designador - fator 'presença (,76); e atitude do falante com o antropônimo - empatia (,98).

De acordo com as pesquisas resenhadas nesta seção, a variável 'intimidade com o referente' é recorrente nas pesquisas e os subfatores 'mais distante' e 'figura pública' são aliados do emprego do artigo. Em relação à variável preposição, o artigo tende a ser mais empregado quando ele não é precedido por preposição. Além disso, o sexo masculino favorece o emprego do artigo e a faixa etária dos mais jovens é a que mais contribui para a presença do artigo. Em relação à variável item de enumeração, o subfator 'não é item de enumeração' favorece a presença do artigo. A revisão destas pesquisas sobre o fenômeno da presença ou ausência do artigo definido diante de antropônimos foi útil para a elaboração do nosso envelope de variação, além de lançar luz sobre o funcionamento desta regra variável. Sempre que cabível, estes estudos serão retomados em nossa análise dos dados.

METODOLOGIA

Nesta seção, descrevemos os procedimentos empregados nesta pesquisa. Desta forma, salientamos que este estudo é de natureza quantitativa e descritiva. Nosso *corpus* foi constituído por duas amostras provenientes do banco de dados PORCUFORT (Projeto Português Oral Culto de Fortaleza) Fase I (década de 1990) e Fase II (década de 2010). Todos os informantes possuem ensino universitário completo e são naturais da cidade de Fortaleza-CE. Sendo assim, selecionamos 18 inquéritos da Fase I e 18 inquéritos da Fase II. Os indivíduos que compõem esta amostra são estratificados em sexo (feminino e masculino) e faixa-etária (faixa I 22-35 anos; faixa II 36-55 anos e faixa III 56 anos em diante).

Como *variável dependente*, tomamos o emprego do artigo definido diante de antropônimos. Desta maneira, nosso fenômeno possui duas variantes, sendo elas a ausência e a presença de artigo definido diante de antropônimos. A seguir, apresentamos um excerto de nossa amostra que evidencia esta delimitação:

– ***Ausência de artigo definido diante de antropônimo*:** "acho que Ø Roberto Marinho num cogitou de tirá-lo do poder" – (PORCUFORT, Fase I, DID 10).

– ***Presença de artigo definido diante de antropônimo*:** "**o** irmão Pedro... com valores muito maiores do que um jornalzinho em Maceió" – (PORCUFORT, Fase I, DID 10).

Definida a nossa variável dependente, apresentamos as *variáveis* elencadas nesta pesquisa (com seus respectivos subfatores) a seguir:

– **Presença ou ausência de preposição** (com preposição / sem preposição):

– **Presença ou ausência de título** (sem título / formalidade / parentesco / profissão / cargo religioso / cargo político);

– **Item de enumeração** (não é item de enumeração / é item de enumeração);

– **Sexo** (feminino / masculino);

– **Faixa etária** (faixa I 22-35 anos; faixa II 36-55 anos e faixa III 56 anos em diante);

– **Intimidade com o referente** (íntimo / não-intimo).

Após a apresentação das nossas variáveis, reiteramos que a escolha delas foi feita com base em nossa revisão do estado da arte presente em nossa fundamentação teórica. Também com base nos estudos apresentados em nossa fundamentação teórica,

formulamos hipóteses para cada variável analisada nesta pesquisa. Seguimos então com a sumarização das nossas hipóteses:

- **Presença ou ausência de preposição** – A presença do artigo definido é favorecida quando o antropônimo ou o pronome possessivo não é precedido por preposição;
- **Presença ou ausência de título** – O fator formalidade beneficia o emprego do artigo definido;
- **Item de enumeração** – O artigo definido é favorecido quando o antropônimo ou o pronome possessivo é item de enumeração;
- **Sexo** – O sexo masculino é aliado da presença do artigo;
- **Faixa etária** – A faixa etária dos mais jovens favorece o emprego do artigo definido;
- **Intimidade do falante com o referente** – A presença do artigo definido é beneficiada quando o falante se refere a pessoas públicas (sem intimidade).

A coleta de dados foi realizada por meio de buscas na transcrição dos inquéritos, em que rastreamos os contextos de antropônimos no SN (sintagma nominal). Foram excluídos de nossa amostra os casos de vocativo, nominação didática, demonstrativos, topônimos e metonímicos. Por fim, os dados foram analisados com o auxílio dos programas R e R *Studio*. Os resultados de nossa análise serão apresentados na seção seguinte.

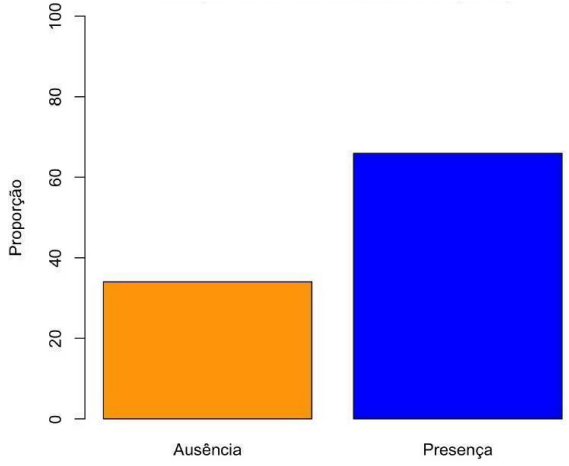
ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentaremos os resultados obtidos em nossa pesquisa a respeito da variação do emprego do artigo definido diante de antropônimos. Em nossa análise, realizamos testes

estatísticos inferenciais com as proporções, frequências, testes de qui-quadrado e teste de efeitos mistos. Além disso, realizamos também a regressão logística. No entanto, apresentaremos neste recorte as proporções gerais e a regressão logística. Os demais dados foram apresentados detalhadamente em Almeida (2023). Desta forma, iniciaremos a nossa apresentação com os dados referentes à década de 1990 e, em seguida, apresentaremos os dados referentes à década de 2010 e, por fim, apresentaremos uma síntese comparativa entre as duas décadas, com as variáveis consideradas relevantes em cada uma delas.

Resultados para a década de 1990: para este período em questão foram catalogadas 47 ocorrências de antropônimos, das quais 31 são referentes à presença de artigo definido e 16 são referentes à ausência do artigo. No gráfico 1, apresentaremos a proporção destas ocorrências:

Gráfico 1 — Proporção de ausência e presença de artigo diante de antropônimos em Fortaleza-CE (1990)



Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Considerando o gráfico 1, vemos que a proporção da presença de artigo é superior à da ausência de artigo. Deste modo, a presença corresponde a 65,96% e a ausência corresponde a 34,04% da amostra. A seguir, apresentamos os resultados para a regressão logística com as variáveis elencadas.

Tabela 1 — Modelo de regressão logística para o artigo diante de antropônimos na década de 1990

Modelo de regressão logística - artigo diante de antropônimos década de 1990	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	Valor-*p*	*	Apl./N	%
Preposição							
Não preposicionado (v. referência)	-19.2552	1.0266	-1.019	0.3081			
Preposicionado	-1.0463	1.0266	-1.019	0.3081			
Título							
Sem título (v. referência)							
Formalidade	-1.2710	-1.2710	-0.908	0.3637			%
Profissão	-1.8939	1.3270	-1.427	0.1535			%
Cargo religioso	-21.3191	6522.6387	-0.003	0.9974			%
Item de Enumeração							
Sem enumeração (v. referência)							
Enumeração	15.9182	2295.6925	0.007	0.9945			
Sexo							
Feminino (v. referência)							
Masculino	19.0346	6522.6387	0.003	0.9977			
Faixa etária							
Faixa I (22-35 anos) (v. referência)							
Faixa II (36-55 anos)	2.9737	1.4367	2.070	0.0385	*		
Faixa III (56 anos +)	19.8331	6522.6387	0.003	0.9976			

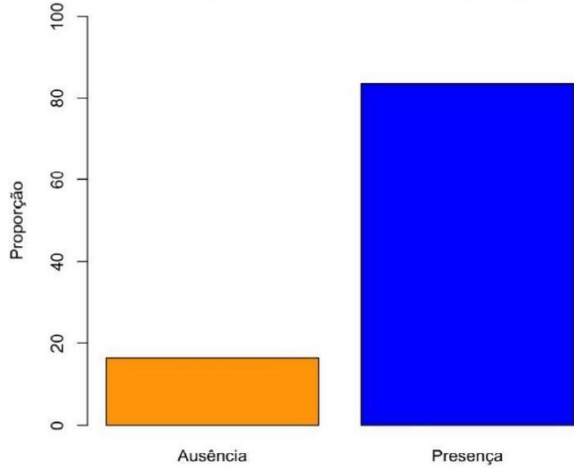
Modelo de regressão logística - artigo diante de antropônimos década de 1990	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	Valor-*p*	*	Apl./N	%
Intimidade							
Íntimo (v. referência)							
Não-íntimo	0.3691	1.7391	0.212	0.8319			
Modelo: VD ~ PREPOSICAO + TITULO + ITEM.ENUM + SEXO + FAIXA.ETARIA + INTIMIDADE							

Fonte: elaborada pelas autoras, 2025.

De acordo com a Tabela 1, a variável considerada relevante foi a faixa etária, com destaque para a faixa II (36-55 anos). A seguir, veremos os resultados para a década de 2010.

Resultados para a década de 2010: neste período, foram catalogadas 249 ocorrências de antropônimo, sendo que destas, 208 correspondem à presença de artigo definido e 41 correspondem à ausência. Desta forma, a presença totaliza um percentual de 83,53%, enquanto a ausência totaliza um percentual de 16,47%. No gráfico 2, veremos esta distribuição das ocorrências:

Gráfico 2 — Proporção de ausência e presença de artigo diante de antropônimos em Fortaleza-CE (2010)



Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

A seguir, apresentaremos os resultados da regressão logística, considerando as variáveis elencadas neste estudo.

Tabela 2 — Modelo de regressão logística para o artigo diante de antropônimos na década de 2010

Modelo de regressão logística - artigo diante de antropônimos década de 2010	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	Valor-*p*	Apl./N	%
Preposição						
Preposicionado (v. referência)	17.5661	2797.4419	0.006	0.995		
Não Preposicionado	0.3514	1.2176	0.289	0.773		
Título						
Sem título (v. referência)						
Formalidade	1.8197	1.2516	1.454	0.146		
Profissão	-0.6465	1.6840	-0.384	0.701		
Cargo religioso	0.3629	1.1986	0.303	0.762		
Sexo						
Feminino (v. referência)						
Masculino	0.7135	1.2238	0.583	0.560		
Faixa etária						
Faixa I (22-35 anos) (v. referência)						
Faixa II (36-55 anos)	-17.7562	2797.4423	-0.006	0.995		
Faixa III (56 anos +)	-17.3437	2797.4421	-0.006	0.995		
Intimidade						
Íntimo (v. referência)						
Não-íntimo	16.6303	3956.1804	0.004	0.997		
Modelo: VD ~ PREPOSICAO + TITULO + SEXO + FAIXA.ETARIA + INTIMIDADE						

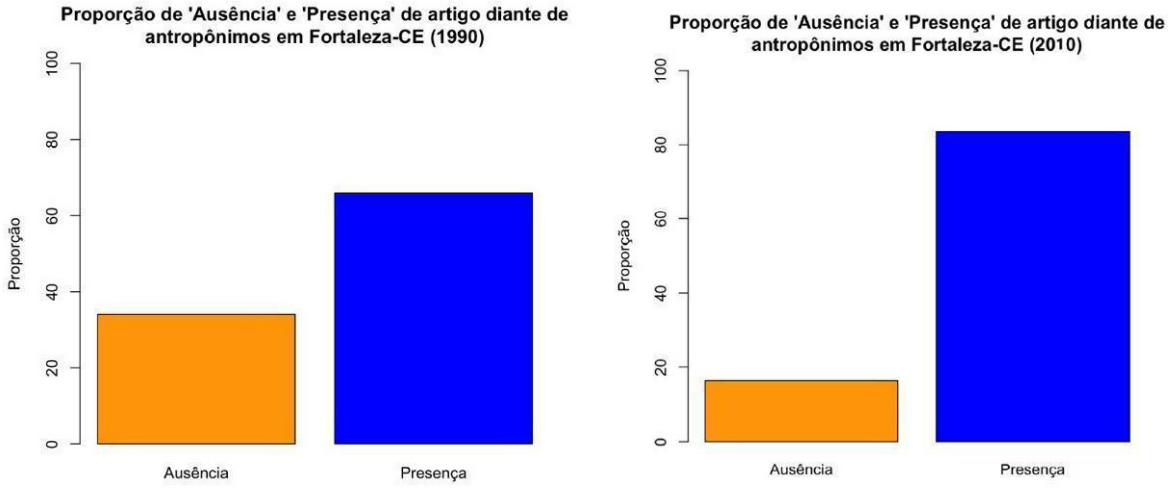
Fonte: elaborada pelas autoras, 2025.

Como observado, a Tabela 2 apresenta os resultados do modelo de regressão logística elaborado para a análise dos dados para o emprego do artigo definido diante de antropônimos na amostra da década de 2010. Não obtivemos nenhuma variável considerada relevante neste modelo. A seguir, veremos a síntese comparativa e a discussão dos resultados para as duas décadas em pauta.

Síntese comparativa e discussão dos resultados para o artigo definido diante de antropônimos nas décadas de 1990 e 2010

Iniciamos a nossa síntese comparativa, observando as proporções gerais do fenômeno no gráfico 3, a seguir:

Gráfico 3 — Comparação das proporções do emprego do artigo definido diante de antropônimos nas décadas de 1990 e 2010



Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Como observado no Gráfico 3, as proporções gerais para a década de 1990 apresentam uma tendência maior para o emprego do artigo definido do que para a sua ausência - o mesmo comportamento ocorre em relação à década de 2010. Salientamos ainda que, na década de 2010, percebemos um avanço no emprego do artigo definido, já que, neste período, a proporção da presença de artigo definido é nitidamente superior. Isso pode ser um indício de que a variante presença de artigo está caminhando para se tornar categórica, enquanto a variante ausência de artigo está perdendo espaço. Entretanto, devemos ser cautelosos em afirmar que estamos diante de um estágio final de quadro de mudança, pois o intervalo de tempo observado em nosso estudo é de curta duração, já que, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006), um processo de mudança completo pode ocorrer ao longo de um século ou dois. Ainda assim, as mudanças em curso são passíveis de observação no tempo de uma ou duas gerações. Sendo assim, nossos resultados apontam para um quadro de mudança em progresso, mas não é possível afirmar que ele esteja em seu estágio final.

Quanto às variáveis consideradas relevantes para a década de 1990, obtivemos a variável faixa etária, com a faixa II (36-55 anos). Já, para a década de 2010, nenhuma variável foi selecionada. Em relação a este fato, retomamos o argumento de Weinreich, Labov e Herzog (2006), quando afirma que tanto nos estágios iniciais, quanto nos finais, há pouca correlação entre o fenômeno e os fatores sociais. Desta forma, esta pode ser uma razão pela qual poucas variáveis foram selecionadas. Além disso, devemos observar que, na comunidade de fala de Fortaleza-CE, não é possível rastrear qual variante é considerada conservadora e qual variante é inovadora em relação a este fenômeno. Entendemos que a variante presença de artigo definido sempre teve maior tendência de uso e que esta tendência está se tornando categórica. A seguir, apresentamos o Quadro 1, em que esquematizamos as variáveis consideradas relevantes para as duas décadas em pauta.

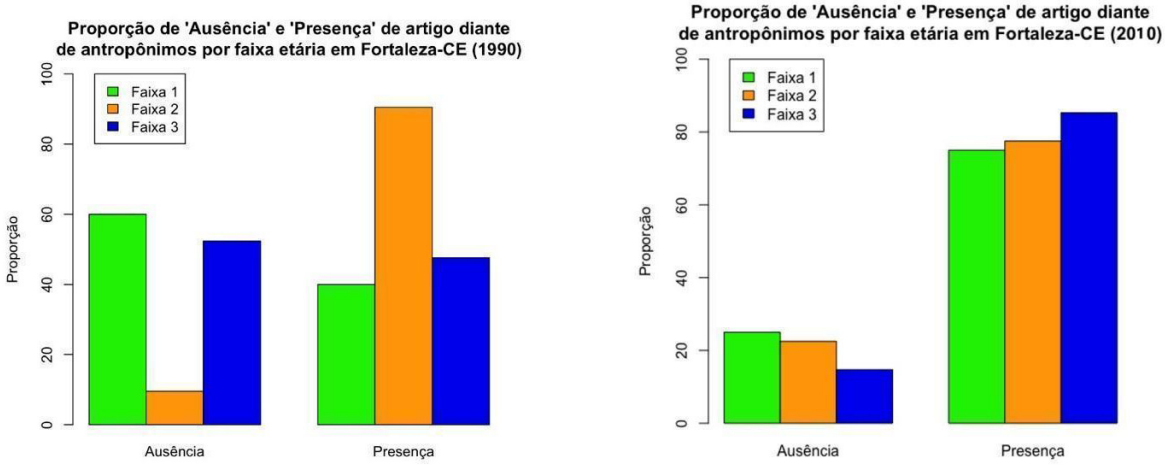
Quadro 1 — Variáveis consideradas relevantes selecionadas para o artigo definido diante de antropônimos nas décadas de 1990 e 2010

Variáveis consideradas relevantes selecionadas	Contexto dos antropônimos
Década de 1990	Década de 2010
Faixa etária – faixa II (36-55 anos)	Nenhuma variável selecionada

Fonte: elaborada pelas autoras, 2025.

De acordo com o quadro 1, vemos que a variável considerada relevante para o emprego do artigo definido é a faixa etária II (36-55 anos). Quando retomamos os trabalhos resenhados anteriormente, na seção Fundamentação Teórica, observamos alguns resultados semelhantes aos nossos. Nas pesquisas de Faria (2012), Campus Júnior (2012) e Mendes, a variável faixa etária também foi considerada relevante para o emprego do artigo definido. Retomando alguns princípios de nossa teoria de base, Eckert (1999) argumenta que os indivíduos mais jovens prestam mais atenção ao seu estilo de fala. Paiva e Duarte (2014) afirmam que os falantes modificam seu modo de falar, conforme o momento de vida em que estão vivendo. Desta maneira, os mais jovens têm uma preocupação maior com o seu modo de falar. Este fato nos indica que o emprego de uma determinada variante pode ter relação com a gradação etária dos indivíduos. A seguir, apresentaremos o gráfico 3, com as proporções para a variável faixa etária, para as décadas de 1990 e 2010.

Gráfico 3 — Comparação das proporções do emprego do artigo definido diante de antropônimos nas décadas de 1990 e 2010 em função da faixa etária



Fonte: elaborada pelas autoras, 2025.

Conforme observamos o gráfico 3, percebemos que as proporções para a década de 1990, em relação à variante presença de artigo definido, indicam o maior uso desta variante para a faixa II (36-55 anos). Já, na década de 2010, vemos que a presença de artigo é difundida em todas as faixas etárias. Por fim, sintetizamos que a variante presença de artigo é predominante nas duas décadas. Consideramos que o fenômeno em pauta está em um processo de mudança, em que a variante presença de artigo definido está avançando, e que a variante ausência está perdendo espaço. Desta maneira, seguiremos para a próxima seção em que apontaremos as nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, investigamos o fenômeno variável presença ou ausência de artigo definido diante de antropônimos na fala culta de Fortaleza-CE, nas décadas de 1990 e 2010, o que caracteriza a nossa pesquisa como um estudo de tempo real, na modalidade de tendência. Realizamos um levantamento de estudos que contemplassem o fenômeno em pauta a fim de compreender o seu funcionamento e construir um envelope de variação pertinente para o estudo. Em seguida, selecionamos uma amostra de 36 informantes provenientes do banco de dados PORCUFORT Fase I e Fase II. Nossos dados foram catalogados e, em seguida, analisados com o auxílio dos programas R e *Rstudio*.

Os principais resultados revelaram que a variante mais empregada na comunidade de fala culta de Fortaleza-CE é a presença do artigo definido. A variável considerada relevante para o fenômeno na década de 1990 foi a variável faixa etária, com destaque para a faixa II (36-55 anos). Em relação à década de 2010, nenhuma variável foi considerada relevante. Inferimos que o fenômeno esteja em quadro de mudança em progresso, em que a variante presença de artigo definido está avançando para se tornar categórica, enquanto a variante ausência está perdendo espaço. Enfatizamos que, em nosso estudo, não objetivamos esgotar as possibilidades de estudo sobre o fenômeno. Há ainda lacunas neste estudo a serem preenchidas em pesquisas futuras, como a observação das variáveis função sintática do SN, tipo de frase, tópico frasal e profissão do informante.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, B. K. M. de. **As realizações das vogais /E/ e /O/ pretônicas no falar culto de Fortaleza-CE sob a perspectiva variacionista**. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: https://www.uece.br/posla/pesquisa/dissertacoes/dissertacoes-2017/. Acesso em: 13 ago. 2024.

AMARAL, E. T. R. **A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais**: Campanha, Minas Novas e Paracatu. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2003. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LHAM-5SMGZ9. Acesso em: 14 ago. 2024.

AMARAL, E. T. R. A importância do fator intimidade na variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos. **Veredas on-line**, Juiz de Fora. v 1. p. 102-113. 2007. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25220. Acesso em: 14 ago. 2024.

BRAGA, L. M. **Ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos moradores de Marina e Uberaba**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2012. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15418. Acesso em: 14 ago. 2024.

CAMPOS JÚNIOR, H. A variação morfossintática do artigo definido na capital capixaba. **PERcursos Linguísticos**, v. 2, n. 5, p. 21-39, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3178. Acesso em: 14 ago. 2024.

CARVALHO, A. P. M. A. de. O comportamento linguístico dos jovens de Barra Longa/MG em relação ao uso do artigo definido diante de antropônimos. **Caletroscópio**, v. 5, n. 8, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufop.br/caletroscopio/article/view/3769. Acesso em: 14 ago. 2024.

ECKERT, P. New generalizations and explanations in language and gender research. **Language in Society**, *[s. l.]*, v. 28, p. 185-201, 1999. Disponível em: https://www.scirp.org/(S(vtj3fa45qm1ean45vvffcz55))/reference/referencespapers.aspx?referenceid=2710627. Acesso em: 14 ago. 2024.

FARIA, G. da C. dos S. **Ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo na cidade mineira de Ponte Nova**: um estudo sociolinguístico. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2012. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-96TFKF. Acesso em: 14 ago. 2024.

IÉ, E. **Um estudo variacionista sobre o uso do artigo definido diante de antropônimos no falar culto de Fortaleza-CE**. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2021/07/DISSERTA%C3%87%C3%83O_EDINA-I%C3%89.pdf. Acesso em: 14 ago. 2024.

LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working papers in sociolinguistics**, Austin, v. 44, p. 1–17, 1978.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: internal factors. Vol. 1. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**: Cognitive and cultural Factors. Oxford: Blackwell, 2010. v. 3.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: social factors. Vol. 2. Malden, Massachussets/Oxford: Blackwell, 2001.

LIMA, A. F. de; MORAES, R. N. de. Uso do artigo definido diante de nome próprio nas capitais do norte do Brasil. **Revista Moara**, n. 54, 2019. Disponível em: https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8162/5994. Acesso em: 18 ago. 2024.

MENDES, A. A. **A ausência ou a presença de artigo definido diante de nomes próprios na fala dos moradores da zona rural de Abre Campo e Matipó – MG**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ARCO-7X3N4Z. Acesso em: 18 ago. 2024.

PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. **Mudança linguística em tempo real**. Contracapa editora. 2004.

SEDRINS, A. P.; PEREIRA, D. C. F.; SILVA, C. R. T. O uso do artigo definido diante de antropônimos e pronomes possessivos em duas cidades do sertão pernambucano. **Caletroscópio**, v. 5, n. 8, p. 12-33, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufop.br/caletroscopio/article/view/3770/2945. Acesso em: 11 ago. 2024.

SIQUEIRA, A. L. S. Análise da ocorrência de artigos definidos diante de possessivos pré-nominais e antropônimos em dados de fala. *In:* JORNADA NACIONAL DO GELNE, 25., 2014, Natal/RN. **Anais** [...]. Natal: EDUFRN, 2014. 2014. Disponível em: http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/883.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

SOUZA, D. B. de; ALVES, L. F.; ARAÚJO, A. A. de. Presença/ausência de artigo definido diante de prenomes simples no falar popular de Fortaleza. *In:* VIANA, R. B. de M.; RODRIGUES, L. da S.; PONTES, V. de O.; CARVALHO, H. M. de. **Estudos em Sociolinguística Variacionista e sociofuncionalismo**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. cap. 11, p. 208-235. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/estudos-sociolinguistica. Acesso em: 18 ago. 2024.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

7

Marden Alyson Matos de Araújo
Hebe Macedo de Carvalho

TENDÊNCIAS DE USO DA CONCORDÂNCIA VERBAL NO FALAR CULTO DE FORTALEZA

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-325-7.7

INTRODUÇÃO

A linguagem é essencialmente heterogênea e a variabilidade é funcional e intrínseca às línguas humanas (Labov, 2008). Por sua natureza heterogênea, qualquer língua natural apresenta fenômenos variáveis, em diversos níveis linguísticos, que são condicionados por fatores de ordem social e linguística. Dentre esses fenômenos variáveis, neste capítulo, debruçamo-nos sobre a variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural, fenômeno amplamente estudado à luz da Teoria da Variação e da Mudança Linguística no Português do Brasil, como demonstram as pesquisas de Mattos (2013), Foeger (2015), Benfica (2016), Scherre, Yacovenco e Naro (2018), para citar alguns.

Ao pensar o sistema linguístico em sua complexidade, Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (2008; 1994) reconhecem sua natureza essencialmente heterogênea da linguagem humana. De maneira mais precisa, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 97) explicam que a língua comporta não apenas às regras categóricas — que não permitem variação — mas também as chamadas regras variáveis com suas formas variantes, as quais "oferecem meios alternativos de dizer a 'mesma coisa', ou seja, para cada enunciado em *A* existe um enunciado em *B* que oferece a mesma informação referencial [...]". Nesse sentido, a análise de fenômenos variáveis deve partir da língua efetivamente em uso.

Esses e outros postulados constituem a base do pensamento sociolinguístico surgido a partir de meados da década de 1960. Hoje, podemos dizer que a Sociolinguística Variacionista figura como um dos campos de abordagem do fenômeno linguístico mais frutífero no cenário dos estudos da linguagem.

Como já sabemos, o Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) tem desenvolvido análises linguísticas diversas com base em duas amostras de fala gravadas nos anos 1990 e anos 2020[1]. Com a gravação dessas amostras, é possível fazer estudos do tipo tendência que permite analisar a trajetória da comunidade e buscar evidências para eventuais mudanças linguísticas em tempo real (Labov, 1994).

Neste texto, concentramos a nossa atenção nos resultados da variável extralinguística *tipo de inquérito*, que mensura o grau de formalidade e de monitoramento da fala, e na variável linguística *tempo e tipo de paradigma verbal do modo indicativo* como possíveis governadores da variação e mudança na concordância verbal. Essa análise é feita com sujeitos explícitos *nós* e *a gente* e suas respectivas concordâncias, considerando duas amostras utilizadas em estudos do tipo Tendência (*trend study* – Labov, 1994). Uma análise em tempo real, mesmo de curta duração, proporciona uma visão do estágio da mudança (Omena, 2003, p. 66). Na comunidade culta de Fortaleza, houve um aumento na média global do *a gente* com concordância singular no intervalo de 25 anos da gravação entre as duas amostras.

A variável linguística *tempo e tipo de paradigma verbal do modo indicativo* (Naro, Göski e Fernandes, 1999; Naro; Scherre; Foeger; Benfica, 2014; Naro; Scherre; Foeger; Benfica, 2017; Scherre; Yacovenco; Naro, 2018) visa mensurar o efeito dos tempos verbais do modo indicativo e da saliência fônica na concordância verbal. A constituição dessa variável conta com a codificação de verbos em geral, com controle e codificação detalhada de verbos regulares, que possuem a mesma forma para o presente (*nós cantamos*) e para o pretérito perfeito do indicativo (*nós cantamos*). Esses verbos não distinguem a referência temporal de presente e passado,

1 De acordo com Araújo, Viana e Pereira (2022), os inquéritos que constituem o PORCUFORT Fase I (anos 1990) foram gravados entre os anos de 1993 e 1996; já os inquéritos do PORCUFORT Fase II (anos 2020) foram registrados entre 2018 e 2022.

por essa razão podem gerar ambiguidade de tempo. Replicamos esta variável, parcialmente, com enfoque no tempo verbal, não consideramos a saliência fônica. A replicabilidade de pesquisas constitui um dos procedimentos metodológicos da Sociolinguística de cunho variacionista, em vista da confiabilidade dos resultados (Carvalho; Freitas; Favacho, 2020).

A entrada do *a gente* no subsistema pronominal do português brasileiro parece desfazer essa ambiguidade (*a gente canta* – presente do indicativo*; a gente cantou* – pretérito perfeito do indicativo). Os resultados dessa variável têm indicado que *a gente* sem *-mos* está associado preferencialmente a verbos no presente do indicativo e o *nós* usado preferencialmente com a desinência *-mos* "para pretérito e presente de formas diferentes (*nós tivemos*/*nós temos; nós fomos/nós vamos ou nós somos*), sem possibilidade de ambiguidade" (Scherre; Yacovenco; Naro, 2018, p. 14). Essa tendência é atestada neste estudo, nas duas amostras. *A gente* sem *-mos* foi mais frequente com verbos no presente com mesma forma para o passado, enquanto *nós* com -mos (41,1%) e *a gente* sem -mos (50,9%) apresentou variação na década de 1990 com verbos no pretérito perfeito que possuem formas que são iguais às formas do presente.

Para o tratamento dos dados e a análise linguística, adotamos a linguagem de programação *R*, por meio da interface *R Studio* (R Core Team, 2020), com o objetivo de responder às seguintes questões que deram norte a esta pesquisa: i) existem indícios de mudança em curso no sentido da expansão do *a gente* sem *-mos* nas duas décadas em estudo? ii) qual a tendência da concordância variável com os pronomes *nós* e *a gente*? iii) qual o efeito da variável linguística *tempo e tipo de paradigma verbal do modo indicativo* sobre a realização da concordância verbal em tempo real de curta duração? iv) o preditor *tipo de inquérito* condiciona a concordância verbal de primeira pessoa do plural em tempo real de curta duração na fala de Fortaleza?

ESTUDOS DE TENDÊNCIA:
AS AMOSTRAS ANALISADAS

Este estudo considerou 104 participantes, sendo 50 da década de 1990 (PORCUFORT - Fase I) e 50 da década de 2020 (PORCUFORT - Fase II), estratificados por: sexo/gênero (masculino/feminino), faixa etária (I - 22 a 35 anos; II - 36 a 50 anos; III – acima de 50 anos) e tipo de inquérito (D2 - Diálogo entre dois informantes; DID - Diálogo entre informante e documentado; e EF - Elocuções formais) — conferir quadro 1.

Quadro 1 — Distribuição dos informantes por amostras: décadas de 1990 e de 2020

	1990						2020					
	Sexo											
	Masculino			*Feminino*			*Masculino*			*Feminino*		
Tipo de Registro →	**D2**	**DID**	**EF**	**D2**	**DID**	**EF**	**D2**	**DID**	**EF**	**D2**	**DID**	**EF**
Faixa etária												
Faixa etária I 22 a 35 anos	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Faixa etária II 36 a 50 anos	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3
Faixa etária III 51 anos acima	3	3	2	3	3	1	3	3	3	3	3	3
Total	9	9	8	9	9	6	9	9	9	9	9	9
	50						54					
	104											

Fonte: elaborado pelos autores, 2025..

A variável resposta (variável dependente) deste estudo é constituída por quatro variantes: *nós* com *-mos*, *nós* sem *-mos*, *a gente* sem *-mos* e *a gente* com *-mos*, desenvolvidas no quadro seguinte.

Quadro 2 — Variantes da concordância verbal com *nós/a gente*

Variantes	Ocorrências
1. nós **com *-mos***	(1) Inf. na sociedade capitalista... **nós vimos** recentemente... todo dia nós vemos esse desperdício... o BraSIL é o país do desperdício... (Inq. 17 – F1 – EF, homem, 33 anos).
2. nós **sem *-mos***	(2) Inf.: no ano que tivesse essas festas **nós tava** lá né SEMpre tinha um amigo de um conhecido (Inq. 13 – F1 – DID, mulher, 41 anos).
3. *a gente* sem *-mos*	(3) Inf.: ... **a gente** pensa que não mais o... esse tipo de comentário que o locutor FAZ esse animador desses programa faz é:: repercute (Inq. 15 – F1 – DID, homem, 58 anos).
4. *a gente* com *-mos*	(4) Inf.: aí tinha um local lá que **a gente vamos** conhecer aqui... é um local parecia assim tipo a costa mendes daqui... (Inq. 62 – F2 – DID, mulher, 63 anos).

Fonte: elaborado pelos autores, 2025..

Cabe destacar que o termo culto, adotado no Projeto PORCUFORT, compreende a fala de indivíduos com nível superior completo, economicamente privilegiados, moradores da zona urbana (Araújo; Viana; Pereira, 2022). A seção seguinte apresenta os resultados deste estudo.

A CONCORDÂNCIA VERBAL NA FALA DE FORTALEZA NAS DÉCADAS DE 1990 E DE 2020

Foram analisados 3854 dados de concordância verbal com os pronomes sujeitos explícitos *nós* e *a gente* em orações com verbos no modo indicativo. Desse total, foram observados 1598 dados na década de 1990 e 2256 na década de 2020.

Na década de 1990, em termos totais, a concordância verbal de *nós* com verbos na primeira pessoa do plural (*nós comemos* - 1PP) foi 42,9% e *nós* com verbos na terceira pessoa do singular (*nós come* Ø - 3PS) foi de 0,7%. A concordância verbal *a gente* predomina associada a verbos na terceira pessoa do singular (*a gente come* - 3PS), com 56,3% das ocorrências, sendo *a gente* com *-mos* (*a gente comemos*) praticamente inexistente – 0,1% (01 dado – *cf.* o exemplar 5).

(5) Inf.: e que a gente procurou prestar todo esse serviços... que ele realmente necessitava lá:: ***a gente tínhamos*** que ser polivalente... com a farmácia... do meu esposo (Inq. 23 – F1 – DID, mulher, 61 anos)

Essa tendência se mantém nos dados de 2020: a concordância de *nós* com *-mos* é de 19,1%, *nós* sem *-mos* 0,9%, e predomínio do uso da concordância verbal com o sujeito *a gente* - verbos na 3PS (*a gente come*) com 79,5%. A concordância de *a gente* com a 1PP (*a gente comemos*) é baixíssima (0,5%) — conferir Tabela 1.

Tabela 1 — Distribuição geral da concordância verbal com os sujeitos pronominais *nós* e *a gente* na fala de Fortaleza – décadas de 1990 e de 2020

Variantes	Nós com -mos (nós cantamos)	Nós sem -mos (nós cantou)	A gente sem -mos (a gente cantou)	A gente com -mos (a gente cantamos)
Década de 1990	42,9% (686)	0,7% (11)	56,3% (900)	0,1% (1)
Década de 2020	19,1% (431)	0,9% (21)	79,5% (1793)	0,5% (11)

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

Os resultados (Tabela 1), em termos de proporção, indicam o uso majoritário da concordância verbal padrão, sendo a concordância não padrão praticamente inexistente nas amostras de 1990 e 2020.

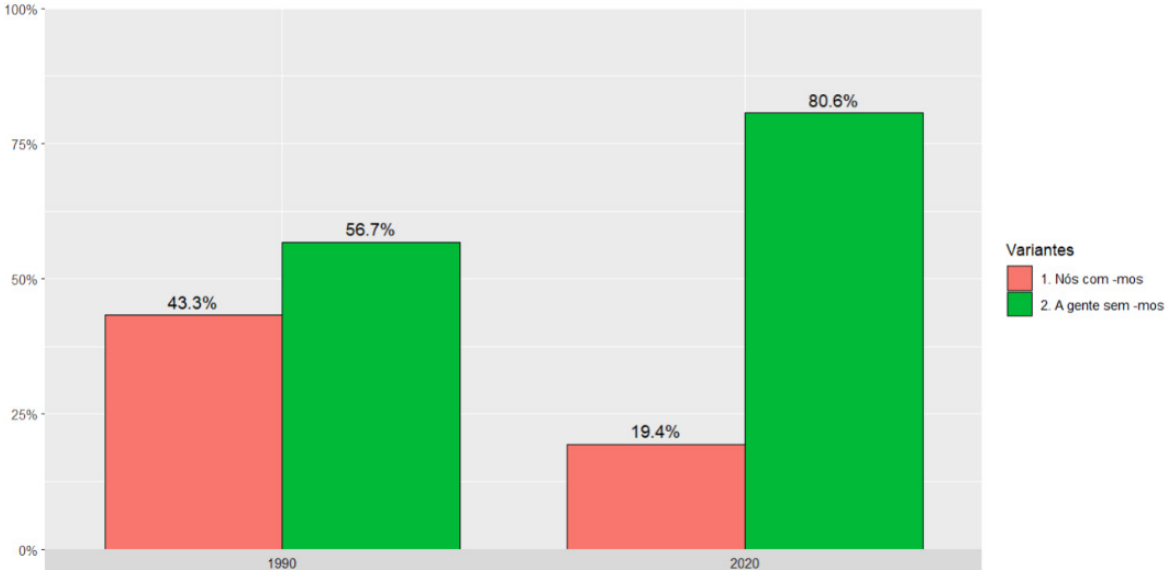
O fato de considerarmos apenas informantes de nível superior completo pode ser um fator desfavorável às ocorrências de concordância verbal não padrão, tendo em vista que esse fenômeno tem se mostrado relacionado com a escolaridade. *Nós* sem *-mos* e *a gente* com *-mos*, ou seja, com concordância variável não padrão, ocorreram com baixíssima frequência de uso, possivelmente por ser a amostra constituída por falantes graduados. De fato, sabemos que a escola exerce influência sob a concordância no português brasileiro.

Em um estudo do tipo Tendência (*tendency study*) da fala do Rio de Janeiro de 1980 e de 2000, a escolaridade se mostrou uma variável com forte significância sobre a concordância verbal, com tendência de mais concordância verbo/sujeito em 2000 do que em 1980 na fala carioca. Scherre e Naro (2014) apontam que:

> os falantes com maior nível de escolaridade apropriam-se hoje de uma proporção maior do padrão linguístico do que aqueles com menor escolaridade. É importante ressaltar que, em termos de frequências brutas, todos os falantes registrados em 2000 aumentaram seu nível de uso da concordância (Scherre; Naro, 2014, p. 187).

Em virtude de poucas ocorrências de *nós* sem *-mos* e de *a gente* com *-mos,* esses dados foram excluídos, a análise apresentada passa a considerar a variável resposta binária *nós* com *-mos* e *a gente* sem *-mos.* Serão analisadas 3810 ocorrências em contexto multivariado, sendo 1586 ocorrências na década de 1990 e 2224 na década de 2020 – resultados dispostos no gráfico de barras a seguir.

Gráfico 1 — Proporção de uso da concordância verbo/sujeito *nós* com *-mos* e *a gente* sem *-mos* em tempo real de curta duração: 1990 e 2020



Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

A comparação em tempo real de curta duração aponta um aumento significativo no uso do padrão emergente de concordância *a gente* sem *-mos* na comunidade de fala, de 56,7% em 1990 para 80,6% em 2020. Houve uma redução significativa no emprego da concordância padrão *nós* com *-mos*, tendo seu uso expressivamente reduzido de 43,3% (1990) para 19,4% (2020).

O fenômeno, embora aponte indícios de mudança, permanece como uma regra variável, nos termos de Labov (2008). A tendência se mantém na comunidade de fala, ou seja, *nós* com *-mos* e *a gente* sem *-mos* coocorrem com concordância verbo/sujeito variável preferencialmente padrão em Fortaleza.

TIPO DE REGISTRO

Essa variável foi constituída considerando o monitoramento da fala por parte do falante. Assim, podemos considerar a existência de três tipo de registro em nossa amostra, conforme apresentado abaixo:

a) Diálogo entre Informante e Documentador – DID

A entrevista foi conduzida por um documentador, partindo de um questionário com perguntas que conduzissem o participante a falar de suas experiências pessoais, experiências de vida, nos termos de Labov (2008). A expectativa é de que o falante se sinta à vontade com a gravação de sua fala e, se possível, preste menos atenção ao que está dizendo, ou seja, que a entrevista se aproxime de falas espontâneas, com monitoramento moderado.

b) Diálogos entre dois Informantes – D2

Em diálogos entre dois informantes, em geral, os dois/as duas participantes tinham um certo grau de intimidade por serem amigos ou familiares. O documentador grava a conversa e pouco interfere nos diálogos que estão sendo gravados. A expectativa é de que as conversas reflitam a fala espontânea, sem monitoramento.

c) Elocuções Formais – EF

As elocuções formais são gravações de cultos, pregações, aulas e conferências em que os falantes estão em situação de formalidade. Em geral, esse tipo de registro mantêm um alto monitoramento da própria fala, tendo em vista que são falas previamente planejadas (*cf.* Araújo, Viana, Pereira, 2018, p. 49).

Os dados obtidos a partir das amostras analisadas foram codificados e submetidos a análises estatísticas através da interface *Rstudio*, para gerar frequências e proporções de uso das formas variantes, bem como realizar testes de qui-quadrado e análise de regressão logística.

Dadas as variáveis deste estudo, apresentaremos a seguir o resultado dos testes estatísticos realizados em termos de estatística básica. Mais à frente, trataremos dos dados em termos de estatística inferencial, por meio de um modelo de regressão logística.

Realizamos, então, testes estatísticos de qui-quadrado[2] sobre cada variável controlada em função da variável resposta. Através do teste de qui-quadrado, "se determinada se variável independente exerce algum efeito sobre a variável resposta/dependente" (Oushiro, 2017).

Inicialmente, submetemos para teste estatístico a variável *tipo de inquérito* - cada *tipo de inquérito* é constituído por situações comunicativas distintas, visando mensurar o efeito de formalidade e informalidade, monitoramento de fala. Nessa perspectiva, os inquéritos do tipo *diálogo entre dois informantes* (D2) são os que apresentam menor nível de formalidade, os inquéritos *diálogo entre informante e documentador* (DID) se constitui de entrevistas nos moldes labovianos e busca captar fala semiespontânea, e as *elocuções formais* (EF) são os inquéritos com maior nível de formalidade entre os três (Araújo, 2011). O resultado dessa variável pode ser observado na **tabela** 2:

Tabela 2 — Proporções da concordância verbo/sujeito *nós* ou *a gente* por *tipo de inquérito*: 1990 e 2020

	Amostra 1990 (N=10586)		**Amostra 2020 (N=2256)**	
Variantes Inquérito	***Nós com -mos*** (Nós cantamos)	***A gente sem -mos*** (A gente cantou)	***Nós com -mos*** (Nós cantamos)	***A gente sem -mos*** (A gente cantou)
D2	27,8% (119)	72,2% (309)	0,7% (059)	90,2% (712)
DID	40,8% (295)	59,2% (428)	21,2% (201)	78,8% (747)
EF	62,5% (272)	37,5% (163)	33,9% (171)	66,1% (334)
	χ^2 (2) = 109.24, p < 0,001		**χ^2 (2) = 137.67, p < 0,001**	

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

2 De acordo com Freitas, Rodrigues e Santos (2022, p. 170), em um teste de probabilidade qui-quadrado "os valores da distribuição encontrada são comparados aos valores da distribuição esperada entre as variantes. Assim, quanto mais distante de zero, maior a probabilidade de a distribuição de dados encontrada ser resultado da atuação de algum fator da variável".

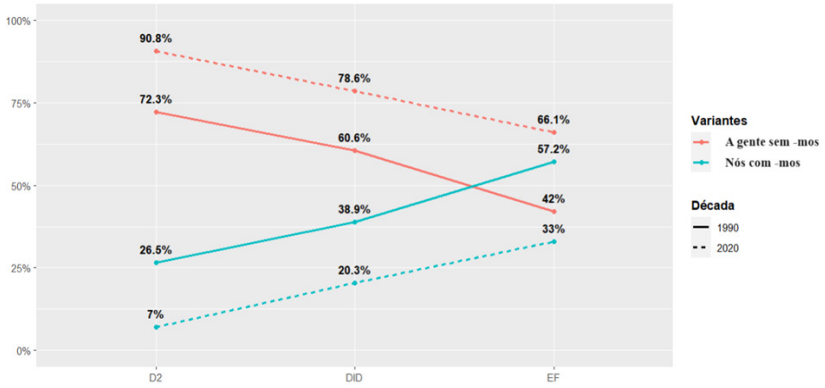
A proporção de uso de *nós* com *-mos*, da amostra de 1990, é de 27,8% no D2. Esse uso aumenta para 40,8% em inquéritos do tipo DID e, nas entrevistas formais – EF, em que há expectativa de fala mais monitorada a concordância com *nós* é de 62,5%. Em termos totais, os resultados da análise binária de 1990 apontam os inquéritos do tipo D2 como os mais favoráveis ao uso de *a gente* sem *-mos* (72,2%). Em inquéritos DID, a proporção cai 13 pontos percentuais (59,2%); EF, que possui alto grau de monitoramento da fala, desfavorece *a gente* sem *-mos* (37,5%).

Os resultados da década de 2020 demonstram que a concordância variável com *a gente* sem *-mos* é a estratégia preferida dos falantes, tendo em vista que 90,2% de uso em D2, 78,8% em DID e 66,1% em EF. A concordância variável *nós* com *-mos* é de 0,7% em D2 - conversas entre dois participantes, 21,2% no DID, situações de entrevistas semiestruturadas, e 33,9% em EF.

Se comparados os resultados de 1990 e de 2020, observa-se que a concordância variável com o *nós,* por exemplo, é sensível à formalidade e informalidade. Em outras palavras, esse uso varia em função dos tipos de inquérito (*cf.* gráfico 2).

Os testes estatísticos de qui-quadrado indicam o valor de $\chi2 = 109.24$, atribuído aos dados de 1990 (PORCUFORT - fase I), e de $\chi2 = 137.67$ aos dados da 2020 (PORCUFORT - fase II). Esses resultados mostram a interação estatisticamente significativa entre o tipo de inquérito na variação da concordância verbo/sujeito e o *tipo de inquérito*, indicando forte influência desse preditor sobre o fenômeno analisado.

Gráfico 2 — Proporção da concordância verbo/sujeitos *nós* e *a gente* por *tipo de inquérito* em tempo real de curta duração: 1990 e 2020



Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

O efeito da variável *tipo de inquérito* se mantém semelhante nas duas décadas analisadas. Inquéritos D2 desfavorecem a concordância *nós* com *-mos* (26,5% - 1990 e 7% - 2020), o que sugere forte interação entre a escolha da concordância e o grau de formalidade. A proporção de uso de *nós* com *-mos* aumenta por grau de formalidade DID e EF na década de 1990, esse comportamento se repete na década de 2020 (*cf.* gráfico 2). Ainda que a concordância com *a gente* seja a estratégia mais frequente nas duas amostras, com altas proporções de emprego, seu uso mostrou-se preferencialmente associado ao D2, contexto de fala informal, de conversa, e cai em inquéritos EF. A seção seguinte apresenta resultados da variável *tempo e tipo de paradigma verbal*.

A VARIÁVEL TEMPO E TIPO DE PARADIGMA VERBAL

Para este estudo, serão analisadas as variáveis previsoras *tempo e tipo de paradigma verbal do modo indicativo* e *tipo de inquérito,* descritas a seguir. As ocorrências abaixo, retiradas da base de dados da pesquisa, ilustram cada fator das variáveis previsoras:

a) Presente do indicativo com forma igual ao pretérito perfeito do indicativo

(5) Inf.: a minha preferência... sempre foi alfabetização... e depois então o:: primeiro grau:: maior como ***nós chamamos*** aqui né? (Inq. 36– F1 – D2, mulher, 66 anos)

(6) Inf.: eu me lembrei que ***a gente fala*** muito de Europa ***a gente fala*** de culinária aqui na América do Sul inclusive era preconceituoso (Inq. 50 – F2 – DID, homem, 56 anos)

(7) Inf.: aquilo que ***nós chama*** de SOvietes... DESde o sistema militar... (Inq. 50 – F1 – DID, homem, 33 anos)

Os excertos de fala acima, exemplificam casos de verbos que apresentam uma mesma morfologia para dos dois tempos verbais supracitados em (a), quando usados na primeira pessoa do plural, podendo exprimir ambiguidade de tempo. Nesse caso, foram codificadas as ocorrências em que o falante situa o evento no tempo no presente.

b) Presente do indicativo com forma diferente do pretérito perfeito do indicativo

(8) Inf.: todos nós aqui né que todos ***nós estamos*** hoje aqui porque ***nós temos*** uma certa rotina ... (Inq. 21 – F2 – EF, homem, 39 anos)

(9) Inf.: então a ***gente tem*** uma uma alimentação re::gular... DENtro de um padrão de classe MÉdia... (Inq. 09 – F1 – DID, mulher, 38 anos)

(10) Inf.: queria MUIto ser ser uma:: uma empreSÁria mas no momento ainda não... ***nós não tem*** condições:: é pode ser um sonho futuro (Inq. 04 – F2 – DID, mulher, 31 anos)

(11) Inf.: nós viramos melhores amigas... no caso ***a gente somos*** muito unidas (Inq. 07 – F2 – DID, mulher, 24 anos)

c) Pretérito perfeito com forma diferente do presente do indicativo

(12) Inf.: pra você ter uma idéia ***nós tivemos*** uma economia de dez mil dólar... (Inq. 45 – F1 – D2, homem, 52 anos)

(13) Inf.: ***a gente foi*** pro Lourenço Filho eu o seu pai (Inq. 85 – F2 – D2, mulher, 56 anos)

(14) Inf.: porque quando nosso tio morreu ***nós não foi*** mais a praia... não gostava de praia não (Inq. 62 – F2 – D2, homem, 60 anos)

(15) Inf.: tudo isso a gente fazia tudo tudo tudo tudo isso ***a gente fizemos*** aí quando chegava o terço... (Inq. 29 – F2 – DID, mulher, 62 anos)

d) Pretérito perfeito com forma igual ao presente do indicativo

(16) Inf.: as palavras... quando ***nós estuDAmos***... no nosso tempo quando ***a gente estudou***... eh::... a colocaÇÃO... (Inq. 114 – F1 – EF, homem, 62 anos)

(17) Inf.: ... aí ***a gente volta*** pra casa... pra pro/ pro apartamento de novo (Inq. 04 – F2 – EF, mulher, 31 anos)

(18) Inf.: eles foram pegar a bola e ***a gente corremos*** né e fomos embora... mas foi dezenove a nove né... (Inq. 62 – F2 – D2, homem, 69 anos)

Os excertos de fala acima exemplificam casos de verbos que apresentam uma mesma morfologia para os dois tempos verbais mencionados em (d), quando usados na primeira pessoa do plural, o que os torna passíveis de ambiguidade temporal. Foram codificadas as ocorrências em que o falante situa o tempo no pretérito perfeito/passado.

e) Pretérito imperfeito do modo indicativo

(19) Inf.: ... ***nós fazíamos*** festas constantemente ***nós tínhamos*** um clube... então nesse clube ***nós chamávamos*** PAdre pra dar conferência psiquiAtra psicólogo... (Inq. 12 – F1 – DID, mulher, 41 anos)

(20) Inf.: eu me lembro que até quando ***a gente ficava*** muito tarde na rua a mãe da gente fazia medo que a POLÍcia ia peGAR ***a gente tinha*** nem ladrão era que a polícia ia pegar a gente (Inq. 16 – F2 – DID, homem, 38 anos)

(21) Inf.: no ano que tivesse essas festas ***nós tava*** lá né SEMpre tinha um amigo de um conhecido (Inq. 13 – F2 – DID, homem, 59 anos)

(22) Inf.: ***a gente estávamos*** em quatro na época dois casais aí chegamos numa cidadezinha que não me lembro bem o nome (Inq. 50 – F2 – DID, homem, 56 anos)

A Tabela 3 apresenta a distribuição das variantes de concordância verbal em função do *tempo e tipo de paradigma verbal* – análise binária.

Tabela 3 — Distribuição das variantes de concordância por tempo e paradigma verbal

	Amostra 1990 (N=1586)		Amostra 2020 (N=2224)	
Paradigma	*Nós com -mos*	*A gente sem -mos*	*Nós com -mos*	*A gente sem -mos*
Presente igual	28,1% (95)	71,9% (243)	8,6% (38)	91,4% (406)
Presente Diferente	52,9% (331)	47,1% (295)	29,4% (191)	70.6% (459)
Pret. Perf. Igual	49,1% (85)	50,9% (88)	31% (91)	69% (203)
Pret. Perf. Diferente	66,4% (95)	33,6% (48)	34,6% (74)	65,4% (140)
Pret. imperfeito	26,1% (80)	73,9% (226)	5,9% (37)	94,1% (385)
χ^2 (4) = 125.44, p < 0,001			**χ^2 (4) = 125.44, p < 0,001**	

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

Como exposto na Tabela 3, verbos no presente com forma igual ao pretérito perfeito do indicativo (*nós* falamos/corremos/saímos), mostrou-se associado à concordância emergente *a gente* sem *-mos*, com 71,9% dos dados em 1990, se expandindo para 91,4% em 2020.

Já a concordância padrão *nós* com *-mos* se realizou em 28,1% em 1990, diminuindo sua proporção para 8,6% em 2020. Verbos no presente diferente de passado (*nós* fazemos/*nós* fizemos) desfavorece *nós* com *-mos* (29,4%), na amostra 2020, sofrendo retração no período relativamente curto de 25 anos depois.

Nos dados do PORCUFORT Fase I, a estrutura padrão *nós* com *-mos* foi flagrada em 49,1% associada a verbos no pretérito perfeito com formas iguais, enquanto a variante *a gente* sem *-mos* se realizou em 50,9%, demonstrando ser o ambiente linguístico mais disputado pelas formas de concordância verbal. Nos dados da Fase II do PORCUFORT, houve diminuição do uso de *nós* com *-mos* (31%), e aumento significativo na proporção de *a gente* sem *-mos* (69%).

Em relação aos verbos no pretérito perfeito com formas diferentes para o pretérito perfeito e para o presente do indicativo (*nós* sabemos/ *nós* soubemos), na Amostra 1990, encontramos maior uso do padrão *nós* com *-mos* (66,4%), enquanto o padrão emergente *a gente* sem *-mos* é menos recorrente, sendo observado em 33,6% do total de ocorrências. Na Amostra 2020, há retração no uso de *nós* com *-mos* (34,6%), e aumento no padrão de concordância emergente *a gente* sem *-mos* (65,4%).

Em contextos de pretérito imperfeito, observa-se ampla expansão de *a gente* sem *-mos* (de 73,9% para 94,1%), ao passo que a variante *nós* com *-mos* sofreu forte retração na proporção de uso, caindo de 26,1% na Fase I para 5,9% na Fase II. Além disso, os testes de qui-quadrado nos quais as amostras foram submetidas ($\chi2 = 138.96$ na Fase I e $\chi2 = 238.13$ na Fase II), ambas com valor de $p < 0,001$, demonstram forte influência desta variável sobre a realização da concordância verbal com os pronomes de primeira pessoa do plural.

Em resumo, as tendências da concordância variável com verbos com ambiguidade temporal, na amostra de 1990, são: a) presente e pretérito perfeito igual favorecem a gente sem -mos;

b) pretérito e presente igual disputam entre *nós* com -mos (49,1%) e a gente sem -mos (50,9%). Na década de 2020, *a gente* sem -mos tem um aumento significativo, se expandiu 91,4% com verbos no presente igual. O pronome *a gente* teve aumento expressivo no falar culto de Fortaleza, indicando interfaces entre dois processos: o de alternância pronominal e o de concordância verbal com pronomes de 1PP.

Oushiro (2017) afirma que averiguar os efeitos individuais das variáveis explicam apenas parte da variação, é "necessário levar em consideração o efeito conjunto de ambas para bem prever a estimativa. Daí a importância de realizar análises multivariadas" (Oushiro, 2017, p. 281).

A ATUAÇÃO DE VARIÁVEIS NA CONCORDÂNCIA VERBO/SUJEITO: AMOSTRA DE 1990

A análise de um modelo de regressão logística busca testar a atuação das variáveis de todos os preditores. A Tabela 3, a seguir, apresenta resultados do modelo completo. No entanto, enfocaremos apenas as variáveis *tipo de inquérito* e *tempo e tipo de paradigma verbal do modo indicativo,* objetivos deste texto.

O valor de *intercept*[3], que será tomado como valor de referência, em termos de favorecimento, será o da variante *nós com -mos*, nos seguintes contextos: (1) faixa etária de 22 a 35 anos, (2) tipo de inquérito DID, (3) tempo verbal presente com forma diferente do pretérito perfeito e (4) conjugação do verbo - 1ª conjugação.

Os resultados das estimativas de uso de cada fator são apresentados em *logodds* (*log-odds-ratio*) que, em linhas gerais, segundo Oushiro (2017), dizem que resultados positivos indicam tendência

3 Freitas, Rodrigues e Santos (2022), explicam que o valor de *intercept* se refere à probabilidade de uso do segundo nível da variável resposta em relação ao primeiro nível de cada variável preditora.

ao favorecimento, enquanto os resultados negativos demonstram tendência ao desfavorecimento de determinada variável. Os resultados da Tabela 4 tomam como variante de referência *nós com -mos*:

Tabela 4 — Estimativas de *nós* com *-mos* no modelo de regressão: amostra 1990 (N = 1586)

Coefficients	Estimate	Std. Error	z value	Pr(>|z|)	
(Intercept)	-0.6989	0.2099	-3.330	0.000867	***
Faixa etária					
36 a 50 anos	0.1799	0.1414	1.272	0.203372	
A partir de 50 anos	1.5180	0.1528	9.932	< 2e-16	***
Tipo de inquérito					
D2	-0.5535	0.1454	-3.807	0.000140	***
EF	0.8828	0.1467	6.016	1.78e-09	***
Tempo e Paradigma verbal					
Presente igual	-0.8986	0.1947	-4.616	3.91e-06	***
Pret. Perf. Igual	-0.3583	0.2190	1.636	0.101852	
Pret. Perf. Diferente	0.8397	0.2228	3.769	0.000164	***
Pret. imperfeito	-0.9625	0.1755	-5.483	4.18e-08	***
Conjugação verbal					
2ª conjugação	0.4600	0.1632	2.819	0.004814	**
3ª conjugação	-0.2326	0.2433	-0.956	0.339052	

Modelo: glm(VR ~ FAIXA.ETARIA + TIPO.INQUERITO + ESTRUTURA.VERBAL + CONJUGACAO + PARADIGMA.VERBAL + (1|INFORMANTE)

Signif. codes: 0 '*' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1**

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

A análise dos dados de fala do modelo de regressão logística demonstra comportamentos distintos do fenômeno variável por *tipo de inquérito*. Inquéritos D2 (diálogo entre dois informantes) demonstraram associados ao padrão emergente *a gente* sem *-mos*, sendo o uso da concordância padrão com o pronome canônico *nós* preferencialmente em inquéritos EF (0.1839). Esses resultados confirmam a tendência atestada na análise descritiva acima, em termos percentuais.

Com relação à variável preditora *tempo e paradigma verbal do modo indicativo*, o tempo verbal presente igual ao pretérito perfeito desfavorece *nós* com *-mos*, indicando que este é um contexto favorável ao uso de *a gente* sem o *-mos*, com estimativa de uso de -1,5975. Verbos no pretérito perfeito diferente do presente favorecem a concordância padrão *nós* com *-mos*, com estimativa de uso de 0.1408. Esse resultado é confirmado por Naro *et al.* (2014) com resultados em termos de peso relativo 0,963, e Benfica (2016), para a fala de Vitória, com peso relativo 0,797[4]. Scherre, Yacovenco e Naro (2018), ao analisar o *tempo e o tipo de paradigma verbal do modo indicativo,* observam que a desinência *-mos* tem se mostrado preferencialmente como marca de pretérito perfeito, em pesquisas sobre a concordância verbal.

Por fim, verbos no pretérito imperfeito do modo indicativo são desfavoráveis à concordância *nós* com *-mos*, sendo este contexto linguístico fortemente associado à concordância verbal *a gente* sem *-mos*, que naturalmente apaga a desinência verbal. Esses foram os tempos verbais selecionados significativamente nos dados de 1990.

4 Esses resultados foram gerados no GoldVarb.

A ATUAÇÃO DE VARIÁVEIS NA CONCORDÂNCIA VERBO/SUJEITO: AMOSTRA DE 2020

A seguir, apresentamos a análise de regressão logística da amostra de 2020, conforme demonstra a Tabela 5:

Tabela 5 — Estimativas de *nós* com *-mos* no modelo de regressão: amostra 2020 (N = 2224)

Coefficients	Estimate	Std. Error	z value	Pr(>|z|)	
(Intercept)	-1.62110	0.17916	-9.048	< 2e-16	***
Faixa etária					
36 a 50 anos	0.56341	0.18581	3.032	0.00243	**
A partir de 50 anos	1.53756	0.16775	9.166	< 2e-16	***
Tipo de inquérito					
D2	-1.10347	0.16751	-6.588	4.47e-11	***
EF	0.78908	0.14567	5.417	6.06e-08	***
Tempo e Paradigma verbal					
Presente igual	-1.76226	0.20288	-8.686	< 2e-16	***
Pret. Perf. Igual	-0.01274	0.17414	-0.073	0.94167	
Pret. Perf. Diferente	0.29296	0.18909	1.549	0.12131	
Pret. imperfeito	-1.62600	0.20985	-7.748	9.32e-15	***
Estrutura verbal					
Locução verbal	-0.86771	0.18475	-4.697	2.64e-06	***
Verbo composto	0.31084	0.81684	0.381	0.70355	

Modelo: glm(VR ~ FAIXA.ETARIA + TIPO.INQUERITO + ESTRUTURA.VERBAL + CONJUGACAO + PARADIGMA.VERBAL)

Signif. codes: 0 '*' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1**

Fonte: elaborada pelos autores, 2025.

O valor de *intercept* (-1.62110) refere-se a inquéritos do tipo DID. Na década de 2020, esse tipo de inquérito, no mesmo contexto de realização do *intercept*, tende a desfavorecer o uso da concordância padrão *nós com* -mos.

Inquéritos D2 (diálogo entre dois informantes) são desfavoráveis ao uso da concordância padrão *nós* com *-mos,* com valor de estimativa de -2,72457. Esse resultado sugere que a concordância emergente *a gente* sem *-mos* parece estar associado a contextos de menor formalidade, embora seja uma estrutura que não é avaliada negativamente (Peluco, 2022).

Em elocuções formais (EF), há um aumento na estimativa de uso da concordância padrão *nós* com *-mos* em relação ao *intercept*. Os resultados da regressão logística e da análise descritiva mostram que a concordância verbal é sensível ao tipo de registro nas duas amostras (*cf.* gráfico 2). Esses resultados parecem dialogar com estudo de avaliação e percepção realizado com falantes escolarizados (os participantes tinham graduação em andamento/graduação completa, alguns poucos com pós-graduação) de Fortaleza, que associam e avaliam a concordância emergente *a gente* sem *-mos* como informal e *nós* com *-mos* como formal e de prestígio (Carvalho; Freitas; Favacho, 2021).

A concordância verbal é produto de avaliação explícita, estudos de avaliação e percepção linguística demonstram que a concordância verbal com os pronomes *nós* e *a gente* é constantemente avaliada socialmente, passível de estigma ou de prestígio (Zilles, 2007; Freitag, 2016). A consciência social da variação linguística é considerada propriedade importante da mudança linguística (Labov, 2006, p. 124), estudos de reação subjetiva contribuem para o entendimento da mudança linguística.

Em relação à variável *tempo e tipo de paradigma verbal do modo indicativo*, os verbos no presente com mesma forma para o pretérito perfeito/passado (*nós cantamos*, por exemplo – pode exprimir presente e passado) tendem a inibir a concordância *nós* com *-mos*, com estimativa de uso de -3,38336, esse é o contexto que mais desfavorece a variante de referência *nós* com *-mos*. Esse resultado pode indicar que o uso de *a gente sem -mos*, padrão emergente no português brasileiro, parece atuar no sentido de desfazer a ambiguidade de tempo em orações com verbos desse tipo. Há de se considerar a alta proporção de uso de *a gente* sem *-mos* com esses verbos (91,5%).

O pretérito imperfeito tem comportamento parecido, ou seja, desfavorece a concordância *nós* com -mos (-3,2471). Houve baixa proporção de uso de *nós* com *-mos* associada a verbos no imperfeito do indicativo na Amostra 2020 (5,7% - Tabela 3).

Em termos de tendências de uso, as estimativas, apresentadas em *loggods*, apontam o efeito da variável *tempo e tipo de paradigma verbal do modo indicativo* nas duas amostras, confirmando tendências do estudo fonte (Scherre; Yacovenco; Naro, 2018). A concordância *nós* com *-mos* mostrou-se associada preferencialmente a verbos no pretérito perfeito, a ausência da desinência, ou seja, o verbo na 3PP (*a gente* sem *-mos*) está associada ao presente.

O presente com formas diferentes de pretérito perfeito tende a inibir a concordância verbal *nós* com *-mos* nas amostras de 1990 (-0.6989 – Tabela 4) e de 2020 (-1.62110 - Tabela 5), sendo esse o contexto favorável ao uso do padrão emergente *a gente* sem *-mos*. Verbos no presente com forma igual ao pretérito perfeito são desfavoráveis ao uso de *nós* com *-mos,* tendência atestada em estudo com dados de fala popular de Fortaleza da década de 1980 (Carvalho; Santos, 2023, p. 49).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, os resultados indicam, em termos de tendência, que ocorreu, de forma geral, um aumento significativo da concordância emergente *a gente* sem *-mos* e redução, praticamente em todos os contextos analisados, do *nós* com *-mos* de uma década para outra, confirmando resultados de estudos de outras regiões brasileiras (Omena, 2003; Lopes, 2003; Nascimento, 2013). A concordância verbal se mostrou sensível à formalidade e informalidade do tipo de registro. O uso de *nós com -mos* foi mais produtivo em elocuções formais. Por outro lado, a concordância de *a gente sem -mos*, embora tenha apresentado um aumento significativo na amostra de 2020, ocorre com maior frequência em inquéritos D2, nos quais se espera menos monitoramento estilístico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. A. de. *In:* CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOSOFIA, 15, 2001, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. O Projeto Norma Oral Do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. 5, p. 835-845, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf. Acesso em: 12 jan. 2024.

ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. de B. M.; PEREIRA, L. de S. P. O projeto descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT: das origens aos dias atuais. **Sociodialeto**, *[S.l.]*, v. 8, n. 24, p. 174-198, 2018. Disponível em: http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/39. Acesso em: 24 out. 2024.

ARAUJO, M. A. M. de; CARVALHO, H. M. A primeira pessoa do plural no falar culto de fortaleza: uma análise em tempo real de curta duração. **Entretextos**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 131–151, 2024.

BENFICA, S. A. **A concordância verbal na fala de Vitória**. 20216. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.

CARVALHO, H. M. de; FREITAS, M. L.; FAVACHO, L. de L. A variação dos pronomes sujeitos nós e a gente: a fala culta de Fortaleza em cena. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 27, p. 30-45, 2020.

CARVALHO, H. M. de; SANTOS, H. L. dos. Concordância verbal com as formas pronominais nós e a gente: o efeito da variável tempo verbal sobre a manutenção da forma nós com concordância padrão. *In:* CARVALHO, C. dos S.; ARAÚJO, S. S. de F.; DIAS, V. de C. (org.). **A sociolinguística no Nordeste:** diferentes abordagens. São Paulo: Editora Pá de Palavra, 2023.

COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

FREITAG, R. M. K. *et al.* Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. *In:* FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; GORSKI, E. M. (org.). **Sociolinguística e política linguística**: olhares contemporâneos. São Paulo: Edgard Blücher, 2016. p. 141-160.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: internal factors. Oxford/ Cambridge: Blackwell, 1994.

MORENO FERNÁNDES, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P.; FOEGER, C.; BENFICA, S. de A. Sobre o encaixamento linguístico e social da variação de concordância com o pronome *nós* em terras brasileiras. *In*: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON VARIATION IN PORTUGUESE, 1., 2014, Braga. **Apresentação de Trabalho/Comunicação**. Universidade do Minho, 2014.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**, v. 57, n. 1, p. 63-98, 1981.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without Change. **Language Variation and Change**, New York, v. 11, n. 2, p. 197- 211, 1999.

OMENA, Nelize. P. de A. Referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? *In:* PAIVA, M. C.; DUARTE, E. L. (org.). **Mudança em tempo real**. Rio de Janeiro: Capa Livraria, 2003, p. 63-80.

OUSHIRO, L. **Introdução à Estatística para Linguistas**. Zenodo, 2017. Disponível em: http://doi.org/10.5281/zenodo.822070. Acesso em: 20 de mai. de 2024.

PELUCO, L. C. **Nós e a gente mora aqui**: um estudo da produção linguística, crenças e atitudes sociolinguísticas em Monte Azul Paulista. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2022.

R CORE TEAM. **R**: A Language and Environment for Statistical Computing. The R Development Core Team: 2020.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C.; NARO, A. Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. **Estudos de Lingüística Galega**, Santiago de Compostela, v. especial, p. 13-27, 2018.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: Variable concord in Rio de Janeiro. **Language Variation and Change**, v. 26, n. 3, p. 331-357, 2014. Disponível em: https://core.ac.uk/reader/214140100. Acesso em: 04 de setembro de 2024.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Efeitos da saliência fônica e do tempo/ modo verbal na concordância verbal. *In:* MOLLICA, M. C. de M. (org.). **Usos da linguagem e sua relação com a mente humana**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZILLES, A. M. S. "O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?". **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, jun. 2007.

Parte 3

ESTUDOS SOBRE ATITUDES LINGUÍSTICAS

8

Rakel Beserra de Macêdo Viana
Maria Lidiane de Sousa Pereira

NUVEM DE PALAVRAS NA SOCIOLINGUÍSTICA:

OS VERBOS EXISTENCIAIS *TER*, *HAVER* E *EXISTIR* EM AMOSTRA DO FALAR CULTO FORTALEZENSE A PARTIR DE TESTE DE ATITUDES

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-325-7.8

INTRODUÇÃO

O presente texto compreende um recorte de uma pesquisa maior (Viana, 2023) que estuda a produção e as atitudes linguísticas dos verbos *ter*, *haver* e *existir*, em caráter diatópico, na fala de funchalenses e fortalezenses com nível superior completo de escolaridade. Partindo desse ponto, a proposta que trazemos, neste capítulo, difere, em sua metodologia, em alguns pontos dos demais textos aportados nesta publicação. Afinal, ao contrário do que ocorre nos demais capítulos desta coletânea, não centramos nossa atenção na apresentação de resultados quantitativos, mas sim, em resultados gerados a partir de um teste de atitude[1].

Analisamos as respostas fornecidas a duas perguntas do teste de atitudes aplicado por Viana (2023), a indivíduos residentes em Fortaleza, com nível superior completo, referente aos verbos existenciais *ter*, *haver* e *existir*. Para essa proposta de análise, utilizamos nuvens de palavras que buscam apresentar, de forma imagética, as principais atitudes dos falantes participantes do estudo em relação ao fenômeno variável em investigação, a partir da análise estatística das respostas desses indivíduos, às atitudes e avaliação apresentada durante a pesquisa.

Importante destacar que analisamos somente os verbos *haver* e *existir*, para que pudéssemos descobrir quais contextos ou como o falante fortalezense usa esses verbos, já que *ter* é o verbo existencial que costuma ser usado com maior frequência na comunidade de fala fortalezense, como apontam diversas pesquisas (Araújo *et al.*, 2019, 2020; Souza, 2015; Souza *et al.*, 2020; Viana, 2018, 2019, 2020; Viana; Araújo, 2020a, 2020b).

1 Na seção da Metodologia, tornaremos a abordar mais detidamente essa questão.

Com este trabalho, objetivamos, portanto, apresentar uma descrição e análise de dados de atitudes e avaliação linguística, para além do tratamento estatístico do fenômeno, revelando, assim, um novo prisma de análise e de leitura de dados linguísticos.

Nosso texto está estruturado em seis seções que se somam a esta introdução. Assim, temos a fundamentação teórica, em que trazemos uma exposição da teoria variacionista e a perspectiva da norma gramatical brasileira a respeito da variação entre os verbos *haver* e *existir*. Além da fundamentação teórica do estudo, temos uma seção dedicada à metodologia em que destacamos os pontos centrais da análise dos dados; de modo mais específico, discutimos a questão dos testes de atitudes, coleta de dados e a elaboração de nuvens de palavras. Após a seção da metodologia, analisamos e discutimos os resultados obtidos. Por fim, temos as considerações finais, em que sintetizamos os achados da pesquisa e tecemos nossas impressões finais. Após as considerações finais, segue a lista de referências utilizadas neste estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Willam Labov, precursor da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008), defende que as experiências diárias das pessoas afetam a vida da sociedade e, consequentemente, o uso que fazem da língua, especialmente, da modalidade falada. A partir dessa compreensão, o estudioso norte americano desenvolveu uma teoria linguística que considera e sistematiza o estudo das influências do tempo e dos espaços sociais sobre a linguagem.

A sociolinguística possui uma metodologia baseada em uma perspectiva empirista da ciência, composta por análises quantitativas aplicadas ao estudo da variação e da mudança linguística. Em linhas gerais, essas análises são feitas através de cálculos estatísticos de uso ou desuso de um fenômeno específico da língua. A análise estatística auxilia os linguistas durante o trabalho com dados de fala extraídos do comportamento linguístico real dos indivíduos representativos de uma determinada comunidade. Com isso, objetivamos encontrar tendências e possibilidades sobre a ocorrência ou não das diversas formas linguísticas em variação.

Assim, a Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2006, 2008, 2010; Weinreich; Labov; Herzog, 2006), pesquisa empiricamente a interferência de fatores que podem ser de ordem linguística (como tempo verbal, ausência ou presença de elementos/palavras etc.) e de ordem social (como sexo, faixa etária etc.), nos diversos fenômenos de variação e mudança linguística.

Com essa abordagem, a Sociolinguística rompe com algumas propostas de análise de variação que eram pensadas em uma perspectiva baseada na intuição do pesquisador. Ao se distanciar desse tipo de investigação, o estudo da heterogeneidade linguística compreende a "relevância dos mecanismos internos, para equacioná-la [variação] a uma teoria da linguagem, e a mecanismos externos, para equacioná-la a uma teoria da sociedade" (Camacho, 2013, p. 19, destaques do autor).

O objeto da Sociolinguística compreende, portanto, o estudo da língua, no contexto social em que os usuários estão inseridos, ou seja, em uma dada comunidade linguística (comunidade de fala). Assim, Labov (2008) defende que não seria possível analisar a língua dissociada de sua dimensão sócio-histórica. Nessa linha de raciocínio, a língua é um fenômeno essencialmente social. Logo, a heterogeneidade linguística, enquanto propriedade das línguas naturais,

não pode ser compreendida sem observar a comunidade em que ela ocorre, visto que essas são resultado de um conjunto de forças internas e externas à estrutura da língua.

OS VERBOS EXISTENCIAIS

A Língua Portuguesa possui três verbos passíveis de exprimir o sentido existencial; destes, dois são canônicos: *haver* e *existir*; e o outro é considerado inovador: *ter*.

Conforme as gramáticas normativas, das mais antigas (Argote, 1725) àquelas da contemporaneidade (Bechara, 2004), o verbo *haver* deve ser unicamente impessoal quando estiver expressando o sentido existencial. Contudo, há autores como Cunha e Cintra (2008, p. 144) que reconhecem o uso de *ter existencial* mesmo que na "linguagem coloquial do Brasil".

Em contrapartida, autores de gramáticas descritivas, a exemplo de Perini (2013, p. 79, destaques do autor), nos trazem o verbo *ter* como um dos "verbos que 'preferem' ocorrer sem sujeito". Assim, a variante *ter* é inserida no quadro dos verbos existenciais e apresentacionais: "verbos de apresentação de existência: *ter*, *haver*" (Perini, 2013, p. 79, destaques do autor). Perini (2013, p. 79, destaques do autor) complementa esse raciocínio, destacando que o verbo "*Haver* ocorre raramente, em geral no contexto de linguagem cuidada; *ter* é a forma normal. À parte isso, *ter* e *haver* são sinônimos e aparecem tipicamente na construção **de apresentação de existência**, acompanhados de objeto posposto [...]". Por sua vez, Bagno (2011) apresenta o verbo *ter* como existencial mais usado no português brasileiro, colocando-o em uma lista de outros sete verbos existenciais (*ser*, *ter*, *haver*, *existir*, *fazer*, *estar*, *tratar-se de*) (Bagno, 2011).

Diante desse cenário, verificamos, de uma forma geral, que alguns gramáticos normativos como Almeida (1999), Cunha e Cintra (2008), Cegalla (2009), Bechara (2004) e Ali (2008) compreendem a variação entre os existenciais *ter* e *haver* como erro normativo, trazendo somente *existir* e *haver existenciais* como os únicos verbos adequados ao uso de contextos existenciais na língua portuguesa.

METODOLOGIA

Conforme assinalamos de início, diferentemente dos demais capítulos desta publicação, este texto traz não uma análise de dados de fala, mas análise de dados de testes de atitudes. Em virtude disso, nossa metodologia vem explicar como realizamos esta pesquisa.

TESTE DE ATITUDES LINGUÍSTICAS

O teste de atitudes linguísticas do qual retiramos os dados para este recorte foi realizado a partir da aplicação de questionários *on-line*, através da plataforma *Qualtrics*® (Qualtrics LLC, 2022)[2], e distribuído através do compartilhamento em redes sociais e envio de *e-mails* para redes de contatos dos indivíduos envolvidos na pesquisa de Viana (2023).

A apresentação do questionário foi composta por uma imagem, como marca d'água, de um porta-lápis com lápis ao lado de livros, como imagem de fundo. O questionário apresentava marcação de progresso, escurecimento da cor da fonte quando da passagem

2 A *Qualtrics*® é uma empresa que possui uma plataforma de gestão de experiência, ou seja, um aprimorado *software* de pesquisas comportamentais e avaliativas *on-line*, com planos gratuitos e pagos. Nesta pesquisa, utilizamos um plano *Standard* custeado pela Universidade da Madeira no período que compreende outubro de 2021 a maio de 2022.

do *mouse* o rolar das barras de rolagem; as respostas marcadas ficavam destacadas das demais com a fonte na cor vermelha para ajudar o participante a se situar nas perguntas. Ao final do teste, estava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (*Cf.* Viana, 2023, p. 408-409), apresentando o objetivo da pesquisa e a solicitação da autorização do informante para uso dos dados para fins científico-acadêmicos. Cada participante recebeu, automaticamente, uma cópia do TCLE no *e-mail* cadastrado. O questionário não mais se encontra disponível na plataforma, mas pode-se visualizá-lo na íntegra em Viana (2023, p. 417–422).

Como fundamentação teórica acerca da coleta e tratamento dos dados dos questionários de avaliação linguística, baseamo-nos em Campbell-Kibler (2006, 2009) e Oushiro (2015, 2019) além dos estudos de Andrade (2014), Cyranka (2007), Freitas *et al.* (2022), Guimarães (2019), Rodrigues, A. (2018) e Rodrigues, L. (2018).

O questionário foi dividido em sete partes, a saber: 1 – questões de identificação do participante, em que solicitamos informações sociais básicas do participante; 2 – questões de avaliação da própria fala (hipercorreção); 3 – questões subjetivas sobre o uso de *haver* e *existir*; 4 – questões de verificação de crenças e atitudes sobre a língua, (escalas *likert*); 5 – questões de percepção de formalidade (através de *sliders*); 6 – questões de avaliação da fala (associação de adjetivos aos usos dos verbos (caixas de múltipla escolha); e, 7 – o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Para este recorte, os dados são referentes ao item 6, que são as questões de avaliação do uso de adjetivos a pessoas, relacionado ao uso dos verbos, em caixas de múltipla escolha.

Como proposto pelos testes de verificação de avaliação linguística, o questionário também procurou obter, na medida do possível, a fala natural nas questões/perguntas sobre percepção e avaliação dos verbos existenciais para que pudéssemos constatar se a variação dos verbos existenciais é considerada realmente *marcador sociolinguístico* (Labov, 2008; Viana, 2018).

Para isso, apresentamos um teste que possuía apenas questões com leitura, sem áudio, que acontece em grande parte dos testes de percepção linguística, pois acreditamos que, neste fenômeno, o uso de áudio não seria uma metodologia produtiva, pois a variação em pauta ocorre, no português brasileiro, grandemente na modalidade escrita da língua, como já têm verificado diversas pesquisas (Callou, 2012; Oliveira, 2014; Pestana, 2019; Souza *et al.*, 2020; Viana, 2018; Vitório, 2012, 2013a, 2013b, 2013c).

Após a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética da UECE, a aplicação do teste se deu no período de 03 de outubro de 2021 até 08 de maio de 2022. Nesse período, um total de 671 pessoas acessaram o questionário, mas somente 365 o concluíram; e, desse total de questionários conclusos, analisamos uma amostra composta por 108 indivíduos, devido ao perfil dos informantes que procurávamos: sujeitos graduados, naturais e residentes em Fortaleza.

Vejamos algumas características desses informantes na Tabela 1.

Tabela 1 — Estratificação social dos participantes do teste de percepção e atitudes em amostra de Fortaleza

	Característica	Quantidade de participantes	
Sexo	Feminino	72	66,6%
	Masculino	34	31,4%
	Prefere não dizer	2	1,8%
Faixa Etária	Faixa 1 (22 a 35 anos)	54	50%
	Faixa 2 (36 a 55 anos)	46	42,5%
	Faixa 3 (a partir de 56 anos)	8	7,4%
Escolaridade	Graduação	28	28,6%
	Especialização	36	36,7%
	Mestrado	26	26,5%
	Doutorado	8	8,2%

	Característica	Quantidade de participantes	
Área do conhecimento[3]	Ciências Exatas e da Terra	16	14,8%
	Linguística, Letras e Artes	44	40,7%
	Ciências Humanas	10	9,2%
	Ciências Sociais Aplicadas	14	12,9%
	Ciências da Saúde	10	9,2%
	Engenharias	2	1,8%
	Não informou	12	11,1%

Fonte: Viana (2023, p. 229).

Com isso, é possível verificar, então, que os indivíduos da amostra analisada são, em sua maioria, mulheres, jovens, especialistas e da grande área de conhecimento da linguística. Esse fato certamente mostra um viés, relacionado ao sexo e à área de formação, nos dados da amostra, deixando-nos entender as dificuldades das pesquisas de atitudes linguísticas.

As questões do teste que usamos neste recorte estão dispostas no Quadro 1 como Q9 (Questão 9) e Q10 (Questão 10).

Quadro 1 — Perguntas do teste de percepção e atitudes em amostra de Fortaleza

Questão	Pergunta
Q9	Diga-nos, você já utilizou no dia a dia alguma frase com uso do verbo *haver*? Em que contexto você usa/usou o verbo *haver*? Se quiser, pode nos deixar um exemplo...
Q10	Quanto a *existir*, você já utilizou no dia a dia alguma frase com ele? Em que contexto você usa/usou o verbo *existir*? Sua resposta é muito importante!

Fonte: Viana (2023, p. 231).

3 Essa estratificação da área de conhecimento fora elaborada segundo lista de áreas do conhecimento do CNPq, para classificar a formação acadêmica dos voluntários.

NUVEM DE PALAVRAS

Recentemente, os pesquisadores sociolinguistas têm se utilizado de diversas formas de apresentar dados de variação linguística de modo a facilitar tanto a exposição dos processos variáveis como a divulgação linguística (Sampaio, 2017).

Uma dessas formas é a *nuvens de palavras* (Silva, 2013; Viégas *et al.*, 2009). Trata-se, em geral, de uma figura em formato similar a uma nuvem, composta por palavras de cores e tamanhos distintos. Também é possível que as palavras sejam agrupadas e apresentadas em outra forma geográfica, como uma letra, uma figura geométrica etc. (Silva, 2013; Viégas *et al*., 2009).

Na nuvem de palavras, o colorido e o tamanho dos termos representam a frequência relativa dos dados utilizados. As palavras maiores e de cores mais claras são, no geral, aquelas com maior número bruto de ocorrências, pontuação ou mesmo frequência relativa, a depender da análise realizada. Por outro lado, as palavras menores e de cores mais escuras correspondem às menores ocorrências ou pontuação etc. (Lovato, 2015).

Embora essas ilustrações sejam chamadas de "nuvem", é possível construir nuvens de formatos e cores distintas que foram sendo utilizadas com o uso contínuo da ferramenta. De acordo com Lovato (2015, p. 54), "Esta visualização não mostra a pontuação, apenas apresenta visualmente, de forma intuitiva, quais as palavras mais relevantes".

Há várias formas de elaborar uma nuvem de palavras, mas é necessário que o pesquisador realize um tratamento específico aos dados (Silva, 2013). Para isso, há programas e sites específicos (Lunardi *et al.*, 2008; Moutinho; Sousa, 2019) e, também, é possível

construir nuvens de palavras através de *scripts*[4] que são rodados em programas de tratamento de dados, como em nosso caso, o programa *RStudio*. Os scripts que usamos foram retirados de The R Foundation (2018) e Van den Rul (2019).

Em consonância com o que já esclarecemos, os dados que utilizamos para construir uma nuvem de palavras foram retirados do teste de crenças e atitudes linguísticas realizado por Viana (2023). O *Qualtrics*® (Qualtrics LLC, 2022) já disponibilizou os dados catalogados em uma planilha (formatos .xls/.xlsx/.csv), com as respostas aninhadas às perguntas, facilitando a manipulação dos dados no *RStudio*.

Tecidos esses esclarecimentos metodológicos, vejamos, na próxima seção, a análise dos dados obtidos.

ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Geramos uma nuvem de palavras para cada conjunto de dados que obtivemos a partir das perguntas Q9 e Q10. Trazemos, nesta seção, as análises de dados e a respectiva discussão dos resultados de cada uma das duas questões.

Quando indagamos o participante, no teste de atitudes, sobre o uso de *haver* em seu cotidiano e sobre os contextos que o usariam (*Diga-nos, você já utilizou no dia a dia alguma frase com uso do verbo haver? Em que contexto você usa/usou o verbo haver?*), as respostas que obtivemos estão devidamente dispostas no Quadro 1:

4 Na linguagem de programação, chamamos de *script* um texto que contém um "roteiro", uma série de instruções executadas de maneira ordenada, linha a linha, ou como um conjunto de comandos/instruções para a execução de determinada tarefa em um *software*.

Quadro 1 — Respostas à Q9 sobre o uso e o contexto de uso de *haver*

"Sim."; "No dia-a-dia, muito dificilmente, somente uso o verbo haver quando preciso escrever textos"; "Utilizo mais o verbo ter..."; "Geralmente na escrita, mais formalmente."; "apenas no sentido de existir, no passado: Eu já havia comido."; "Utilizo para indicar tempo transcorrido."; "No contexto de existir."; "Já utilizei. Geralmente utilizo no tempo passado, por exemplo, quando me refiro sobre algo que existiu em outro tempo (havia)."; "Uso haver no sentido de ter (quase sempre), às vezes uso também no sentido de ter."; "Geralmente na escrita, mais formalmente."; "Já, mas uso mais na escrita."; "Em conversas diárias, porém sem a pressão da norma prescritiva da língua portuguesa."; "Sim. Contexto de solicitação de serviço."; "Em vários contextos, no sentido de existir, ter entre outros."; "Geralmente em contextos envolvendo Deus. Também em situações que envolvem o futuro ou possibilidades"; "Sim, com o sentido de existir."; "Sim, já usei e continuo usando."; "Uso sempre quando estou em sala de aula."; Sim, indicar passado."; "Sim, esporadicamente usamos, às vezes no sentido de existir.";	"Quando por ocasião de citar duração de tempo."; "Falando sobre o passado"; "Na escrita uso mais."; "Produzo conteúdo para redes sociais e um dos meus clientes é um escritório de advocacia. Uso o verbo 'haver' para deixar os textos mais formais."; "Não sei explicar."; "Uso quando ministro minhas aulas."; "Com sinônimo de existir, acontecer, ocorrer."; "Pra me referir a ter."; "Sim. haver no sentido de existir e haver no sentido de tempo."; "Utilizo mais o verbo ter."; "Contexto acadêmico."; "Sim. Utilizo quando quero expressar a ideia de existência."; "Sim. Quando quero expressar algo no sentido de existir."; "Sim. Relatando medos, dúvidas, encalços no local de trabalho."; "Uso no sentindo de existir."; "Em vários contextos."; "Em várias ocasiões."; "Sim, contexto de ter."; "Quando por ocasião de citar duração de tempo. Falando sobre o passado."; "Na escrita uso mais.."

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

O Quadro 1 apresenta todas as respostas obtidas na coleta de dados dos 108 participantes. Vários deles responderam apenas "sim", mas não o repetimos no quadro.

Como podemos constatar, em geral, os falantes do teste corroboram os seguintes pontos, já trazidos pelos estudos variacionistas sobre os verbos existenciais no PB (Araújo *et al.*, 2020; Batista, 2012; Callou, 2012; Callou *et al.,* 2015; Correia, 2007, 2013; Costa *et al.,* 2011; Costa, 2022; Giselle *et al.,* 2008; Gonçalves, 2014; Jacinto, 2021; Marins, 2013, 2014; Oliveira, 2014; Oliveira, 2017; Pestana, 2019; Ramos; Santos, 2012; Ribeiro *et al.,* 2013; Souza, 2015; Souza *et al.,* 2020; Viana, 2018, 2019; Viana; Araújo, 2020a, 2020b; Vitório, 2010, 2012, 2013a, 2013b, 2013c): o falante fortalezense com ensino superior completo tende a usar o verbo *haver* existencial na fala mais cuidada, monitorada, como aulas ou momentos de fala em público; tendem a usar *haver* na busca de uma linguagem mais polida; tendem a usar muito mais na escrita que na fala; há falantes que usam *haver* existencial em concordância com o objeto plural (como em 'houveram reuniões'); também usam *haver* com o sentido de acontecer e ocorrer; usam *haver* existencial em muitas situações com os tempos do passado.

A segunda parte da pergunta solicitava que o participante citasse exemplos de uso do verbo em seu cotidiano (*Se quiser, pode nos deixar um exemplo...*). Os exemplos de utilização que os informantes nos deram estão nos excertos (01) a (64):

(1) Houve um tumulto na agência.

(2) Na aula passada, nós havíamos estudado sobre Gregório de Matos.

(3) Houve uma reunião ontem.

(4) Viajei há dois dias.

(5) Houve pouca chuva na Cidade.

(6) Há muitas flores no canteiro.

(7) Eu hei de partir logo.

(8) Houve um momento da vida que...

(9) Houve pouca interação.

(10) Haverá sempre a esperança pela cura do COVID.

(11) Há novas possibilidades todos os dias.

(12) Hoje haverá uma aula diferente.

(13) Houve um tempo em que tinha mais árvores em Fortaleza.

(14) Houveram muitas enchentes naquele ano.

(15) Há pessoas boas e ruins no meu local de trabalho.

(16) Há três homens naquele carro.

(17) Tem que haver um jeito.

(18) Hoje haverá jogo no estádio.

(19) Há muitas pessoas na sala.

(20) Há muita gente aqui hoje.

(21) Houve um momento em que pensei que esse questionário seria breve.

(22) Haverá necessidade de usar esses elementos?

(23) O que houve?

(24) Há muitas oportunidades na Alemanha.

(25) Tem que haver respeito.

(26) Haja paciência!

(27) Há muitos motivos para eu tomar essa decisão.

(28) Há dias.

(29) Há muito o que fazer.

(30) Há muita discriminação.

(31) Há tempo para tudo.

(32) Há bons alunos na sala.

(33) Será que deve haver...

(34) Há atividades a serem entregues.

(35) Houve muitos erros.

(36) Há muitas coisas que precisamos conhecer.

(37) Vai haver vacina no posto do CIES.

(38) Hoje haverá reunião.

(39) Se não houver algum contratempo.

(40) Há a possibilidade dele ir para outra cidade.

(41) Eu já havia comido.

(42) Há muita burocracia aqui.

(43) Há a possibilidade de o técnico vir ainda essa semana?

(44) Hoje não haverá encontro.

(45) Há pessoas que amam viajar.

(46) Na reunião houve vários questionamentos.

(47) Há muita gente aqui.

(48) Ele há de querer.

(49) Há tantas coisas para fazer antes de eu morrer.

(50) Há tempos não a vejo.

(51) Há um papel para cada pessoa.

(52) Havia muita coisa ali.

(53) Há muitas crianças aqui.

(54) Houve diversos roubos naquela escola.

(55) Haverá de acontecer. Há de ser.

(56) Houve um tempo em que... Há dois anos...

(57) Houve um tempo em que as coisas eram muito menos complicadas.

(58) Haverá aula às terças-feiras e também às quintas-feiras...

(59) Costumo fazer isso há muito tempo.

(60) Há de vir.

(61) Não sei se houve tal coisa com fulano.

(62) Há 3 anos...

(63) Tem que haver um jeito.

(64) Eu hei de vencer.

Os excertos acima, retirados das respostas do teste de atitudes, corroboram o que dissemos anteriormente quando afirmamos que o fortalezense tende a usar o verbo *haver* existencial na fala mais cuidada, monitorada, como aulas ou momentos de fala em público, a exemplo de (2) e (58); tende a usar *haver* na busca de uma linguagem mais polida, como em (43); de igual modo, tende a usar *haver*

com o sentido de acontecer e ocorrer, como em (1), (3) e (12), por exemplo; *haver* com tempo decorrido, como vemos em (4), (28) e (62); em expressões *há que/de + verbo no infinitivo*, como em (7), (48), (60) e (64); e, tende a usar *haver* existencial em muitas situações com os tempos do passado, como em (8), (9) e (13).

Verificamos, também, que alguns participantes citaram exemplos em que o verbo *haver* estava com o verbo auxiliar, como em (17), (33), (37), (41) e (63) o que nos revela que, no ato de responder ao questionário, o informante demonstra que seu domínio sobre o uso da regência verbal distinto dos parâmetros da gramática normativa. Assim, acreditamos que ou o informante pode estar confundindo as funções de verbo existencial com verbo auxiliar, em conjugação perifrástica, ou estamos visualizando mais uma variação linguística.

Sobre os usos de *haver*, Viana (2023) constatou, em sua pesquisa com dados da fala fortalezense da década de 2010, que *haver* tende a ser usado como verbo existencial em 56,3% da amostra; 1,9% como verbo auxiliar; 5,7% com o sentido de ocorrer; 32,9% no sentido de tempo decorrido; 1,3% nas expressões *tem/há que/de + verbo no infinitivo*; e, 1,9% em expressões de distância. Assim, nossos achados no teste de atitudes e percepção vão ao encontro dos resultados em análise da fala.

Além disso, há falantes que demonstram usar *haver* existencial em concordância com o objeto plural, como em (14), o que é comum na fala do PB, conforme Callou, Batista e Almeida (2015) verificam em sua pesquisa sobre construções existenciais e concordância verbal. Há estudos que encontraram o falante usando *haver* existencial no plural, como mostrado em Viana (2018b), ao pesquisar os existenciais em amostra de fala culta fortalezense, na década de 1990.

Para construção da nuvem de palavras, tivemos de realizar um tratamento dos dados acima apresentados, o Quadro 1 e os excertos (1) à (63). As palavras obtidas à respostas à Q9 totalizaram

um quantitativo de 848 palavras. Melhorando os dados, excluímos palavras que não estavam no escopo da pesquisa como preposições, artigos, numerais e conjunções, o que resultou num total de 356 palavras para a construção da nuvem de palavras. Do total final, as palavras mais frequentes e as menos frequentes estão dispostas na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 — Frequência de ocorrência de palavras diretamente relacionadas ao fenômeno nas respostas à Q9

Mais frequentes		Menos frequentes	
há	36 ocorrências	*contexto*	4 ocorrências
sim	23 ocorrências	*passado*	4 ocorrências
houve	14 ocorrências	*havia*	3 ocorrências
haver	11 ocorrências	*acontecer*	2 ocorrências
existir	11 ocorrências	*existência*	2 ocorrências
sentido	11 ocorrências	*existiu*	1 ocorrência
tempo	10 ocorrências	*expressar*	2 ocorrências
uso	9 ocorrências	*hei*	2 ocorrências
exemplo	8 ocorrências	*houver*	2 ocorrências
haverá	8 ocorrências	*haja*	1 ocorrência
ter	7 ocorrências	*havíamos*	1 ocorrência

Fonte: elaborada pelas autoras, 2025.

Foi, então, esse total de dados que o *script* usou para a geração da nossa primeira nuvem de palavras, como apresentamos na Figura 1.

Figura 1 — Nuvem de palavras de respostas à Q9 do teste de percepção e atitudes

Fonte: elaborada pelas autoras, 2025.

A Figura 1 apresenta o resultado da ocorrência geral das palavras utilizadas para responder à Q9. A fim de interpretar a nuvem de palavras, precisamos lembrar que as palavras maiores e de cores mais claras são aquelas que obtiveram maior frequência, enquanto aquelas menores e mais escuras apresentaram as menores frequências de uso.

Portanto, a nuvem representada na Figura 1 traz, ao centro, as palavras com maior frequência de ocorrência, a saber: *há*, *sim*, *houve*, *haver*, *existir*, *tempo*, *sentido*, *haverá*, *exemplo*, *uso* e *ter*. Desse modo, os participantes da pesquisa, de modo geral, tendem a usar o verbo *haver* em situações específicas, a saber: com sentido de *existir*, no presente, como em (47); e, *acontecer*, no passado, como em (52); assim como usam *haver* como *tempo decorrido*, como em (56) e com sentido de *acontecer*, *ocorrer* tanto no futuro (44) quanto no passado (23).

Importante salientar, especialmente para futuras pesquisas, que a palavra 'exemplo' apresentou uma grande quantidade de uso porque vários participantes responderam à questão com a expressão

"por exemplo...." Isso mostra a necessidade de um tratamento rigoroso aos dados para que não haja enviesamento dos resultados. Por isso, fazemos essa ressalva de que a expressão 'por exemplo' não possui ligação direta com o fenômeno estudado. Após essa ressalva, sigamos para a análise do verbo *existir* com a apresentação e discussão das respostas dadas à Q10 pelos participantes do teste de atitudes.

De forma semelhante à Q9, na Q10, o teste indagou os participantes sobre o uso dos existenciais, mas, dessa vez, com foco no verbo *existir* (*Quanto a existir, você já utilizou no dia a dia alguma frase com ele? Em que contexto você usa/usou o verbo existir? Sua resposta é muito importante!*). As respostas dos participantes seguem no Quadro 2:

Quadro 2 — Respostas à Q10 sobre o uso e o contexto de uso de *existir*

"No sentindo real da existência."; "Sim, uso existir geralmente em contexto mais informal"; "Dificilmente, utilizo apenas na escrita. Geralmente, uso o verbo ter com o sentido de existir"; "No contexto que haja a necessidade de se relatar algo que existe"; "Marcar a existência concreta."; "Já usei no dia a dia, mas muito esporadicamente."; "Utilizo para expressar o sentido de existência também."; "Sim. Utilizo em diferentes momentos e contextos para me referir a pessoas ou objetos, ou ainda, para me referir a ideias abstratas, porém, com o intuito de expressar a percepção dessa abstração na realidade cotidiana."; "Me referindo a presença viva."; "Sempre!"; "Existir do sentido de haver. Uso muito."; "Sim, uso sempre em minhas falas.";	"Geralmente para fazer perguntas sobre algo que pode existir"; "Sim, porém mais frases feitas. Para frase não 'feitas' substituo pelo verbo TER."; "No contexto de conversas informais."; "Uso no sentido de haver."; "Creio que aparecem mais com referências a mitos, do tipo o chupa-cabra: 'ninguém sabe se ele existe, mas muito se fala."; "Quando quero enfatizar que algo não existe."; "Existia no sentido de surgir."; "Não, troco pelo verbo ter"; "Uso frequentemente, em situação que demarquem a presença de algo."; "Para perguntar, por exemplo, se existe uma alguma matéria disponível no sistema do meu trabalho."; "Uso muito o existir no sentido de haver."; "Em qualquer contexto."; "Sim. Para tratar de itens tangíveis ou disponibilidades.";

"Sim, muito. 'Isso não existe!,' para algo que me indigna.";	"Uso esta palavra nas conversas/interações diárias.";
"Sim. Utilizo para expressar o sentido de existência também.";	"Acho que uso mais o verbo 'ter' e 'haver' com sentido de 'existir' do que o próprio existir.";
"Acho não uso muito existir.";	"Sim. No contexto da existência.";
"Sim! Utilizo de forma semelhante ao 'haver,' ou seja, em frases que tento explicar ou demonstrar algo.";	"Em vários contextos.";
"Quando falamos sobre a violência existente em um determinado bairro de Fortaleza.";	"Sim. Geralmente para substituir o verbo ter.";
"Sim, no dia a dia, para perguntar, por exemplo, se existe uma alguma matéria disponível no sistema do meu trabalho.";	"Sim, quando quero enfatizar que algo não existe.";
"Sim, contexto de existência.";	"Existia no sentido de surgir.";
"No sentido de ter.";	"Sim. Contexto informal.";
"Falando do passado.";	"Sim, sim, também faço muito uso desse verbo, ou, se não posso dizer que faço constantemente seu uso, pelo menos tenho a convicção de dizer que ele, assim como o 'haver,' é um daqueles de que me valho em variadas circunstâncias do meu cotidiano.";
"Também utilizo, mas com menor frequência. Sempre me atento à concordância.";	"Sim, utilizo em perguntas quando quero saber se existe algum problema, por exemplo.";
"Também uso em textos para conteúdo, mas utilizo o verbo existir em frases menos formais.";	"Com o mesmo sentido de haver.";
	"Não, troco pelo verbo ter.".

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

As respostas elencadas no Quadro 2 foram dadas pelos mesmos participantes, porém considerando o uso do verbo *existir* em seu cotidiano. Com isso, verificamos que os informantes deste trabalho confirmam os resultados apresentados por outras pesquisas variacionistas sobre o tema (como já mencionado), quando afirmam que "usam mais o verbo ter".

No quadro dos estudos variacionistas sobre os existenciais, somente alguns abordaram o verbo *existir* juntamente a *ter* e *haver* (Cardoso, 2007; Ribeiro; Soares; Lacerda, 2013; Souza, 2015; Souza; Araújo; Pereira, 2020; Viana, 2018a, 2018b, 2020; Viana; Araújo, 2019, 2020a). No geral, os autores identificaram que há uma disputa acirrada por *ter* e *haver* existenciais que remonta há vários séculos na língua portuguesa e vem configurando mudança em progresso no PB, no sentido de *ter* substituir *haver* nesses contextos. Contudo, *existir* vem se especializando em contextos de existência propriamente dita.

A seguir, em (65) a (126), trazemos "exemplos de uso" que os participantes gentilmente forneceram ao teste.

(65) Existe muita gente perdida.

(66) Ainda existe esperança.

(67) Existe alguma livraria aqui perto?

(68) Existe vacina para a covid.

(69) Existem pessoas que não são empáticas.

(70) Existe vida após a morte.

(71) Existe esperança para esse problema.

(72) Jamais existiu isso.

(73) Nesse restaurante, existe a opção de antecipar o pedido antes de chegarmos para jantar.

(74) Existiam situações em que...

(75) Isso não existe!

(76) Não existia uma pessoa que não conhecesse a cidade de Fortaleza.

(77) Existem muitas conversas...

(78) Essa criatura existe só para nos atentar.

(79) Existe alma sim!

(80) Hoje há/existem coisas legais aí pra eu fazer.

(81) Existe muito o que ser feito.

(82) Tal coisa já deixou de existir há muito tempo.

(83) Deus existe!

(84) Existe muitos casos de dengue no bairro.

(85) Hoje eu tô só existindo.

(86) Existe muita corrupção no Brasil.

(87) Existem pessoas alienadas na política.

(88) Existem várias formigas no jardim.

(89) Existe vários relatórios para emitir.

(90) Existirá a possibilidade de um adiamento.

(91) Isso não existe!

(92) Deve existir isso...

(93) E isso existe?

(94) Existem pessoas boas nesse mundo.

(95) Sempre há de existir um novo amanhã.

(96) Existe alguém que odeie beterraba?

(97) Podem existir várias questões.

(98) Existia no local muitos prédios.

(99) Existem muitos tipos de peixes.

(100) Existiram muitos momentos que...

(101) Ainda há de existir dias melhores.

(102) Tem que existir uma saída!

(103) Existem 3 vagas no estacionamento.

(104) Faz tempo que esse prédio existe.

(105) Existe esperança para esse problema.

(106) Existem muitas saídas.

(107) Existem pessoas que amam viajar.

(108) Existem muitos erros no demonstrativo.

(109) Existem pessoas que pensam diferente de mim.

(110) Existe gente pra tudo, nesse mundo.

(111) Existe gente demais aqui.

(112) Existem pessoas legais.

(113) Existem muitos...

(114) Ninguém sabe se ele existe, mas muito se fala.

(115) Existe um mundo a se conquistar.

(116) Existe alguma chance disso acontecer?

(117) Existem muitas diferenças sociais.

(118) Existem muitas formas de fazer aquilo.

(119) Não existe mais esse jogo na locadora.

(120) Já pensou se eu não existisse?!

(121) Existiram muitos momentos que...

(122) É preciso que algumas pessoas saibam que eu existo.

(123) Existe vida em outras planetas?

(124) Existiram muitas coisas envolvidas.

(125) Num tô dizendo, isso nunca existiu!

(126) Tem que existir uma saída.

Os excertos acima são exemplos dados pelos participantes da pesquisa para o uso do verbo *existir* em seu dia a dia. Como dissemos anteriormente, as pesquisas sociolinguísticas sobre os verbos existenciais, mais precisamente sobre *existir*, mostram que "existir apresenta um uso mais restrito à realização de existência" (Ribeiro; Soares; Lacerda, 2013, p. 557). Ainda segundo essas estudiosas,

> [...] o aspecto semântico das variantes, sob um olhar cognitivista, está relacionado com uma projeção metafórica, em que o sentido de *existir* (+ abstrato) é decorrente do sentido de "posse" do verbo *ter* (+ concreto) e pode ser conceptualizado a partir do esquema de *contêiner* (Ribeiro; Soares; Lacerda, 2013, p. 557–558, grifos das autoras).

Desse modo, conseguimos compreender que o traço semântico trazido pelo verbo é um diferencial quando se trata do uso alternado dos verbos. Em nossos dados, podemos verificar que o traço semântico de 27,4% dos objetos do verbo é humano, como em (65) e (76); 48,4% objetos têm traço abstratos, como em (70) e (74); 12,9% concretos, como em (67) e (89); 8,1% indeterminados, como em (72) e (92); e, 3,2% de objetos possuem traço semântico não-humanos, mas animados, como em (88) e (99).

Assim, corroboramos com Viana (2018b, p. 218, grifos da autora) que nos diz que podemos ainda encontrar "contextos, situações de resistência dos verbos *haver* e *existir* na fala do PB". Dessa maneira, compreendemos que, por ora, esses contextos abstratos e temáticas relacionadas à existência de algo ou alguém, como vimos nos excertos (102), (110) e (114), pertencem a *existir*.

Outras particularidades sobre o uso do verbo *existir*, apontadas em pesquisas variacionistas, são ditas por autores como Souza (2015) Viana (2018a) e Vitório (2013c) ao nos mostrarem que o verbo *existir* se caracteriza como "topicalização do SN" (Perini, 2013, p. 331). Contudo, nos dados do presente trabalho, não verificamos esse tipo de construção, pois os dados obtidos não se tratam de uma fala comum, mas de respostas a um questionamento e o verbo *existir* aparece, na grande maioria das vezes, na formação típica comum V + SN.

No total, as respostas à Q10 somaram um quantitativo de 831 palavras. Com o tratamento dos dados e a exclusão de preposições, conjunções, artigos etc., como fizemos anteriormente com os dados da Q9, chegamos a um total de 334 palavras. As mais frequentes foram:

Tabela 2 — Frequência de ocorrência de palavras diretamente relacionadas ao fenômeno nas respostas à Q10

Mais frequentes		Menos frequentes	
existe	32 ocorrências	*existiram*	2 ocorrências
sim	31 ocorrências	*existiu*	2 ocorrências
existem	17 ocorrências	*existente*	1 ocorrência
existir	15 ocorrências	*existiam*	1 ocorrência
não	14 ocorrências	*existindo*	1 ocorrência
uso	13 ocorrências	*existirá*	1 ocorrência
sentido	10 ocorrências	*existisse*	1 ocorrência
exemplo	8 ocorrências	*existo*	1 ocorrência
haver	8 ocorrências	*haja*	1 ocorrência
contexto	7 ocorrências	*houve*	1 ocorrência
ter	6 ocorrências		
existência	5 ocorrências		
há	5 ocorrências		
existia	5 ocorrências		

Fonte: elaborada pelas autoras, 2025.

Esse quantitativo de palavras nos mostra que os informantes usam (*sim*) o verbo *existir* em seu dia a dia e seu maior uso está no tempo presente (com *existe*, *existem*) e no infinitivo, seguido do passado (*existia*). Esse fato também corrobora resultados apontados em pesquisas anteriores que apresentam o tempo presente como aliada a *existir*.

A esse respeito, Ribeiro, Soares e Lacerda (2013, p. 549, destaques das autoras) explicam que "*existir* demonstra uma aproximação maior com o uso do marcador temporal do que os demais verbos (*ter* e *haver*)".

Partindo dessa explanação, vejamos a Figura 2, que nos traz a nuvem de palavras relacionada às respostas dos participantes à Q10.

Figura 2 — Nuvem de palavras de respostas à Q10 do teste de percepção e atitudes

Fonte: elaborada pelas autoras, 2025.

Na Figura 2, a nuvem de palavras relacionada à Q10 nos apresenta um uso de *existir* muito frequente no tempo presente e no infinito, diretamente relacionado à existência efetiva de algo ou alguém, o que é de se esperar dada sua natureza transitiva. Podemos verificar que as palavras de maior frequência nas respostas dos informantes foram *sim*, *existe*, *uso*, *existem*, *sentido*, como descrito na Tabela 2.

Com *existir*, a conjugação não tem problemas, pois sua transitividade e pessoalidade permitem ao falante usar o plural sempre que o sintagma nominal estiver no plural. Prova disso, na nuvem, é a palavra *existem*, em grande quantidade de ocorrência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste recorte, apresentamos uma maneira de analisar e discutir resultados de variação linguística, além da clássica investigação quantitativa, sem, contudo, abrir mão desta. Nosso foco é o comportamento variável dos verbos existenciais *ter*, *haver* e *existir*, em amostra de fala culta da capital cearense.

Para isso, valemo-nos de nuvens de palavras que foram construídas a partir das respostas a duas questões oriundas de um teste de atitudes, sendo uma questão sobre a realização do verbo *haver* e a outra sobre a realização do verbo *existir*. Além de questionarmos sobre o uso desses verbos no cotidiano dos participantes da pesquisa, solicitamos que fornecessem exemplos da utilização que fizessem dos verbos em questão. A partir dos dados coletados, elaboramos duas nuvens de palavras: uma para o verbo *haver* e outra para *existir*.

Os resultados obtidos nos mostraram que, para os participantes do teste de atitudes, *haver* é mais utilizado em quatro formas preferidas: no presente (*há*), no infinitivo (*haver*), no passado (*houve*) e ainda no futuro (*haverá*). Esses tempos estão diretamente ligados a sentidos de uso, por exemplo, com sentido de *existir*, no presente; no sentido de *tempo decorrido*, no passado; de *acontecer*, *ocorrer*, no passado e no futuro e, ainda, quando no futuro, dando a ideia de *possibilidade*, *dúvida*.

Para *existir*, as palavras de maior frequência nas respostas dos informantes foram *sim*, *existe*, *uso*, *existem*, *sentido*. Aqui, verificamos que o falante usa o plural sempre que o sintagma nominal estiver no plural, e não há dúvidas, porque, diferentemente de *haver*, *existir* é pessoal. Ao compararmos as nuvens nas Figuras 1 e 2, vemos que o uso desses verbos no futuro é mais propenso com *haver* do que com *existir*.

Por fim, acreditamos que este trabalho contribui para a Sociolinguística Variacionista ampliando as possibilidades de análises de dados de variação das línguas. Salientamos que o estudo desta temática não se esgota aqui e ainda há outros prismas que podem ser explorados com dados de testes de atitudes e de percepção linguística na literatura da área.

REFERÊNCIAS

ALI, M. S. **Dificuldades da Língua Portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: ABL; Biblioteca Nacional, 2008.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 44. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

ANDRADE, C. G. G. **Crenças, percepção e atitudes linguísticas de falantes madeirenses**. 2014. 203 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais) — Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais, Universidade da Madeira, Funchal, 2014. Disponível em: https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/723/1/MestradoCatarinaAndrade.pdf. Acesso em: 26 fev. 2020.

ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; LAVOR, C. M. A. de. Um estudo variacionista sobre os existenciais 'ter' e 'haver' com base em dados do ALiB de Alagoas, Ceará e Piauí. **Confluência**, Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 59, p. 267–280, 2020. Disponível em: https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/362. Acesso em: 27 mar. 2023.

ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. A variação dos verbos existenciais haver e ter em amostra do falar culto de Fortaleza-CE. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 56, p. 250–275, 2019. Disponível em: http://llp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/260/187. Acesso em: 24 set. 2020.

ARGOTE, J. C. de. **Regras da Lingua Portugueza, espelho da lingua latina**. Lisboa Ocidental: Officina da Música, 1725. Disponível em: https://purl.pt/10. Acesso em: 6 set. 2024.

BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BATISTA, P. G. **Ter e Haver existenciais na fala culta de Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre**: do social ao linguístico. 2012. 70 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) — Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/BatistaPG.pdf. Acesso em: 25 jun. 2016.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CALLOU, D. Sobre variação e mudança no português do Brasil: aspectos morfossintáticos. *In:* LOBO, T. *et al.* (org.). **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 161–170. Disponível em: http://books.scielo.org/id/67y3k. Acesso em: 28 mar. 2023.

CALLOU, D.; BATISTA, P.; ALMEIDA, Erica. "Houveram/tiveram muitas reuniões": construções existenciais e concordância verbal. **Cuadernos de la ALFAL**, *[s. l.]*, n. 7, p. 185–194, 2015. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/07_cuaderno_011.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CAMPBELL-KIBLER, K. **Listener Perceptions of Sociolinguistic Variables**: The Case of (ing). 2006. 282 f. Dissertation (Doctorade of Philosophy) — Department of Linguistics, Stanford University, Stanford, 2006. Disponível em: https://www.asc.ohio-state.edu/campbell-kibler.1/KCK_diss.pdf. Acesso em: 19 fev. 2021.

CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. **Language Variation and Change**, *[s. l.]*, v. 21, n. 1, p. 135–156, 2009. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change/article/nature-of-sociolinguistic-perception/9270F584ED6A25C1870867B38B380F61. Acesso em: 1 out. 2020.

CARDOSO, S. A. M. da S. A expressão do sentido existencial no português do Brasil: TER, HAVER e EXISTIR. *In:* CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOLOGI, 25., 2007, Innsbruck. **Résumés [...]**. Innsbruck: Innsbruck University Press, 2007. p. 185–186.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CORREIA, I. S. **Os verbos existenciais**: um estudo diacrônico. *[s. l.]*, n. 1996, 2007.

CORREIA, I. S; SIBALDO, M. A. A concordância em sentenças existenciais: uma análise diacrônica. *In:* JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 13., 2013, Recife. **Anais [...]**. Recife: UFRPE, 2013. p. 3–5.

COSTA, L. A. **A construção existencial no português**. 2022. 167 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12035. Acesso em: 9 maio 2022.

COSTA, A. de A. *et al.* Verbos existenciais: ter/haver. **ReVEL**, *[s. l.]*, v. 9, n. 17, p. 367–381, 2011.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do Português Contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

CYRANKA, L. F. de M. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora-MG**. 2007. 174 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) — Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/17549. Acesso em: 27 nov. 2020.

FREITAS, M. L.; FAVACHO, L. de L.; CARVALHO, H. M. de. Avaliação e percepção das formas nós e a gente e dos padrões de concordância por falantes escolarizados de Fortaleza - Ceará. **Miguilim - Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 11, n. 1, p. 40–57, 2022. Disponível em: http://revistas.urca.br/index.php/MigREN/article/view/231/157. Acesso em: 19 abr. 2022.

GONÇALVES, E. Substituição de ser por haver nas construções existenciais do português: um estudo diacrônico. **Revista da ABRALIN**, *[s. l.]*, v. 13, n. 1, p. 257–299, 2014.

GUIMARÃES, T. de A. A. S. **Tu e você no falar de Fortaleza-CE**: variação e avaliações linguísticas. 2019. 219 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) — Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UECE-0_013154779951bd62ce7c3ec96e68b1d7. Acesso em: 3 nov. 2022.

JACINTO, J. Posse e existência: a história de haver e ter do Latim ao Português. **Axioma – Publicações da Faculdade de Filosofia**, *[s. l.]*, v. 25, n. 1–2, p. 317–340, 2021. Disponível em: https://www.publicacoesfacfil.pt/product.php?id_product=9040. Acesso em: 14 set. 2024.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. tradução: Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**: Cognitive and cultural Factors. Oxford: Blackwell, 2010. v. 3

LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York City**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006.

LOVATO, G. **Aplicação da mineração de textos na análise de produções textuais**. 2015. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências da Computação) — Centro de Ciências Exatas e da Tecnologia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/handle/11338/1516. Acesso em: 10 ago. 2022.

LUNARDI, M. S.; CASTRO, J. M. F. de; MONAT, A. S. Visualização dos resultados do Yahoo em nuvens de texto: uma aplicação construída a partir de web services. **InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação**, *[s. l.]*, v. 5, n. 1, p. 21–35, 2008. Disponível em: https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/47. Acesso em: 10 ago. 2022.

MARINS, J. E. A remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo e suas repercussões no PB: um estudo comparativo sobre as sentenças existenciais. **Working Papers em Lingüística**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 112, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2014v15n1p112. Acesso em: 30 mar. 2023.

MARINS, J. E. **As repercussões da remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo**: um estudo diacrônico das sentenças existenciais com ter e haver no PB e no PE. 2013. 154 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) — Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2014v15n1p112/28473.

MOUTINHO, L. de C.; SOUSA, X. **Estudos em variação linguística nas línguas românicas**. 1. ed. Aveiro: UA Editora, 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/10773/26311. Acesso em: 30 mar. 2023.

OLIVEIRA, C. S. de. **A variação entre ter e haver em construções existenciais na fala e na escrita da variedade riopretense**. 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2014. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/122109. Acesso em: 24 nov. 2020.

OLIVEIRA, J. F. de. **Variação dos verbos ter e haver em sentenças existenciais no Sertão alagoano**. 2017. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) — Curso de Letras, Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Golveia, 2017.

OUSHIRO, L. A computational approach for modeling the indexical field. **Revista De Estudos Da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 1737–1786, 2019. Disponível em: http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/14738/pdf. Acesso em: 1 out. 2020.

OUSHIRO, L. **Identidade na Pluralidade**: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. 372 f. Tese (Doutorado em Letras) — Departamento de Linguística Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15062015-104952/pt-br.php. Acesso em: 30 mar. 2023.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

PESTANA, Y. N. H. **Particularidades morfossintáticas em variedades rurais do português falado na Ilha da Madeira**. 2019. 108 f. Dissertação (Mestrado em Artes e Linguística) — Faculdade de Filosofia, Universidade de Zurique, Zurique, 2019.

QUALTRICS LLC. **Qualtrics XM Platform**. Utah, 2022. Disponível em: www.qualtrics.com. Acesso em: 2 maio 2022.

RAMOS, C. de M. de A.; SANTOS, W. S. dos. Estruturas existenciais: a variação ter/haver no *corpus* constituído para ALiMA. **Cadernos de Pesquisa**, São Luis, v. 19, n. especial, p. 35–42, 2012. Disponível em: https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1069. Acesso em: 14 set. 2024.

RIBEIRO, P. R. O.; SOARES, M. S.; LACERDA, P. F. A. da C. A realização da noção de existência no "mineirês": um estudo da variação dos verbos ter, haver e existir. **Signótica**, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 535–561, 2013. Disponível em: http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/19192/15795. Acesso em: 24 nov. 2020.

RODRIGUES, L. da S. **O caso acusativo nos pronomes pessoais de terceira pessoa do Português Brasileiro e Europeu**. 2018. 166 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33428/1/2018_tese_lsrodrigues.pdf. Acesso em: 29 fev. 2020.

RODRIGUES, A. G. P. **Variação e atitudes linguísticas na realização de fricativas no falar de Fortaleza-CE**. 2018. 282 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) — Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://www.uece.br/posla/download/teses/. Acesso em: 23 fev. 2021.

SAMPAIO, T. O. da M. A importância da Divulgação Científica da Linguística - Entrevista: Canal Enchendo Linguística. **Linguística Rio**, *[s. l.]*, v. 3, n. 1, p. 1–6, 2017. Disponível em: www.linguisticario.letras.ufrj.br.

SILVA, T. **O que se esconde por trás de uma nuvem de palavras?**. *[s. l.]*, 2013. Disponível em: https://tarciziosilva.com.br/blog/o-que-se-esconde-por-tras-de-uma-nuvem-de-palavras/. Acesso em: 18 jul. 2022.

SOUZA, F. F. de. **Tem chance de haver ainda existir no falar popular?** A variação dos verbos existenciais em amostra do NORPOFOR. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Dissertação - Francisco F. de Souza.pdf. Acesso em: 20 jun. 2019.

SOUZA, F. F. de; ARAÚJO, A. A. de; PEREIRA, M. L. de S. Um estudo sociolinguístico acerca da variação nos verbos existenciais ter/haver/existir em amostra de linguagem falada em Fortaleza-CE. *In:* SOUZA, A. J. de *et al.* (org.). **Linguística, literatura e educação**: teorias, práticas e ensino. João Pessoa: Ideia, 2020. p. 32–48. Disponível em: https://www.ideiaeditora.com.br/produto/linguistica-literatura-e-educacao-teorias-praticas-e-ensino/. Acesso em: 24 nov. 2020.

THE R FOUNDATION. **Wordcloud2 introduction**. *[s. l.]*, 2018. Disponível em: https://cran.r-project.org/web/packages/wordcloud2/vignettes/wordcloud.html#lettercloud-function. Acesso em: 10 out. 2024.

VAN DEN RUL, C. **How to Generate Word Clouds in R - Simple Steps on How and When to Use Them**. *[s. l.]*, 2019. Disponível em: https://towardsdatascience.com/create-a-word-cloud-with-r-bde3e7422e8a. Acesso em: 10 out. 2024.

VIANA, R. B. de M. Avaliação dos verbos existenciais no falar culto de Fortaleza-CE: variação, mudança ou estilo?. *In:* FÓRUM INTERNACIONAL EM SOCIOLINGUÍSTICA, 1., 2019, Rio de Janeiro. **Pôsters**. Rio de Janeiro: [*s. n.*], 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337919461_AVALIACAO_DOS_VERBOS_EXISTENCIAIS_NO_FALAR_CULTO_DE_FORTALEZA-CE_VARIACAO_MUDANCA_OU_ESTILO. Acesso em: 8 nov. 2022.

VIANA, R. B. de M. Tem mais existir que haver no falar dos fortalezenses - o papel dos fatores sociais na variação dos verbos existenciais. *In:* ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. (org.). **Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza-CE**. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2018a. p. 95–126.

VIANA, R. B. de M. Tem mais existir que haver no falar dos fortalezenses: o papel dos fatores sociais na variação dos verbos existenciais. *In:* ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. (org.). **Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza-CE**. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2020. p. 76–99. Disponível em: http://www.uece.br/eduece/dmdocuments/Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza - CE.pdf. Acesso em: 24 nov. 2020.

VIANA, R. B. de M. **Uma fotografia variacionista dos verbos existenciais haver/existir/ter no português oral culto de Fortaleza-CE**. 2018b. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://www.uece.br/posla/dmdocuments/DISSERTAÇÃO_RAKEL BESERRA DE MACÊDO VIANA.pdf. Acesso em: 28 set. 2020.

VIANA, R. B. de M. **Uma variação linguística no português d'além mar**: produção, percepção e atitudes sobre os verbos existenciais no falar culto de Funchal e Fortaleza. 2023. 434 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) — Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: https://www.uece.br/posla/pesquisa/teses/teses-2023/. Acesso em: 19 set. 2023.

VIANA, R. B. de M; ARAÚJO, A. A. de. A variação dos verbos existenciais ter, haver e existir em situações de alto grau de monitoramento estilístico com dados do PORCUFORT fase I. *In:* ENCONTRO DE SOCIOLINGUISTICA, 10., 2020, Salvador. **Apresentação de Trabalho [...]**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia - UNEB, 2020a. Disponível em: https://doity.com.br/anais/xencontrodesociolinguistica/trabalho/171435. Acesso em: 27 nov. 2020.

VIANA, R. B. de M; ARAÚJO, A. A. de. Os verbos haver e ter existenciais em dados de fala culta fortalezense – uma análise variacionista. **Diálogos Pertinentes**, Franca, v. 16, n. 1, p. 166–194, 2020b. Disponível em: http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/3601. Acesso em: 24 nov. 2020.

VIANA, R. B. de M; ARAÚJO, A. A. de. Uma fotografia variacionista dos verbos existir e ter em dados do PORCUFORT. **Entrepalavras**, *[s. l.]*, v. 9, n. 2, p. 256, 2019. Disponível em: http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1456. Acesso em: 14 abr. 2025.

VIÉGAS, F. B.; WATTENBERG, M.; FEINBERG, J. Participatory visualization with wordle. **IEEE Transactions on Visualization and Computer Graphics**, *[s. l.]*, v. 15, n. 6, p. 1137–1144, 2009. Disponível em: https://ieeexplore.ieee.org/document/5290722. Acesso em: 10 ago. 2022.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. As construções existenciais com ter e haver: o que tem na fala e o que há na escrita. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 71–89, 2013a. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/23165. Acesso em: 31 mar. 2023.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. As construções existenciais na fala e na escrita. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 53–76, 2013b. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4058. Acesso em: 24 nov. 2020.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. **Construções existenciais com os verbos ter e haver na fala e na escrita**: uma análise comparativa. Rio de Janeiro: Mimeo, 2013c. Relatório de Pós-Doutorado.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. O (Des) uso do verbo haver existencial. **Web-Revista SOCIODIALETO**, *[s. l.]*, v. 6, n. 17, p. 228–249, 2015. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodialeto. Acesso em: 14 set. 2024.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. Ter e haver existenciais: gramática *versus* uso. **Revista Urutágua - acadêmica multidisciplinar**, *[s. l.]*, n. 21, p. 90–98, 2010. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/7472#:~:text=Resumo,o%20ensino%20de%20l%C3%ADngua%20materna. Acesso em: 14 set. 2024.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. **Ter/haver existenciais na fala alagoana**: variação estável ou mudança em progresso? 2012. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2012. Disponível em: http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/2441. Acesso em: 24 nov. 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

9

Ana Germana Pontes Rodrigues
Brenda Kathellen Melo de Almeida
Aluiza Alves de Araújo

ATITUDES LINGUÍSTICAS NA REALIZAÇÃO DA FRICATIVA ALVEOLAR VOZEADA /Z/ NO FALAR DE FORTALEZA-CE

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-325-7.9

INTRODUÇÃO

Sabemos que a língua possui variações e que o Português Brasileiro (doravante PB) apresenta uma grande diversidade de falares. Além disso, o emprego de determinados fenômenos linguísticos pode suscitar diferentes julgamentos sociais (Labov, 2008), quando o falante é avaliado em função das formas linguísticas que ele utiliza em determinada situação.

No estudo de Rodrigues (2018), foi analisada a variação das fricativas no falar de Fortaleza-CE. O fenômeno abordado na referida pesquisa contempla a variação das fricativas, em posição de coda e, também, em posição de ataque silábico, como é possível ver a seguir: "uma vei[s] foram ~ uma vei[h] foram"; "ca[z]a ~ ca[h]a"; "mai[z] num tinha ~ mai[ɦ] num tinha"; "me[z]mo ~ me[ɦ]mo"; "ma[ʃ]tigar ~ ma[h]tigar"; "a gente ~ a [h]ente"; "de[z ʒ]de de manhã ~ de[ɦ]de de manhã'; "atrai[z ʒ] dela ~ atrai[ɦ] dela". Portanto, a variação do fenômeno se caracteriza pela manutenção e pela realização aspirada destes fonemas.[1]

Além de descrever este fenômeno variável, a autora também investigou a atitude de 16 falantes em relação ao fenômeno em pauta. Sendo assim, neste artigo, apresentaremos um recorte do trabalho de Rodrigues (2018), em que exibiremos parte dos resultados do teste de atitudes referentes à realização da fricativa alveolar vozeada /z/ no falar de Fortaleza-CE. Para o diagnóstico das atitudes linguísticas dos falantes, partimos de um dos cinco problemas norteadores, proposto pela Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov, Herzog, 2006), sendo este o problema da avaliação. Esse problema se refere ao julgamento subjetivo dos falantes sobre a sua própria variedade linguística e a variedade dos demais membros da sua comunidade de fala.

1 Também foram encontrados casos de apagamento dessas fricativas, porém resolvemos excluí-los de nossas análises pelo fato de a sua frequência ter sido muito baixa.

Portanto, temos como objetivo desvendar como se configura a avaliação sobre o fenômeno em pauta.

A realização desta investigação se justifica pela sua contribuição no ensino de língua materna e estrangeira, quando levamos em consideração o conceito de *competência comunicativa*, elaborado por Hymes (1974), metodologia que é fundamental para o ensino de línguas. Segundo essa metodologia, uma criança, quando adquire um sistema gramatical, agrega também o sistema de uso relativo a pessoas, lugares e objetivos, em conjunto com atitudes e crenças a ele relacionado. Sendo assim, um programa de ensino de línguas consciente das diferenças socioculturais deve considerar a diversidade sociolinguística. Além disso, este trabalho contribui para que professores e alunos conheçam melhor a diversidade linguística do Brasil e saibam lidar com a situação de heterogeneidade linguística.

Os resultados da análise do teste de atitudes que aplicamos nos mostraram as avaliações que os participantes fizeram em relação a trechos de gravações do NORPOFOR (Araújo, 2011), do PORCUFORT (Araújo, 2000) e a imagens da página Suricate Seboso[2], realizando a aspiração de [z], quanto aos critérios de beleza, inteligência e elegância. Além dos critérios quanto à questão da classe social, do nível de escolaridade, da faixa etária, do gênero, do lugar de origem de quem faz uso desse fenômeno, das situações gerais de uso da aspiração e do sentimento de vergonha ou não de quem produzisse esse uso.

Além desta introdução, este artigo conta com mais quatro seções, sendo elas a seção *Considerações sobre atitudes linguísticas*, em que fundamentamos os princípios empregados no teste de atitudes; a *Metodologia*, em que descrevemos os procedimentos empregados na aplicação do teste e, na análise, a *Análise dos resultados*, em que apresentamos e discutimos os resultados obtidos, e as nossas *Considerações finais*.

2 Disponível em: <https://www.facebook.com/suricateseboso?fref=ts>. Acesso em: 30 out. 2024.

CONSIDERAÇÕES SOBRE ATITUDES LINGUÍSTICAS

Nesta seção, iremos apresentar alguns conceitos relevantes a respeito de atitudes linguísticas. Sendo assim, retomaremos os cinco problemas linguísticos propostos por Labov (2008), que são *restrição*, *encaixamento*, *transição*, *avaliação* e *implementação*. Neste contexto, abordaremos somente o problema da *avaliação*. Este problema, segundo o autor, está diretamente relacionado com a atitude do falante a respeito do uso das formas linguísticas. Neste aspecto, o falante manifesta a sua atitude em dois níveis distintos: a *avaliação linguística* e a *avaliação social*. A primeira é associada à eficiência comunicativa da forma linguística, já a segunda é associada aos valores sociais que são atribuídos a essas formas.

Enfatizamos que o problema da avaliação está relacionado de forma intrínseca aos graus de consciência do falante frente às formas linguísticas. Portanto, isto nos remete às categorias de *indicador*, *marcador* e *estereótipo* propostas por Labov (2008). O *indicador* é uma categoria em que o grau de consciência do falante é muito baixo ou inexistente, sendo assim, há pouca força avaliativa, como no caso do emprego do artigo definido diante de nomes próprios. Já o *marcador* possui um grau de consciência intermediário, por esta razão, a sua força avaliativa também é intermediária. Um exemplo de *marcador* seria a variação dos pronomes "nós" e "a gente". Por fim, o *estereótipo* é uma categoria socialmente marcada e evidente, ou seja, o falante tem plena consciência, por isso a sua força avaliativa é muito grande. Exemplo de *estereótipo* é o rotacismo presente em palavras como "planta ~ pranta".

Estas categorias de *indicador*, *marcador* e *estereótipo* podem ser atribuídas a diferentes estágios da mudança linguística. Geralmente, o início de uma mudança linguística pode estar abaixo

do nível de consciência do falante e, por este motivo, não sofre avaliação social. Em uma fase intermediária, o uso de determinadas formas pode ser motivado por aspectos sociais ou estilísticos. E, por fim, a forma linguística pode ser notada de forma evidente.

Sendo assim, de acordo com o mecanismo de mudança linguística proposto por Labov (2008), uma mudança se origina em um subgrupo restrito da comunidade de fala, a forma linguística é então um atributo regional e distribuído de maneira irregular dentro da comunidade e a forma é considerada indefinida. Num segundo estágio, a mudança se enquadra como *mudança vinda de baixo*, em que ela não apresenta nenhum padrão de variação estilística e então é definida como um *indicador*. Posteriormente, a variável linguística avança e ingressa em um estágio *de hipercorreção vinda de baixo*, obtendo a função de pertencimento ao grupo ou faixa etária.

O próximo estágio se configura quando os valores adotados por um subgrupo se espalham para outros grupos da comunidade de fala. Em função disso, os limites de mudança coincidem com os limites da comunidade de fala, e todos os membros reagem da mesma maneira ao seu uso. Posto isso, o movimento da variável leva a reajustes de outros elementos no âmbito fonológico. Estes reajustes levam a outras mudanças, que se configuram como um estágio de *reciclagem*. Caso o subgrupo no qual surgiu a mudança não seja o de maior *status* social, os membros do grupo de maior *status* irão estigmatizar a forma que surgiu deste processo de mudança.

Portanto, essa estigmatização iniciará a *mudança vinda de cima*, com a correção esporádica da forma que surgiu em função do modelo empregado pelo grupo de maior *status*, ou seja, o *modelo de prestígio*. Caso o modelo de prestígio não corresponda às formas usadas pelos outros grupos, isto iniciará um processo de hipercorreção, em que os falantes modificarão sua fala monitorada a ponto de extrapolar o ponto designado pelo grupo de prestígio. Este estágio é chamado de *hipercorreção vinda de cima*. Quando uma forma se

torna comentário social explícito, ela pode acabar desaparecendo, então se nomeia de *estereótipo*. Caso a mudança tenha surgido em um grupo de maior *status*, ela se tornará um modelo de prestígio para todos os membros da comunidade.

Apresentados estes conceitos, passaremos a abordar a visão de outros autores sobre o assunto. Enfatizamos que o início dos estudos sobre atitudes linguísticas ocorreu com o psicólogo Lambert (1960), através de uma pesquisa sobre bilinguismo no Canadá. Seu experimento se tornou conhecido com o nome de *matched guise* e, ao longo do tempo, sofreu várias modificações. Este experimento propunha uma escala de avaliação, com destaque para o diferencial semântico, o qual envolvia uma série de escalas bipolares de sete pontos com adjetivos com valores opostos em cada extremidade da escala (Cyranka; Roncarati, 2009). De acordo com Fishman (1972) e Fasold (1990), o estudo das atitudes linguísticas se situa no âmbito da macrossociolinguística que inclui aspectos como o do bilinguismo, da diglossia, do planejamento linguístico, da padronização educacional e da educação em língua vernácula, além de aspectos como língua, cultura e sociedade.

Em relação a sentimentos e atitudes a respeito de formas linguísticas e aos falantes que as utilizam, Calvet (2002) afirma que todos os falantes os possuem. Asim, esses indivíduos elaboram normas a respeito da língua e do seu uso. Em decorrência disso, a Sociolinguística se interessa em estudar o comportamento social advindo dessas normas. A respeito do julgamento dos falantes, quando se trata da própria fala, eles procuram valorizá-la ou adaptá-la para o modelo de maior prestígio. Já em relação à fala dos outros, estes falantes procuram fazer avaliações conforme o seu próprio modo de falar. Consoante a este pensamento, Trudgill (2000) afirma que "os falantes se veem como quem utiliza as formas que aspiram e que para eles têm conotações favoráveis em comparação à forma que realmente usam" (Trudgill, 2000, p. 97).

Já relacionando gênero, linguagem e atitudes linguísticas sobre o significado que algumas palavras adquiriram com o passar do tempo, podemos mencionar o estudo de Meyerhoff (2006). A autora descreveu este processo como "relativismo linguístico". De acordo com ela, a nossa forma de falar sobre os outros e as palavras que utilizamos para isso não somente denotam entidade e eventos sobre o mundo, mas também contribuem para a estruturação da linguagem. Um exemplo deste processo é a palavra *queer*, cujo significado carregou, durante muito tempo, conotações negativas relacionadas a uma descrição de um grupo externo (*outgroup*) de gays e lésbicas. No entanto, nos anos 1990, a palavra adquiriu conotações positivas dentro da comunidade de LGBTQIA+ e se tornou um termo relativamente neutro para muitos falantes da língua inglesa nos dias atuais. Sendo assim, a utilização do processo de relativismo linguístico serviu para averiguarmos se o fenômeno em pauta seria uma marca de uso apenas masculina ou se essa variável seria irrelevante na avaliação linguística dos participantes do teste de atitudes.

Outro conceito abordado por Meyerhoff (2006) é o da *Teoria social da identidade*. Essa teoria faria uma distinção entre as identidades individuais e as identidades que são associadas a um grupo. Quando a primeira está mais evidente, nosso comportamento linguístico está sujeito a uma maior variabilidade. Caso a segunda esteja mais evidente, nosso comportamento linguístico tende a acentuar a uniformidade entre os grupos. No entanto, para Tajfel (1978), a identidade puramente individual provavelmente não exista, pois, mesmo quando parecemos estar agindo apenas individualmente, o nosso comportamento pode ser interpretado como mais ou menos regular de acordo com as identidades de grupos que possuímos.

Em relação a estes comportamentos, Calvet (2002) trabalha com o conceito de segurança e insegurança linguística. Sendo assim, a segurança linguística se manifesta quando os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar. Já a insegurança linguística se manifesta quando o falante considera o seu próprio modo de falar

pouco valorizado e tem em mente outro modelo mais prestigioso, que, no entanto, não pratica. Um exemplo de insegurança linguística se torna evidente com a hipercorreção, quando o falante desprestigia o seu próprio modo de falar e procura imitar, de modo exagerado, as formas linguísticas de prestígio.

Em síntese, para a análise do teste de atitudes que aplicamos, levamos em consideração os conceitos de marcadores, indicadores e estereótipos de Labov (2008), os de Calvet (2002) e os de Meyerhoff (2006). Os procedimentos de coleta e tratamento dos dados do teste de atitudes serão descritos detalhadamente na nossa seção de metodologia.

METODOLOGIA

Esta pesquisa aplicou um teste de atitudes linguísticas a respeito da realização da fricativa alveolar vozeada [z] e sua variante aspirada [h]. Os participantes do teste[3], ao todo dezesseis, fizeram uma avaliação da produção aspirada do fonema em pauta realizada por duas informantes[4] do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza) e avaliaram a produção aspirada do mesmo fonema por um informante[5] do banco de dados PORCUFORT (Projeto Português Oral Culto de Fortaleza). Além disso, os participantes também avaliaram imagens da Página do Suricate Seboso[6] que continham exemplos do fenômeno em pauta.

3 Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13fE-GtUG3nFj31B1l_IBeC9wguA8OVsT/view?usp=sharing>. Acesso em: 4 dez. 2024.

4 Inquérito 99, D2 (Diálogo entre 2 informantes), feminino, 5-8 anos de escolaridade e 26-49 anos de idade.

5 Inquérito 44, DID (Diálogo entre Informante e Documentador), masculino, 51 anos em diante.

6 Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13fE-GtUG3nFj31B1l_IBeC9wguA8OVsT/view?usp=sharing>. Acesso em: 4 dez. 2024.

Neste teste, cada um dos participantes avaliou os trechos expostos da fricativa, num primeiro momento, atribuindo uma nota de 1 a 5 em relação ao nível de beleza, inteligência e elegância (questão 27). Para obter os quantitativos dessa questão, precisamos fazer médias ponderadas para as respostas dadas. Em seguida, eles deveriam indicar a qual(is) opção(ões) poderia pertencer quem fizesse o uso indicado nos trechos em termos de: classe social (questão 28), faixa etária (questão 29), nível de escolaridade (questão 30), gênero (questão 31), lugar de origem (questão 33), se o(a) próprio(a) participante produz ou não esse uso (questão 34) e em que ocasião ele(a) o faz (questão 34.1), em que situações outras pessoas poderiam fazê-lo (questão 35) e se ele(a) teria vergonha ou não de alguém que fizesse esse uso (questão 36). Destas questões, separamos as respostas em duas variáveis[7] que caracterizam os nossos participantes: Naturalidade (8-Fortalezenses e 8-Não Nordestinos) e Cidade/Estado onde mora atualmente (8-Em Fortaleza e 8-Fora do Nordeste).

Os dados obtidos no teste de atitudes linguísticas foram analisados nas respostas objetivas de forma quantitativa, através do cálculo de percentuais. Já, nas respostas subjetivas, os dados foram avaliados de forma qualitativa.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados a seguir correspondem às respostas dadas pelos participantes do teste de atitudes linguísticas separadas de acordo com as variáveis Naturalidade e Cidade/Estado onde mora atualmente.

7 Separamos em mais duas outras variáveis — Gênero (Masculino e Feminino) e Escolaridade (Com Ensino Superior e Sem Ensino Superior) —, mas apenas Naturalidade e Cidade/Estado onde mora atualmente é que serão analisadas nesta ocasião.

RESPOSTAS POR NATURALIDADE (LUGAR ONDE NASCEU) DO PARTICIPANTE: FORTALEZENSE E NÃO NORDESTINO SOBRE A PRODUÇÃO ASPIRADA DE /Z/

Nesta seção, apresentaremos, de início, separadamente, as respostas dadas pelos participantes do teste de atitudes que têm naturalidade *fortalezense* e pelos que são de origem *não nordestina*. Em seguida, faremos uma análise, comparando as respostas de cada grupo. A nossa hipótese inicial era de que os fortalezenses natos teriam uma atitude positiva, de identidade, e de não estigmatização do uso da variante aspirada, enquanto os participantes não nordestinos apresentariam uma atitude neutra em relação ao uso enfraquecido dessas fricativas.

Quadro 1 — Respostas da naturalidade *Fortalezense* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate

Questão	/z/ - NORPOFOR	/z/ - PORCUFORT	/z/ - SURICATE
27.	3,3 = bonito:_:feio 2,9 = inteligente:_:não inteligente 2,8 = elegante:_:deselegante Média = 3,0	3,9 = bonito:_:feio 4,0 = inteligente:_:não inteligente 3,5 = elegante:_:deselegante Média = 3,8	2,9 = bonito:_:feio 3,1 = inteligente:_:não inteligente 3,0 = elegante:_:deselegante Média = 2,7
28.	62,5% = Classe C. 25% = Classe D; e Todas. 0% = Classe A e Classe B.	50% = Classe B. 37,5% = Classe A. 25% = Classe C. 12,5% = Classe D; e Todas.	50% = Classe C. 37,5% = Classe D. 25% = Todas. 12,5% = Classe B. 0% = Classe A.
29.	75% = Todas as idades. 12,5% = 23 a 35 anos e 50 anos em diante. 0% = 15 a 22 anos e 36 a 49 anos.	50% = Todas as idades. 25% = 50 anos em diante. 12,5% = 36 a 49 anos. 0% = 15 a 22 anos e 23 a 35 anos.	75% = Todas as idades. 12,5% = 50 anos em diante; 36 a 49 anos; e 15 a 22 anos. 0% = 23 a 35 anos.
30.	50% = Qualquer nível. 37,5%= Analfabeto; e Ens. Fund. I. 25% = Ens. Fund. II; Ens. Méd. incompl.; e Ens. Méd. compl. 12,5% = Ens. Sup. incompl.; e Ens. Sup. compl. 0% = Pós-grad.	37,5% = Qualquer nível; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad. 12,5% = Ens. Fund. II; e Ens. Méd. compl. 0% = Analfabeto; Ens. Fund. I; Ens. Méd. incompl.; e Ens. Sup. incompl.	50% = Qualquer nível. 37,5% = Ens. Fund. I. 25% = Analfabeto; e Ens. Fund. II; e. 12,5% = Ens. Méd. compl.; e Ens. Méd. incompl. 0% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.

Questão	/z/ - NORPOFOR	/z/ - PORCUFORT	/z/ - SURICATE
31.	50% = Todos e Feminino. 0% = Masculino e Outro _____.	75% = Todos. 25% = Masculino. 0% = Feminino e Outro_____.	87,5% = Todos. 12,5% = Feminino. 0% = Masculino e Outro _____.
33.	37,5% = Nordeste. 12,5% = Juazeiro do Norte (CE); Interior do NE; Qualquer lugar; CE; e Norte/NE.	37,5% = Nordeste. 25% = Ceará. 12,5% = Fortaleza (CE); Qualquer lugar; e Norte/NE.	37,5% = Ceará. 25% = NE; e Qualquer lugar. 12,5% = Norte/NE.
34.	75% = Não. 25% = Sim.	25% = Não. 75% = Sim.	50% = Não. 50% = Sim.
34.1	100% = Em qualquer situação.	57,1% = Em qualquer situação. 42,9% = No trabalho. 28,6% = Com os amigos, informalmente; e Em casa, com a família. 14,3% = Com os amigos, formalmente; Fora de casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior à sua; e Com pessoas com escolaridade superior à sua.	75% = Em qualquer situação. 25% = Com os amigos, informalmente; Em casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior à sua; e Com pessoas com escolaridade superior à sua. 0% = Com os amigos, formalmente; No trabalho; e Fora de casa, com a família.
35.	37,5% = Na escola; e Na profissão de vendedor(a) ambulante. 25% = Em novelas; Na profissão de vendedor(a) de loja; Em programas de rádio; Na missa/culto; e Em qualquer situação. 12,5% = Em jornal a nível local; Na profissão de garçom; Em música; e Em nenhuma situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas de outras emissoras; Em outros programas locais de TV; Na universidade; Na profissão de professor(a); Na profissão de comissário(a) de bordo; e Na profissão de administrador.	37,5% = Na missa/culto 37,5% = Em qualquer situação 37,5% = Em programas de rádio 12,5% = Na universidade 12,5% = Na profissão de vendedor(a) de loja 12,5% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 12,5% = Na profissão de professor(a) 12,5% = Na profissão de administrador 12,5% = Na escola 12,5% = Em novelas 12,5% = Em jornal a nível local 0% = No Fantástico (TV Globo) 0% = Na profissão de garçom 0% = Na profissão de comissário(a) de bordo 0% = Em outros programas locais de TV 0% = Em outros programas de outras emissoras 0% = Em nenhuma situação 0% = Em música 0% = Em jornal a nível nacional	37,5% = Em qualquer situação 37,5% = Em programas de rádio 25% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 12,5% = Na escola 12,5% = Em outros programas locais de TV 12,5% = Em novelas 12,5% = Em nenhuma situação 12,5% = Em música 0% = No Fantástico (TV Globo) 0% = Na universidade 0% = Na profissão de vendedor(a) de loja 0% = Na profissão de professor(a) 0% = Na profissão de garçom 0% = Na profissão de comissário(a) de bordo 0% = Na profissão de administrador 0% = Na missa/culto 0% = Em outros programas de outras emissoras 0% = Em jornal a nível nacional 0% = Em jornal a nível local
36.	87,5%= Não 12,5%= Sim	100% = Não 0% = Sim	75% = Não 25% = Sim

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Quadro 2 — Respostas da naturalidade *Não Nordestina* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate

Questão	/z/ - NORPOFOR	/z/ - PORCUFORT	/z/ - SURICATE
27.	2,4 = bonito:_:feio 2,0 = inteligente:_:não inteligente 2,0 = elegante:_:deselegante Média = 2,1	3,1 = bonito:_:feio 3,3 = inteligente:_:não inteligente 3,0 = legante:_:deselegante Média = 3,1	1,9 = bonito:_:feio 2,3 = inteligente:_:não inteligente 1,7 = elegante:_:deselegante Média = 2,0
28.	62,5% = Classe C 50% = Classe D 25% = Todas as classes 12,5% = Classe B 0% = Classe A	62,5% = Todas as classes 25% = Classe C 25% = Classe B 25% = Classe A 12,5% = Classe D	57,12% = Todas as classes 42,84% = Classe D 42,84% = Classe C 14,28% = Classe B 0% = Classe A
29.	37,5% = Todas as idades 37,5% = 15 a 22 anos 25% = 23 a 35 anos 12,5% = 36 a 49 anos 0%= 50 anos em diante	62,5%= Todas as idades 25%= 50 anos em diante 25%= 36 a 49 anos 0% = 23 a 35 anos 0% = 15 a 22 anos	57,12% =Todas as idades 42,84%= 15 a 22 anos 28,56%= 23 a 35 anos 14,28%= 36 a 49 anos 0% =50 anos em diante
30.	50% = Ens. Méd. compl. 12,5%= Ens. Sup. incompl. 37,5%= Qualquer nível. 37,5% = Ens. Méd. incompl. 37,5% = Ens. Fund. II. 37,5% = Ens. Fund. I. 37,5% = Analfabeto. 0%= Pós-grad. 0%= Ens. Sup. compl.	50%= Qualquer nível. 37,5% =Ens. Méd. incompl. 37,5% = Ens. Méd. compl. 25% = Pós-grad. 25% = Ens. Sup. compl. 25% = Ens. Fund. II. 25% = Analfabeto. 12,5% =Ens. Sup. incompl. 12,5% = Ens. Fund. I.	57,12%= Qualquer nível. 42,84%=Analfabeto. 42,84% = Ens. Fund. II. 42,84% = Ens. Fund. I. 28,56% = Ens. Méd. incompl. 28,56% = Ens. Méd. compl. 0% = Pós-grad. 0% = Ens. Sup. incompl. 0% = Ens. Sup. compl.
31.	75% = Todos 25% = Feminino 0% = Outro 0% = Masculino	75% = Todos 25%= Masculino 0% = Outro 0% = Feminino	100% = Todos 0% = Outro 0% = Masculino 0% = Feminino
33.	37,5% = Ceará. 25% = Qualquer lugar; e NE. 12,5% = Fortaleza (CE).	37,5% = Qualquer lugar; e NE. 12,5% = PE; e RJ.	50% = Nordeste. 25% = Ceará. 12,5% = Qualquer lugar.
34.	75%= Não 25%= Sim	75%= Não 25%= Sim	100% = Não 0% = Sim

Questão	/z/ - NORPOFOR	/z/ - PORCUFORT	/z/ - SURICATE
34.1	100% = Em casa, com a família. 50% = No trabalho 50% = Com os amigos, informalmente 50% = Fora de casa, com a família 50% = Com pessoas com escolaridade inferior à sua. 0% = Com os amigos, formalmente. 0% = Com pessoas com escolaridade superior à sua. 0% = Em qualquer situação.	100% = Em qualquer situação.	
35.	75% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 75% = Na escola 62,5%= Em novelas 50%= Na universidade 50% =Na profissão de vendedor(a) de loja 50% = Em música 37,5%= Em jornal a nível local 37,5% = Na profissão de garçom 25% = Na missa/culto 25% = Em programas de rádio 25% = Em outros programas locais de TV 12,5% = Na profissão de professor(a) 12,5% = Na profissão de administrador 12,5% = Em qualquer situação 0% = No Fantástico (TV Globo) 0% = Na profissão de comissário(a) de bordo 0% = Em outros programas de outras emissoras 0% = Em nenhuma situação 0% = Em jornal a nível nacional	50% = Na universidade 50% = Na profissão de garçom 50% = Na profissão de administrador 37,5% = Na profissão de vendedor(a) de loja 37,5% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 37,5% = Na escola 37,5% = Em qualquer situação 37,5% = Em novelas 37,5% = Em música 25% = Na profissão de professor(a) 25% = Na missa/culto 25% = Em outros programas de outras emissoras 12,5%= Em jornal a nível local 12,5% = No Fantástico (TV Globo) 12,5% = Na profissão de comissário(a) de bordo 12,5% = Em programas de rádio 12,5% = Em outros programas locais de TV 12,5% = Em jornal a nível nacional 0% = Em nenhuma situação	57,12% = Em novelas 42,84% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 42,84% = Na escola 28,56% = Na missa/culto 28,56% = Em qualquer situação 28,56% = Em jornal a nível local 14,28%= Em programas de rádio 14,28% = Na profissão de professor(a) 14,28% = Em outros programas locais de TV 14,28% = Em música 0% = No Fantástico (TV Globo) 0% = Na universidade 0% = Na profissão de vendedor(a) de loja 0% = Na profissão de garçom 0% = Na profissão de comissário(a) de bordo 0% = Na profissão de administrador 0% = Em outros programas de outras emissoras 0% = Em nenhuma situação 0% = Em jornal a nível nacional
36.	100% = Não 0% = Sim	100% = Não 0% = Sim	85,68% = Não 14,28% = Sim

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Como pode ser visto nos Quadros 1 e 2, a respeito da produção aspirada de /z/, os participantes fortalezenses apresentam médias maiores do que os não nordestinos para os três bancos de dados analisados (NORPOFOR, PORCUFORT e imagens do perfil Suricate Seboso). A maior diferença entre essas médias pode ser vista para a gravação do NORPOFOR: enquanto os fortalezenses atribuíram média 3,0, os não nordestinos deram apenas 2,1. Uma das justificativas que estes deram para isso é que "As palavras são pronunciadas tão rapidamente que não soa nada compreensível." (Part. 13)[8]. Para os trechos do PORCUFORT, as avaliações de ambos os grupos foram melhores, com os não nordestinos apresentando uma média aproximadamente neutra (3,1), enquanto a dos fortalezenses foi acima disso (3,8). Esses resultados demonstram uma atitude positiva dos fortalezenses em relação ao seu próprio falar — e, como veremos mais adiante, a maioria deles admite fazer uso da variante glotal de /z/.

Quanto à classe social, em relação à gravação do NORPOFOR, a maioria dos participantes de ambos os grupos escolheu a classe C. Para os outros dois *corpora* avaliados, constatamos uma atitude mais "flexível" vinda dos não nordestinos, pois a maior parte deles respondeu que esses trechos poderiam estar presentes em todas as classes sociais, enquanto que, para a maioria dos fortalezenses, os trechos do Suricate, representam a classe C, em primeiro lugar, e a D, em segundo. Para justificar essa resposta, uma das participantes não nordestinas argumentou que "[...] isso é muito mais uma forma de falar, um sotaque, do que uma questão de muito ou pouco dinheiro ou muito ou pouco estudo." (Part. 15). Já em relação à gravação do PORCUFORT, a maior parte dos fortalezenses fez uma avaliação positiva, escolhendo a classe B, em primeiro lugar, e a classe A, em segundo.

Em relação à faixa etária, a maioria dos indivíduos de ambos os grupos respondeu que a variante aspirada de /z/ poderia acontecer

8 Part. = Participante.

em todas as idades, em relação a todos os trechos analisados, argumentando que o fenômeno não depende dessa variável para ocorrer.

A respeito do nível de escolaridade, a maioria dos fortalezenses colocou, em primeiro lugar, a resposta "qualquer nível", para os três bancos de dados analisados; no entanto, em segundo lugar, para os trechos do NORPOFOR e do Suricate, esses participantes escolheram os níveis mais baixos de escolaridade (Analfabeto e Ensino Fundamental I). Os não nordestinos, por sua vez, só não apresentaram a opção "qualquer nível" em primeiro lugar quando se depararam com a gravação do NORPOFOR, para a qual eles associaram o nível de Ensino Médio completo. Em relação aos trechos do PORCUFORT, as respostas escolhidas demonstram uma avaliação mais positiva dos fortalezenses do que dos não nordestinos, pois, enquanto para o primeiro grupo, ao lado da opção "qualquer nível", apareceram os níveis mais altos de escolaridade — Ensino Superior completo e Pós-graduação —, para o outro grupo, em segundo lugar, estavam as opções Ensino Médio completo e Ensino Médio incompleto.

Quanto ao gênero, só houve unanimidade nas respostas dos não nordestinos e apenas quando eles se depararam com as imagens do Suricate, sobre as quais todos eles afirmaram que a variante glotal de /z/ poderia acontecer em todos os gêneros. Entretanto, para uma participante fortalezense, esses trechos remetem ao gênero feminino. Em relação à gravação do NORPOFOR, metade dos fortalezenses associou esse uso ao gênero feminino, levando em consideração, como já mencionamos, mais a maneira de construção da frase do que a produção aspirada de /z/ feita pelas informantes do NORPOFOR. O mesmo ocorreu para 25% dos participantes de ambos os grupos que escolheram o gênero masculino para os trechos do PORCUFORT.

Em relação ao lugar de origem de quem faz uso da aspiração de /z/, para a maioria dos não nordestinos, em relação aos trechos do PORCUFORT e do Suricate, esse fenômeno está ligado

a quem pertence à região Nordeste — mas, também, a "qualquer lugar do Brasil" em relação à gravação do PORCUFORT. Já quando eles se depararam com a gravação do NORPOFOR, a maior parte deles restringiu esse espaço para o Estado do Ceará. Esta resposta foi dada pela maioria dos fortalezenses quando eles se depararam com as imagens do Suricate. Para os trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT, a maioria dos participantes desse grupo ampliou o espaço de ocorrência do fenômeno para a região Nordeste. Por essas respostas, podemos perceber um maior percentual de fortalezenses do que de não nordestinos restringindo mais precisamente o lugar ao qual esse fenômeno está associado: o próprio Estado de origem deles mesmos.

Quanto ao fato de os participantes do teste realizarem ou não a glotalização de /z/, mais uma vez, as imagens do Suricate fizeram com que um maior percentual de fortalezenses (50%) passasse a admitir o uso da variante glotal. Por outro lado, nenhum dos não nordestinos, quando se deparou com esse banco de dados, reconheceu produzir o fenômeno. Como já explicamos anteriormente, é provável que isso tenha ocorrido pelo fato de esses participantes não terem se identificado (ou mesmo entendido) com uma característica marcante da Página que é compartilhar trechos que expõem cenas de um cotidiano ligado à vida de nordestinos e, mais especificamente, dos cearenses. E com os trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT, 25% dos participantes de ambos os grupos responderam "sim".

Dentre os fortalezenses que deram essa resposta em relação ao primeiro banco de dados, todos eles disseram realizar o fenômeno em qualquer situação; para os trechos do PORCUFORT, além dessa resposta, alguns deles também reconheceram produzir a variante aspirada de /z/ em todas as outras situações apresentadas pela questão; e, para as imagens do Suricate, eles só não admitiram fazer esse uso: no trabalho; com os amigos, formalmente; e fora de casa, com a família. Dentre os não nordestinos que responderam "sim" para os trechos do NORPOFOR, eles reconheceram realizar o fenômeno: em casa, com a família; no trabalho; com os amigos, informalmente;

fora de casa, com a família; e com pessoas com escolaridade inferior à deles. Já em relação à gravação do PORCUFORT, eles admitiram fazer esse uso em qualquer situação.

Quanto às situações em que o participante ou outras pessoas poderiam produzir a aspiração de /z/, as opções "na profissão de vendedor(a) ambulante" e "na escola" — mais associadas a um uso informal da língua — foram escolhidas pela maior parte dos informantes de ambos os grupos em relação aos trechos do NORPOFOR. Para esse banco de dados, embora 25% dos fortalezenses tenham escolhido a opção "em qualquer situação", as outras respostas que eles deram (com exceção de "jornal a nível local") costumam remeter a um menor nível de formalidade no uso da língua. Em contrapartida, para esses trechos, 50% dos não nordestinos escolheram a opção "na universidade", a qual não foi mencionada por nenhum dos fortalezenses.

Em relação à gravação do PORCUFORT, essa resposta foi dada por 50% dos não nordestinos e por apenas 12,5% dos fortalezenses. Além disso, esses trechos foram associados por 12,5% dos não nordestinos às respostas "em jornal a nível nacional", "no fantástico (TV Globo)", "em jornal a nível local" e "na profissão de comissário(a) de bordo" — situações frequentemente ligadas a um alto nível de formalidade no uso da língua —, enquanto que nenhum fortalezense as marcou. Essas escolhas demonstram uma avaliação mais positiva dos não nordestinos do que dos fortalezenses em relação aos trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT. Já ao se depararem com as imagens do Suricate, ocorreu o inverso: a maior parte dos fortalezenses mostrou uma atitude mais "flexível" ao escolher a opção "em qualquer situação" (ao lado de "em programas de rádio"), enquanto a maioria dos não nordestinos associou esses trechos a situações de menor formalidade como "em novelas", "na profissão de vendedor(a) ambulante" e "na escola".

Por último, quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a glotalização de /z/, só houve unanimidade na resposta dos participantes de ambos os grupos em relação à gravação do PORCUFORT, sobre a qual todos responderam "não". Com os não nordestinos, esse resultado se repetiu quando eles se depararam com os trechos do NORPOFOR, os quais foram rejeitados por uma participante (12,5%) fortalezense, fazendo, assim, com que este grupo tenha demonstrado uma atitude mais conservadora do que o primeiro em relação a esse banco de dados. Resultado semelhante foi encontrado com as imagens do Suricate, quando mais fortalezenses do que não nordestinos responderam "sim". Por isso, verificamos que os fortalezenses foram mais conservadores do que os não nordestinos.

Enfim, podemos constatar que a produção aspirada de /z/ foi mais bem avaliada por não nordestinos do que por fortalezenses, resultado que refuta a nossa hipótese inicial, pois considerávamos que, ao reconhecer uma variante presente no seu próprio sotaque, os fortalezenses reagiriam sobre ela de forma mais positiva, e os não nordestinos teriam uma atitude neutra sobre isso.

Portanto, a aspiração de /z/ é um fenômeno mais bem avaliado por indivíduos de fora do Nordeste — locais onde o fenômeno ainda fora pouco estudado e relatado. Além disso, embora haja essa escassez de estudos, constatamos, por esse resultado, que essa variante tende a ser mais bem aceita e, até mesmo, utilizada no PB.

RESUMO DAS RESPOSTAS POR NATURALIDADE DO PARTICIPANTE: FORTALEZENSE E NÃO NORDESTINO SOBRE A PRODUÇÃO ASPIRADA DE /Z/

O quadro a seguir mostra, resumidamente, as respostas dadas por Naturalidade do participante do teste de atitudes — Fortalezense e Não Nordestino — a respeito da produção aspirada de /z/.

Quadro 3 — Resumo das respostas por Naturalidade do participante do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/

Questão	Fortalezense x Não Nordestina - /z/
Beleza, inteligência e elegância	Baixas (2,8); Maior média: Fortalezenses (3,2); PORCUFORT (3,8).
Classe social	Baixas (448,3%)[9]. Maiores: Não Nordestinos (169,6%); PORCUFORT (87,5%); Menores: Fortalezenses (212,5%); NORPOFOR e Suricate (87,5%).
Faixa etária	*Todas* para os 3 *corpora* (357,1%): Fortalezenses (200%); NORPOFOR e Suricate (75%); Não Nordestinos (157,1%); PORCUFORT (62,5%).
Escolaridade	Altas (419,6%); Baixas (335,8%). Maiores: Fortalezenses (225%); PORCUFORT (112,5%). Menores: Não Nordestinos (198,3%); Suricate (85,8%).

9 Para esse resultado geral, fizemos a soma de todos os percentuais obtidos nas respostas dadas.

Questão	Fortalezense x Não Nordestina – /z/
Gênero	*Todos* para os 3 *corpora* (462,5%): Não Nordestinos (250%); NORPOFOR e Suricate (100%); Fortalezenses (212,5%); Suricate (87,5%).
Lugar de origem	Nordeste para os 3 corpora (212,5%): Não Nordestinos (112,5%); Suricate (50%). Qualquer lugar para os 3 corpora (125%): Não Nordestinos (75%); PORCUFORT (37,5%). Ceará (137,5%): Fortalezenses (75%); Suricate (37,5%).
Fazer uso	Não para os 3 *corpora* (400%); Mais reconhecem: Fortalezenses (100%); PORCUFORT (75%).
Situações gerais de uso	Informais (448,3%); Mais formal: Fortalezenses (112,5%); PORCUFORT (50%). Mais informal: Não Nordestinos (310,8%); Suricate (85,8%).
Ter vergonha	Não para os 3 *corpora* (548,2%): Menor vergonha: Não Nordestinos (285,7%); NORPOFOR e PORCUFORT (100%). Maior vergonha: Fortalezenses (37,5%); Suricate (25%).
Geral	Avaliaram mais positivamente: **Não Nordestinos**.

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

RESPOSTAS POR CIDADE/ESTADO ONDE MORA O PARTICIPANTE: EM FORTALEZA E FORA DO NORDESTE SOBRE A PRODUÇÃO ASPIRADA DE /Z/

Nesta seção, apresentaremos, de início, separadamente, as respostas dadas pelos participantes do teste de atitudes que moram em Fortaleza e pelos que moram fora do Nordeste. Em seguida, faremos uma análise comparando as respostas de cada grupo.

A nossa hipótese inicial era de que os que moram fora do Nordeste (tanto os fortalezenses quanto os não nordestinos) apresentam uma atitude negativa em relação à variante aspirada de /z/, enquanto os participantes que residem em Fortaleza fazem uma avaliação positiva sobre esse fenômeno.

Quadro 4 — Respostas dos que moram *Em Fortaleza* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate

Questão	/z/ - NORPOFOR	/z/ - PORCUFORT	/z/ - SURICATE
27.	3,0 = bonito:_:feio 2,4 = inteligente:_:não inteligente 2,5 = elegante:_:deselegante Média = 2,6	3,4 = bonito:_:feio 3,5 = inteligente:_:não inteligente 3,4 = elegante:_:deselegante Média = 3,4	2,3 = bonito:_:feio 2,6 = inteligente:_:não inteligente 2,4 = elegante:_:deselegante Média = 2,4
28.	75% = Classe C 37,5% = Classe D 12,5% = Todas as classes; 12,5% = Classe B 0% = Classe A	37,5% = Todas as classes 37,5% = Classe B 25% = Classe C 25% = Classe A 0% = Classe D	50% = Classe C 37,5% = Todas as classes 37,5% = Classe D 25% = Classe B 0% = Classe A
29.	37,5% = Todas as idades 37,5% = 23 a 35 anos 25% = 15 a 22 anos 12,5% = 36 a 49 anos 0% = 50 anos em diante	50% = Todas as idades 25% = 50 anos em diante 25% = 36 a 49 anos 0% = 23 a 35 anos 0% = 15 a 22 anos	75% = Todas as idades 25% = 15 a 22 anos 12,5% = 23 a 35 anos 0% = 50 anos em diante 0% = 36 a 49 anos
30.	37,5% = Qualquer nível; Ens. Méd. compl.; Ens. Fund. I; Analfabeto. 25% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Méd. incompl.; Ens. Fund. II. 12,5% = Ens. Sup. compl. 0% = Pós-grad.	50% = Qualquer nível. 25% = Ens. Méd. compl. 12,5% = Pós-grad.; Ens. Sup. compl.; Ens. Méd. incompl. 12,5% = Ens. Fund. II; Analfabeto. 0% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Fund. I.	50% = Qualquer nível; Ens. Fund. I. 37,5% =Analfabeto. 25% = Ens. Fund. II. 12,5% = Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl. 0% = Pós-grad.; Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.
31.	62,5% = Todos. 37,5% = Feminino. 0% = Masculino; Outro.	62,5% = Todos. 37,5% = Masculino. 0% = Feminino; Outro.	100% = Todos.

Questão	/z/ - NORPOFOR	/z/ - PORCUFORT	/z/ - SURICATE
33.	25% = NE; Qualquer lugar; e CE. 12,5% = Juazeiro do Norte (CE); e Interior do NE.	25% = CE; e NE. 12,5% = Fortaleza (CE); Qualquer lugar; PE; e RJ.	50% = Ceará. 25% = NE; e Qualquer lugar.
34.	62,5% = Não. 37,5% = Sim.	50% = Não. 50% = Sim.	62,5% = Não. 37,5% = Sim.
34.1	50% = Em qualquer situação. 25% = No trabalho; Em casa, com a família. 0% = Com os amigos, formal e informalmente; Fora de casa, com a família 0% = Com pessoas com escolaridade inferior e sup. à sua.	60% = Em qualquer situação. 40% = No trabalho; Com os amigos, informalmente; Em casa, com a família. 20% = Com os amigos, formalmente; Fora de casa, com a família. 20% = Com pessoas com escolaridade inferior à sua. 0% = Com pessoas com escolaridade superior à sua.	66,7% = Em qualquer situação. 33,3% = Com os amigos, informalmente; Em casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior e sup. à sua. 0% = No trabalho; Com os amigos, formalmente; Fora de casa, com a família.
35.	50% = Vendedor(a) ambulante; Escola 37,5% = Vendedor(a) de loja; Novelas; Música 25% = Universidade; Missa/ culto; Rádio; Em qualquer situação 12,5%= No Fantástico; Garçom; Em nenhuma situação 0% = Professor(a); Comissário(a); Administrador; Outros programas locais de TV; Em outros programas de outras emissoras; Jornal a nível nacional; Jornal a nível local.	37,5% = Novelas; Em qualquer situação 25% = Universidade; Vendedor de loja; Vendedor(a) ambulante; Missa/culto; Rádio 12,5% = Professor(a); No Fantástico; Garçom; Comissário(a); Administrador; Escola; Outros programas locais de TV; Outros programas de outras emissoras; Música; Jornal a nível nacional; Jornal a nível local 0% = Em nenhuma situação.	50% = Em qualquer situação 37,5% = Vendedor(a) ambulante; Escola 25% = Rádio; Novelas 12,5% = Professor(a); Missa/ culto; Música 0% = No Fantástico; Universidade; Vendedor(a) de loja; Garçom; Comissário; Administrador; Outros programas locais de TV; Outros programas de outras emissoras; Jornal a nível nacional; Jornal a nível local; Em nenhuma situação.
36.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	100% = Não.	75% = Não. 25% = Sim.

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Quadro 5 — Respostas dos que moram *Fora do Nordeste* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate

Questão	/z/ - NORPOFOR	/z/ - PORCUFORT	/z/ - SURICATE
27.	2,6 = bonito:_:feio 2,6 = inteligente:_:não inteligente 2,3 = elegante:_:deselegante Média = 2,5	3,6 = bonito:_:feio 3,8 = inteligente:_:não inteligente 3,3 = elegante:_:deselegante Média = 3,6	2,6 = bonito:_:feio 2,9 = inteligente:_:não inteligente 2,4 = elegante:_:deselegante Média = 2,6
28.	50% = Classe C 37,5% = Todas as classes; D 0% = Classe A; Classe B.	37,5% = Classe A; B; Todas 25% = Classe C; Classe D.	42,84% = C; D; Todas. 0% = Classe A; Classe B.
29.	75% = Todas as idades 12,5% = 50 anos em diante 12,5% = 15 a 22 anos 0% = 23 a 35; 36 a 49 anos.	62,5% = Todas as idades 25% = 50 anos em diante 12,5% = 36 a 49 anos 0% = 15 a 22; 23 a 35 anos.	57,12% = Todas as idades 28,56% = 15 a 22; 36 a 49 anos 14,28% = 23 a 35 anos; 50 anos em diante.
30.	50% = Qualquer nível. 37,5% = Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl.; Ens. Fund. II; Ens. Fund. I; Analfabeto. 0% = Pós-grad.; Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.	50% = Ens. Sup. compl.; Pós-grad. 37,5% = Qualquer nível. 25% = Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl.; Ens. Fund. II. 12,5% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Fund. I; Analfabeto.	57,12% = Qualquer nível. 42,84% = Ens. Fund. II. 28,56% = Ens. Fund. I; Analfabeto; Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl. 0% = Pós-grad.; Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.
31.	62,5% = Todos. 37,5% = Feminino. 0% = Outro; Masculino.	87,5% = Todos. 12,5% = Masculino. 0% = Feminino; Outro.	85,68% = Todos. 14,28% = Feminino. 0% = Outro; Masculino.
33.	37,5% = Nordeste. 25% = Ceará. 12,5% = Norte/NE; Qualquer lugar; e Fortaleza.	50% = Nordeste. 37,5% = Qualquer lugar. 12,5% = Norte/NE.	57,1% = Nordeste. 14,3% = Qualquer lugar; CE; e Norte/NE.
34.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	50% = Não. 50% = Sim.	85,68% = Não. 14,28% = Sim.
34.1	100% = Com os amigos, informalmente; Em casa e Fora dela, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior. 0% = No trabalho; Com os amigos, formalmente; Com pessoas com escolaridade sup. à sua; Em qualquer situação.	80% = Em qualquer situação. 20% = No trabalho; Com pessoas com escolaridade sup. 0% = Com os amigos, formal e informalmente; Em casa e Fora dela, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior.	14,28% = Em qualquer situação.

Questão	/z/ - NORPOFOR	/z/ - PORCUFORT	/z/ - SURICATE
35.	62,5% = Vendedor(a) ambulante; Escola 50% = Novelas; Jornal a nível local 37,5% = Vendedor(a) de loja; Garçom 25% = Universidade; Missa/ culto; Rádio; Outros programas locais de TV; Música 12,5% = Administrador; Professor(a); Qualquer situação. 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; Comissário(a); Outros programas de outras emissoras; Em nenhuma situação.	37,5% = Universidade; Missa/ culto; Escola; Em qualquer situação 25% = Vendedor(a) de loja; Vendedor(a) ambulante; Professor(a); Administrador; Rádio; Novelas; Música 12,5% = Garçom; Outros programas locais de TV; Outros programas de outras emissoras; Jornal a nível local 0% = No Fantástico; Comissário(a); Jornal a nível nacional; Em nenhuma situação.	42,84% = Novelas 28,56% = Vendedor(a) ambulante; Rádio; Outros programas locais de TV; Jornal a nível local 14,28% = Missa/culto; Escola; Música; Em qualquer situação; Em nenhuma situação 0% = No Fantástico; Universidade; Vendedor(a) de loja; Professor(a); Garçom; Comissário(a); Administrador; Outros programas de outras emissoras; Em jornal a nível nacional.
36.	100% = Não.	100% = Não.	85,68% = Não. 14,28% = Sim.

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Como pode ser visto nos quadros 4 e 5, a respeito da produção aspirada de /z/, entre as notas atribuídas à beleza, inteligência e elegância, os participantes que moram em Fortaleza deram uma média discretamente maior (2,6) do que os que residem fora do Nordeste (2,5), apenas para a gravação do NORPOFOR. Para os outros dois bancos de dados analisados, foram os participantes do segundo grupo que deram médias maiores. Para os trechos do PORCUFORT, as avaliações de ambos os grupos foram melhores, com os que residem fora do Nordeste apresentando uma média de 3,6, enquanto a dos que moram em Fortaleza foi um pouco abaixo disso (3,4). Esses resultados demonstram uma atitude menos conservadora vinda dos participantes que residem fora do Nordeste e o fato de que morar na cidade onde o fenômeno ocorre não é garantia de avaliação positiva para o mesmo — embora, como veremos mais adiante, haja mais moradores de Fortaleza do que de fora do Nordeste que admitem fazer esse uso.

Quanto à classe social, em relação à gravação do NORPOFOR, a maior parte dos participantes de ambos os grupos escolheu a classe C. Para as imagens do Suricate, encontramos um

resultado diferente do que esperávamos, pois 50% dos que residem em Fortaleza colocaram apenas a classe C, enquanto 42,9% dos que moram fora do Nordeste tiveram uma atitude aparentemente mais "flexível", dando como resposta "todas as classes", mas também classe C e classe D. Para a gravação do PORCUFORT, a maior parte dos participantes de ambos os grupos respondeu "todas as classes". No entanto, ao lado dessas respostas, os indivíduos que residem fora do Nordeste fizeram uma avaliação mais positiva, escolhendo as duas classes mais elevadas (A e B), enquanto os moradores de Fortaleza colocaram apenas a classe B nessa mesma hierarquia.

Em relação à faixa etária, mais uma vez, a maioria dos indivíduos de ambos os grupos respondeu que a variante aspirada de /z/ poderia acontecer em todas as idades, argumentando que o fenômeno não depende dessa variável para ocorrer.

A respeito do nível de escolaridade, a resposta "qualquer nível" foi dada pela maioria dos participantes de ambos os grupos quando eles se depararam com os trechos do NORPOFOR e do Suricate. Para 50% dos que residem em Fortaleza, essa resposta se repetiu para a gravação do PORCUFORT. Embora essa resposta seja considerada mais "flexível", uma avaliação mais positiva sobre esse banco de dados foi encontrada entre os indivíduos que moram fora do Nordeste, quando 50% deles associaram esses trechos aos níveis mais altos de escolaridade (Ensino Superior completo e Pós-graduação). Alguns deles justificaram essa resposta argumentando: "Pelo bom uso das palavras." (Part. 6) ou "A complexidade da frase exige um grau de instrução maior." (Part. 7).

Quanto ao gênero, só houve unanimidade nas respostas dos moradores de Fortaleza e apenas quando eles se depararam com as imagens do Suricate, sobre as quais 100% deles afirmaram que a variante glotal de /z/ poderia acontecer em todos os gêneros. Entretanto, para uma participante (14,3%) que reside fora do Nordeste, esses trechos remetem ao gênero feminino, justificando

que "A expressão parece ser relativa ao público feminino." (Part. 7). Para a gravação do NORPOFOR, 37,5% dos participantes de ambos os grupos associaram o fenômeno ao gênero feminino; os 62,5% afirmaram que esses trechos se relacionariam a todos os gêneros. E, para a gravação do PORCUFORT, houve um percentual maior de indivíduos moradores de Fortaleza (37,5%) associando esses trechos ao gênero masculino do que dos que residem fora do Nordeste (12,5%).

A respeito do lugar de origem de quem faz uso da aspiração de /z/, para a maioria dos que residem fora do Nordeste, em relação a todos os trechos analisados, esse fenômeno está ligado a quem pertence à região Nordeste. Essa resposta se repetiu com a maior parte dos moradores de Fortaleza quando eles se depararam com os trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT — ao lado das respostas "Ceará" (para esses dois bancos de dados) e "qualquer lugar do Brasil" (para o primeiro banco). Para as imagens do Suricate, a maioria desses participantes restringiu o espaço de ocorrência do fenômeno para o Estado do Ceará. Por essas respostas, podemos perceber um maior percentual de moradores de Fortaleza do que do outro grupo de participantes restringindo, mais precisamente, o lugar ao qual esse fenômeno está associado: o próprio Estado onde eles residem atualmente.

Quanto ao fato de os participantes do teste realizarem ou não a glotalização de /z/, o maior percentual dos participantes de ambos os grupos passou a admitir esse uso ao se depararem com a gravação do PORCUFORT, quando 50% deles deram essa resposta. Para esse *corpus*, entre os moradores de Fortaleza que responderam "sim", a maioria afirmou fazer esse uso em qualquer situação, e, além dessa resposta, eles só não marcaram a opção "com pessoas com escolaridade superior à deles"; entre os residentes de fora do Nordeste, a maior parte também disse realizar a variante glotal de

/z/ em qualquer situação, mas também marcaram as opções "no trabalho" e "com pessoas com escolaridade superior à deles".

Para os trechos do NORPOFOR e do Suricate, houve mais indivíduos moradores de Fortaleza (37,5%) do que de fora do Nordeste (12,5%) que reconheceram fazer uso da variante aspirada de /z/. Neste grupo, a participante que respondeu "sim" afirmou realizar o fenômeno em qualquer situação, em relação às imagens do Suricate; para a gravação do NORPOFOR, o informante desse mesmo grupo que deu essa resposta admitiu fazer esse uso com os amigos (informalmente), com a família (dentro e fora de casa) e com pessoas com escolaridade inferior a dele. Já entre os moradores de Fortaleza que deram essa resposta para os trechos do NORPOFOR e do Suricate, a maioria afirmou realizar a glotalização de /z/ em qualquer situação; além dessa resposta, eles marcaram, ainda, a opção "em casa, com a família".

Quanto às situações em que o participante ou outras pessoas poderiam produzir a aspiração de /z/, as opções "na profissão de vendedor(a) ambulante" e "na escola" — mais associadas a um uso informal da língua — foram escolhidas pela maior parte dos informantes de ambos os grupos em relação aos trechos do NORPOFOR. Para as imagens do Suricate, enquanto 50% dos moradores de Fortaleza afirmaram que o fenômeno poderia ocorrer em qualquer situação, 42,9% dos que não residem no Nordeste disseram que isso ocorreria "em novelas". Essas escolhas mostram que os que moram em Fortaleza tiveram uma atitude menos conservadora do que os não residem nessa cidade, em relação a esse banco de dados. Quanto à opção "na universidade", ela foi escolhida, em relação à gravação do PORCUFORT, por mais residentes de fora do Nordeste (37,5%) do que por moradores de Fortaleza (25%). Esse fato nos leva a concluir que, para esse *corpus*, os que residem fora do Nordeste fizeram uma avaliação mais positiva do que os que moram em Fortaleza.

Para os trechos do NORPOFOR, 25% dos informantes de ambos os grupos marcaram essa opção. Para as imagens do Suricate, essa resposta não foi marcada por nenhum participante do teste. Os trechos do PORCUFORT foram associados por 12,5% dos moradores de Fortaleza às respostas "em jornal a nível nacional", "no fantástico (TV Globo)", "em jornal a nível local" e "na profissão de comissário(a) de bordo" — situações frequentemente ligadas a um alto nível de formalidade no uso da língua —, enquanto que nenhum residente de fora do Nordeste as marcou. Essas escolhas demonstram uma avaliação mais positiva dos moradores de Fortaleza do que dos participantes do outro grupo em relação aos trechos do PORCUFORT.

Por último, quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a aspiração de /z/, só houve unanimidade na resposta dos participantes de ambos os grupos em relação à gravação do PORCUFORT, sobre a qual todos responderam "não". Com os residentes de fora do Nordeste, esse resultado se repetiu quando eles se depararam com os trechos do NORPOFOR, os quais foram rejeitados por uma moradora de Fortaleza (12,5%), fazendo, assim, com que este grupo tenha demonstrado uma atitude mais conservadora do que o primeiro em relação a esse banco de dados. Resultado semelhante foi encontrado com as imagens do Suricate, quando houve mais moradores de Fortaleza do que de fora do Nordeste respondendo "sim". Por isso, verificamos que os residentes dessa cidade foram mais conservadores do que os que moram fora dela.

Enfim, podemos concluir, de maneira geral, que a atitude dos dois grupos foi bastante semelhante a respeito da produção glotalizada de /z/, mas com os moradores de Fortaleza sendo um pouco mais conservadores em algumas situações. Esse resultado refuta, de certa maneira, nossas hipóteses iniciais de que os

moradores dessa cidade reagiriam de forma mais positiva do que os que residem fora dela.

RESUMO DAS RESPOSTAS POR CIDADE/ESTADO ONDE MORA O PARTICIPANTE: EM FORTALEZA E FORA DO NORDESTE SOBRE A PRODUÇÃO ASPIRADA DE /Z/

O quadro a seguir mostra, resumidamente, as respostas dadas por Naturalidade do participante do teste de atitudes — Em Fortaleza e Fora do Nordeste — a respeito da produção aspirada de /z/.

Quadro 6 — Resumo das respostas por Cidade/Estado onde mora o participante do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/

Questão	Em Fortaleza x Fora do Nordeste – /z/
Beleza, inteligência e elegância	▪ Baixas (2,9); ▪ Maior média: Fora do Nordeste (2,9); PORCUFORT (3,6).
Classe social	▪ Baixas (448,3%). ▪ Maiores: Fora do Nordeste (155,4%); PORCUFORT (75%); ▪ Menores: Em Fortaleza (225%); NORPOFOR (112,5%).
Faixa etária	▪ *Todas* para os 3 *corpora* (357,1%): ▪ Fora do Nordeste (194,65%); NORPOFOR (75%); ▪ Em Fortaleza (162,5%); Suricate (75%).
Escolaridade	▪ Altas (419,6%); Baixas (332,2%). ▪ Maiores: Fora do Nordeste (244,6%); PORCUFORT (137,5%). ▪ Menores: Em Fortaleza (175%); Suricate (87,5%).
Gênero	▪ *Todos* para os 3 *corpora* (460%): ▪ Fora do Nordeste (235%); PORCUFORT e Suricate (87,5%); ▪ Em Fortaleza (225%); Suricate (100%).

Questão	Em Fortaleza x Fora do Nordeste – /z/
Lugar de origem	▪ Nordeste para os 3 *corpora* (219,6%): Fora do Nordeste (144,6%); PORCUFORT e Suricate (50%). ▪ Qualquer lugar para os 3 *corpora* (126,8%): Fora do Nordeste (64,3%); PORCUFORT (37,5%); ▪ Em Fortaleza (62,5%); NORPOFOR e Suricate (25%). ▪ Ceará (139,3%): Em Fortaleza (100%); Suricate (50%).
Fazer uso	▪ Não para os 3 *corpora* (398,2%); ▪ Mais reconhecem: Em Fortaleza (125%); PORCUFORT (50%).
Situações gerais de uso	▪ Informais (442,9%); ▪ Mais formal: Em Fortaleza (162,5%); PORCUFORT (62,5%). ▪ Mais informal: Fora do Nordeste (230,4%); NORPOFOR (125%).
Ter vergonha	▪ Não para os 3 *corpora* (548,2%): ▪ Menor vergonha: Fora do Nordeste (285,7%); NORPOFOR e PORCUFORT (100%). ▪ Maior vergonha: Em Fortaleza (37,5%); Suricate (25%).
Geral	▪ Avaliaram mais positivamente: **ambos igualmente.**

Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Nesta seção, interpretaremos os resultados encontrados nesta pesquisa. Desta forma, em relação à avaliação feita pelos participantes da pesquisa, salientamos que a aceitação ou não do uso de uma variante é influenciada, segundo Calvet (2002), pelo modo como a pessoa percebe o discurso dos outros. Então, se levarmos em consideração que a maioria dos participantes declarou não sentir vergonha de quem utiliza a variante aspirada de /z/, podemos concluir que ela é, sim, aceita por eles.

Apesar de termos comprovado uma tendência de uso desse fenômeno no falar culto dos fortalezenses (e em falares de outros lugares do País) (Rodrigues, 2018) e de termos obtido avaliações equilibradamente positivas e negativas pelos participantes do teste, isso ainda não é suficiente para que haja a sua implementação no sistema linguístico, principalmente, pelo fato de se tratar de uma variante do plano fonológico, ou seja, distante da escrita, a qual ainda concentra o maior prestígio. Além disso, os participantes com Ensino Superior — também detentores de maior prestígio social —, de maneira geral, não avaliaram esse fenômeno de forma positiva[10], fato que também dificulta a sua implementação.

Somando-se a isso, a análise variacionista de Rodrigues (2018) comprova que o maior uso dessa variante ocorre entre indivíduos de idade mais avançada. Esse quadro nos levaria a concluir que o fenômeno poderia desaparecer, o que o configuraria como uma mudança. No entanto, ele já vem sendo descrito no falar cearense desde o início do século XX (Aguiar, 1937) e continua sendo reconhecido (e falado). Por conta desses fatos, concluímos que se trata de uma variação estável, o que, em termos labovianos, seria um caso de "enrijecimento da situação na forma de uma estratificação permanente na língua" (Labov, 2008, p. 188).

Tais resultados confirmam ainda que, *para* e *na* comunidade de fala fortalezense, a glotalização de /z/ revela-se como um *marcador*, pois essa realização, na maioria das vezes, não foi admitida como utilizada por esses falantes — ou seja, revelando-se abaixo do nível de consciência deles —, porém eles conseguiram fazer avaliação desse fenômeno através do teste de atitudes ao qual foram submetidos. Dessa forma, é justamente no problema da avaliação (Weinreich; Labov; Herzog, 2006) que constatamos que os falantes fortalezenses, embora avaliem negativamente a variante aspirada de

10 Esse resultado pode ser visto em Rodrigues (2018). Resolvemos acrescentar essa informação aqui para dar um melhor embasamento à análise.

/z/, ainda a produzem de maneira inconsciente — resultado comprovado por Rodrigues (2018) em sua análise variacionista (quantitativa) sobre o fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar as atitudes linguísticas de falantes do PB (tanto de Fortaleza, quanto de fora do Nordeste) em relação ao uso aspirado da fricativa /z/ no português falado na cidade de Fortaleza-CE.

Para analisar esses resultados, separamos as respostas entre as variáveis Naturalidade e Cidade/Estado onde mora atualmente. Resumidamente, constatamos, quanto à Naturalidade (Fortalezense e Não Nordestina), que os não nordestinos fizeram uma avaliação mais positiva do que os fortalezenses. A única resposta que não seguiu essa tendência foi em relação à escolaridade, pois houve mais não nordestinos do que fortalezenses escolhendo os menores níveis. Quanto à variável Cidade/Estado onde eles moram atualmente (Em Fortaleza e Fora do Nordeste), encontramos respostas muito parecidas e com percentuais bastante próximos, mas com os moradores de Fortaleza sendo um pouco mais conservadores em algumas situações, fato que refuta nossa hipótese inicial.

Ressaltamos que ainda há muito o que pesquisar sobre a glotalização de fricativas no falar fortalezense, especialmente ao colocarmos em confronto dados provenientes de falantes sem Ensino Superior. É possível, também, utilizar outras respostas, já coletadas nos testes de atitudes, como classe socioeconômica e comunidades de prática a que o participante pertence. Além da análise de avaliações linguísticas envolvendo diversos falares conhecidos pelos informantes, sobre as atitudes deles diante de imitações que possam

fazer do seu próprio falar e suas avaliações mais diretas sobre o falar fortalezense e sobre o fenômeno em análise.

Esperamos, ainda, que este trabalho forneça subsídios para o letramento materno e estrangeiro, a partir do conhecimento de variantes do PB, aprendendo a respeitá-las e a usá-las nas diversas situações comunicativas. Além disso, acreditamos que a investigação que fizemos possa auxiliar os profissionais do teatro, do cinema e da televisão que, em muitos dos seus trabalhos, tentam representar o falar cearense sem, muitas vezes, conhecer suas variantes e os condicionamentos que influenciam a sua ocorrência.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. de. Fonética do português do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, CE, v. 1, n. 51, p. 271-307. 1937.

ARAÚJO, A. A. de. **A monotongação na norma culta de Fortaleza**. 2000. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

ARAÚJO, A. A. de. O projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza **–** NORPOFOR. *In:* CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro, RJ. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, RJ: CiFEFiL, 2011, v. 15, n. 5, t. 1, p. 835-845. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf>. Acesso em: 30 out. 2024.

CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CYRANKA, L. F. M; RONCARATI, C. Atitudes Linguísticas: uma pesquisa em escolas públicas de Juiz de Fora (MG-Brasil). *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. **Anais [...]** João Pessoa: Ideia, 2009. p. 1-20.

FASOLD, R. **The sociolinguistics of society**. 3. ed. England: Blackwell, 1990.

FISCHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistics variant. **Word**, Cambridge, v. 1, n. 14, p. 47-56. 1958. Disponível em: https://doi.org/10.1080/00437956.1958.11659655. Acesso em: 20 mar. 2016.

FISHMAN, J. A. The Sociology of Language: an interdisciplinary social approach to language in society. **Language in Society**, Rowley, v. 3, n. 2, p. 312-320, 1972. Disponível em: https://doi.org/10.1017/S0047404500004437. Acesso em: 10 jan. 2016.

HYMES, D. **Foundations in Sociolinguistics**: an ethnographic approach. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=B3NIAeabrHwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 13 nov. 2017.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT; W. E.; HODGSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluation reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal Social Psychology**, Montreal, QB, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Tradução e prefácio de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2010.

MEYERHOFF, M. **Introducing Sociolinguistics**. London: Routledge, 2006.

RODRIGUES, A. G. Part. **Variação e atitudes linguísticas na realização de fricativas no falar de Fortaleza**. 2018. 283f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) — Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

TRUDGILL, Part. **Sociolinguistics**: an introduction to language and society. Londres: Penguin, 2000.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Aluiza Alves de Araújo

Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará – UFC e graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. É professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA da UECE. Coordena o Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará – LAPESCE. Lidera o grupo de Estudos e Pesquisas sociolinguísticas de Fortaleza- CE (SOCIOFOR). Tem experiência na área de Sociolinguística e Dialetologia.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/4488551503886186

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4234-9556

E-mail: aluiza.araujo@uece.br

Rakel Beserra de Macêdo Viana

Doutora (2023) e mestre (2018) em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Graduada em Letras Português/Inglês pela mesma universidade (2007). Especialista em Linguística Forense – UNYLEYA (2022), Ensino de Língua Inglesa – UNIATENEU (2013) e em Gestão Educacional – FAS (2010). Professora Nível M da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Participante dos seguintes grupos pesquisa acadêmicos: Grupo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas de Fortaleza-CE - SOCIOFOR, do Laboratório de Pesquisas sociolinguísticas do Ceará – LAPESCE. Perita Judicial Grafotécnica e Documentoscópica, membra do Conselho de Peritos Judiciais do Ceará COPEJU-CE.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/9104907768856581

ORCID: http://orcid.org/0000-0001-6565-7730

E-mail: rakelbeserra@gmail.com

Fábio Fernandes Torres

Graduado em Letras (2006), Mestre em Linguística (2009) e Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2014). É professor de Linguística e Língua Portuguesa no Curso de Letras - Língua Portuguesa e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - PPGLin, líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas das Variedades Lusófonas - SOCIOLUSO e Pesquisador do Grupo de Estudos em Linguística Funcional - GELF, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab. Tem experiência em Linguística e Língua Portuguesa, com ênfase no Funcionalismo e na Sociolinguística, atuando nos seguintes temas: variação e mudança linguísticas, gramaticalização, variação e ensino, tempo, aspecto e modalidade.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/4318905707787077

ORCID: http://orcid.org/0000-0001-6565-7730

E-mail: fabioftorres@yahoo.com.br

Maria Lidiane de Sousa Pereira

Doutora e Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Letras - Língua Portuguesa (2014), pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Professora assistente do curso de Letras - Língua Portuguesa, da URCA (Campus Cariri Missão Velha). Atua na área de Letras com ênfase em Língua Portuguesa, Linguística e Sociolinguística Variacionista. É colaboradora dos Projetos Fotografias sociolinguísticas de aspectos fonológicos e morfossintáticos do falar de Fortaleza-CE e Projeto variação linguística de aspectos lexicais e morfossintáticos de Fortaleza. É membro do Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE) vinculado ao PosLA e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística de Fortaleza (SOCIOFOR).

Lattes: http://lattes.cnpq.br/9550463622024107

ORCID: http://orcid.org/0000-0002-0048-1321

E-mail: lidianep.sousa@gmail.com

SOBRE OS AUTORES

Ana Germana Pontes Rodrigues

Possui graduação em Letras-Português/Literatura pela Universidade Estadual do Ceará (UECE-2008), especialização em Semiótica Aplicada à Literatura e Áreas Afins (UECE-2012), mestrado em Linguística Aplicada (UECE-2013) e doutorado em Linguística Aplicada (UECE-2018) pela mesma universidade. Atua como professora de Língua Portuguesa do Ensino Básico na rede estadual de ensino do Ceará e como professora do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa da UECE. Principais áreas de atuação: Sociolinguística; Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa; Ensino de Língua Portuguesa.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/1330584132520926

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9489-5946

E-mail: anagermaninha@gmail.com

Brenda Kathellen Melo de Almeida

Doutora e mestra em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, PosLA. Professora licenciada em Letras Português pela Universidade Estadual do Ceará, UECE. Atua com ênfase na área de Sociolinguística Variacionista.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/4627027299602592

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4030-1011

E-mail: brendakathellen@yahoo.com.br

Cassio Murilio Alves de Lavor

Graduou-se em Letras Português e Literatura, Licenciatura Plena, pela UECE - Universidade Estadual do Ceará. Concluiu mestrado em LA - Linguística Aplicada, pela mesma instituição de ensino. Especialização em Neurolinguística pelo Centro Universitário FAVENI em 2021. Trabalha como professor da SEDUC - Secretaria de Educação do Estado do Ceará. É integrante do grupo de pesquisa LAPESCE, coordenado pela Prof. Dra. Aluiza Alves de Araújo e também participa do grupo de estudos SOCIOFOR, coordenado pela Prof. Dra. Aluiza Alves de Araújo, filiado ao programa de pós-graduação da UECE.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/9875511197264292

ORCID: http://orcid.org/0000-0002-5228-6042

E-mail: murilolavor_rh@gmail.com

Dayane Bezerra de Souza

Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e, atualmente, cursa doutorado em Linguística Aplicada, pela mesma instituição de ensino. Trabalha como professora efetiva nível J na Rede Pública Estadual do Ceará. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. É membro do Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE) vinculado ao PosLA e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística de Fortaleza (SOCIOFOR).

Lattes: http://lattes.cnpq.br/5140857827844773

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9971-1624

E-mail: d.bezerras@gmail.com

Francisco de Assis Pereira da Silva

Doutorando e mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Especialista em Educação do Campo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFCE, *campus* Crateús (2021). Graduado em Letras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFCE, *campus* Crateús (2018). Atua na área de Letras com ênfase em Linguística e Sociolinguística Variacionista.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/5354443929734213

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2424-569X

E-mail: diassiscpt@gmail.com

Hebe Macedo de Carvalho

Possui Mestrado em Língua Portuguesa (UFPB), Doutorado em Linguística (UFC) e Pós-Doutorado em Linguística (UFES). Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da UFC. Desenvolve estudos na linha de pesquisa Descrição e Análise Linguística com ênfase em Sociolinguística Variacionista.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/6077201493351271

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3192-3831

E-mail: hebe@letras.ufc.br

Jéssica Barreto Damasceno

Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e graduada em Letras Português Literatura pela mesma instituição. Trabalha como professora efetiva nível I na Rede Pública Estadual do Ceará. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. É membro do Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE), vinculado ao PosLA, e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística de Fortaleza (SOCIOFOR).

Lattes: http://lattes.cnpq.br/7164921311176672

ORCID: https://orcid.org/0009-0000-3580-7187

E-mail: jessicadamasceno18@yahoo.com.br

Leticia Freitas Alves

Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLa/UECE). Faz parte do Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística de Fortaleza (SOCIOFOR), ambos vinculados à UECE. Trabalha como professora efetiva nível N na Rede Pública Estadual do Ceará. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras Clássicas e em Língua Portuguesa.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/7913212684707197

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4234-9556

E-mail: leticiafreitas59@gmail.com

Lorena da Silva Rodrigues

Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professora da Secretaria de Educação do Ceará, onde leciona Língua Portuguesa. Pesquisadora dos grupos SOCIOLIN-CE/UFC, SOCIOFOR/UECE e do Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira (CIERL/UMA), desenvolve pesquisa em Sociolinguística e Sociofuncionalismo com ênfase em análise e descrição de variedades da língua portuguesa e políticas linguísticas.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/9766873619307240

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2492-4147

E-mail: rodrilorena@gmail.com

Marden Alyson Matos de Araújo

Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (2013), mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (2016) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2024). Atualmente é Professor nível M da Secretaria da Educação Básica do Ceará. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. Atuando principalmente nos seguintes temas: Variação Linguística, Sociolinguística, Labov, Variação Pronominal.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/2724818504658026

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1290-7510

E-mail: mardenalyson@gmail.com

Maylle Lima Freitas

Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLin-UFC) e graduada em Letras Português e Espanhol pela mesma universidade. É membro do Laboratório de Variação, Identidade, Estilo e Mudança (VARIEM), Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas (SOCIOLIN-CE) e Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas de Fortaleza (SOCIOFOR). Desenvolve pesquisas na área de Sociolinguística Variacionista, Contato dialetal e Crenças e Atitudes linguísticas.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/3504680956727606

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9151-217X

E-mail: mayllelimafreitas@gmail.com

Sara Alexandre Ferreira

Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestra em Letras pelo PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, *campus* Currais Novos (2021). Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ (2015). Graduada em Letras Português/Inglês pela Autarquia Educacional de Belo Jardim-PE – AEB (1998). Atua na área de Letras com ênfase em Linguística e Ensino e Sociolinguística Educacional.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/1199553129466610

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1380-5038

E-mail: saraalexandre1975@gmail.com

Thais Abreu de Oliveira

Licenciada em Letras Português-Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Mestranda em Linguística Aplicada (UECE). Atuou como monitora/professora do Programa de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros, vinculado ao Curso de Línguas Aberto à Comunidade (PEPPE/CLAC), na UFRJ, e também no Programa de Estudantes Convênio-Graduação (PEC-G), realizando pesquisas na área de Português Língua Estrangeira (PLE). Atualmente é integrante do Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE) e do Grupo de Estudos Sociolinguísticos de Fortaleza - CE (SOCIOFOR). Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente na área do ensino de língua portuguesa e cultura brasileira.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/4886688476477702

ORCID: https://orcid.org/0009-0008-6665-3318

E-mail: thais.abreu@aluno.uece.br

Thales Geovane Rodrigues Silva

Graduado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - (Unilab) e mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Integra o Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas (SOCIOLIN-CE/UFC). Tem interesse pela área da Linguística, com enfoque, em especial, em Sociolinguística e Funcionalismo. Atualmente, é professor da rede estadual de ensino do Ceará.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/5050528531277208

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5972-5140

E-mail: thalesgeovanee@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

anáfora zero 8, 12, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141

antropônimos 9, 13, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167

artigo definido 9, 13, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 234

B

baixo monitoramento estilístico 8, 9, 13, 44, 46, 62, 105

C

clítico 17, 18, 20, 21, 28, 36, 38, 39, 40, 42

comportamento linguístico 96, 165, 198, 237

concordância verbal 9, 13, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 183, 184, 185, 187, 189, 190, 191, 193, 211, 224

E

Estruturalismo 22, 23

estudos variacionistas 19, 67, 74, 207, 215

experiência 132, 200, 265, 266, 268, 269, 270, 271

F

fenômenos linguísticos 12, 78, 232

função sintática 125, 129, 132, 135, 149, 150, 151, 164

G

Gerativismo 22, 128

L

língua falada 18, 19, 29, 42, 73, 77, 108, 120, 141

linguagem de programação R 18, 27, 39, 111, 171

livros 200

M

mudanças linguísticas 24, 107, 170

N

norma culta 8, 12, 18, 29, 123, 263

O

objeto direto anafórico 8, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 38, 39, 40, 42, 43

objeto nulo 17, 18, 20, 21, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 42

P

paralelismo sintático 129, 132, 135, 137, 138, 141

PORCUFORT 11, 12, 18, 25, 39, 46, 48, 50, 51, 52, 55, 56, 59, 62, 64, 65, 67, 73, 80, 86, 89, 101, 102, 103, 106, 108, 109, 118, 119, 126, 130, 131, 135, 141, 142, 145, 152, 153, 154, 164, 170, 172, 173, 179, 184, 191, 229, 233, 238, 240, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260

pronome lexical 17, 20, 21, 26, 28, 29, 32, 33, 36, 39, 40, 41

pronomes possessivos 9, 13, 72, 73, 74, 81, 89, 101, 104, 167

S

semântica 58, 129, 132, 135

sintagma nominal 17, 20, 21, 28, 32, 39, 40, 56, 83, 149, 151, 152, 155, 221, 222

Sociolinguística Variacionista 11, 48, 53, 55, 73, 74, 75, 79, 81, 103, 107, 124, 127, 145, 150, 164, 167, 169, 197, 198, 223, 232, 266, 267, 268, 270

V

vogais médias pretônicas 9, 13, 105, 106, 107, 108, 113, 115, 119, 120, 121

www.PIMENTACULTURAL.com

O FALAR CULTO DE FORTALEZA EM FOCO

volume 2

pimenta cultural